SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
INSTITUTO DE FILOSOFIA (IFILO-UFU)

LEONARDO FERREIRA ALMADA

Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento

Uberlândia-MG, Brasil
20 de Março de 2026

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
INSTITUTO DE FILOSOFIA (IFILO-UFU)

LEONARDO FERREIRA ALMADA

Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento

Tese de Titularidade apresentada ao **Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia** e à **Comissão Especial Julgadora para Defesa de Tese de Titularidade,** como parte dos requisitos necessários à **Promoção** à classe de **Professor Titular do Magistério Superior**.

Uberlândia-MG, Brasil
20 de Março de 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A444v 2026

Almada, Leonardo Ferreira, 1981-
Velhice como fase da vida [recurso eletrônico]: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento / Leonardo Ferreira Almada. - 2026.

Tese (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Filosofia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2026.5014
Inclui bibliografia.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Filosofia. II. Título.

CDU:378.124

Rejâne Maria da Silva
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/1925

LEONARDO FERREIRA ALMADA

Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento

Tese de Titularidade apresentada ao **Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia** e à **Comissão Especial Julgadora para Defesa de Tese de Titularidade,** como parte dos requisitos necessários à **Promoção** à classe de **Professor Titular do Magistério Superior**.

Comissão Especial: Membros Efetivos

Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres (IPUFU, Presidente)

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido (IFILO-UFU)

Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira (IFCS-UFRJ)

Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr. (UNESP-Botucatu)

Profa. Dra. Mariana Claudia Broens (UNESP-Marília)

Comissão Especial: Membros Suplentes

Prof. Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares (IFILO-UFU)

Prof. Dr. Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP-Marília)

Uberlândia-MG, Brasil
20 de Março de 2026

Dedico esta Tese à pessoa mais importante de minha vida: minha esposa, **Solange Barbalho de Mesquita Almada**. As palavras, sempre inúteis e supérfluas, são absolutamente incapazes de expressar o sentimento de felicidade e completude que por inteiro me invade todas as vezes em que noto ou simplesmente me recordo de que, a seu lado, acordo, durmo e vivo; enfim, de que caminhamos juntos pela vida. Sou muito grato pelo presente que a vida me deu de ter comigo alguém com quem eu queira compartilhar meus mais idiossincráticos sentimentos e pensamentos, e que, ademais, é capaz de acolher minhas difíceis e abundantes excentricidades. Sol, como todos a chamam, é a luz que me alumia em meio aos tantos momentos em que a existência se faz noite. Mais do que isso, é meu espelho. É como luz e como espelho que cura minhas dores e me impulsiona a viver mesmo quando o sofrimento perpetrado pelo sentimento de ausência de sentido do mundo se faz notar em todo seu ímpeto.

Ao meu orientador no curso de Psicologia e Presidente dessa Banca, **Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres**, dedico esta tese, fruto de uma jornada que tem sido tanto minha quanto dele. Não há palavras que sejam suficientes para expressar minha gratidão e reconhecimento à pessoa que tem aberto rodovias e iluminado minha viagem na segunda metade da minha existência. Sua presença tem sido decisiva nessa fase da vida em que, como bem afirma Carl Gustav Jung, ocorre a busca interior por nosso *eu* integral e pelo significado que transcende as superficialidades da juventude, quando o domínio do ego diminui e emerge o 'verdadeiro eu', essa nova força. Agradeço ao Prof. Rodrigo por acreditar nas minhas propostas e por segurar minhas mãos com firmeza, humildade e generosidade. Sua orientação é um solo fértil do qual e no qual florescem as ideias que antes chamo de nossas do que minha.

Dedico também esta Tese aos **velhos** e às **velhas**, a razão de ser do meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Há poucos dias, ao ler uma Tese de Doutorado em Psicologia, deparei-me, no início da seção 'Agradecimentos', com a seguinte afirmação: "Escrever uma Tese é um trabalho solitário". A autora buscava justificar antecipadamente as razões pelas quais seus agradecimentos seriam suscintos e não mais que protocolares. Em que pese o que há de verdade quanto à solidão do trabalho intelectual propriamente dito, considero que, concebida no geral, sua afirmação é parcialmente falsa. Ora, assim como toda árvore sempre carrega consigo a semente que um dia foi, e assim como as próprias sementes carregam consigo as flores e as árvores de onde vieram, em um Trabalho estão presentes as muitas pessoas e eventos que não apenas contribuíram, mas que foram imprescindíveis para que chegássemos aonde chegamos, como indivíduos e/ou como humanidade. Esta Tese, portanto, não teria chegado a seu termo sem a participação direta e indireta – e sempre decisiva – que recebi de incontáveis pessoas, Instituições e eventos, inclusive as que eventualmente me prejudicaram ou me fizeram mal. Agradeço a tudo, a todas e a todos que me trouxeram a esse momento – direta ou indiretamente, ajudando-me ou oferecendo obstáculos, fazendo-me bem ou mal. Considerando que nossas capacidades cognitivas são muito limitadas e que, não raramente, somos traídos por nossas resistências e bloqueios, haverá esquecimentos, sempre involuntários. Sem embargo do fato de que meus agradecimentos são irrelevantes para muitos que aqui estão e para todos ou quase todos os esquecidos, registro meu pesar e meu lamento pelas pessoas, instituições e circunstâncias que deveriam estar nessa lista, e as quais, por falha da minha memória – e jamais por minha vontade – não serão mencionadas. Agradeço aos eventuais esquecidos com a mesma intensidade e sinceridade que confiro aos recordados. A mente consciente é apenas a ponta do *iceberg*: em algum lugar dentro de mim – no inconsciente, no corpo ou na alma – todas as pessoas, instituições, circunstâncias e eventos aos quais devo por me fazer chegar aqui jamais serão esquecidos.

Agradeço, inicialmente, à pessoa que mais intensamente participou de todo o processo de construção dessa Tese: **Solange Barbalho de Mesquita Almada**, minha esposa, a quem também dedico esse trabalho e, mais do que isso, minha própria vida. Para além de todos os motivos mencionados na Dedicatória dessa Tese, também lhe agradeço pela compreensão e acolhimento quanto à minha necessidade de trabalhar em silêncio e solitariamente ao longo de tantas horas, de domingo a domingo. Espero que nunca se esqueça que as portas do escritório estão sempre abertas para ela.

Agradeço a meus filhos, **João Guilherme Amitrano Almada** e **Kaike Vinicius Amitrano Almada**. Não há palavras que possam expressar o que um filho significa para seu pai, e tampouco o quão transformadora é a experiência da paternidade. Agradeço-lhes, em primeiro lugar, por mobilizarem em mim comportamentos e afetos de autopreservação e por me lembrarem – ainda que de maneira indireta e involuntária – que devo ser um exemplo. Os filhos acabam sendo grandes mestres espirituais: direta e indiretamente, são os maiores e melhores professores que temos para aprendermos e praticarmos algumas dentre as mais elevadas virtudes humanas, dentre as quais o amor, o cuidado, a responsabilidade e a obrigação moral. Agradeço-lhes por respeitarem o meu estilo de vida desde muito pequenos. Ser filho de um pai cuja vida é tão integralmente dedicada ao trabalho implica o convite a respeitar as suas tantas horas de silêncio e solidão, inclusive nas férias, nos feriados e nos fins de semana. Agradeço por me amarem tanto apesar dos meus pecados e das minhas tantas falhas e ausências. Com o coração contrito, peço-lhes perdão pelas tantas vezes em que falhei com vocês em pensamentos e palavras, atos e omissões.

Agradeço a meus pais, **Antônio José de Almada** e **Maria Cristina Ferreira Almada**, os maiores responsáveis por eu ter chegado a esse momento. Em algum momento, tornei-me adulto e, assim como todos os outros que saem de seus ninhos, distanciei-me um pouco da minha primeira, mais importante e indestrutível rede de apoio. Casei-me, construí minha família, mudei-me para 1.000 km de distância e tornei-me corresponsável pelo cuidado de filhos, de um enteado, de *pets* e de outras vidas. Assim como todos os pais que amam os seus filhos, os meus pertencem à estatística dos mais injustiçados dentre os seres: o amor que recebem de seus filhos nunca será proporcional ao amor que lhes concedeu, concede e concederá. A meus pais, meu mais sincero e emocionado agradecimento. Minha mãe sempre acha graça quando digo que ela é tudo para mim: espero que saiba que estou sendo sincero. Além de eu ser o resultado dessa relação de amor que se iniciou em seu útero, fui moralmente modulado e modelado por seu olhar. Em alguns dos momentos mais difíceis pelos quais passei, quando deixar a vida poderia ser uma opção, preservei-me pela obrigação de não a fazer sofrer. Ao meu pai, sou também muito grato por nunca deixar de me ajudar. Sou grato por ter cuidado de mim. Sou grato pelos livros, pelo teclado e pela ajuda financeira que me permitiu dedicação integral aos estudos e, posteriormente, quando já casado, em momentos de dificuldade. Entendo suas dificuldades, pois também as tenho. O que apenas lhes peço é que se cuidem, pois preciso deles.

Agradeço a meus irmãos, **Gabriel Ferreira Almada** e **Ana Cristina Ferreira Almada**. É especial e única a sorte de sentimento que nutrimos por nossos irmãos, testemunhas horizontais da nossa história. Meus irmãos são um pedaço de mim e eu sou um pedaço de cada um dos dois. Sou muito feliz por ter o amor, carinho e admiração explícita dos meus irmãos, ainda que quase nunca me sinta merecedor de tudo que destinam a este irmão mais velho.

Agradeço às pessoas que chegaram às minhas vidas por conta dos meus irmãos e que torcem por mim: minha cunhada, **Lianna Ramirez**; meus sobrinhos, **Felipe Ramirez** e **Joanna Ramirez Almada**; meu cunhado **Dylan Jay Schmidt**.

Agradeço a uma das pessoas mais importantes de minha vida: minha avó **Edna Peres Ferreira** (*in memoriam*). Em momentos muito difíceis de minha vida, foi com a minha avó que pude contar. Seu exemplo silencioso de bondade e amor cristãos contagiou permanentemente todos aqueles que tiveram o privilégio de desfrutar de sua convivência. Sinto muito por lhe frustrar ao desistir do Sacerdócio. Onde quer que esteja, espero que minha avó saiba que o meu amor por ela não tem limites. Um quadro com sua foto está diante dos meus olhos, e não há dia em que não sente em frente ao meu *notebook* sem que antes olhe para ela e lhe peça sua benção para seguir por mais um dia. Gostaria de acreditar que a minha vó Edna foi recebida por Cristo, por Nossa Senhora de Fátima e por meu avô, Alfredo da Silva Ferreira.

Agradeço a duas tias-avós muito especiais: **Ednalva Peres Baracho** (*in memorian*, tia-avó materna, irmã de minha avó Edna) e **Rita Ferreira da Silva** (*in memoriam*, tia-avó paterna, irmã de meu avô Alfredo). A presença dessas tias em minha infância foi muito marcante. Foram uma referência de amor de avó no momento em que a minha avó Edna morava no exterior. Delas, recebi afeto, cuidado e atenção. Até onde minha memória se estende, a presença dessas duas tias-avós é constante e repleta de sentimentos de amor.

Agradeço à **Georgia Amitrano**, mãe dos meus filhos, minha colega de trabalho e minha chefe. Sua presença em minha vida foi, em vários sentidos, um divisor de águas. Devo-lhe uma parcela muito grande da minha carreira e do meu crescimento pessoal. Agradeço-lhe por cuidar tão bem de nossos 2 filhos. Sou grato também pelos tantos ensinamentos e conselhos, fundamentais para que eu pudesse direcionar adequadamente meus comportamentos e decisões.

Agradeço aos parentes que minha esposa me deu: **Nizete Gomes Barbalho** (sogra); **David Barbalho Mesquita** (cunhado) e família; **Fidel Barbalho Mesquita** (cunhado) e família; **Maria Simone Barbalho Mesquit**a (cunhada), **Guilherme Lino** (concunhado e amigo) e **Geovanna Mesquita Lino**. Agradeço aos filhos da minha esposa, **Luiz Otávio de Sousa Mesquita** e **Marcus Paulo de Mesquita Marques**. Agradeço à nora de minha esposa, **Fernanda Menegon**, e às suas netas **Cecília** e **Júlia**.

Agradeço a todos os mestres da espiritualidade que me têm ensinado sobre a natureza transformadora do silêncio: aos **Mestres Vedantas** e **Yogues**, como **Bhagavan Sri Ramana Maharshi**, **Mahavira**, **Patanjali**, **Adi Shankara**, **Swami Veda Bharati**, **Swami Sivananda** e **Osho**; a **Eckhart Tolle** e a **Deepak Chopra**; aos grandes nomes das tradições budistas, de **Siddharta Gautama** a **Thich Nhat Hanh**; aos místicos cristãos e contemplativos, desde **Nossa Senhora do Silêncio** e os **Padres do Deserto** até **Thomas Merton** e **Frei Emiliano Antenucci**, passando por **São João da Cruz** e **Santa Teresa D'Ávila**; aos **mestres taoístas**, em especial a **Lao-Tzu**. A todos eles, mesmo àqueles cujos nomes a memória já não alcança, a minha profunda gratidão.

Agradeço à pessoa que se tornou minha melhor amiga, **Tati**, minha madrinha em **Alcóolicos Anônimos**. Não tenho palavras para descrever sua importância em minha vida, desde o primeiro dia em que passei a seguir na vida sem o álcool. Em alguns dos momentos mais duros dos últimos anos, minha amiga e madrinha foi o meu amparo e um porto seguro.

Agradeço a **Alcóolicos Anônimos**, irmandade cujas mãos sempre estiveram, estão e estarão presentes em qualquer lugar e em qualquer momento que os alcoólatras solicitam ajuda. Devo a **Alcóolicos Anônimos** a mais significativa parcela de qualquer despertar espiritual a que pude ter acesso. Agradeço, em primeiro lugar, a seus fundadores, Bill W. e Dr. Bob. Agradeço a todos os companheiros e companheiras que incluem, em seu plano de recuperação, a ajuda desinteressada e incessante aos que também querem se recuperar dos sofrimentos promovidos pelo alcoolismo. Mais 24 horas de *serena sobriedade* é o que desejo a todos os companheiros e companheiras dos grupos de A.A. distribuídos pelo mundo.

Agradeço às pessoas velhas da minha vida, e as quais contribuíram notavelmente para o desenvolvimento do meu interesse e da minha vocação. A presença e participação dessas pessoas em minha vida guarda relações diretas com o meu sentimento de que devo lutar pelos velhos: **Maria Cristina Ferreira Almada** e **Antônio José de Almada** (meus pais), **Edna Peres Ferreira** (minha avó materna, *in memorian*), **Alfredo da Silva Ferreira** (meu avô materno, *in memorian*), **Antonio VI de Almada** (meu avô paterno, *in memorian*), **Doroty Silva Almada** (minha avó paterna, *in memorian*), **Ednalva Peres Baracho** (tia-avó materna, irmã de minha avó Edna, *in memorian*), **Rita Peres Ferreira** (tia-avó paterna, irmã de meu avô Alfredo, *in memorian*) **Jandira Casaes** (tia-bisavó materna, tia da minha avó Edna, *in memorian*), **Sra. Alice** (amiga e vizinha da minha avó Edna, *in memorian*), **Dna. Maria**, **Tia Luiza** e **Dna Fátima** (amigas que meu casamento me proporcionou), **Nizete Gomes Barbalho** (minha sogra) e a **todas(os) as(os) velhas(os)** do (i) 'Lar André Luiz' e do (ii) 'Residencial Melhor Idade'.

Agradeço à Administração e aos funcionários da Instituição de Longa Permanência para Idosos 'Lar Espírita de Amparo ao Idoso André Luiz' (Uberlândia-MG) pelo acolhimento à minha presença, em especial à **Lucimar**, **Lídia**, **Gleber**, **Mônica**, **Márcio**, **Léia**, **Cirlene**, **Elis**, **Jéssica**, **Ana Carolina**, **Regina**, **Katia**, **Eliane, Valquíria, Elisângela, Ana Maria**, **Maria Helena, Tatiana e Ronilda**. Agradeço aos residentes do Lar, **velhas e velhos**, por toda oportunidade de aprendizado e por me deixarem ajudar um pouco. O maior beneficiado tem sido eu mesmo.

Agradeço à Administração, à Psicóloga e aos funcionários da Instituição de Longa Permanência para Idosos 'Casa de Repouso Residencial Melhor Idade' (Uberlândia-MG) pelo acolhimento à minha presença para a prática do meu Estágio Profissionalizante em Psicologia, a começar pela administração, na figura da Sra. **Vania Aparecida Strack** e do Sr. **Leonardo Strack da Motta**. Agradeço imensamente ao acolhimento e a possibilidade que me dão de realizar o trabalho junto às/aos idosas(os). Agradeço à Psicóloga **Vânia Rodrigues**, que, além de ser minha supervisora, tem sido uma grande parceira e amiga. Palavras não conseguem expressar meu agradecimento não apenas quanto aos ensinamentos, mas também no que diz respeito ao cuidado permanente e maternagem com minha saúde mental. Agradeço a cada uma das **funcionárias (cuidadoras e serviços gerais)**, dedicadas à divina missão de servir àqueles que criaram, produziram e que, hoje, precisam de cuidados. E, por fim, mas não menos importante, agradeço às nossas/nossos **velhas e velhos** pela receptividade em relação à presença deste Estagiário. Tenho aprendido muito com cada uma das pessoas de cuja convivência estou podendo desfrutar ao longo desse longo período de 600 horas de Estágio Profissionalizante.

Agradeço à parceira e amiga, a Psicóloga e Especialista em Gerontologia, **Cristiane Finotti**, responsável por me apresentar aos administradores e à Psicóloga do 'Melhor Idade'. Agradeço-lhe especialmente por sua amizade e companheirismo na luta por aqueles que já não possuem armas para lutar, os(as) velhos(as).

x

Agradeço a alguns dos amigos que a vida me deu desde que cheguei à Uberlândia-MG, ainda que a vida e minha personalidade nos afastem: **Dickson Duarte Pires**, **Vivian Vieira Peçanha Barbosa**, **Maykenia Alves de Oliveira**, **Maristela de Souza Pereira**, **João Henrique de Souza Pereira**, **Abel Dib Rayashi**, **Daniela Campos Kostiuc**, **Rogério Gonçalves**, **Elenice Soares Ferreira Gonçalves**, **Luciano Henrique Moreira Santos, Cleide Marques da Cruz Miranda e família**, **Amélia Cristina Silva Machado Pietro**, **Milane Natália de Jesus**, **Bruno Gonzaga Teodoro**, **Weber Abrahão Júnior** e **Cassandra Rissi**.

Agradeço aos alunos e orientandos que acabaram se tornando amigos ou algo próximo disso: **Thiago Rezende de Deus Cardoso**, **Fabiense Pereira Romão**, **Mikael Souza Barra Nova de Melo**, **Augusto Arlindo Blefari**, **Gustavo Henrique de Freitas Coelho** e **Matheus dos Reis Gomes**.

Agradeço ao meu orientador e presidente dessa banca, **Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres** (IP-UFU), a quem também dedico essa tese. Ao Prof. **Rodrigo**, devo o acolhimento, a orientação, a parceria e a amizade no curso de Psicologia. O Prof. **Rodrigo** tem sido meu orientador no Estágio Profissionalizante, em 2 períodos de Iniciação Científica e no Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, conto com ele para me orientar em minha Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado em Psicologia. Ao Prof. **Rodrigo**, o meu mais sincero agradecimento e os meus mais verdadeiros votos de estima e amizade. Obrigado por acreditar nas minhas propostas e por me indicar o caminho a seguir em Psicologia com firmeza, humildade e generosidade. Sua orientação tem sido o solo fértil do qual floresceram as ideias que antes chamo de nossa do que minha.

Agradeço imensamente a cada um dos **membros dessa Comissão Especia**l. Não disponho de palavras capazes de expressar os sentimentos de orgulho, honra e elevação a que sou tomado de assalto pela possibilidade que a vida me deu de submeter um trabalho feito com tanto esforço e afeto ao escrutínio de professores que são, para mim, mestres: **Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres** (IPUFU, Presidente), **Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido** (IFILO-UFU), **Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira** (IFCS-UFRJ), **Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr.** (UNESP-Botucatu), **Profa. Dra. Mariana Claudia Broens** (UNESP-Marília), **Prof. Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares** (IFILO-UFU) e **Profa. Dra. Maria Eunice Quilici Gonzalez** (UNESP-Marília)

Agradeço imensamente à professora que despertou em mim o interesse pela Psicologia da velhice e do envelhecimento: **Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato** (IP-UFU), responsável por tocar meu coração com a delicadeza de sua abordagem. Suas aulas constituíram um espaço privilegiado de aprendizado teórico e, ademais, de convite ao resgate da memória e da ancestralidade. Ensinando-me a compreender a velhice não apenas como biologia, mas como biografia e arte, ensinou-me, de maneira particular, em que sentido a escuta – a principal ferramenta do psicólogo – assume contornos muito próprios no caso dos(as) velhos(as). Como costumo dizer, a Profa. **Denise** é uma fonte inesgotável de conhecimento e de sensibilidade. Em suas aulas, aprendi que o desenvolvimento humano é um processo que nunca cessa, e que a memória é o trabalho essencial da velhice. Essas duas ideias constituem o ponto de partida da minha Tese de Titularidade. Agradeço-lhe por cada indicação acadêmica e literária – dentre as quais **Ecléa Bosi** e **Rachel Naomi Remen**, ambas presentes na epígrafe dessa Tese – e por me ensinar, através de sua própria postura em sala de aula, a importância da escuta sensível e do respeito às narrativas de vida. Sua orientação e sensibilidade foram um solo fértil a partir do qual o desejo de escrever esta tese germinou.

Agradeço a um parceiro de tantas publicações, dossiês e eventos, e, em breve, Supervisor da minha próxima pesquisa de Pós-Doutorado (2027-2028), **Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas**, Professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária do Departamento de Literatura e Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ao Prof. **Pedro**, com quem o trabalho é sempre muito produtivo e leve, registro o meu agradecimento por uma colaboração intelectual que tem sido muito importante para o meu crescimento, e expresso meus sentimentos de profunda admiração, estima e amizade.

Agradeço à **Profa. Dra. Carla Nunes Vieira Tavares**, do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU), pela colaboração frutífera e amizade desde que, em uma feliz tarde, procurou-me para que a acolhesse em um período de Licença-capacitação. Desde então, temos conduzido uma bonita parceria de pesquisa e extensão em torno a nossos interesses em comum.

Agradeço a todos os **professores** que passaram pela minha vida, **desde a minha pré-escola até a conclusão do Ensino Médio**. Carrego todos vocês comigo, ainda que não possa recordar a maior parte dos nomes. Quero agradecer às **professoras que estiveram comigo na educação infantil**, **às professoras que me ensinaram a ler** e às **professoras que me ensinaram a amar os livros**. Quero agradecer às minhas tias **Doroty Almada Silva** e **Meyrelane Colen Dutra** pelo ano de educação de qualidade que me concederam. Quero agradecer ao Prof. **Juarez de Andrade** (3º ano do Ensino Médio, Instituto Metodista da Igreja Grambery, Juiz de Fora-MG) por, em um determinado momento, ter dito que eu não chegaria a lugar nenhum agindo da maneira que agia. O impacto de suas palavras em mim foi revolucionário. Daquele dia em diante, passei a não mais frequentar as aulas (já que o 3º ano nessa escola não fazia verificação de frequência) e a estudar por conta própria. Corri atrás do tempo perdido e o esforço foi compensado com as aprovações nos Vestibulares e com o aprendizado. E, é claro, me beneficiei do fim antecipado que me dei em relação ao período escolar: terminei o ensino médio há quase 30 anos, em 1998, e nunca senti saudade do ambiente escolar.

No **âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, quero agradecer ao **Prof. Dr. Aquiles Côrtes Guimarães** (*in memoriam*, IFCS-UFRJ), por ter sido o primeiro a acreditar em mim. Agradeço também ao outro Professor que foi praticamente o primeiro a acreditar em mim, e que acabou se tornando o orientador de toda minha formação básica, da Graduação ao Doutorado, o **Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira** (IFCS-UFRJ). A força de sua presença em minha vida é indiscutível: não à toa, dediquei-lhe minha Dissertação de Mestrado e minha Tese de Doutorado. Agradeço ao Prof. Cerqueira por me acompanhar desde meus 19 anos, quando ainda estava no segundo ano do curso de Filosofia; lá se vão 26 anos. Sua presença nessa banca sempre foi uma das minhas principais certezas. Agradeço também à **Profa. Dra. Maria da Graça Franco Ferreira Schalcher** (*in memoriam*, IFCS-UFRJ). Quando soube que aquele aluno a quem gostava de pedir para pegar café pingado na Cantina havia passado no Mestrado, deu início a um discurso em voz alta sobre o que considerava a vulgarização da Pós-Graduação em Filosofia: a vergonha a que fui tomado naquele momento e sua injustificada descrença em mim foi importante para alimentar minha motivação em momentos difíceis. Jamais posso me esquecer de agradecer à **Andréia Mesquita de Menezes Veiga** (*in memoriam*). Embora a **Andréia** tenha sido minha colega de classe, desempenhou junto a mim o papel de uma professora. Devo a ela muitos livros, cigarros e almoços, mas principalmente muito direcionamento, aprendizado e afeto. Nossa ruptura no final do meu curso de Mestrado por conta de seus sentimentos de ciúmes e de possessividade jamais minimizaram minha gratidão por todo o seu apoio, ensinamentos, conselhos e proteção. Quero agradecer ao **Prof. Dr. Ullysses Pinheiro** (IFCS-UFRJ) e à **Profa. Dra. Ethel Menezes Rocha** (IFCS-UFRJ) por me ajudarem com as 'Meditações Metafísicas', de Descartes. Tenho certeza de que mereci a colocação que tive no Mestrado, e devo a certeza dessa convicção aos ensinamentos que recebi de vocês. Quero também agradecer ao **Presidente da Banca para o meu processo seletivo de Doutorado**, e ao qual atribuo uma avaliação extremamente injusta por motivos que não me são indiferentes: graças a esta pessoa, cujo nome prefiro não deixar registrado nessa Tese, fui trabalhar como Professor, o que me conferiu experiência em sala de aula e currículo, imprescindíveis para os desafios que me aguardavam nos Concursos e no início da minha carreira na Universidade Federal. A presença desse indivíduo em minha vida foi importante para me tornar homem e pai. Hoje eu sei: foi melhor assim que com Bolsa. Agradeço à **Profa. Dra. Maria Raquel Vidigal Movschowitz**. Naqueles momentos em que convivi no grupo 'dos esquisitos' da professora de Filosofia Oriental, pude ter um pouco mais de expressão. Ter tido voz e espaço dentro daquele grupo marginalizado foi importante para minha formação.

No dia seguinte à minha Defesa de Doutorado, meu vínculo com a Academia passou a ser com a Faculdade de Educação do Instituto de Biociências da UNESP (Botucatu-SP), quando então encontrei aquele que se tornou um dos mestres e parceiros mais importantes que tive, o **Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr.** (UNESP-Botucatu). Registro minha gratidão ao Prof. **Alfredo**, o supervisor de minha primeira experiência de Pós-Doutorado, e com quem trilhei os primeiros passos em Filosofia da Mente e das Neurociências. Temos sido, ao longo de todos esses anos, parceiros. Agradeço ao Prof. **Alfredo** por me fazer escrever em inglês e por me ajudar a ter publicações 'de peso'. Não sei contar quantas noites dormi e fiz refeições em sua própria casa, quase todas as vezes em que estive em Botucatu-SP. Agradeço também à sua esposa, a sempre gentil e amiga **Profa. Dra. Maria Alice Ornellas Pereira** e ao vosso filho, **Tales Pereira**. O Prof. **Alfredo** não poderia ficar de fora da minha Defesa de Tese.

Agradeço às duas professoras que entraram em minha vida ao longo desse meu primeiro período de pesquisa de pós-doutorado: **Profa. Dra. Mariana Claudia Broens** (UNESP-Marília) e **Profa. Dra. Maria Eunice Quilici Gonzalez** (UNESP-Marília), o meu agradecimento por sempre apoiarem minha carreira. Tenho muito apreço pela 'maternagem' com que ambas lidam com os alunos e pesquisadores mais inexperientes. As Profas. **Mariana** e **Maria Eunice** não poderiam deixar de estar aqui: uma como titular e a outra como suplente, mas ambas igualmente importantes.

Por fim, e agora considerando o Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, registro minha gratidão ao **Prof. Dr. Ederaldo José Lopes** (IP-UFU), pelo acolhimento e orientação no curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sendo sem dúvida minha primeira referência importante em Psicologia. Contando com o Prof. Ederaldo, 9 (nove) foram os professores que mais me influenciaram durante a minha formação em Psicologia, e aos quais registro meus agradecimentos: **Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres**, **Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato**, **Prof. Dr. João Fernando Rech Wachelke**, **Profa. Dra. Renata Ferrarez Fernandes**, **Prof. Dr. Ricardo Wagner Machado da Silveira, Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes**, **Profa. Dra. Maristela de Souza Pereira** e **Prof. Dr. Tommy Akira Goto**. Pelo apoio, incentivo e boas referências durante o curso de Psicologia junto ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, agradeço aos seguintes professores: **Airton Pereira do Rêgo Barros**, **Ana Paula de Ávila Gomide**, **Anabela Almeida Costa e Santos Peretta**, **Jeanny Joana Rodrigues Alves de Santana**, **Joaquim Carlos Rossini**, **Leonardo Gomes Bernardino**, **Lígia Ferreira Galvão**, **Miriam Tachibana**, **Renata Fabiana Pegoraro** e **Silvia Maria Cintra da Silva**.

Agradeço **aos colegas do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (em especial, a turma 92)** pela ajuda inestimável em minha trajetória rumo ao meu sonho de criança de tornar-me um Psicólogo.

Agradeço a todos os **Técnicos Assistentes em Administração das Universidades** pelos quais passei. Mais do que podem imaginam, essas pessoas foram e/ou têm sido extremamente importantes para mim. Nomeio alguns: **Dna. Carmem** (Instituto de Filosofia João Paulo II), **Melquisedec ('São Melqui') Pereira Colimério** (IFCS-UFRJ), **Rodrigo Houara Brêttas** (FAFIL-UFG), **Ciro Amaro Fernandes Nascimento** (IFILO-UFU), **Éricksen de Oliveira Dias** (IFILO-UFU), **Andréa Antônia de Castro Rodrigues** (POSFIL-UFU), **Marcos Henrique Macedo Vieira** (IFILO-UFU), **Marielle Rodrigues do Nascimento** (IFILO-UFU), **João Vitor Nascimento Dezotti** (IFILO-UFU), **Renata Mascarenhas** (IFILO-UFU), **Jussânia Oliveira de Faria** (IP-UFU) e **Wesley Henrique Silva** (IP-UFU).

Agradeço ao atual Presidente da República **Luiz Inácio Lula da Silva** e à Presidenta **Dilma Rouseff**, os responsáveis pela ampliação do acesso da população à Universidade e aos Institutos Federais, incluindo a política de acesso à população 60+ no atual mandato do Governo Lula. Reconheço serem os únicos Presidentes a demonstrar alguma sensibilidade em relação à Carreira Docente, e agradeço-lhes por serem os únicos a demonstrar, por meio de discursos e ações, que nenhuma Nação poderá ser digna sem conferir importância à Educação. Também sou grato por serem os Presidentes que mais e melhor contribuíram para o desenvolvimento de Direitos Fundamentais e de Políticas Públicas destinadas à população idosa.

Agradeço a todos os Servidores Públicos Federais responsáveis por fazer funcionar a Universidade Federal: desde o **Presidente Luiz Inácio Lula da Silva**, passando pelo atual Ministro da Educação, **Camilo Santana**, e incluindo todos os **servidores do Ministério da Educação**.

No âmbito da Universidade Federal de Uberlândia, meu agradecimento se dirige ao atual **Reitor**, **Carlos Henrique de Carvalho**, aos **Pró-Reitores**, e se estende a todos os **técnicos efetivos e terceirizados**. Por último, mas não menos importante, agradeço às **funcionárias e funcionários das Cantinas, da limpeza e da segurança da Universidade Federal de Uberlândia**. Todas essas pessoas são imprescindíveis para eu ter chegado a esse momento.

Agradeço a alguns **colegas de trabalho**: **Severo Hryniewicz** (Instituto de Filosofia João Paulo II), **Cardeal Paulo Cezar Costa** (Instituto de Filosofia João Paulo II e Instituto de Filosofia Paulo VI), **Adriano Correia Silva** (FAFIL-UFG), **André da Silva Porto** (FAFIL-UFG), **Alcino Eduardo Bonella** (IFILO-UFU), **Alexandre Guimarães Tadeu de Soares** (IFILO-UFU), **Anselmo Tadeu Ferreira** (IFILO-UFU), **Diego de Souza Avendaño** (IFILO-UFU), **Fábio Baltazar do Nascimento Junior** (IFILO-UFU), **Fábio Coelho da Silva** (IFILO-UFU), **Fernando Martins Mendonça** (IFILO-UFU), **Fillipa Carneiro Silveira** (IFILO-UFU), **Georgia Amitrano** (IFILO-UFU), **Humberto Aparecido Oliveira Guido** (IFILO-UFU), **Igor Silva Alves** (IFILO-UFU), **José Benedito de Almeida Jr**. (IFILO-UFU), **Marcos César Seneda** (IFILO-UFU), **Maria Socorro Ramos Militão** (IFILO-UFU), **Rafael Cordeiro Silva** (IFILO-UFU) e **Sertório de Amorim e Silva Neto** (IFILO-UFU).

Agradeço à **Patrícia Abrantes Cardoso** e a **Lourdes Abrantes Cardoso**, respectivamente, minha primeira namorada e minha primeira sogra. Agradeço a presença amiga ao longo da Graduação e de praticamente todo o período de meu Mestrado em Filosofia (PPGF-UFRJ). Na casa de **Patrícia** e **Lourdes**, estudei muito e escrevi toda minha Monografia de Final de Curso e Dissertação de Mestrado, além de quase todos os trabalhos realizados durante esses períodos. Aí aprendi a fazer arroz e a fazer café, a bebida que é ainda minha grande companheira. Agradeço também ao **Sr. Mário Abrantes** (*in memoriam*), pai da Dna. Lourdes, por acreditar tanto em meu futuro desde os meus 18 anos de idade. Agradeço-lhe por sempre dizer: "Esse menino vai longe!".

Agradeço a todos os profissionais de saúde que passaram pela minha vida, em particular: minhas psicólogas **Alcinete Sammya Matos Machado Faria**, **Aline Fernandes Alves**, **Karen de Rezende Penha** e **Mariana Tomás Marçal Urzedo**. À **Mariana**, agradeço por ser a Psicóloga/Analista que tem me acompanhado há quase dois anos, desde antes de eu começar a escrever essa Tese. Mariana, enquanto você considerar conveniente (pode ser a vida inteira), espero continuar a Análise ao seu lado. Muito obrigado por tudo! Ao amigo e meu médico psiquiatra, Dr. **Alexandre Henrique Correia Rosa**, agradeço pelos cuidados que dispensa a mim e que dispensou à minha família em um dos momentos mais difíceis pelos quais passamos. As palavras são insuficientes para expressar minha gratidão ao Dr. **Alexandre**. Agradeço a todos os profissionais de saúde que, direta ou indiretamente, passaram pela minha vida. Sem esses senhores e sem essas senhoras, nem minha vida nem esse trabalho seriam possíveis.

Agradeço a **todos aqueles** que, ao longo da História, e pelas vias do trabalho intelectual, manual e/ou braçal, **produziram conhecimento e tecnologia**. Agradeço a **todos aqueles** que tornaram e tornam possível a confecção de livros, a computação, a eletricidade, a telefonia, o saneamento básico, a medicina e a Internet. Agradeço a **todos aqueles** que produzem e distribuem roupas, alimentos e acessórios (como os óculos que uso). Sem o esforço diário e de milênios empreendidos por esses senhores e por essas senhoras, nem minha vida nem esse trabalho seriam possíveis.

Agradeço aos **filósofos**, aos **psicólogos**, aos **artistas**, aos **sacerdortes**, aos **místicos**, aos **cientistas** e aos **operários**. Sem o esforço diário e de milênios empreendidos por esses senhores e por essas senhoras, nem minha vida nem esse trabalho seriam possíveis.

Agradeço a **todos aqueles** que, ao longo da História, e pelas vias do trabalho intelectual, manual e/ou braçal, **produziram arte e literatura**. Agradeço a **todos aqueles** que tornaram e tornam possível a arte e a literatura. Não cabe citar os tantos nomes que se estendem de **Johann Sebastian Bach** a **Machado de Assis,** passando pelos **operários** e **artesãos** que tornaram possível a confecção dos instrumentos e dos papéis sobre os quais se debruçaram para a produção de suas obras. A **todos os artistas**, **literatos**, **operários** e **artesãos**, o meu mais sincero agradecimento. A arte e a literatura abarcam a dimensão mais imprescindível da minha formação intelectual e espiritual. Acredito que a possibilidade que temos de salvar o mundo está eminentemente no que resulta dessas produções do espírito humano. Ao longo da pandemia, enquanto esperávamos os **cientistas** prepararem a vacina e os governos e agentes de saúde disponibilizarem a vacinação, foram os **artistas** e os **literatos** que nos mantiveram vivos. Sem o esforço diário e de milênios empreendidos por esses senhores e por essas senhoras, nem minha vida nem esse trabalho seriam possíveis.

Agradeço por ter sobrevivido à pandemia causada pela SARS-CoV-2, a COVID-19. Na mesma medida, e com o coração dolorido, registro meu mais sincero e profundo sentimento de pesar pelas vítimas e por todas as sequelas deixadas pelo Coronavírus.

"O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito.

Roman Jakobson refletirá que a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão 'observador participante' pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. Não bastaria trabalhar alguns meses numa linha de montagem para conhecer a condição operária, O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação tornar-se difícil.

Segundo Jacques Loew, em **Journal d'une mission ouvriére**, é preciso que se forme uma comunidade de destino para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana. Comunidade de destino já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no *locus* da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados".

Ecléa Bosi (**Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**)

"Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. Mas, pondera Simone de Beauvoir, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgotada sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou esmola.

A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista.

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: 'Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem'.

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele".

Ecléa Bosi (**Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**)

"Um dos Adagia de Erasmo sobre a guerra, **Bellurn dulce inexpertis**, traduz-se no dito popular: 'Quem louva a guerra não a teve diante dos olhos'. Quando leio os elogios da velhice dos quais está abarrotada a literatura de todos os tempos, sinto-me tentado a tirar do provérbio erasmiano esta variante: 'Quem louva a velhice nunca a teve diante dos olhos'. Para a ocultação dos incômodos da idade senil muito contribui, ainda que involuntariamente e com as melhores intenções, a 'gaia ciência' da geriatria, da qual não coloco em discussão — além da eficácia dos meios que oferece para melhorar as condições do ancião, da qual eu mesmo obtive imensos benefícios — a nobreza do fim, que não é apenas aliviar os sofrimentos físicos, mas também paralelamente exortar quem está para entrar na última fase da vida a não se deixar dominar pelo temor, ou então pela obsessão, pela decadência, e a sentir-se um vencedor em relação aos que morreram jovens e que são, ao contrário dele, os vencidos.

A velhice é a última fase da vida, representada na maioria das vezes como aquela da decadência, da degeneração, da parábola descendente de um indivíduo, mas também, metaforicamente, de uma civilização, de um povo, de uma raça, de uma cidade. Dentro de uma visão cíclica é o momento no qual o ciclo termina. De fato, o inverno é representado como um velho decadente que caminha com dificuldade sob a neve. Um povo velho é um povo cujo destino é ser sujeitado por um povo jovem, bárbaro, sem história. Na díade jovem-velho, 'jovem' denota o lado positivo do inteiro, 'velho' o negativo. O jovem Adão contrapõe-se ao velho homem que deverá ser regenerado. A nova ordem a ser instaurada contrapõe-se à velha ordem que deverá ser sepultada sob seus escombros. O Velho e o N ovo Testamento. O 'novo mundo' diante da velha Europa. A Jovem Europa dos povos contra a Velha Europa dos príncipes. A nova classe burguesa substituirá a velha classe aristocrática, assim como a nova classe do proletariado derrubará, por sua vez, a velha classe burguesa. A passagem do velho para o novo é sinal de progresso; do novo para o velho, de retrocesso. Uma nova constituição — argumento atual — corrigirá os defeitos da velha?

Não estou afirmando que na linguagem corrente não existam modos de dizer em que o significado dos dois termos, em relação ao valor, esteja invertido, e 'velho' passe a ser um termo respeitado, mas são raros: 'os nossos velhos nos ensinaram', o 'Grande Velho', a 'Velha Guarda', os 'Veteranos das pátrias batalhas'. Hegel assim explicava a diferença entre o significado positivo e o negativo da velhice: 'A velhice natural é fraqueza; a velhice do espírito, ao contrário, é a sua maturidade perfeita, na qual este retorna à unidade como espírito.' [...]

[...] Na minha experiência, que não tenciono generalizar, o que distingue a velhice da juventude, e também da maturidade, é a lentidão dos. movimentos do corpo e da mente. A vida do velho desenvolve-se em marcha lenta. São cada vez mais lentos os movimentos das mãos e dos dedos, o que torna difícil manejar instrumentos como o computador, no qual a agilidade dos dedos é indispensável para o aproveitamento de todo o seu potencial. É cada vez mais lento o passo: em meus breves passeios percebo (mas até pouco tempo atrás não percebia), quantos são os velhos que, como eu, se arrastam pela rua, acompanhados muitas vezes de uma pessoa mais jovem, dando pequenos passos circunspectos, como se estivessem em uma estrada perigosa, cheia de obstáculos, e não em uma rua plana e bem pavimentada da cidade.

Há formas de lentidão impostas pelas circunstâncias: a hierática, do sacerdote na procissão; a majestática, do grande estadista em uma cerimônia pública; a fúnebre, dos que carregam o féretro e dos que o seguem. Toda solenidade requer tempos prolongados: o gesto comedido, o passo cadenciado, um avançar grave, um discorrer nem impetuoso, nem emocionado, interrompido por pausas calculadas, palavras ponderadas, em que uma não atropele a outra. A lentidão do velho, ao contrário, é penosa para ele e para os outros. Suscita mais pena que compaixão. O velho está naturalmente destinado a ficar para trás, enquanto os outros avançam. Ele pára. Senta-se em um banco. De vez em quando precisa descansar um pouco. O s que estavam atrás o alcançam, o ultrapassam. Ele gostaria de apressar o passo, mas não pode. Quando fala, procurando as palavras, talvez o escutem com respeito, mas também com certo sinal de impaciência.

Também as ideias demoram a surgir em sua cabeça. E, quando surgem, são sempre as mesmas. Que tédio! Não que o velho seja particularmente apegado às suas ideias. E que ele não tem outras. E, afinal, já não está tudo dito? Ainda há algo de novo para ser dito? O velho é repetitivo sem perceber, porque também o mecanismo da memória está emperrado. Não se lembra de ter dito ou escrito a mesma coisa, quase com as mesmas palavras, um ano atrás, um mês atrás, e quando o processo de decadência se acelera, até um dia atrás. Volta-se para si e acredita continuar como outrora a vagar com inesgotável curiosidade pelo vasto mundo ao seu redor. As ideias surgem com dificuldade e as palavras puras. Com frequência, quando escreve, ou pior, quando fala, tem a impressão de que sua linguagem empobreceu, de que o reservatório de onde outrora extraía as palavras em parte esvaziou ou tornou-se, por uma razão ignorada, inacessível. [...]

[...] O poço da memória, em uma idade como a minha, está enfim tão escavado que já não consigo chegar ao seu fundo, até porque a luz que o ilumina está cada vez mais fraca. Para reconstruir ainda que apenas um fragmento da vida passada, de um acontecimento que adoraria contar, de uma conversa que um dia me entusiasmou, de uma leitura que me esclareceu é preciso um paciente trabalho de reconstrução de pequenos traços de memória que aparecem e desaparecem, como sobressaltos na escuridão. E uma operação lentíssima, da qual, no fim, não saímos satisfeitos porque algumas peças do mosaico já não podem mais ser encontradas. Já não conseguimos lembrar aquele nome que nos era tão familiar. Já não conseguimos repetir nem mesmo aproximadamente aquela conversa. Quem estava presente naquele dia? Que dia era?

O espaço de minhas explorações nos diversos campos do saber vem se restringindo sem que eu esteja de todo consciente, como se o repositório onde estive acumulando as consciências adquiridas nas mais disparatadas leituras, nos estudos que duraram anos sobre um assunto e em função dos quais visitei bibliotecas de diversos países, examinei centenas de livros e documentos, estivesse enfim abarrotado e não entrasse mais nada. Quando leio um livro novo, detenho-me muito mais sobre o que já sei do que sobre o que ainda não sei. Fascina-me mais a notícia repetida, a ideia reaprendida, feliz confirmação do que aprendera anos atrás. A ideia nova parece quase uma intrusa que tenta entrar em uma sala superlotada, onde já não há lugar.

As leituras estão se tornando cada vez mais seletivas, mais do que ler, releio. O mecanismo da seleção opera, segundo minha experiência, desta maneira: à medida que envelhecemos, o sistema de conceitos, construído pouco a pouco, que nos permitiu ordenar o material de fatos e ideias que as leituras nos ofereceram em anos de estudos, tende a fechar-se como se houvesse atingido a perfeição. Torna-se cada vez mais difícil, portanto, fazer entrar fatos e ideias novas que não encontrem compartimentos já formados, prontos a acolhê-las. O excesso é simplificado para fazê-lo caber. O supérfluo é repelido porque já não cabe mais. Outras vezes, para fazer caber um e outro, nós os forçamos e deformamos. As pessoas dizem que não entendemos nada e que estamos superados.

A situação agrava-se pela rapidez das transformações devido ao progresso científico e tecnológico: o novo logo fica velho. Para nos mantermos atualizados em qualquer campo precisaríamos de uma agilidade mental superior à que possuíamos no passado e, ao contrário, a nossa está diminuindo cada vez mais. [...]

[...] Enquanto o ritmo da vida do velho fica cada vez mais lento, o tempo que tem pela frente fica dia a dia mais curto. Quem chegou a uma idade avançada vive o contraste, ora mais ora menos ansiosamente, entre a lentidão com a qual é obrigado o proceder no cumprimento do próprio trabalho, que requer prazos mais longos para sua execução, e a inevitável aproximação do fim. O jovem segue adiante com maior desenvoltura e tem mais tempo pela frente. O velho não apenas caminha mais lento, mas o tempo que lhe resta para terminar o trabalho em que está empenhado é cada vez menor.

O tempo urge. Eu deveria acelerar os movimentos para chegar a tempo e, em vez disso, vejo-me obrigado, dia após dia, a mover-me cada vez mais devagar. Emprego mais tempo e disponho de menos tempo. Pergunto a mim mesmo, preocupado: — Será que vou conseguir? Sinto-me compelido pela necessidade de terminar pois sei que o pouco tempo que me resta para viver não me permite parar de vez em quando para descansar. E contudo, sou obrigado a marcar o passo, embaraçado nos movimentos, desmemoriado e portanto obrigado a deter-me para anotar tudo de que preciso em folhas que, no momento oportuno, não encontrarei. Inventaram instrumentos maravilhosos para ajudar a memória, reduzir o tempo necessário à escrita, mas não sei utilizá-los, ou utilizo-os muito mal para deles extrair todos os possíveis benefícios. Meu pai andava de bicicleta quando já haviam inventado o automóvel. Eu voltei a escrever com caneta-tinteiro (com uma letra tão ilegível que deixo meus leitores desesperados). E, no entanto, sobre a escrivaninha ao meu lado, vê-se um belíssimo computador. Diante dele fico intimidado. Ainda não consegui ter com ele a necessária intimidade para usá-lo com a desenvoltura com que outrora eu usava a máquina de escrever. Com o rapazinho que aprende a tocar piano, também eu precisaria de uma professora severa que ordenasse: — E agora faremos meia hora de exercícios.

Dizem que para um velho a sabedoria consiste em aceitar resignadamente os próprios limites. Mas para aceitá-los é preciso conhecê-los. Para conhecê-los, é preciso tratar de encontrar um motivo. Não me tornei sábio. Conheço bem os meus limites, mas não os aceito. Admito-os, unicamente porque não posso fazer de conta que não existem'

Norberto Bobbio (**Lentidão**. capítulo 3 de seu livro autobiográfico, intitulado **O tempo da memória: De senectute e outros escritos autobiográficos**. Publicado em 1996, quando então contava com 87 anos)

"Na adolescência, trabalhei um verão como acompanhante voluntária em uma casa de repouso para idosos. O trabalho teve início com um treinamento intensivo de duas semanas, a respeito da comunicação com os idosos. Havia muitas coisas para memorizar, e o que começara como a tentativa muito afetiva de uma adolescente de passar um rápido verão transformou-se em uma série sistemática de técnicas e habilidades pelas quais eu seria avaliada por uma equipe de enfermagem. No primeiro dia de verdadeiro contato com os pacientes, eu estava bastante nervosa.

Minha primeira tarefa era visitar uma mulher de 96 anos que não falava havia mais de um ano. Um psiquiatra diagnosticara demência senil, mas ela não reagira à medicação. As enfermeiras duvidavam que ela me dirigisse a palavra, mas eu esperava fazê-la participar de alguma atividade comigo. Deram-me um cesto cheio de contas de vidro, de todos os tamanhos e cores imagináveis. Faríamos um cordão com as contas. Eu deveria voltar à sala de enfermagem dali a uma hora.

Eu não queria visitar aquela paciente. Sua idade muito avançada me assustava, e as palavras 'demência senil' sugeriam que não só ela era mais velha do que qualquer pessoa que eu conhecia, mas também que era louca. Cheia de pressentimentos, bati na porta de seu quarto. Não houve resposta. Abrindo a porta, vi-me em um quartinho iluminado por uma única janela que deixava entrar o sol da manhã. Duas cadeiras haviam sido colocadas de frente para a janela; em uma delas sentava-se uma senhora muitíssimo idosa, olhando para fora. A outra estava vazia. Fiquei parada junto à porta durante algum tempo, mas ela não deu sinal de perceber minha presença. Sem saber o que fazer, fui até a cadeira e me sentei, com o cesto de contas no colo. Ela não pareceu notar que eu chegara.

Por alguns momentos, tentei encontrar um modo de iniciar uma conversa. Eu era terrivelmente tímida naquela época, o que fora uma das pessoas por que meus pais haviam sugerido aquele trabalho para mim, e mesmo em circunstâncias menos difíceis eu teria sentido grande dificuldade. O silêncio no quarto era absoluto. De algum modo, falar parecia quase uma grosseria, mas eu desejava ardentemente ser bem-sucedida em minha tarefa. Pensei em todas as maneiras de entabular uma conversa que eu aprendera no treinamento, e descartei todas. Nenhuma parecia possível. A velha senhora continuava a olhar pela janela, o rosto meio oculto de minhas vistas, respirando imperceptivelmente. Por fim, desisti por completo e fiquei ali sentada com o cesto de contas no colo durante toda aquela hora. Era muito tranquilo. [...]

[...] O silêncio foi finalmente rompido pela campainha que anunciava o fim da atividade matutina. Pegando o cesto, preparei-me para sair. Mas eu só tinha 14 anos, e a curiosidade me venceu. Virando-me para a velha senhora, perguntei-lhe: 'O que a senhora está olhando?'. Corei na mesma hora. Intrometer-se na vida dos residentes era estritamente proibido. Talvez ela não tivesse ouvido. Mas ouvira. Devagar, ela se virou para mim, e pude ver seu rosto pela primeira vez. Estava radiante. Com a voz jubilosa, ela respondeu: 'Ora, menina, estou olhando para a Luz'.

Muitos anos mais tarde, quando era pediatra, vi recém-nascidos olharem para a luz com aquela mesma expressão extasiada, quase como se estivessem tentando ouvir alguma coisa. Felizmente, eu não conseguira encontrar um modo de interromper.

Uma mulher de 96 anos pode parar de falar porque a arteriosclerose danificou-lhe o cérebro, ou porque se tornou psicótica e não é mais capaz de falar. Mas também pode ser que ela tenha se retirado para um espaço entre os mundos, para contemplar o que virá, para desfraldar as velas e pacientemente esperar ser conduzida pela luz.

Eu a encontrara por acidente, ou talvez por graça. Muitas vezes pensei o que poderia ter acontecido se eu fosse então a médica altamente treinada em que me transformaria em breve. Eu não saberia como encontrá-la e sentar-me com ela. Não saberia como aprender com ela sobre o silêncio e sobre a confiança na vida. Agora, muitos anos depois, espero saber."

Rachel Naomi Remen (**Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão**).

"Velhice
é um modo de sentir frio que me assalta
e uma certa acidez.
O modo de um cachorro enrodilhar-se
quando a casa se apaga e as pessoas se deitam.
Divido o dia em três partes:
a primeira pra olhar retratos.
A segunda pra olhar espelhos,
a última e maior delas, pra chorar.

Eu, que fui louca e lírica,
não estou pictural.
Peço a Deus,
em socorro da minha fraqueza,
abrevie esses dias e me conceda um rosto
de velha mãe cansada, de avó boa,
não me importo. Aspiro mesmo
com impaciência e dor.
Porque sempre há quem diga
no meio da minha alegria:
'põe o agasalho'
'tens coragem?'
'por que não vais de óculos?'
Mesmo rosa sequíssima e seu perfume de pó,
quero o que desse modo é doce,
o que de mim diga: assim é.
Pra eu parar de temer e posar pra um retrato,
ganhar uma poesia em pergaminho"

Adélia Prado (**Páscoa**)

“Quando você me vir sentada em silêncio,
Como um saco deixado na prateleira,
Não pense que eu precise do seu falatório.
Estou escutando a mim mesma.
Espere! Pare! Não tenha pena de mim!
Espere! Contenha sua simpatia!
É bom que você entenda,
Que eu não preciso disso!

Quando meus ossos estiverem duros e doloridos,
E meus pés não subirem as escadas,
Eu só pedirei um favor:
Não me traga uma cadeira de balanço.

Quando você me vir caminhando, tropeçando,
Não analise e entenda errado.
Porque cansaço não é igual à preguiça
E nem todo adeus é uma partida.
Continuo a mesma pessoa que era antes,
Com um pouco menos de cabelo e um queixo menor,
Muito menos pulmões e muito menos fôlego.
Mas ainda tenho sorte de poder inspirar.”

Maya Angelou (**Sobre envelhecer**)

RESUMO

A presente Tese nasce de uma inquietação ética e epistemológica diante do cenário contemporâneo, marcado por uma 'revolução da longevidade' que, paradoxalmente, caminha lado a lado com o esvaziamento de sentido da experiência do envelhecer. O objetivo central deste trabalho é o de defender a tese de que a velhice não deve ser compreendida como um resíduo da vida adulta ou como um mero declínio biológico, mas como uma fase da vida legítima, dotada de (i) tarefas psíquicas específicas, de (ii) potencialidades de desenvolvimento e de (iii) uma dignidade ontológica própria. Para sustentar tal proposição, minha investigação articula saberes da Filosofia, da Psicologia do Desenvolvimento (na perspectiva *life-span*), da Psicanálise (especialmente winnicottiana) e da Psicologia Histórico-Cultural. No Capítulo 1, dedico-me a uma rigorosa revisão conceitual, buscando superar uma confusão semântica que, historicamente, contribuiu para a patologização do idoso. Contraponho-me ao modelo biomédico reducionista, apoiando-me, para tanto, na perspectiva *life-span* para definir o envelhecimento como um processo vitalício, multidimensional e multidirecional, e o qual envolve ganhos e perdas, do nascimento à morte. Estabeleço a distinção crucial entre o envelhecimento, este processo biológico-existencial, a velhice – entendida aqui como um estado social e culturalmente demarcado –, e a constituição do velho como o sujeito singular que habita esse estado. Recorro à Simone de Beauvoir para denunciar a 'conspiração do silêncio', que transforma a velhice em um 'segredo vergonhoso', defendendo se tratar tanto de um fato cultural quanto biológico. Esta 'limpeza do terreno' conceitual serve de base para afirmar que o desenvolvimento não cessa na maturidade, adquirindo, antes, novas configurações na etapa final da vida. No Capítulo 2, adentro a dimensão da subjetividade, enfrentando o pessimismo freudiano clássico quanto à analisabilidade dos idosos. Se Sigmund Freud via na rigidez egóica e no acúmulo de material mnemônico obstáculos ao tratamento, proponho uma virada paradigmática em direção à obra de Donald Woods Winnicott, contando, para tanto, com o auxílio da Tese já defendida por Flavia Maria de Paula Soares. A tese central deste capítulo é a de que a velhice impõe ao sujeito uma tarefa de amadurecimento pessoal de alta complexidade: a conquista da 'capacidade de morrer'. Argumento que a saúde na velhice não reside na manutenção maníaca da jovialidade, mas na capacidade do *self* de realizar o movimento de 'integrar a 'de-integração''. Diferente da desintegração patológica (o medo do colapso), a 'de-integração' é a aceitação madura da dependência e da dissolução das fronteiras do Eu, permitindo um retorno circular ao estado de não-integração inicial, agora vivido com a sabedoria da experiência acumulada. Para que isso ocorra, no entanto, é indispensável a presença de um ambiente facilitador — uma 'clínica do *holding*' — que sustente o sujeito diante da angústia de aniquilação e valide sua existência até o fim. No Capítulo 3, realizo um movimento dialético do indivíduo para a cultura, investigando o papel da memória e da narrativa na constituição do sujeito velho. Amparado na Psicologia Histórico-Cultural (Vygotski) e na Psicologia Social da Memória (Ecléa Bosi, Halbwachs), refuto a visão da memória como mero arquivo neurofisiológico sujeito à falência. Defendo, com Ecléa Bosi, a distinção entre memória-sonho (passiva) e memória-trabalho (ativa). Sustento que o ato de lembrar na velhice é um trabalho psíquico árduo de reconstrução do passado à luz do presente, uma forma de conferir sentido à existência fragmentada pelo tempo. A narrativa autobiográfica emerge aqui não como saudosismo, mas como um ato político de resistência à 'morte social' e ao apagamento identitário imposto pela sociedade de consumo. O velho, ao narrar, cumpre a função social de guardião da memória coletiva e de elo entre as gerações, transformando sua experiência individual em patrimônio humano. Finalmente, no Capítulo 4, a teoria é confrontada com a práxis. Apresento reflexões oriundas de uma experiência de Estágio

Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Neste capítulo, demonstro como os conceitos abstratos de *holding*, *perezhivanie* (vivência) e narrativa se tornam ferramentas clínicas urgentes no cuidado de idosos institucionalizados. O relato evidencia que, mesmo em contextos de fragilidade e abandono, a oferta de uma escuta qualificada permite ao sujeito resgatar sua dignidade e 'costurar' os pedaços de sua história. A prática confirma a hipótese de que a intervenção na velhice não visa à 'cura' do envelhecimento, mas à sustentação de um espaço no qual o sujeito possa continuar sendo até deixar de ser. A Tese conclui com a ideia consoante a qual a constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice exige o abandono das lentes que enxergam o velho apenas como um corpo que falha. Ao integrar a visão processual do desenvolvimento (*life-span*), a profundidade clínica da integração da finitude (Winnicott) e a dimensão política da memória (Bosi), proponho uma ética do cuidado que reconhece no velho um sujeito de desejo e de história. O envelhecimento, longe de ser apenas o naufrágio do corpo, revela-se como a etapa final de uma construção subjetiva, em que a tarefa suprema é a de conferir sentido à totalidade da vida vivida, transformando o destino biológico em uma biografia humana completa.

Palavras-chave: Filosofia da Velhice e do Envelhecimento; Psicologia da Velhice e do Envelhecimento; Psicologia do Desenvolvimento; Filosofia Social; Velhice e Envelhecimento à luz da Psicanálise; Velhice e Envelhecimento à luz da Psicologia Histórico-Cultural; Memória Social; Velhice e Envelhecimento Humano

ABSTRACT

This Thesis arises from an ethical and epistemological concern in the face of the contemporary scenario, marked by a 'longevity revolution' that, paradoxically, walks side by side with the emptying of meaning in the experience of aging. The central objective of this work is to defend the thesis that old age should not be understood as a residue of adult life or as mere biological decline, but as a legitimate phase of life, endowed with (i) specific psychic tasks, (ii) developmental potentialities, and (iii) its own ontological dignity. To support this proposition, my investigation articulates knowledge from Philosophy, Developmental Psychology (from the life-span perspective), Psychoanalysis (especially Winnicottian), and Historical-Cultural Psychology. In Chapter 1, I dedicate myself to a rigorous conceptual review, seeking to overcome a semantic confusion that, historically, contributed to the pathologization of the elderly. I oppose the reductionist biomedical model, relying, for this purpose, on the life-span perspective to define aging as a lifelong, multidimensional, and multidirectional process, which involves gains and losses, from birth to death. I establish the crucial distinction between aging, this biological-existential process; old age – understood here as a socially and culturally demarcated state –; and the constitution of the elder as the unique subject who inhabits this state. I turn to Simone de Beauvoir to denounce the 'conspiracy of silence', which transforms old age into a 'shameful secret', arguing that it is both a cultural and biological fact. This conceptual 'ground clearing' serves as a basis to affirm that development does not cease at maturity but rather acquires new configurations in the final stage of life. In Chapter 2, I enter the dimension of subjectivity, confronting classical Freudian pessimism regarding the analyzability of the elderly. If Sigmund Freud saw in ego rigidity and the accumulation of mnemonic material obstacles to treatment, I propose a paradigmatic shift towards the work of Donald Woods Winnicott, relying, for this, on the assistance of the Thesis already defended by Flavia Maria de Paula Soares. The central thesis of this chapter is that old age imposes on the subject a task of personal maturation of high complexity: the conquest of the 'capacity to die'. I argue that health in old age does not lie in the manic maintenance of youthfulness, but in the self's capacity to perform the movement of 'integrating the 'de-integration''. Unlike pathological disintegration (the fear of breakdown), 'de-integration' is the mature acceptance of dependence and the dissolution of the boundaries of the Self, allowing a circular return to the initial state of non-integration, now lived with the wisdom of accumulated experience. For this to occur, however, the presence of a facilitating environment — a 'clinic of holding' — is indispensable, one that sustains the subject in the face of the anguish of annihilation and validates their existence until the end. In Chapter 3, I make a dialectical movement from the individual to culture, investigating the role of memory and narrative in the constitution of the elderly subject. Supported by Historical-Cultural Psychology (Vygotsky) and the Social Psychology of Memory (Ecléa Bosi, Halbwachs), I refute the view of memory as a mere neurophysiological archive subject to failure. I argue, with Ecléa Bosi, for the distinction between memory-dream (passive) and memory-work (active). I maintain that the act of remembering in old age is an arduous psychic work of reconstructing the past considering the present, a way of conferring meaning on existence fragmented by time. Autobiographical narrative emerges here not as nostalgia, but as a political act of resistance to 'social death' and the identity erasure imposed by consumer society. The elder, by narrating, fulfills the social function of guardian of collective memory and a link between generations, transforming their individual experience into human heritage. Finally, in Chapter 4, theory is confronted with praxis. I present reflections arising from a Professional Internship experience in Psychology within a Long-Term Care Facility for the Elderly (ILPI). In this chapter, I demonstrate how the abstract concepts of holding, *perezhivanie* (lived experience), and narrative become urgent

clinical tools in the care of institutionalized elderly. The account evidences that, even in contexts of frailty and abandonment, the offer of qualified listening allows the subject to rescue their dignity and 'stitch together' the pieces of their history. Practice confirms the hypothesis that intervention in old age does not aim at the 'cure' of aging, but at sustaining a space in which the subject can continue until they cease to be. The Thesis concludes with the idea that the constitution of a Philosophy and Psychology of Old Age requires abandoning the lenses that see the elder only as a failing body. By integrating the procedural view of development (life-span), the clinical depth of the integration of finitude (Winnicott), and the political dimension of memory (Bosi), I propose an ethics of care that recognizes in the elder a subject of desire and history. Aging, far from being merely the shipwreck of the body, reveals itself as the final stage of a subjective construction, in which the supreme task is to confer meaning on the totality of a life lived, transforming biological destiny into a complete human biography.

Keywords: Philosophy of Old Age and Ageing; Psychology of Old Age and Ageing; Developmental Psychology; Social Philosophy; Old Age and Ageing from a Psychoanalytic Perspective; Old Age and Ageing from a Historical-Cultural Psychology Perspective; Social Memory; Human Old Age and Ageing.

xxx

RESUMEN

Esta Tesis nace de una inquietud ética y epistemológica ante el escenario contemporáneo, marcado por una 'revolución de la longevidad' que, paradójicamente, camina lado a lado con el vaciamiento de sentido de la experiencia del envejecer. El objetivo central de este trabajo es defender la tesis de que la vejez no debe ser comprendida como un residuo de la vida adulta o como un mero declive biológico, sino como una fase de la vida legítima, dotada de (i) tareas psíquicas específicas, (ii) potencialidades de desarrollo y (iii) una dignidad ontológica propia. Para sostener tal proposición, mi investigación articula saberes de la Filosofía, la Psicología del Desarrollo (en la perspectiva *life-span*), el Psicoanálisis (especialmente winnicottiano) y la Psicología Histórico-Cultural. En el Capítulo 1, me dedico a una rigurosa revisión conceptual, buscando superar una confusión semántica que, históricamente, contribuyó a la patologización del anciano. Me opongo al modelo biomédico reduccionista, apoyándome, para ello, en la perspectiva *life-span* para definir el envejecimiento como un proceso vitalicio, multidimensional y multidireccional, que implica ganancias y pérdidas, del nacimiento a la muerte. Establezco la distinción crucial entre el envejecimiento, este proceso biológico-existencial; la vejez – entendida aquí como un estado social y culturalmente demarcado –; y la constitución del viejo como el sujeto singular que habita ese estado. Recurro a Simone de Beauvoir para denunciar la 'conspiración del silencio', que transforma la vejez en un 'secreto vergonzoso', defendiendo que se trata tanto de un hecho cultural como biológico. Esta 'limpieza del terreno' conceptual sirve de base para afirmar que el desarrollo no cesa en la madurez, adquiriendo, antes bien, nuevas configuraciones en la etapa final de la vida. En el Capítulo 2, adentro la dimensión de la subjetividad, enfrentando el pesimismo freudiano clásico en cuanto a la analizabilidad de los ancianos. Si Sigmund Freud veía en la rigidez yoica y en la acumulación de material mnémico obstáculos para el tratamiento, propongo un giro paradigmático hacia la obra de Donald Woods Winnicott, contando, para ello, con la ayuda de la Tesis ya defendida por Flavia Maria de Paula Soares. La tesis central de este capítulo es que la vejez impone al sujeto una tarea de maduración personal de alta complejidad: la conquista de la 'capacidad de morir'. Argumento que la salud en la vejez no reside en el mantenimiento maníaco de la jovialidad, sino en la capacidad del self de realizar el movimiento de 'integrar la 'de-integración''. Diferente de la desintegración patológica (el miedo al colapso), la 'de-integración' es la aceptación madura de la dependencia y de la disolución de las fronteras del Yo, permitiendo un retorno circular al estado de no-integración inicial, ahora vivido con la sabiduría de la experiencia acumulada. Para que esto ocurra, sin embargo, es indispensable la presencia de un ambiente facilitador — una 'clínica del *holding*' — que sostenga al sujeto ante la angustia de aniquilación y valide su existencia hasta el final. En el Capítulo 3, realizo un movimiento dialéctico del individuo a la cultura, investigando el papel de la memoria y la narrativa en la constitución del sujeto viejo. Amparado en la Psicología Histórico-Cultural (Vygotski) y en la Psicología Social de la Memoria (Ecléa Bosi, Halbwachs), refuto la visión de la memoria como mero archivo neurofisiológico sujeto a fallo. Defiendo, con Ecléa Bosi, la distinción entre memoria-sueño (pasiva) y memoria-trabajo (activa). Sostengo que el acto de recordar en la vejez es un trabajo psíquico arduo de reconstrucción del pasado a la luz del presente, una forma de conferir sentido a la existencia fragmentada por el tiempo. La narrativa autobiográfica emerge aquí no como nostalgia, sino como un acto político de resistencia a la 'muerte social' y a la anulación identitaria impuesta por la sociedad de consumo. El viejo, al narrar, cumple la función social de guardián de la memoria colectiva y de vínculo entre las generaciones, transformando su experiencia individual en patrimonio humano. Finalmente, en el Capítulo 4, la teoría es confrontada con la praxis. Presento reflexiones oriundas de una experiencia de Pasantía Profesionalizante en Psicología junto a una Institución de Larga Estadía

para Ancianos (ILPI). En este capítulo, demuestro cómo los conceptos abstractos de holding, *perezhivanie* (vivencia) y narrativa se convierten en herramientas clínicas urgentes en el cuidado de ancianos institucionalizados. El relato evidencia que, incluso en contextos de fragilidad y abandono, la oferta de una escucha calificada permite al sujeto rescatar su dignidad y 'coser' los pedazos de su historia. La práctica confirma la hipótesis de que la intervención en la vejez no apunta a la 'cura' del envejecimiento, sino al sostenimiento de un espacio en el cual el sujeto pueda continuar siendo hasta dejar de ser. La Tesis concluye con la idea de que la constitución de una Filosofía y Psicología de la Vejez exige el abandono de las lentes que ven al viejo solamente como un cuerpo que falla. Al integrar la visión procesual del desarrollo (*life-span*), la profundidad clínica de la integración de la finitud (Winnicott) y la dimensión política de la memoria (Bosi), propongo una ética del cuidado que reconoce en el viejo un sujeto de deseo y de historia. El envejecimiento, lejos de ser solo el naufragio del cuerpo, se revela como la etapa final de una construcción subjetiva, en que la tarea suprema es la de conferir sentido a la totalidad de la vida vivida, transformando el destino biológico en una biografía humana completa.

Palabras clave: Filosofía del Envejecimiento y la Vejez; Psicología del Envejecimiento y la Vejez; Psicología del Desarrollo; Filosofía Social; Vejez y Envejecimiento a la luz del Psicoanálisis; Vejez y Envejecimiento a la luz de la Psicología Histórico-Cultural; Memoria Social; Vejez y Envejecimiento Humano.

SUMÁRIO

Prefácio 01

Introdução 25

Método 28
1. Abordagem de pesquisa: pesquisa qualitativa 29
2. Pressupostos da perspectiva filosófica 33
3. Desenho de pesquisa 35
3.1 Pesquisa fenomenológica 36
3.2 Teoria fundamentada 37
4. Métodos ou procedimentos 38
4.1 Revisão de literatura e coleta de dados 39
4.1.1 O tópico da pesquisa 40
4.1.2 Coleta de dados 41
5. Segunda parte 43

Capítulo 1. Bases filosóficas da Psicologia do Desenvolvimento: a busca por uma definição dos conceitos de 'desenvolvimento', 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho' 46
1.1 Apresentação do Capítulo 1 46
1.2 Bases filosóficas da Psicologia do Desenvolvimento: em busca de uma definição para conceito de 'desenvolvimento' 48
1.3 Divergências e dificuldades no conceito de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano 54
1.4 Em busca da convergência: Uma compreensão processual de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano 75
1.5 O envelhecimento, a velhice e o velho: em busca de definições 89
1.6 Considerações Finais do Capítulo 1 116

Capítulo 2. A velhice como amadurecimento pessoal: a conquista da 'capacidade de morrer' 118
2.1 Apresentação do Capítulo 2 118
2.2 O paradigma winnicottiano e a tensão da finitude 120
2.3 A integração da 'de-integração': a tarefa psíquica da velhice 135
2.4 O ambiente facilitador e a 'clínica do *holding*': do cuidado à ética da dependência 145
2.5 Considerações Finais do Capítulo 2 153

Capítulo 3. Memória, narrativa e historicidade: a constituição social do sujeito que envelhece.....155
3.1 Apresentação do Capítulo 3 155
3.2 A perspectiva histórico-cultural: a velhice como desenvolvimento contínuo e a dialética da *Perezhivanie*.....157
3.2.1 A sociogênese das funções superiores e a plasticidade na velhice.....*159*
3.2.2 A situação social de desenvolvimento e a Perezhivanie *167*
3.2.3 Atividade, consciência e personalidade: O desafio dos novos motivos.....*172*
3.3 Memória coletiva e a função social do velho: o guardião da história.....176
3.3.1 A ilusão da memória individual e os quadros sociais *177*
3.3.2 O velho como narrador e guardião da cultura.....*181*
3.3.3 Memini e Moneo: a memória como conselho *184*
3.3.4 Memória como resistência e identidade *186*
3.4 Memória-trabalho e identidade narrativa: a palavra como ato de resistência à 'morte social' 190
3.4.1 Da evasão à reconstrução: a memória como trabalho.....*190*
3.4.2 A identidade narrativa e a luta contra a 'morte social' *195*
3.4.3 O ouvinte como 'ego auxiliar' e a ética da escuta.....*199*
3.5 Considerações Finais do Capítulo 3.....203

Capítulo 4. Palestra 'Velhice como fase da vida: Psicologia e Filosofia da Velhice e do Envelhecimento à luz de um relato de experiência de Estágio Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)'.....205
4.1 Apresentação do Capítulo 4 205
4.2 Introdução: o chamado à velhice e o desafio epistemológico.....207
4.3 Aspirações e fundações 208
4.4 O envelhecimento, a velhice e o velho: a contribuição da perspectiva *life span* 209
4.5 Simone de Beauvoir e a totalidade da velhice 215
4.6 Memória, narrativa e identidade: a força da Psicologia Histórico-Cultural.....217
4.7 Ecléa Bosi e a memória como função social.....219
4.8 Memória-trabalho e narrativa.....221
4.9 A velhice na Psicanálise: o trabalho do tempo e o eu 226
4.9.1 A atemporalidade do inconsciente e o trabalho psíquico.....*226*
4.10 A envelhescência.....228
4.11 O luto, a melancolia e o encontro com a dependência.....230
4.12 Exclusão, demência e a ética da escuta especializada.....235
4.12.1 O banimento do velho e a perda da agência.....*235*
4.13 O desafio da demência: além do biologismo 239
4.14 Considerações Finais do Capítulo 4.....244

Considerações Finais.....246

Referências.....248

Anexo I: Texto de Apresentação de Defesa Pública de Tese para Promoção à Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior Federal 275

Anexo II: Perguntas e respostas sobre a Tese.....288

Prefácio

Como resultado da greve de 2012 no Ensino Público Federal, ainda durante o primeiro Governo Dilma Rousseff, passou a vigorar um novo Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal. Dentre as mudanças promovidas por este novo Plano – ainda vigente no momento em que escrevo as primeiras linhas desse trabalho, em Junho de 2025 –, instituiu-se a defesa de uma Tese ou de um Memorial para a Promoção ao cargo de 'Professor Titular do Magistério Superior Federal'. Esse cargo, anteriormente disponível apenas via Concurso Público – como cargo Isolado, e destinado a apenas 5% do total de Docentes efetivos da respectiva carreira em cada Instituição –, passou a ser acessível a todos os Docentes efetivos Doutores, via Promoção Funcional.

À época, eu, Doutor em Filosofia há apenas 3 anos, e Servidor Federal há tão-somente 2, havia acabado de ser aprovado em meu Estágio Probatório e de passar por minha primeira Progressão Funcional. Desfrutava, então, dos meus primeiros meses na classe de Professor Adjunto nível II; 14 anos separavam-me da Promoção à Classe de Professor Titular. Em que pese a distância de quase uma década e meia até o momento em que poderia me candidatar ao Cargo que acabara de se tornar o nível mais elevado da carreira, pressagiei, naquele momento, que o tempo não me dissuadiria do desejo de escrever uma Tese. Não se tratava – como ainda não se trata – de uma comparação de valor entre as duas modalidades, igualmente legítimas; o que estava em jogo era, antes, uma previsão ou projeção quanto ao que eu teria a dizer sobre o que pesquisei e/ou realizei na Universidade no decurso desses 16 anos. Desde a emergência do nosso já não tão novo Plano de Carreira, passei por uma miríade de revoluções pessoais e acadêmicas; no entanto, e como comprova esse texto em cujas linhas iniciais estamos, confirmou-se minha crença de 2012: 14 anos após pensar pela primeira vez na minha Promoção à Classe de Professor Titular, apresento esta minha Tese ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, à Comissão Especial Julgadora para Defesa de Tese de Titularidade, à comunidade acadêmica em geral – em especial às da Filosofia e da Psicologia – e, é claro, à sociedade, a razão de ser do nosso trabalho.

Apesar da quase resolução tomada após a greve de 2012, permiti-me 'bater o martelo' quanto a uma decisão definitiva apenas quando findasse meu processo de Progressão Funcional para o Cargo de 'Professor Associado IV', o último antes da Promoção à Titularidade. Quando então chegou o momento, não havia dúvida (como nunca a houve, a propósito) de que escreveria uma Tese.

Era então chegada a hora de definir quais eram, afinal, meu (i) tema, meu (ii) objeto e meu (iii) problema de pesquisa. Entrementes, em 22 de Abril de 2024, exatos 14 anos após minha posse como Professor Efetivo do Magistério Superior Público Federal, estava separado do próximo (e derradeiro) Processo de Progressão por apenas 2 anos. Por que digo 'apenas 2 anos'? Ora, minha experiência com orientação de Dissertações de Mestrado ensinou-me – e continua a me ensinar no momento em que escrevo esse Prefácio – que o período de 24 meses transcorre muito rapidamente[1].

Naquele 22 de Abril de 2024, nada sabia em definitivo sobre o que pesquisar; mais do que isso, sequer conseguia vislumbrar com clareza um objeto de investigação. Estava imerso em meio a um sem-número de possibilidades, desde as mais instigantes e desafiadoras até as mais convencionais e atalhadas. Talvez seja injusto dizer que nada sabia; possuía, nesta ocasião, 3 certezas.

Em primeiro lugar, tinha a ciência de que uma Tese de Promoção à Professor Titular não poderia ser um trabalho qualquer; cria, como ainda creio, dever ser um trabalho digno de coroar o topo funcional de uma carreira honestamente dedicada ao Ensino, à Orientação, à Pesquisa e à Extensão no Magistério Público Federal, em que pese, no meu caso, ainda não ter chegado à sua metade. Também sabia, em segundo lugar, que não apenas meus rumos acadêmicos como minha própria visão de mundo estavam sendo completa – e irreversivelmente transformados pelos estudos e experiências a que tenho estado sujeito ao longo de minha formação como Psicólogo. E, em terceiro lugar, estava, por fim, convencido de que chegara ao ocaso minha história com a Filosofia da Mente e das Neurociências; distanciara-me irrevogavelmente da tradição e do conjunto de abordagens com os quais eu estava habituado, isto é, das discussões filosóficas dedicadas às relações mente-corpo a partir de um verniz fisicalista[2] e vinculadas à tradição da Filosofia Analítica, por um lado, e às contemporâneas ciências experimentais do sistema nervoso, por outro.

[1] Para fazer uma analogia com uma de minhas grandes paixões, a corrida — tão 'dura' quanto a redação de um trabalho científico — 24 meses equivale a uma corrida de 100 metros rasos. Essa analogia, é preciso fazer justiça, não é originalmente minha: devo-a a um querido amigo, Fabiense Pereira Romão, Educador Físico, também corredor, ex-orientando de Mestrado e de Doutorado.

[2] Acabo de notar, com não pouca perplexidade, que o dicionário do meu processador de texto não reconheceu o termo 'fisicalista', sem dúvida uma das palavras que mais digitei em minha carreira como professor e pesquisador do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Este é, falo sem hesitação, um fato deveras simbólico.

Ora, tendo em vista a expectativa – justificada, reconheço – de que uma Tese para Promoção à Professor Titular espelhe a carreira do Docente, tornam-se necessárias algumas palavras sobre essa minha terceira certeza e suas implicações.

Desde o meu primeiro estágio de Pós-Doutorado – iniciado em 05 de Março de 2009, e sob a supervisão do Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr. junto ao Instituto de Biociências da UNESP (Botucatu-SP) – minha carreira passou a ser constituída em torno à Filosofia da Mente e das Neurociências. Essa data, coincidente com a minha mudança para Uberlândia-MG, marca o início de minha primeira grande reviravolta acadêmica. Vinha então de um período em que, sem descanso, emendara uma Monografia de Final de Curso (2002), uma Dissertação de Mestrado (2003-2005) e uma Tese de Doutorado (2006-2009), defendida em 04 de Março de 2009, véspera da minha mudança, quando então passei a intercalar períodos em Uberlândia-MG e em Botucatu-SP.

Ao longo desses 7 anos de trabalho ininterrupto junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – sempre sob a diligente orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira –, decorreram esses 3 estágios do que considero minha formação filosófica básica.

No transcurso desse período, defendemos, em diversos níveis, a ideia de Filosofia como ‘Ciência do Espírito’; em particular, mas não exclusivamente, no Brasil. Nosso trabalho consistiu em sustentar a tese de que a exclusão da dimensão metafísica da realidade e a subsequente restrição da consciência ao método experimental não se deve compreender senão como uma consequência *pervertida* da Revolução Científica. Em resposta a esse diagnóstico, buscamos evidenciar em que sentido a ideia de Filosofia como ‘Ciência do Espírito’ traz consigo a reivindicação de uma metodologia própria para equacionar o problema da consciência, distinta, nesse sentido, da metodologia por meio da qual nos tornamos capazes de mensurar, em nível quantitativo, os objetos que pertencem à rede de encadeamento causal característica da dimensão espaço-temporal. Em outras palavras, nossos esforços convergiam para a defesa de que a ‘Ciência do Espírito’ se erige a partir da reivindicação de uma metodologia própria para a apreensão do psíquico em sua especificidade, o que significa: como intencionalidade, a propriedade fundamental da vida psíquica, um fato imediato e evidente, e cuja origem remete à noção de que a consciência é composta por uma complexão de vivências em fluxo constante.

Nossos argumentos não prescindiam do diálogo com aqueles cuja presença justifica o debate, a saber: os filósofos e cientistas que, na virada do século XIX para o século XX, professavam um entendimento naturalista do psíquico. Ao longo desse período de imersão profunda no contexto do debate entre os filósofos que nos sustentavam e os psicólogos 'fisiologistas' e 'comportamentalistas', aproximei-me, de maneira informal e gradativa, da versão 'atualizada' desta última posição, qual seja, a Filosofia da Mente e das Neurociências. Minha intenção era, naturalmente, a de melhor compreender o desenvolvimento histórico dos argumentos opostos aos que defendíamos desde a Monografia de final de curso: com esse propósito, passei a me debruçar, ainda durante o Doutorado, sobre os novos naturalistas, aqueles que, desde a segunda metade do século XX, passaram a ser conhecidos como 'filósofos da mente'.

Decidi então empreender uma pesquisa formal ao longo de um período de estágio pós-doutoral. Visava, com isso, a aprofundar os conhecimentos adquiridos em minha formação básica. O que não previ, naquele momento, é que esse momento se transformaria em um novo estágio da minha formação básica; mais precisamente, um ponto de partida para a primeira reviravolta em minha carreira. No dia seguinte à minha Defesa de Doutorado – já na condição oficial de bolsista de Pós-Doutorado pela FAPESP – dei início a uma nova trajetória, a uma nova identidade: era agora um Pesquisador Doutor de Filosofia da Mente e das Neurociências.

Contribuiu, para tanto, minha sincera intenção de analisar detidamente o diálogo contemporâneo entre as abordagens fenomenológicas e naturalistas da mente. Mas não apenas. Para essa reviravolta, também concorreu o fato de, à época, ter reconhecido os sinais que me indicavam que este novo perfil acadêmico facilitaria meu ingresso na almejada carreira universitária. Sem embargo, meu distanciamento em relação ao campo se deveu ainda mais ao meu desejo de estar à parte do que ainda considero uma melancólica 'invasão' sofrida pela Filosofia Brasileira. De maneira estranhamente repentina e barulhenta, alguns 'figurões' do cenário da academia filosófica brasileira passaram a se 'interessar' pelo campo, não raramente promovendo o desserviço de fazer da 'Filosofia Brasileira' uma 'História da Filosofia no Brasil' e, ato contínuo, de ridicularizar a ideia de uma 'Filosofia Brasileira', equiparando-a às tentativas de defender uma Filosofia nacional. Também à época, previ a futura popularização das perspectivas decoloniais. Pressenti então (e não 'paguei para ver') que nosso trabalho passaria a ser alvo de menosprezo e silenciamento. Eu, que ainda não era concursado, estando, portanto, em uma posição de vulnerabilidade, temi que nosso trabalho e minha própria carreira corriam o risco iminente de 'cancelamento', para usar uma expressão atualmente em voga.

Meu passado sob a égide do Centro de Filosofia Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro acabou se esvanecendo nas minhas produções e atividades. Em uma nova cidade, em uma nova vida, e visando a uma vinculação Institucional como professor efetivo, o que aconteceu já no ano seguinte (em 22 de Abril de 2010, no âmbito da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO), passei a ser reconhecido na Academia como um pesquisador de Filosofia da Mente e das Neurociências, quase como se não houvesse os tantos anos anteriores de formação, de publicações e de participações em eventos.

Foi assim, na posição confortável de um Filósofo da Mente e das Neurociências, que transcorreu minha carreira Docente até um ano ou alguns meses anteriores à minha Progressão Funcional para a classe de 'Professor Associado IV'.

Como Filósofo da Mente e das Neurociências, construí uma história de trabalho intenso e diligente junto ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Com efeito, tenho, em meu currículo, um grande número de orientações em Filosofia da Mente e das Neurociências; para ser mais preciso, quase todos os trabalhos que orientei estão indexados à área. Nesta lista, incluem-se pesquisas de Iniciação Científica, Monitorias, Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Pesquisas de Pós-Doutorado. Ainda hoje, gira em torno da Filosofia da Mente e das Neurociências a grande maioria dos convites acadêmicos que recebo, dentre os quais: para (i) participações em bancas de trabalhos de conclusão de curso (em nível de Graduação e de Pós-Graduação), concursos e processos seletivos; para (ii) pareceres de artigos, livros e capítulos; para (iii) orientações; e para (iv) (mini)cursos, palestras, conferências e colaborações diversas. Caso eu não recuse os convites que ainda receberei para me apresentar em alguma instância como um Filósofo da Mente e das Neurociências, essa talvez continue a ser minha realidade por um tempo, sobretudo se considerarmos que está longe do declínio o interesse suscitado pelos problemas, temas e discussões próprias da Filosofia da Mente e das Neurociências.

Muito pelo contrário: há um bom tempo, é importante ressaltar, esse campo de atuação constitui um dos mais profícuos e prolíficos em Filosofia, não apenas por conta da vasta e relevante produção associada à área, mas também em função de seus fecundos e frutíferos diálogos com outros domínios de destaque do cenário científico: dessa lista, fazem parte não apenas a Psicologia e as Ciências Cognitivas; as *hard sciences* dedicadas ao escrutínio do cérebro, por um lado, e a proliferação de *coaches* motivacionais, por outro, alimentam o interesse da população em uma esfera teórica potencialmente capaz de promover o entretenimento que, em geral, inere aos trabalhos de divulgação científica.

Trata-se, com efeito, de uma disciplina com demanda volumosa, incessante e vivaz, suficiente para me manter incessantemente ocupado – e, no entanto, nunca suficientemente atualizado – ao longo de mais de 15 anos. Não à toa, no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia, orientei e/ou coorientei trabalhos desenvolvidos no curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e até no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Se eu multiplicar por 20 o número de orientações efetivamente realizadas em Filosofia da Mente e das Neurociências, não chegarei ao número de aspirantes a orientandos. Fui procurado pelos mais diversos tipos e personagens. Poucos passam das primeiras exigências de orientação. Por isso mesmo, o número de orientações concluídas oferece o registro apenas daquela minoria de indivíduos que, bem ou mal, superaram os primeiros obstáculos impostos pelo meu método de orientação. Em função da natureza inter-, multi – e transdisciplinar[3] da Filosofia da Mente e das Neurociências, recebi orientandos, coorientandos e aspirantes a orientandos não apenas da Filosofia e da Psicologia, mas de diversos outros campos do conhecimento: fui buscado para orientação por indivíduos provenientes da Educação Física, da Pedagogia, da Literatura, da Linguística, do Direito, da Economia, da Administração, das Ciências da Computação, da Engenharia, da Física, da Matemática, das Artes, da História, da Teologia e, dentre outras áreas

[3] Não existe um consenso quanto a esses termos. Diferentes definições costumam ser utilizadas para conceituar os termos interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. Entenderemos aqui o 'interdisciplinar' como sendo a natureza de um problema ou tópico que envolva um diálogo direto entre pelo menos 2 disciplinas, eventualmente se expressando sob a forma de fusão entre diferentes campos; por 'multidisciplinar', a natureza de um problema ou tópico que envolva várias disciplinas em cooperação, ainda que a partir da lida com diversas faces do fenômenos; e o 'transdisciplinar' como a natureza de um problema ou tópico que está para além da divisão disciplinar, dizendo respeito a discussões em que há indefinição de primazia de conhecimentos ou mesmo ausência de hierarquias epistemológicas. Cf. DOMINGUES, Ivan. Entrevista: Humanidade inquieta. **Diversa**: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, 2003. Disponível em https://www.ufmg.br/diversa/2/entrevista.htm. Acesso em 28 de Abril de 2025. Segundo Almeida Filho (1997), transdisciplinaridade se refere ao "efeito de uma integração das disciplinas de um campo particular sobre a base de uma axiomática geral compartilhada. Baseada em um sistema de vários níveis e com objetivos diversificados, sua coordenação é assegurada por referência a uma finalidade comum, com tendência à horizontalização das relações de poder. Implica criação de um campo novo que idealmente desenvolverá uma autonomia teórica e metodológica perante as disciplinas que o compõem. [...] [A] transdisciplinaridade significa uma radicalização da interdisciplinaridade com a criação de um campo teórico, operacional ou disciplinar de tipo novo e mais amplo. A ecologia e a nova saúde mental, enquanto campos oriundos da verdadeira integração de diferentes disciplinas, seriam exemplos desta proposição. Não se trata obviamente de ecletismo ou hibridação, na medida em que (para continuar com metáforas biológicas) conhecemos largamente a infertilidade dos híbridos. Enfim, novo renascimento, *nuova scienza*, novas demandas. Aparentemente necessitamos de uma transformação radical do sistema de formação dos sujeitos da ciência, no contexto de um novo enciclopedismo. [...] [D]evemos procurar não um enciclopedismo com base na genialidade de sujeitos individuais como na Renascença ou no Iluminismo, e sim uma forma renovada de enciclopedismo construído coletivamente. Cada vez mais, o processo de produção do conhecimento científico será social, político-institucional, matricial, amplificado. Nesse cenário, a produção competente da ciência viabilizará abordagens totalizantes, apesar de parciais e provisórias, sínteses transdisciplinares dos objetos da complexidade". Cf. ALMEIDA FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 2, n. 1-2, p. 5-20, 1997. p. 13-14.18-19.

das quais talvez não me recorde, da Enfermagem, da Biomedicina, da Biotecnologia e da Medicina[4]. Também fui procurado por artistas, *hippies*, místicos, kardecistas, evangélicos, espiritualistas e curiosos sem experiência universitária.

Desde que ingressei no Magistério Superior Federal, em 22 de Abril de 2010, ofereci regularmente disciplinas em Filosofia da Mente e das Neurociências, tendo recebido, em minhas aulas, centenas de alunos e ouvintes não só da Filosofia, mas de diversas outras áreas e ocupações. Ainda na e pela Universidade Federal de Uberlândia, ofereci cursos de Extensão e Grupos de Estudos semanais dedicadas à disciplina. Ademais, fui convidado a colaborar com outras instâncias da Universidade exatamente por conta da minha especialidade acadêmica: (i) ministrei palestras na Residência de Psiquiatria do Hospital de Clínicas, (ii) em uma das Semanas Acadêmicas do curso de Medicina e (iii) atendi a um convite para participar de uma das discussões que deram origem à 'Liga de Saúde Mental' da Faculdade de Medicina. Em um dos mais célebres momentos de minha carreira, editei um número da **Journal of Consciousness Studies** dedicado a debater um artigo de Alfredo Pereira Jr., e o qual contou com artigos escritos por alguns dos mais conhecidos e respeitados filósofos e cientistas dedicados às Ciências da Mente e às Neurociências, dentre os quais António e Hannah Damásio. Fui injustamente citado como um dos nomes representativos da área em nível mundial por Patricia Churchland — uma das mais paradigmáticas expoentes da Filosofia da Mente e das Neurociências — em seu livro **Touching a nerve: the self as brain**, de 2013.

Devo também à Filosofia da Mente e das Neurociências o meu feliz casamento: conheci minha esposa por ocasião do seu interesse em escrever sua Dissertação de Mestrado sob minha orientação. A consecução de seu projeto original inviabilizaria, por questões éticas, uma relação afetiva. Seu projeto de cursar o Mestrado sob minha orientação não logrou êxito; em troca, adveio daí uma linda e sólida história de amor.

Diante de uma história que, sem falsa modéstia, posso considerar fecunda e bem-sucedida, cumpre perguntar: por que então se encerra minha história com a Filosofia da Mente e das Neurociências?

[4] É natural que, nos cursos de Filosofia, recebamos um grande número de alunos e orientandos com formações prévias; entre aqueles que trabalham com Filosofia da Mente e das Neurociências, esse número parece ser ainda mais notável.

Em primeiro lugar, porque pouco resta em mim do indivíduo que, um dia após defender sua Tese de Doutorado, chegava a Uberlândia-MG e, simultaneamente, iniciava seu Estágio de Pós-Doutoramento junto ao Instituto de Biociências da UNESP de Botucatu-SP. Em segundo lugar, por conta das tantas transformações pessoais e acadêmicas pelas quais tenho passado ao longo do meu curso de Graduação em Psicologia, agora em sua reta final. O acesso à prática e ao raciocínio clínicos, associados com os estudos que empreendi nas áreas de Fenomenologia, *Gestalt*, Teorias e Técnicas de Grupo, Psicologia Analítica, Psicanálise, Psicossomática Psicanalítica, Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento (especialmente Psicologia da Velhice e do Envelhecimento) conduziram-me progressivamente à crença de que a Filosofia da Mente e das Neurociências de verniz fisicalista e indexada à Filosofia Analítica e às Ciências do Cérebro não possui as ferramentas necessárias mínimas para nos levar a contemplar a dimensão de nossa dinâmica intrapsíquica, os níveis mais profundos de nossa vida subjetiva, e tampouco as dimensões históricas e culturais que estão por trás da constituição da subjetividade.

Destarte, embora fosse coerente, justificado e esperado que eu defendesse minha Tese de Titularidade em alguns dos temas e problemas que me acompanharam desde antes de minha posse (em 2010) até pelo menos o ano de 2024, decidi não me demover da decisão de me divorciar da Filosofia da Mente e das Neurociências. Restava-me, portanto, seguir minha única certeza, qual seja, a de que minha Tese convergiria com o que faço em Psicologia, posto que vaga e ampla em termos de conteúdo.

A favor da asserção de que meu movimento intelectual e pessoal não é precipitado e impensado, afirmo que não economizei esforços na tarefa de levar minha bagagem e minha história para a Psicologia. Conquanto a formação em Psicologia Clínica/Social seja um dos meus sonhos de criança, uma das minhas motivações centrais para fazer o curso foi a possibilidade de adquirir certo ‘lugar de fala’ para algumas dimensões das pesquisas que buscava empreender em Filosofia da Mente e das Neurociências. Quando ingressei no curso, em 26 de Setembro de 2022, estava certo de que encontraria – via Psicologia Cognitiva e Terapia Cognitivo-Comportamental – uma aproximação com a Filosofia da Mente e das Neurociências capaz de ampliar significativamente minha visão de mundo e meus horizontes profissionais, tanto no que diz respeito ao tripé ‘Ensino, Pesquisa e Extensão’ quanto no que concerne a novas possibilidades de atuação.

Dediquei-me, já no início do curso, e sob a orientação do Prof. Dr. Ederaldo Lopes, a uma pesquisa de Iniciação Científica na área de Psicologia Cognitiva: nosso propósito era o de analisar os primeiros escritos e concepções sobre a consciência após o advento da chamada Revolução Cognitiva, a qual, na década de 1950, e visando a reorientar a pesquisa em Psicologia após décadas de primazia do Behaviorismo, retomou alguns dos conceitos fundamentais da Psicologia, dentre os quais – e ainda que timidamente – o de consciência. Era pouco provável que eu encontrasse, no curso de Psicologia, área mais afim ao trabalho que então empreendia em Filosofia. Não à toa, o Prof. Dr. Ederaldo Lopes foi o primeiro Professor e Pesquisador do Instituto de Psicologia com quem travei contato assim que cheguei a Uberlândia, em 2009. Essa pesquisa de Iniciação Científica seria o primeiro passo a ser percorrido no curso de Graduação em Psicologia para eu chegar a um diálogo o mais estreito possível entre a pesquisa que conduzia em Filosofia e a que aspirava a erigir em Psicologia. Estava então plenamente convicto de um percurso a ser traçado antes mesmo do início do curso.

Ocorre que, ao longo de um ano de vínculo formal com essa pesquisa, nada consegui produzir, apesar de toda minha afinidade pessoal e acadêmica com o Professor orientador e com a própria área. O motivo? Minha própria desmotivação. Esse sentimento, é importante ressaltar, não foi adquirido ao longo da pesquisa de Iniciação Científica, e tampouco tem qualquer relação com esse período. Antes, esse primeiro ano no curso, o qual coincidiu com minha primeira pesquisa de Iniciação Científica, muito me ajudou a entender os motivos pelos quais minha pesquisa permaneceu estagnada por anos. Em simultâneo, notei que meus interesses estavam apontando para outras direções: para a Psicologia Fenomenológica, para a Psicologia Analítica, para *Gestalt* e, com ainda mais consistência, para a Psicanálise, para a Psicossomática Psicanalítica e para a Psicologia Histórico-Cultural.

À medida que me envolvia com essa diversidade de estudos e abordagens, distanciava-me, ao mesmo tempo, da Psicologia Cognitiva e, ato contínuo, da Filosofia da Mente e das Neurociências. Sempre serei grato a meu orientador de então, Prof. Dr. Ederaldo Lopes, de quem recebi não apenas compreensão, mas estímulo para experimentar novos caminhos. Considerando alguns dos meus traços de personalidade, seu ‘sinal verde’ foi essencial para que eu pudesse seguir em frente com paz de espírito.

Igualmente grato sou àquele professor que, daquele momento em diante, passou a iluminar meus caminhos na Psicologia e a me direcionar a partir dos meus interesses em Psicologia da Saúde, Psicanálise, Psicossomática Psicanalítica, Psicologia Social e Psicologia do Desenvolvimento: refiro-me ao Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres, o orientador das outras duas pesquisas de Iniciação Científica que realizei no curso, e com quem conto para me orientar em meu Estágio Profissionalizante, em meu Trabalho de Conclusão de Curso, em minha Dissertação de Mestrado e em minha Tese de Doutorado. Em um momento delicado do meu curso de Graduação em Psicologia e especialmente da minha própria carreira, quando ruía minha própria identidade profissional, reencontrei, por intermédio da pesquisa que passei a desenvolver sob sua orientação, a autoestima que provém da alegria e da motivação acadêmicas.

Em que pese o contentamento que experienciei quando me permiti estar envolvido com tantas motivações simultâneas, notei, outrossim, em que sentido a coexistência de interesse em abordagens supostamente incompatíveis entre si pode ser, para um pesquisador, um pesadelo: com efeito, como conciliar os meus interesses em Psicanálise e Psicologia Histórico-Cultural? Como considerar abordagens geralmente tidas como díspares e representantes de concepções incompatíveis de homem e de mundo (a exemplo das recém-mencionadas) como duas possibilidades igualmente legítimas para subsidiar o meu equacionamento dos mesmos fenômenos?[5] Para mim, no entanto, e por sorte, essa diversidade acabou se revelando, antes, uma inspiração, por motivos que aspiro a conseguir elencar nesse Prefácio e na Introdução.

[5] Ao propor a articulação teórica entre a Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural, reconheço que estou lidando com tradições frequentemente tratadas como díspares ou até mesmo incompatíveis. Contudo, é imperativo demarcar, logo de início, que a Psicanálise não é um edifício monolítico. A disparidade entre essas duas abordagens mostra-se, de fato, marcante e por vezes intransponível quando consideramos o enfoque estritamente metapsicológico e pulsional clássico da Psicanálise. No entanto, esse abismo conceitual estreita-se significativamente quando deslocamos nosso olhar para o enfoque relacional, do qual Donald Woods Winnicott é um dos grandes precursores. Quando a Psicanálise passa a compreender o sujeito a partir da sua relação indissociável com o ambiente e com o 'outro', ela se abre para a dimensão sócio-histórica. Nesse sentido, recorro também às valiosas formulações de autores como José Bleger (1922-1972), que nos oferecem elementos cruciais para pensar como a Psicanálise pode (e deve) levar em conta o papel mediador da cultura na formação do psiquismo. É precisamente neste vértice – no qual o ambiente humano e a cultura atuam como mediadores estruturantes do sujeito – que a Psicanálise relacional e a Psicologia Histórico-Cultural encontram o seu solo comum, justificando a ousadia metodológica deste trabalho em uni-las na compreensão da velhice. Cf. BLEGER, José. **Psicoanálisis y dialéctica materialista**. Buenos Aires, AR: Paidós, 1958. 250 p.; BLEGER, José. **Psicología de la conducta**. Buenos Aires, AR: Paidós, 1963. 300 p.

Já nos períodos iniciais de minha Graduação, notei que meus interesses mais sólidos e consistentes apontavam para a Psicologia do Desenvolvimento e para a Psicologia Social, áreas que, sobretudo a partir da perspectiva da primeira, dialogam permanentemente. Mesmo em meio aos interesses posteriormente adquiridos — respectivamente, pela Psicologia da Saúde, Psicologia Fenomenológica, Psicologia Analítica, Psicanálise e Psicossomática Analítica — não deixei de reconhecer que estava em uma dessas duas áreas, ou mais especificamente no diálogo entre Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social, o meu espaço não apenas na Psicologia – pensada como ciência, disciplina e profissão – mas na minha própria pesquisa e atuação.

Todas as possíveis dúvidas quanto a esse interesse foram definitivamente derrocadas no momento em que, no 5º período do curso, tive acesso aos meus dois primeiros livros na área de velhice e envelhecimento. Nestes, com efeito, estão perfeitamente conciliadas a Psicologia do Desenvolvimento e a Psicologia Social. Refiro-me, respectivamente, aos livros **A velhice**, publicado em 1970 por Simone de Beauvoir[6], e **Memória e sociedade: lembrança de velhos**, publicado originalmente em 1973 por Ecléa Bosi[7]. A leitura desses e de tantos outros artigos e livros me levaram ao reconhecimento (no sentido do termo latino *recognoscere*, trazer novamente à mente) de que eu estava sendo chamado (no sentido de vocação) a pensar, estudar e estar junto aos velhos; de que eu estava, enfim, sendo chamado a lutar pelos velhos, por sua dignidade e por suas memórias.

A este respeito, muito devo à minha professora de Psicologia do Desenvolvimento III, Profa. Dr. Denise Stefanoni Combinato, que, com sua dedicação, generosidade e gentileza, dirimiu, com suas aulas e alguns importantes diálogos extraclasse (cujo volume sempre foi insuficiente para ‘matar minha sede’), quaisquer dúvidas quanto à minha convicção de meu interesse em dedicar minha carreira ao processo do envelhecimento e a seu resultado, a velhice.

[6] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.
[7] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

Foi ao longo de 2024 que se incorporou, em mim, a convicção de que, doravante, minha atuação passaria a girar em torno à Psicologia/Filosofia da Velhice e do Envelhecimento. Mantinha a intenção que me levou ao curso de Psicologia, no caso, a de fazer convergir minhas pesquisas em Filosofia e em Psicologia. Restava, então, sustentar um pano de fundo filosófico para a pesquisa a ser conduzida junto ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia; dito de outra maneira, encontrar o seu 'braço' filosófico.

Foi então que comecei a direcionar meus esforços para o desenvolvimento de um trabalho em Filosofia da Velhice/do Envelhecimento, buscando, com isso, dar origem a um novo percurso acadêmico. Após uma pesquisa nos motores de busca e nas bases de dados, constatei o que já presumia: os termos 'Filosofia da Velhice' e 'Filosofia do Envelhecimento' são praticamente inexistentes em língua portuguesa; alguns dos usos que encontrei sequer fazem referência à Filosofia propriamente acadêmica, podendo ser computados nos tantos usos que o senso comum faz da palavra 'Filosofia'. Em língua inglesa, encontrei algumas boas referências, ainda que tímidas, para os termos 'Philosophy of old age', 'Philosophy of age', 'Philosophy of aging', 'Philosophy of ageing' e, em menor grau, para 'Philosophy of elderly'.

Reconheci, com não pouca motivação, que estava aberto o caminho para o desenvolvimento de um trabalho repleto de possibilidades de desenvolvimento e com um grande potencial para frutos teóricos e práticos. Procedi a longas sessões de coletas de dados, a partir dos quais me foi permitido reunir uma grande quantidade de materiais, oriundos das mais diversas áreas de origem; com efeito, uma das mais notáveis heranças da minha história em Filosofia da Mente e das Neurociências – uma das áreas da Filosofia com a maior quantidade de ramificações teóricas – é a visada para os problemas tanto a partir de uma extensão disciplinar (natureza inter – e multidisciplinar do problema) quanto para além dos limites impostos por fronteiras disciplinares (natureza transdisciplinar do problema).

Frente a todo esse material compilado, lido e fichado, faltava ainda oferecer uma resposta para uma pergunta não menos importante, a saber: Qual é o meu tema? Qual é o meu objeto? Qual é o meu problema? Quais são minhas hipóteses? Quais são os meus objetivos? Sob qual metodologia minha Tese se sustentará e se estruturará? Sem essas respostas, sabemos, não possuo sequer uma justificativa para desenvolver um trabalho.

Mergulhei em um período de grande ansiedade. Foi inevitável. É aí que entra em cena um grande acaso (ou não, sabe-se lá!); de uma maneira ou de outra, um desses momentos que, sejam misteriosos (como suponho) ou não, estão, de qualquer maneira, repletos de singeleza e grandiosidade. Em outras palavras, um desses momentos graças aos quais a vida pode ser considerada – ao fim e ao cabo, e apesar de tudo – bela. Trago em minha lembrança essa ocasião: trata-se do dia 19 de Janeiro de 2025, uma das manhãs de Domingo do meu mês de predileção. Acordei imerso em sentimentos de ansiedade, angústia e aflição, provavelmente perpetrados pela falta de inspiração ou coragem para definir o problema de pesquisa que direcionaria meu trabalho. Despertei, enfim, sendo 'martelado' por um conjunto de pensamentos ansiógenos, e os quais, mais do que insistir em me lembrar faltar pouco mais de 12 meses para minha defesa, ponderavam, adicionalmente, que esse deveria ser o trabalho da minha vida, razão pela qual não poderia me precipitar em qualquer um dos passos a tomar. Antes de completar-se 1 hora do momento em que acordei, recebi com grande impacto um descompromissado comentário de minha esposa, graças ao qual vislumbrei enfim o caminho a seguir.

A propósito da natureza completamente inusitada de ser despertado para um Projeto de Pesquisa e/ou de vida a partir de um fato ordinário (assim, como reza a lenda, ocorreu com Newton após uma fruta cair sobre sua cabeça), não posso agora deixar de pensar que um dos aspectos mais curiosos do funcionamento psíquico é a capacidade que temos de associar ideias a partir de mecanismos não-compreendidos ou não-abarcados pela lógica e pelas explicações cognitivistas mais elementares: aludo aqui à capacidade que as respostas para os problemas que perseguimos têm de virem à luz quando menos esperamos, eventualmente desencadeados por estímulos que, em si mesmos, são 'inofensivos'.

Chamando-me à janela, minha esposa fez-me ver, na rua de baixo, uma velha senhora que, sentada em uma cadeira, nada fazia. Seus olhos descansavam no horizonte. Um fato cotidiano e silencioso. Mais do que isso, um fato que faz parte da realidade de todos aqueles que conviveram e/ou convivem com velhos. Referindo-se a esta senhora, disse-me: "— Deus me livre ficar assim, sem ter o que fazer. Dói em mim só de ver". Ao que eu respondi, sem quaisquer pretensões epistemológicas ou sem qualquer aspiração de verdade, como ocorre entre os casais na intimidade do dia a dia: "Eu gostaria". Não pude deixar de notar sua perplexidade: ficou indisfarçavelmente impactada frente à minha inusitada resposta. Passados alguns segundos, no entanto, sua perplexidade deu espaço à compreensão de que, vindo de mim, tratava-se de uma resposta muito coerente com meu sistema de valores, desejos, afinidades e

crenças. Provavelmente saindo do seu próprio campo mental, retomou nossas conversas e, em um solilóquio, deve ter concluído: "— Sim, ele gostaria".

O que aqui está em jogo, é preciso adicionar, não é a sua perplexidade, e tampouco sua subsequente constatação de que minha resposta fazia sentido, mas a série de associações e *gestalts* que, naqueles brevíssimos segundos, haviam sido feitas por mim.

Perguntei-me: O que de fato eu gostaria? Ao que respondi para mim mesmo, na mesma e ilógica ordem que descrevo agora: —'O silêncio dos velhos, o mundo dos velhos, dedicar-me ao cuidado e ao estudo de velhos'. É escusado dizer que esse solilóquio não configura a formatação final de uma resposta sobre um problema de pesquisa; verdade seja dita, sua importância é, antes, a de constituir um ponto de partida – uma 'virada de chave' – a partir do qual vários pensamentos e sentimentos se associaram até que pude enfim começar a vislumbrar um programa de investigação.

Claro está, portanto, que o problema de pesquisa sobre o qual essa Tese de Titularidade se estrutura radica em uma profunda e íntima motivação pessoal. Seja como filósofo seja como psicólogo em formação, estou imbuído da convicção de que motivações pessoais não são conflitantes com motivações teórico-filosóficas. Muito pelo contrário: minha observação das relações entre o trabalho intelectual e as motivações pessoais em mim e em tantos outros me faz conceber que a potencialidade da reflexão filosófica em sua integralidade não se mostra senão quando construída a partir das questões que mais visceralmente mobilizam o sujeito. Com efeito, são as questões que estão mais radicalmente entranhadas em nossos corpos e em nosso psiquismo as que mais propensão possuem para impulsionar nossos esforços e transformar as dores e dificuldades da vida do pesquisador em prazer e propósito.

O que de fato eu gostaria, portanto? A resposta geral não poderia deixar de ser a mesma de quando iniciei meu curso de Psicologia: unir o mais estreitamente possível as pesquisas que conduzo como filósofo e como psicólogo. Afinal, concebo-me como um filósofo-psicólogo, ou ainda como um psicólogo-filósofo, e não como um *e* outro. Nessa esteira, a resposta específica para a pergunta 'O que de fato eu gostaria?' não poderia ser outra que não a seguinte: na mesma medida em que estou me formando um Psicólogo do Desenvolvimento e do Envelhecimento, quero, em Filosofia, me desenvolver e me constituir enquanto um Filósofo da Velhice e do Envelhecimento.

Em decorrência das décadas de experiência com a metodologia própria do trabalho filosófico, grande parte do investimento que tenho feito ao longo da minha formação em Psicologia tem sido o de perscrutar os fundamentos epistemológicos, metodológicos, estruturais e conceituais das teorias, abordagens e/ou perspectivas sobre as quais me debruço. Este trabalho de 'escavação' ou 'remoção de entulhos' em associação com uma ulterior 'construção' teórico-conceitual é, com efeito, o exercício mais persistentemente executado na formação de um profissional de Filosofia. Sou grato àqueles que, direta ou indiretamente, considero meus formadores em Filosofia: a maneira que aprendi a lidar com as minhas fontes talvez seja a contribuição mais importante que a formação filosófica tem me proporcionado em meu curso de Psicologia.

Por intermédio dessa perquirição de fundamentos, notei uma lacuna quanto à própria definição do conceito de 'desenvolvimento' no âmbito dos textos mais populares de Psicologia do Desenvolvimento. Não obstante muitas serem as definições disponíveis sobre 'Psicologia do Desenvolvimento' e muitas serem as discussões sobre os métodos de pesquisa mais usuais e/ou adequados para uma investigação na área, há, na literatura, um vazio considerável quanto à definição de 'desenvolvimento'. Encontramos muitas listas de princípios e critérios para que o desenvolvimento seja instanciado; no entanto, quando se trata de definir o conceito essencial desse ramo da Psicologia, o alvo é apenas margeado.

É comum encontramos promessas de definição do 'desenvolvimento' que não se cumprem; na maior parte dos casos, os compromissos assumidos pelos autores se traduzem em enumeração de teorias do desenvolvimento. Ademais, e talvez por conta da aspiração ao paradigma objetivista (quantitativo, experimental) de cientificidade que marca a história da Psicologia – uma ciência cujas origens formais remontam ao século XIX –, encontramos com mais frequência discussões sobre métodos em Psicologia do Desenvolvimento do que sobre o conceito de desenvolvimento.

O mesmo acontece com o conceito de 'velhice'; mas agora não apenas nos textos clássicos de Psicologia do Desenvolvimento. Tanto nos grandes manuais de Psicologia da Velhice e do Envelhecimento quanto nos de Gerontologia e Psicogerontologia, as tentativas de definição que analisei parecem não ter logrado êxito. No mínimo, falham em capturar a complexidade e diversidade da experiência do envelhecimento humano; por outro lado, e talvez em decorrência dessa insuficiência, perpetuam estereótipos que não apenas impedem uma compreensão do processo de envelhecimento e do fenômeno de velhice como, em outro nível, prejudicam ou retardam diretrizes de políticas públicas realmente eficazes para os velhos.

As ciências particulares possuem seus próprios fundamentos, o que quer dizer, seus princípios e preocupações de base. Por sua vez, e via de regra, esses elementos básicos trazem consigo a marca da universalidade, constituindo, destarte, a origem filosófica dessas ciências. Ora, assim como os galhos de uma árvore se sustentam todos sobre um mesmo tronco, as ciências particulares encontram o seu 'DNA' nas grandes preocupações filosóficas que invariavelmente estão nas suas origens. Esta é a razão pela qual a presença da Filosofia se impõe todas as vezes em que uma ciência esbarra em questões relacionadas a seus próprios fundamentos: assim nascem a Filosofia da Psicologia, a Filosofia da Psiquiatria, a Filosofia das Neurociências, a Filosofia da História, a Filosofia da Física, a Filosofia da Matemática, a Filosofia do Direito, a Filosofia (da) Política, a Filosofia da Linguagem, a Filosofia da Biologia, a Filosofia do Direito, e, dentre todas as atuações possíveis – algumas das quais tão ou mais populares que as citadas –, a Filosofia da Velhice e do Envelhecimento. Como não poderia deixar de ser, as ciências que, direta ou indiretamente, se dedicam à velhice e ao envelhecimento – entre elas, a Gerontologia, a Geriatria e a Psicologia do Desenvolvimento – se sustentam, de maneira mais ou menos explícita, sobre definições filosóficas de 'velhice', 'envelhecimento' e 'desenvolvimento', seus termos fundamentais. Debruçar-se sobre esses conceitos é a tarefa sobre a qual – creio – deve se alicerçar uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

Esta é, portanto, uma Tese que se propõe fundamentar uma posição em Filosofia da Velhice e do Envelhecimento, com efeitos imediatos para a Psicologia da Velhice e do Envelhecimento. Para ser mais preciso, esta é uma Tese que aspira a elencar algumas definições de base essenciais para a construção de uma abordagem filosófica sobre o processo de envelhecimento e os seus resultados, a velhice (enquanto fase da vida) e o velho (enquanto produto do fenômeno 'envelhecimento'). Pretendo, com essa Tese, lançar alguma luz sobre um tema que, pelo menos no Brasil, praticamente ainda não foi explorado em nível filosófico. Se serei exitoso em meu empreendimento, essa Comissão Especial Julgadora e o tempo dirão.

Sou empurrado pela compreensão de que os grandes manuais e obras introdutórias à Psicologia do Desenvolvimento pecam por insuficiência explicativa e/ou conceitual ou ainda por se alicerçarem em concepções e teorias viesadas e/ou estereotipadas sobre a velhice, o envelhecimento e o velho. De outra maneira: por concepções e teorias nas quais se perde de vista a complexidade e a diversidade da experiência do envelhecimento humano.

Diante desse diagnóstico, julgo ser possível oferecer alguma contribuição para o desenvolvimento de um sistema em Filosofia da Velhice e do Envelhecimento, ainda que apenas por meio de um esclarecimento conceitual de seus termos-chave, a exemplo de 'desenvolvimento', 'envelhecimento' e 'velhice'.

Por outro lado, acredito na possibilidade que essa Tese tem de oferecer uma visão crítica da velhice no cenário atual. Buscando ampliar a perspectiva do modelo biomédico – cuja finalidade não ultrapassa a do combate a doenças – sustentarei uma versão do modelo atualmente conhecido como biopsicossocial, em sua proposta de expandir a visão integral do cuidado comparativamente ao modelo biomédico, e no qual se concebe o velho a partir da complexão das dimensões físicas, psíquicas, sociais e espirituais. A prevalência do modelo biomédico, é importante considerar, está associada à ideia de envelhecimento como 'limitação', 'inutilidade' e 'doença' e, por isso mesmo, à maior parte das representações sociais negativas da velhice e à subsequente profusão de estereótipos.

Debruçar-se sobre a relação entre determinados modelos teóricos e representações sociais da velhice e do envelhecimento é uma das metas que meu trabalho assume. Com efeito, existe uma dimensão na qual faz sentido afirmar que o discurso social constrói a velhice: quero com isso dizer que, embora seja verdade que os termos a que usualmente recorremos para fazer discursos sociais sobre o envelhecimento não tenham força epistemológica para conceituar o que é a velhice, é verdade também que esses termos produzem seus efeitos. Está longe de ser trivial a relação entre os paradigmas (modelos teóricos) sobre os quais nos sustentamos e suas consequências. No entanto, a análise dessas relações é relevante no tanto quanto nos permite acessar em algum nível o papel desempenhado pelas macronarrativas e concepções gerais sobre nossas representações sociais, inclusive dos grupos a que pertencemos. Em outras palavras, permite-nos pelo menos decodificar alguns vieses.

Sob a égide do naturalismo constitutivo do modelo biomédico, corremos o risco de reduzir o escopo de nossa definição à noção geral – limitada e equivocada – de envelhecimento como um espaço de declínio. Nesse contexto, tende-se a conceber a senescência em termos de decréscimo cognitivo, ou seja, sob o aspecto de perda e/ou alteração de memória, inteligência e personalidade.

Adicionalmente, e como um 'outro lado dessa mesma moeda', as determinações inerentes ao modelo biomédico estão por trás do ocultamento da subjetividade. Em **A velhice**[8], Simone de Beauvoir nos adverte sobre os riscos nos quais incorre uma Psicogerontologia aos moldes da fisiologia, baseada na Psicometria. Sob o jugo dessa metodologia, trata-se o sujeito apenas do ponto de vista do 'exterior', isto é, de sua atividade neural ou comportamental, os únicos resultados possíveis a que se chega por meio das condições artificiais e abstratas das experimentações laboratoriais, "bem diferentes da realidade prática e viva"[9]. Em perfeita sintonia com o que chamamos de modelo biopsicossocial, Beauvoir afirma o princípio sobre o qual me sustentarei: "Quando, mais adiante, eu estudar a Psicologia dos velhos, irei fazê-lo numa perspectiva global, ligando-a a um contexto biológico, existencial, social"[10].

Para o desenvolvimento de uma posição em Psicologia da Velhice e do Envelhecimento a partir de uma perspectiva global – ligada, enquanto tal, a um contexto biológico, existencial e social – inspiro-me, primeiramente, na Filosofia da Mente e das Neurociências, cujo soerguimento passa de maneira muito especial por suas 'ramificações teóricas', isto é, por sua abertura à inter-, à multi – e à transdisciplinaridade desde suas origens. Assim como ocorre na Filosofia da Mente e das Neurociências, a transdisciplinaridade em particular é a óbvia solução para impedir que a Filosofia da Velhice e do Envelhecimento se perca em meio às limitações que invariavelmente se seguem de uma postura metodológica baseada na fragmentação do saber. Da minha convicção de que o próprio mundo é multi-, inter – e/ou transdisciplinar, se segue minha busca pela união o mais harmônica possível de alguns dos mais diversos – e, no entanto, complementares – olhares e saberes constituídos sobre o envelhecimento e a velhice.

À dificuldade de pensar uma Psicologia da Velhice e do Envelhecimento a partir de uma perspectiva multi-, inter – e/ou transdisciplinar se associa meu interesse em conciliar abordagens supostamente díspares, como a Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural. Minha intenção é a de advogar que, longe de oferecem visões incompossíveis do que é o humano, essas abordagens antes se complementam na capacidade que têm de iluminar diferentes aspectos do fenômeno do envelhecimento e de seus resultados, a velhice e o velho.

---

[8] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

[9] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 43.

[10] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 43.

No ano de 2025, quando escrevo esse Prefácio, há ainda poucas referências psicanalíticas sobre o envelhecimento e a velhice. No entanto, há muito mais referências do que havia há mais ou menos 3 décadas, momento em que uma das Delia Catullo Goldfarb, uma das pioneiras da discussão no Brasil, afirma:

> Quando se deseja abordar a questão do envelhecimento do ponto de vista da Psicanálise, uma das maiores dificuldades a ser enfrentada é a falta de bibliografia específica sobre o tema. Seria falso dizer que o mesmo nunca interessou aos psicanalistas, como testemunham os trabalhos de Abraham (1920), Ferenczi (1921), Erikson (1970) e Eliot Jaques (1963, citado por Krassoievitch, 1993) entre outros, mas esta área teve pouco desenvolvimento entre os seguidores de Freud. Poderíamos pensar que esta atitude talvez se deva ao fato do próprio Sigmund Freud ao menos em três ocasiões, ter-se mostrado contrário à aplicação do método psicanalítico em pacientes de "idades avançadas"[11].

Em que pese a suposta carência histórica de referências bibliográficas, é escusado argumentar sobre as contribuições que a Psicanálise tem a oferecer quanto à compreensão da dinâmica intrapsíquica e da subjetividade de velhos. O inconsciente não envelhece e, além disso, o desejo se sustenta ao longo do tempo. Como nos ensina Ângela Mucida[12]: o desejo possui um caráter indestrutível, e a velhice, portanto, deve ser pensada em termos de como 'se veste esse desejo'. Também nos ensina Ana Maria de Almeida Guerra[13] que a Psicanálise, ao focar no singular, "resgata o sujeito do inconsciente" das categorizações sociais: "a Psicanálise, ao contrário da ciência moderna, interessa-se pelo que é único em cada sujeito, mas antes e acima de tudo, interessa-se pelo sujeito propriamente dito"[14]. Nesse sentido, a perspectiva psicanalítica escapa do risco que o modelo biomédico incorre de ocultamento da subjetividade, porquanto inere à Psicanálise a concepção de que o sujeito não se presta ao enquadramento em

[11] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1997. 96 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo, 1997. Orientador: Prof. Dr. Renato Mezán. [edição digital]. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 3

[12] MUCIDA, Ângela Maria de Sousa. **O sujeito não envelhece**: Psicanálise e velhice. 2ª edição revisada. 6ª reimpressão. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2025. Ano original de publicação: 2004. 230 p.

[13] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. [edição digital]. Acesso em 11 de Julho de 2025.

[14] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. [edição digital]. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 19.

categorias – nem mesmo às de idoso ou velho – e de que, portanto, a singularidade do sujeito desejante não está sujeita à exclusão.

A Psicologia Histórico-Cultural não apenas se compatibiliza com a Psicanálise, como a complementa no que diz respeito à intenção que assumo de pensar o envelhecimento e a velhice para além das limitações constitutivas do modelo biomédico e de suas consequências centrais, quais sejam, a adstrição a classificações etárias ou a características biológicas e psicológicas. Naturalmente, as abordagens não são sinônimas; tampouco 'irmãs': para além do que as une, a Psicologia Histórico-Cultural se particulariza por sua concepção de que as 'relações sociais de produção' e a 'atividade dominante' (maneira como o indivíduo se relaciona com a realidade) servem como guias para o desenvolvimento humano, incluindo a velhice. À proposição psicanalítica de que o desejo é indestrutível, unirei, ao longo dessa Tese, a concepção do caráter criador do homem, tão característica da Psicologia Histórico-Cultural: trata-se do entendimento de que produzimos cultura e de que, por isso mesmo, e simultaneamente, nos produzimos a nós mesmos. Humanizamo-nos na mesma medida em que nos apropriamos do nosso tecido cultural. Não há como pensar em produção de si mesmo e apropriação do tecido cultural sem o motor do desejo, nos mesmos moldes do que propõe a Psicanálise. Nesse sentido, ambas as perspectivas, a Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural estão unidas em torno do propósito de superação do determinismo biológico e cronométrico e de uma subsequente compreensão do homem em sua totalidade.

No momento em que escrevo essa primeira parte do Prefácio, antes mesmo de dar início à redação do Desenvolvimento da Tese, reconheço a ousadia e a dificuldade da proposta. Chego a questionar se são suficientes os meses que me separam de 20 de Março de 2026, data da Defesa. Reconheço também, e por outro lado, que o sucesso da aspiração aqui exposta depende apenas da força dos argumentos, e, como jamais poderia deixar de ser, de uma sustentação teórica, conceitual, metodológica e estrutural séria e honesta. Reconheço, outrossim, e por fim, que posso também ousar e entregar uma Tese incompleta: por que não defender uma Tese em construção? Não será toda Tese um trabalho intrinsecamente incompleto e em construção?

Teorias não são 'cláusulas pétreas': muito pelo contrário, estão sempre abertas a intervenções e/ou revisões em vista de formulações teóricas mais robustas e abrangentes. É com base nessa compreensão que aspiro a estruturar uma Tese dedicada a repensar os conceitos fundamentais da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia da Velhice e do Envelhecimento para então idealizar o que concebo como as linhas orientadoras de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

Para viabilizar esse trajeto, recorro a uma pesquisa qualitativa, com abordagem majoritariamente teórica e conceitual, e com o uso de análise textual. Este desenho metodológico – sobre o qual falarei com mais detalhes na seção 'Metodologia' – não apenas me permitirá explorar o problema em profundidade, como também me autorizará a explicitar, ao longo do percurso, minha própria 'história', minha 'bagagem cultural' e minhas 'experiências' como pesquisador. Todos esses aspectos, ressalto, são capazes de modular não apenas nossa escolha por nossos temas, mas também o conjunto de significados que atribuímos a nossos dados. Por essas características, a perspectiva qualitativa, e mais particularmente a centrada nas ferramentas teóricas e conceituais, é efetivamente a mais apropriada para um trabalho associado à Promoção funcional para o atual topo da Carreira Docente, e o qual, por isso mesmo, se presta a coroar uma história na Universidade que é também pessoal.

Muitas são as expectativas quanto à relevância do trabalho e quanto à contribuição que tenho a oferecer, nos planos científico, social e acadêmico. Do ponto de vista científico, a expectativa é a de que o desenvolvimento de um modelo teórico centrado em definições conceituais mais precisas e menos estereotipados sobre os conceitos de 'envelhecimento', 'velhice' e 'desenvolvimento' possa preencher algumas lacunas ainda existentes e impulsionar a evolução de novas perspectivas em teorias do envelhecimento e, ademais, a superação de estereótipos, insuficiências e vieses. As contribuições científicas possuem efeitos sociais importantes, na medida em que a desconstrução de estereótipos e a consequente promoção de uma visão mais adequada do processo de envelhecer e da fase de vida 'velhice' pode promover políticas públicas efetivamente pertinentes e eficazes e, no mesmo sentido, desenvolvimento saudável e qualidade de vida na velhice. Com efeito, o estudo da velhice deve contribuir para evitar papéis sociais que condizem com macronarrativas culturais e políticas desfavoráveis à população idosa. Por fim, a expectativa é a de que o trabalho tenha condições de enriquecer o acervo acadêmico da Universidade brasileira, e particularmente a Universidade Federal de Uberlândia, fortalecer o 'Grupo de Pesquisa Filosofia/Psicologia da Velhice e do Envelhecimento a partir das perspectivas da Psicanálise e da Psicologia Histórico-Cultural'[15] e contribuir para a atualização curricular, municiando, no que tange ao problema em questão, perspectivas avançadas e menos viesadas aos futuros profissionais, especialmente aqueles que se dedicarão ao envelhecimento e a velhice, seja na Filosofia, na Psicologia, nas Ciências Sociais ou, dentre outras possíveis, nas Ciências da Saúde.

[15] O espelho do Grupo pode ser conferido em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/797671>.

É nesse horizonte de compreensão epistemológica e pessoal que a Tese aqui apresentada se insere. Meu interesse é o de nos fazer vislumbrar – ainda que por espelho, e em enigma –, a complexidade e as tantas dimensões da velhice e do desenvolvimento humano, de sorte a contribuir para o desenvolvimento de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento como campo no Brasil.

Este é o primeiro (e talvez o único) trabalho institucional em que a responsabilidade é inteiramente minha. Diferentemente da Monografia de Final de Curso e da Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado em Filosofia já escritas, e, na mesma medida, diferentemente do Trabalho de Conclusão de Curso e da Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado em Psicologia que escreverei, não há, aqui, orientador ou supervisor. Aproveito essa experiência de autonomia para expressar o modo como gosto de escrever, formatar e referenciar um trabalho. Em alguns momentos, minha redação pode soar prolixa e minhas referências em nota de rodapé podem parecer exageradas. Acho que não apenas soará, mas de fato será o caso: assim como as memórias detalhadas dos velhos em um mundo no qual se preza pela inovação, pela aceleração e pela sucintez, essa Tese também traz a marca da resistência e do anacronismo.

***

18 de Dezembro de 2025. Retomo esse Prefácio 11 meses após iniciar sua redação e 5 meses após a última revisão. Com algum alívio e ainda 'sem que minha ficha tenha caído', dou início ao encerramento de um ciclo em que estive permanentemente transitando na tênue fronteira que separa os limites do esforço intelectual e o esgotamento. Vivi, ao longo desses meses, uma entrega física e emocional para a qual, confesso, eu não estava inteiramente preparado. Se na primeira parte deste texto, redigida no início de 2025, eu anunciava um projeto, agora contemplo os escombros e as edificações de sua execução.

A construção desta Tese de Titularidade não foi um exercício de gabinete realizado nos intervalos do conforto acadêmico. Foi, antes, uma maratona extenuante, vivida em um regime de trabalho ininterrupto, de domingo a domingo, sem descanso, sem tréguas. A exaustão que sinto agora não é apenas o cansaço de quem escreveu centenas de páginas, mas o peso de quem precisou sustentar, na escrita, a densidade da vida que se esvai.

Entre aquela primeira parte do Prefácio e este momento de conclusão, interpôs-se a realidade crua descrita no Capítulo 4 e documentada no meu Diário de Estágio. A vivência na 'Casa de Repouso Residencial Melhor Idade', onde atuei como estagiário de Psicologia entre Julho e Dezembro de 2025, e continuarei atuando até Julho de 2026, foi o ponto de inflexão desta jornada. Ali, confrontado com a finitude, com o esvaziamento que inere à demência, com a solidão e com o falecimento de uma querida residente, a teoria foi despida de sua assepsia.

É preciso registrar que iniciei a trajetória desta Tese — e, em certa medida, o próprio curso de Psicologia — movido por um desejo, talvez inconsciente, de mudar de área, de deixar o Instituto de Filosofia, de abandonar a identidade de filósofo que carreguei por décadas. Imaginava que a Psicologia me ofereceria um novo chão, mais concreto, longe das abstrações que, por vezes, pareciam-me áridas.

Contudo, a ironia do destino, ou talvez a astúcia da razão, revelou-me o oposto. Ao longo desse tempo, especialmente na escuta clínica dos velhos institucionalizados, percebi que meu caminho não é o abandono da Filosofia, mas o seu aprofundamento. Percebi que a escuta qualificada, a análise da existência e a ética do cuidado são, em sua essência, atos filosóficos. Meu caminho talvez esteja, afinal, na Filosofia; não naquela distante e acadêmica, mas numa Filosofia encarnada, capaz de suportar o olhar sobre a fragilidade humana.

Não quero, no entanto, falar de um futuro profissional. Novas reviravoltas podem surgir. Meu desejo mais imediato é o de atravessar o rito da defesa, de ter um material digno de inserir no Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia e de alcançar o tão aspirado cargo de Professor Titular do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia; ou melhor, da Unidade Federal brasileira.

Ainda falta concluir meu Estágio Profissionalizante e meu Curso de Psicologia, cuja finalização está prevista para o final de Abril de 2026.

Resta-me, posteriormente, descansar, pois, já no próximo ano, darei início ao meu 4º (quarto) período de Pós-Doutorado — já previsto para ocorrer sob a supervisão do Prof. Pedro Ramos Dolabela Chagas entre 2027 e 2028. Diferentemente dos outros 3 (três) períodos, essa experiência não constituirá uma etapa de produção frenética; será, antes, marcado pelo ingresso em um necessário período de silêncio e reclusão. Assim como os velhos que acompanhei, sinto a necessidade de me recolher, de deixar decantar a experiência, de silenciar as vozes da demanda externa para, quem sabe, reencontrar a minha própria.

Uberlândia-MG (Brasil), 18 de Dezembro de 2025.

Versão original da primeira parte do Prefácio escrita entre 27 de Janeiro de 2025 (Segunda-feira) e 16 de Fevereiro de 2025 (Domingo).
Primeira revisão do Prefácio (com poucas alterações e sem acréscimos) realizada entre os dias 26 de Abril de 2025 (Sábado) e 27 de Abril de 2025 (Domingo).
Segunda revisão do Prefácio (com alterações e acréscimos substantivos) empreendida entre os dias 26 de Junho de 2025 (Quarta) e 12 de Julho de 2025 (Sábado).
Terceira revisão do Prefácio (inclusão de um parágrafo) realizada no dia 19 de Julho de 2025 (Sábado).

Versão original da segunda parte do Prefácio escrita em 18 de Dezembro de 2025 (Quinta-feira)

Quarta revisão da primeira parte do Prefácio (com poucas alterações e sem acréscimos) realizada entre os dias 01 e 02 de Março de 2026 (Domingo e Segunda)
Primeira revisão da segunda parte do Prefácio (com poucas alterações e sem acréscimos) realizada entre os dias 01 e 02 de Março de 2026 (Domingo e Segunda)

Introdução

Intitulada 'Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento', a Tese aqui introduzida nasce de uma daquelas inquietações fundamentais que inerem ao nosso tempo: por um lado, é verdade que estamos plenamente imersos em uma era que se arroga a da 'revolução da longevidade'. Não há dúvidas quanto aos avanços: a expectativa de vida duplicou em relação aos séculos anteriores, e os dispositivos e ferramentas proporcionados pelas ciências médicas e pela Gerontologia permitem um considerável avanço no envelhecimento com maior qualidade de vida. Ocorre, no entanto, que ainda resta por cumprir um problema existencial e psicológico de primeira plana: ainda carecemos de uma linguagem ética e simbólica capaz de dar sentido aos anos que foram acrescidos à existência humana. Diante do exposto, o problema central que mobiliza esta investigação não é a velhice enquanto fato biológico ou estatístico, mas o estatuto do sujeito que envelhece em uma sociedade que, paradoxalmente, celebra o prolongamento da vida enquanto nega a dignidade da velhice.

Parto da constatação de que a Gerontologia e as ciências da saúde muitas vezes falham em compreender a pessoa idosa como um sujeito de desejo e de história, conquanto tenham avançado na descrição dos mecanismos do envelhecimento celular e na gestão das doenças crônicas. A predominância de uma 'razão cronométrica' – para usar o termo consagrado por Jan Baars[16], um dos autores responsáveis pelo soerguimento de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento – reduz o envelhecimento a uma contagem de anos ou a um processo de *déficit* progressivo e, ato contínuo, obscurece por completo a dimensão existencial de viver no tempo. O velho é frequentemente capturado pelo 'modelo biomédico', em cujo interior o sujeito é objetificado como um corpo em decadência; às vezes, e atualmente com mais frequência, a objetificação envereda pelo discurso do 'envelhecimento bem-sucedido', em que se lhe impõe uma normatividade de produtividade e jovialidade que, no limite, recusa a própria velhice.

[16] BAARS, Jan. Problematic foundations: theorizing time, age, and aging. BENGSTON, Vern L. SETTERSTEN JR., Richard (Eds.). **Handbook of theories of aging**. 2nd edition. New York, NY: Springer, 2009. Chap. 5. p. 87-100; BAARS, Jan. **Aging and the art of living**. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2012. 298 p.; BAARS, Jan. Critical turns of aging, narrative and time. **International Journal of Ageing and Later Life**, v. 7, n. 2, p. 143-165, 2012.

Este cenário configura o que Simone de Beauvoir[17] denunciou, com precisão cirúrgica, como a 'conspiração do silêncio': focada na produção e no consumo, a sociedade moderna trata os velhos como 'párias', recusando-se a reconhecer neles a nossa própria humanidade e destino. A velhice torna-se, assim, um 'segredo vergonhoso', um 'irrealizável' em que o sujeito não se reconhece na imagem que o espelho ou o olhar do outro lhe devolvem. Portanto, o problema que esta Tese enfrenta é o seguinte: como restituir ao velho a sua condição de sujeito? Como pensar uma Filosofia e uma Psicologia que não apenas 'gerenciem' a velhice, mas que reconheçam nela uma fase legítima de desenvolvimento, com tarefas psíquicas próprias e uma dignidade inalienável?

Para responder a este desafio, proponho uma articulação transdisciplinar cuja finalidade é a de retirar a velhice do gueto da patologia.

No Capítulo 1, dedico-me a desconstruir uma confusão conceitual reinante. É imperativo distinguir o envelhecimento (processo biológico e universal), a velhice (fase da vida ou estado social) e o velho (o sujeito singular). Contra a visão de que o desenvolvimento cessa na idade adulta, adoto a perspectiva *life-span* (desenvolvimento ao longo de toda a vida), defendendo que a ontogênese é um processo contínuo de ganhos e perdas, em que a plasticidade e a capacidade de adaptação permanecem presentes até o fim.

No Capítulo 2, enfrento o problema da subjetividade diante da finitude. Se a Psicanálise clássica, por vezes, hesitou diante da rigidez do idoso, busco, em Donald Woods Winnicott, a chave para uma clínica da esperança. A tese que sustento é a de que a velhice impõe uma tarefa de amadurecimento pessoal específica: a conquista da 'capacidade de morrer'. Argumento que, para o sujeito, envelhecer não é apenas sofrer perdas, mas realizar o trabalho psíquico de 'integrar a de-integração', aceitando a dependência e a finitude não como fracassos, mas como o fechamento natural do ciclo vital, desde que sustentado por um ambiente facilitador ou uma 'clínica do *holding'*.

[17] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

No Capítulo 3, desloco o olhar do intrapsíquico para o social e histórico. O sujeito que envelhece não é uma mônada isolada; é, com efeito, e primordialmente, constituído pela memória e pela narrativa. Contra a 'morte social' imposta pela aposentadoria e pela desvalorização cultural, defendo, com Ecléa Bosi[18] e a Psicologia Histórico-Cultural, que a memória na velhice não é um refúgio nostálgico, mas uma memória-trabalho. O ato de narrar a própria história é um ato político de resistência e de enraizamento, fundamental para a manutenção da identidade em um mundo em transformação acelerada.

Por fim, no Capítulo 4, a teoria é confrontada com a práxis. Apresento reflexões oriundas de uma imersão no cotidiano de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Ali, onde o silêncio e o isolamento muitas vezes imperam, demonstro como a escuta qualificada e a aplicação dos conceitos de *holding* e narrativa podem resgatar a subjetividade ameaçada.

Esta Tese, portanto, nasce para ser mais que um exercício acadêmico. Minha intenção é a de que esse trabalho seja um manifesto em defesa de uma velhice habitada por sujeitos. Busco convencer a mim mesmo – e, se possível, meus leitores – que, mesmo diante do declínio do corpo, o desenvolvimento humano persiste, e que a tarefa da Psicologia e da Filosofia é fornecer as ferramentas para que esse tempo final seja vivido não como um naufrágio, mas como a consumação de uma biografia.

[18] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p; BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p.; BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/4301. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

Método

Em sintonia com John Ward Creswell e John David Creswell[19], coautores da 5ª edição do consagrado **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**, creio não poder haver dúvidas quanto ao fato de que uma das decisões mais críticas de uma pesquisa – senão a mais capital – é a de "definir a abordagem mais apropriada para se estudar um tópico". Trata-se, essa definição, da tarefa que se impõe ao pesquisador de responder se a sua pesquisa será (i) qualitativa, (ii) quantitativa ou (iii) mista, envolvendo, nesse último caso, aspectos qualitativos e quantitativos. Também em conformidade com os ensinamentos de Creswell e Creswell, a 'abordagem de pesquisa' constitui uma dimensão complexa, resultante da associação entre o "planejamento" e os "procedimentos" de pesquisa; em conjunto, planejamento e procedimentos açambarcam as decisões que a pesquisa precisar tomar a partir do momento de sua idealização, incluindo desde seus "pressupostos gerais" até seus "métodos detalhados de coleta, análise e interpretação de dados". Na definição de 'abordagem de pesquisa', estão igualmente incluídas as definições sobre a 'natureza do problema' e sobre a 'questão da pesquisa', sem deixar de contar a presença ou não das experiências pessoais do pesquisador e do público para o qual se destina o trabalho. Quando então o pesquisador decide por uma abordagem de pesquisa em detrimento de outra, está se comprometendo explicitamente com (i) os pressupostos filosóficos sobre os quais se sustenta o método associado à abordagem, com (ii) os procedimentos de investigação (desenho de pesquisa) e com (iii) os métodos de pesquisa específicos para coleta, análise e interpretação dos dados.

Concebidos de maneira geral, os problemas que escolhi tratar – *grosso modo*, os conceitos de 'velhice', 'envelhecimento' e 'desenvolvimento' – permitiriam seu escrutínio por diversas abordagens e por seus respectivos pressupostos filosóficos, bem como por distintos desenhos e métodos ou procedimentos. Por essa razão, é crucial que, antes mesmo de avançar para o primeiro capítulo, eu apresente: (i) a abordagem de pesquisa (1. Abordagem de pesquisa: pesquisa qualitativa), (ii) os pressupostos da perspectiva filosófica que sustentam a abordagem escolhida (2. Pressupostos da perspectiva filosófica), (iii) o desenho de pesquisa (3. Desenho de pesquisa) e (iv) os métodos ou procedimentos de pesquisa (4. Métodos ou procedimentos).

[19] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 44.

1. Abordagem de pesquisa: pesquisa qualitativa

Dentre as três grandes abordagens de pesquisa, a (i) qualitativa, a (ii) quantitativa e (iii) a mista, elejo a abordagem qualitativa para a condução de meu trabalho. Parto, para tanto, da compreensão sustentada por Creswell e Creswell[20] de que, apesar de quaisquer semelhanças que possam sustentar com a abordagem quantitativa, o método qualitativo se baseia mais em palavras e em dados fornecidos por textos e/ou imagens do que em números, também singularizando-se em relação à abordagem quantitativa nas suas maneiras de coletar, tratar e equacionar seus materiais.

A abordagem qualitativa é particularmente adequada para investigações que, assim como a apresentada aqui, se propõem aumentar nossa compreensão quanto a fenômenos complexos, subjetivos e contextuais. Com efeito, a abordagem qualitativa "é uma abordagem voltada para a exploração e para o entendimento do significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano", requerendo, destarte, "as interpretações do pesquisador acerca do significado dos dados", de onde advém o foco dos pesquisadores qualitativos "no significado individual e na importância do relato da complexidade de uma situação"[21]. Ademais, e considerando a natureza filosófica e teórica das reflexões sobre as quais se sustentam essa Tese, é demandado, por parte do pesquisador, uma análise interpretativa e reflexiva, centrada em textos e em argumentos, características típicas da pesquisa qualitativa. Com efeito, as possibilidades que inerem à abordagem qualitativa permitem-nos explorar nuances, contradições e múltiplas perspectivas presentes na literatura, ao mesmo tempo que, por princípio, nos desobriga de quaisquer pretensões de generalizações ou mensurações estatísticas.

Em uma pesquisa qualitativa, os pesquisadores são o instrumento fundamental do trabalho; dentre os motivos, porque coletam e examinam pessoalmente seus documentos. Mesmo que sigam protocolos, não "costumam utilizar ou tomar como base para seus estudos questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores"[22]. Antes, uma pesquisa

[20] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 45; parte II, cap. 9, p. 264.
[21] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 45.
[22] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS:

qualitativa permite a abertura para múltiplas fontes de dados: mais do que a presença das múltiplas fontes sobre as quais se debruçam o trabalho investigativo do pesquisador qualitativo (entrevistas, observações, documentos e informações audiovisuais), a pesquisa qualitativa concebe e trata seus dados como abertos, de modo que é permitido aos pesquisadores e eventuais participantes se expressarem para além do que determinam as escalas ou instrumentos predeterminados que tanto caracterizam a pesquisa quantitativa.

Outra característica da pesquisa qualitativa, e que mui bem expressa minha abordagem, é a análise de dados por meio de critérios indutivos e dedutivos. Como bem afirmam Creswell e Creswell[23], pesquisadores qualitativos trabalham em um nível indutivo quando criam "padrões, categorias e temas de baixo para cima", o que significa, pelo esforço de "organização dos dados" em "unidades de informação cada vez mais abstratas". Por outro lado, trabalham em um nível dedutivo quando "refletem sobre seus dados a partir dos temas para determinar se mais evidências podem apoiar cada tema ou se precisam reunir informações adicionais"[24]. O processo da pesquisa qualitativa, dessa maneira, envolve um início indutivo e um subsequente tratamento dedutivo.

A pesquisa qualitativa também implica uma dimensão denominada por Creswell e Creswell[25] de 'projeto emergente'. Trata-se, *grosso modo*, da liberdade que o pesquisador qualitativo tem de se desviar da prescrição metodológica inicial: é possível que algumas ou todas as fases do processo sejam modificadas ou deslocadas em função de como somos direcionados pela coleta de dados. Possíveis mudanças de pesquisa, nesse cenário, não implicam falhas metodológicas; antes, "sinalizam que os pesquisadores estão analisando o tópico ou o fenômeno em estudo com uma profundidade cada vez maior"[26]: a aprendizagem na

---

Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 268.

[23] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 45; parte II, cap. 9, p. 268.

[24] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 45; parte II, cap. 9, p. 268.

[25] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 269.

[26] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 269.

pesquisa qualitativa é dinâmica, decorrente da interação com o objeto, sejam este os participantes ou os documentos.

Desde suas origens, a pesquisa qualitativa é definida pela reflexividade. Quero com isso dizer, junto com Creswell e Creswell[27], que esse gênero autoriza que a pesquisa se autodetermine por aspectos que, na pesquisa quantitativa, são sistematicamente encobertos ou escondidos: incluem-se, aí, o papel do pesquisador no estudo, sua história, sua bagagem cultural e suas experiências. Todos esses aspectos, ressalte-se, são capazes de modular não apenas nossa escolha por nossos temas, mas também o conjunto de significados que atribuímos a nossos dados. Diante da suposta objeção de que esses aspectos constituem uma (indesejada) interferência de vieses e valores, podemos replicar que, desde seu nível mais fundamental, a direção de um estudo não prescinde do histórico geral dos pesquisadores. Negar essa correlação implica negar a própria subjetividade do pesquisador, o que resulta em absurdo; acredito, no entanto, não estar essa objeção no radar crítico de um pesquisador quantitativo bem formado em questões de Filosofia e de método.

Uma das dimensões constitutivas da pesquisa qualitativa é a expectativa, nutrida pelo pesquisador, de "desenvolver um quadro complexo do problema ou questão que está sendo estudada"[28]. A pesquisa qualitativa, ao fim e ao cabo, aspira a oferecer "o relato de múltiplas perspectivas", identificar os "muitos fatores envolvidos em uma situação" e, *ipso facto*, "o esboço do quadro mais amplo que emerge". O modelo da pesquisa qualitativa, dessarte, não se explica pelo paradigma da linearidade de causa efeito; antes, aponta para a construção de modelos centrados em "múltiplos fatores que interagem de diferentes maneiras". Trata-se, aqui, da compreensão do pesquisador qualitativo de que a sua visada intenciona abarcar a "vida real e como os eventos operam no mundo real"[29]. Centrando-se nesse modelo, cuja proposta é a de abarcar as múltiplas facetas de um processo ou de um fenômeno central, a pesquisa qualitativa,

[27] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 269.
[28] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 269.
[29] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 269.

podemos dizer, estrutura-se a partir do ideal de lidar com um quadro holístico como resultado do seu recorte metodológico.

Last but not least, uma das características axiais da pesquisa qualitativa é a de se constituir enquanto uma pesquisa interpretativa. Há, entre o investigador e seu objeto, intervenções "estratégicas, éticas e pessoais ao processo de pesquisa qualitativa"[30]: John Ward Creswell e John David Creswell denominam essas intervenções de reflexividade do pesquisador. Isso quer dizer que, desde que consigamos detectar as preocupações dos pesquisadores, somos capazes de identificar, explicitamente ou não, "seus vieses, valores e históricos pessoais, como gênero, história, cultura e *status* socioeconômico" e a força desses aspectos em moldar as "interpretações realizadas durante um estudo"[31]. Ainda no que concerne à reflexividade e ao papel do pesquisador, há, na pesquisa qualitativa, uma explícita determinação das experiências do pensador em suas interpretações, o que se expressa, por exemplo, (i) em sua inclinação para determinados temas, (ii) na procura persistente de evidências a favor de suas posições e (iii) na visada direcionada para extrair conclusões favoráveis e desfavoráveis em relação às suas fontes de dados. A reflexividade, é importante ressaltar, não prescinde da atividade crítica do pesquisador em relação ao reconhecimento dos limites que separam as "discussões sobre as experiências pessoais" da "importância do conteúdo ou dos métodos em um estudo"[32].

[30] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 272.; LOCKE, Lawrence; SPIRDUSO, Waneen Wyrick; SILVERMAN, Stephen J. **Proposals that work**: A guide for planning dissertations and grant proposals. 6th ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013. Original year of publication: 1976. 408 p.

[31] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 272.

[32] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte II, cap. 9, p. 273.

Mais do que definir se uma abordagem de pesquisa será qualitativa, quantitativa ou mista, cumpre também delinear, em sintonia com o que propõe Creswell e Creswell[33], seus (i) pressupostos filosóficos e seus distintivos (ii) métodos ou procedimentos. Para além da abordagem qualitativa de pesquisa, tenho também em mente o que Creswell e Creswell[34] chamam de "abordagem de pesquisa ampla", o que significa, "o desenho ou proposta para conduzir uma pesquisa", abrangendo "a intersecção entre Filosofia, desenho de pesquisa e métodos específicos". Mais precisamente, o planejamento do estudo envolve, respectivamente, a consideração (i) dos "pressupostos da perspectiva filosófica que o pesquisador traz ao estudo", (ii) do "desenho de pesquisa que está relacionado a esta perspectiva" bem como (iii) dos "métodos ou procedimentos de pesquisa específicos que traduzem a abordagem em prática"[35].

2. Pressupostos da perspectiva filosófica

Como está bem delimitado tanto por Creswell e Creswell[36] quanto, dentre outros, por Slife e Williams[37], uma abordagem de pesquisa é, direta ou indiretamente, influenciada por uma perspectiva filosófica abrangente. Por isso mesmo, cabe ao pesquisador identificar e nomear seus pressupostos filosóficos a partir do momento em que começa a planejar a metodologia de seu trabalho, posto que, não raramente, essas perspectivas estejam implícitas. Com efeito, a perspectiva filosófica assumida em uma pesquisa é o que explica o motivo pelo qual sua abordagem será qualitativa, quantitativa ou, alternativamente, mista.

---

[33] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47.

[34] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47.

[35] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47.

[36] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47-48.

[37] SLIFE, Brent Donald; WILLIAMS, R. N. **What's behind the research?** Discovering hidden assumptions in the behavioral sciences. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995. 264 p.

Essas perspectivas ou pressupostos dizem respeito à orientação filosófica geral assumida pelo pesquisador não apenas quanto à natureza da pesquisa, mas também quanto à própria natureza do mundo. Tratam-se, em outras palavras, do pano de fundo epistemológico e valorativo de uma determinada comunidade disciplinar.

Segundo Creswell e Creswell[38], quatro são as perspectivas filosóficas mais amplamente presentes nas pesquisas e, consequentemente, mais discutidas na literatura de metodologia em pesquisa: (i) pós-positivista, (ii) construtivista (ou construcionista social, termo que prefiro ao primeiro), (iii) transformativa e (iv) pragmática.

O construcionismo social[39] é a perspectiva que de fato melhor açambarca a minha cosmovisão e, em consequência, minhas orientações epistemológicas, incluindo-se, aí, meus pontos de vista estruturais, teóricos, conceituais e metodológicos. O conjunto de pressupostos filosóficos que reunimos sob a alcunha de construcionismo social tende a estar mais relacionado à abordagem qualitativa que à quantitativa. Dentre os princípios básicos do construcionismo social, está a convicção de que os indivíduos se caracterizam pela necessidade de compreender o mundo no qual habitam e transformam por meio do trabalho, e de que suas experiências pessoais determinam a criação de significados subjetivos e o consequente direcionamento para objetos ou coisas. Sob esse ponto de vista, o construcionismo social prevê que os significados subjetivos individuais não estão univocamente reunidos, sendo, antes, "variados e múltiplos". Segue-se diretamente dessa compreensão que o pesquisador de abordagem qualitativa sustentado pelos pressupostos do construcionismo social substitui a pretensão de resumir significados subjetivos a algumas poucas categorias ou ideias pela intenção, quase sempre explícita, de apreender a complexidade dos pontos de vista. A intenção é a de confiar nas diferentes visões propiciadas pelos documentos ou participantes da pesquisa, crendo, para tanto, que a construção de significados subjetivos é instanciada em meio às discussões e interações

[38] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47-48.

[39] Algumas das principais referências responsáveis por essa perspectiva são: BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality**: A treatise in the sociology of knowledge. Garden City, NJ: Anchor, 1967. 219 p.; CROTTY, Michael. **The foundations of social research**: Meaning and perspective in the research process. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998. 256 p.; LINCOLN, Yvona Sessions; GUBA, Egon Gotthold. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills, CA: Sage, 1985. 416 p.; LINCOLN, Yvona Sessions; LYNHAM, Susan Alma; GUBA, Egon Gotthold. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences revisited. *In*: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvona Sessions. (ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 4th ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. Part I, chap. 4, pp. 97–128. 784 p.; MERTENS, Donna Marie. **Research and evaluation in education and psychology**: Integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods. 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010. 552 p.

com outros, no seio do que se diz e do que se faz nos em seus próprios ambientes, isto é, dentro de um contexto social e histórico, e em função das "normas históricas e culturais que operam nas vidas dos indivíduos". Sob essa perspectiva, os pesquisadores estão, pois, interessados nos processos de interação entre os indivíduos, já que reconhecem que as interpretações as quais os indivíduos fazem do mundo advêm de suas "experiências pessoais, culturais e históricas". Portanto, a pesquisa sustentada nos pressupostos do construcionismo social não parte de uma teoria previamente estruturada, como ocorre no pós–positivismo; antes, gera, muitas vezes por vias indutivas, "teorias ou padrões de significado"[40].

3. Desenho de pesquisa

Uma abordagem de pesquisa – seja ela qualitativa, quantitativa ou mista – está invariavelmente associada a um correspondente tipo de estudo; no caso, a um desenho de pesquisa. Os desenhos de pesquisa, ensinam–nos Creswell e Creswell[41], "são tipos de investigação dentro das abordagens de métodos qualitativos, quantitativos e mistos", "proporcionam uma direção específica", a exemplo dos procedimentos necessários para executar um estudo. Por conta dessas características, há quem os denomine de 'estratégias de investigação'[42].

Creswell e Creswell[43] listam 4 desenhos possíveis para a pesquisa qualitativa, quais sejam: (i) pesquisa narrativa, na qual o pesquisador constrói seu trabalho com base no estudo de vidas individuais a partir de suas próprias narrativas; (ii) pesquisa fenomenológica, no interior da qual o pesquisador "descreve experiências vividas dos indivíduos com respeito a um fenômeno de acordo com o relato dos participantes"; (iii) teoria fundamentada, a partir da qual um pesquisador "deriva uma teoria geral e abstrata de um processo, ação ou interação fundamentada no ponto de vista dos participantes"; e (iv) etnografia, "em que o pesquisador

[40] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 50-51.
[41] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 55.
[42] DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvona Sessions. (ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 4th ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. 784 p.
[43] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 58-59.

estuda os padrões de comportamento, linguagem e ações compartilhadas por um grupo cultural intacto em um cenário natural durante um longo período de tempo".

Claro está que os autores[44] com bases nos quais edifico minha metodologia de pesquisa compartilham de um viés empírico de pesquisa qualitativa. Dado que meu trabalho é teórico e estruturado em documentos textuais, é mister uma adaptação dos desenhos de pesquisa sugeridos pela obra de metodologia na qual me apoio para, assim, atender às especificidades de uma investigação filosófica. Por trás da associação explícita com a pesquisa empírica, os desenhos de pesquisa correlacionados com a abordagem qualitativa são passíveis de reinterpretação e subsequente aplicação a uma pesquisa de natureza teórica.

Para os fins de minha pesquisa, interessam-me os desenhos proporcionados pela (3.1) pesquisa fenomenológica e pela (3.2) teoria fundamentada.

3.1 Pesquisa fenomenológica

A identificação estabelecida por Creswell e Creswell[45] entre a pesquisa fenomenológica e a descrição de experiências vividas a partir de relatos empíricos restringe sobremaneira o escopo da fenomenologia. Com efeito, o que mais essencialmente caracteriza o método fenomenológico é a tese – dependente do conceito e da noção de intencionalidade – segundo a qual "o pesquisador entende que as coisas não podem ser isoladas de sua manifestação"[46]. Uma das características que tomo da pesquisa fenomenológica – e por meio da qual me distingo estruturalmente dos pesquisadores quantitativos centrados no modelo positivista (ou pós-positivista, nos termos de Creswell e Creswell[47]) – é a incapacidade de identificar as decisões a serem tomadas ao longo do processo de pesquisa antes mesmo de essas decisões se tornarem demandas. Para o pesquisador qualitativo, não é sinal de insucesso que surjam objetivos apenas

[44] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p.

[45] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 58.

[46] GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: KLUTH, Verilda Speridião; SANTOS, Tadeu dos. **Anais [do] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Pesquisa qualitativa: rigor em questão. São Paulo, SP: [s.n], 2010. ISBN: 9788598623047. 658 p. Disponível em: https://arquivo.sepq.org.br/iv-sipeq/anais/artigos/44.pdf. Acesso em 03 mar. 2025.

[47] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p.

à medida que o trabalho transcorre. Se eu consigo apresentar, na versão final dessa Tese, meus objetivos de pesquisa, isso se deve ao fato de não haver mais objetivos a serem postulados após o final da redação. No entanto, enquanto o processo vige, é sempre possível que emirjam novos objetivos, ainda que haja uma pré-definição no momento em que eu, um pesquisador qualitativo, pense em minhas questões metodológicas.

É inerente à pesquisa fenomenológica não lidar com os conteúdos com os quais os pós–positivistas lidam, a saber: (i) variáveis, (ii) operacionalizações de variáveis, (iii) tamanho de amostra, (iv) validão de instrumento para coleta de dados e, dentre outros, (v) determinação de procedimentos estatísticos para testar hipóteses de pesquisa[48]. Longe de oferecer um modelo sobre como construir uma pesquisa, a fenomenologia é antes, uma abordagem ou atitude que voluntariamente assumimos em face do mundo circundante – o mundo–da–vida – e de seus problemas.

A fenomenologia pode ser pensada como uma abertura metodológica para sustentar a descrição de experiências vividas a partir de relatos empíricos. Por suas características, também pode subsidiar, desde os fundamentos, análises propriamente filosóficas e psicológicas. Para essa Tese, lançarei mão especialmente da capacidade que a fenomenologia tem de orientar minha análise teórico–conceitual.

3.2 Teoria fundamentada

Em segundo lugar, mas de maneira não menos importante, considero a teoria fundamentada como um dos meus desenhos de pesquisa. *Grosso modo*, a (i) fenomenologia, cuja razão de ser está na descrição das estruturas essenciais, capacita-me a pensar o envelhecimento e a velhice como experiências vividas; por sua vez, e pela via da (ii) teoria fundamentada, é-me disponibilizado um método sistemático para desenvolver uma teoria abstrata sobre o fenômeno.

Tendo em vista o exposto, tenho que, por meio do desenho constitutivo da (i) pesquisa fenomenológica, é-me dada a possibilidade de descrever o envelhecimento e a velhice a partir do nível das vivências e narrativas, reais ou imaginárias, dos indivíduos que envelhecem. Por sua vez, a (ii) teoria fundamentada traz consigo as ferramentas necessárias para que eu possa desenvolver uma teoria abstrata – teórico-conceitual, por exemplo – sobre a velhice e o

[48] GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: KLUTH, Verilda Speridião; SANTOS, Tadeu dos. **Anais [do] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Pesquisa qualitativa: rigor em questão. São Paulo, SP: [s.n], 2010. ISBN: 9788598623047. 658 p. Disponível em: https://arquivo.sepq.org.br/iv-sipeq/anais/artigos/44.pdf. Acesso em 03 mar. 2025. p. 3.

envelhecimento, integrando as categorias e relações identificadas na análise (i) fenomenológica.

Uma das vantagens da incorporação da teoria fundamentada é a possibilidade que adquiro de analisar dados e desenvolver teorias a partir de um método o qual, posto que rigoroso, é, ao mesmo tempo, e por outro lado, flexível e adaptado para estudos teóricos, em especial os que envolvem reflexões filosóficas e conceituais.

Dentre as vantagens da teoria fundamentada, também está a possibilidade que tem de ser integrada com outras abordagens qualitativas – como a (i) pesquisa fenomenológica – para, assim, oferecer uma análise mais completa e multidimensional do envelhecimento e da velhice. Dentre os méritos da teoria fundamentada, cabe papel de destaque à capacidade que nos dá de desenvolver teorias abstratas e gerais, o que, no meu caso, se expressa em minha aspiração de oferecer a redefinição conceitual de termos como 'velhice', 'envelhecimento' e 'desenvolvimento', do que depende a ulterior constituição de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

4. Métodos ou procedimentos

Ao lado dos (i) 'pressupostos da perspectiva filosófica' que o pesquisador associa à sua abordagem e do (ii) 'desenho da pesquisa relacionado a esta perspectiva', cumpre delinear o terceiro elemento fundamental da metodologia de pesquisa, a saber, os (iii) 'métodos ou procedimentos de pesquisa específicos', que traduzem a abordagem em prática[49]. Trata-se agora de delinear como a pesquisa procederá à (i) coleta, à (ii) análise e à (iii) interpretação de dados. Dada a natureza qualitativa e teórico–filosófica da pesquisa aqui apresentada, é preciso sistematizar as condizentes formas de coletar e organizar os dados a partir da consideração do que podemos chamar de grau de predeterminação e natureza dos dados (numéricos *versus* não-numéricos).

[49] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 47.

Ora, algumas das características da pesquisa qualitativa que assumo nessa Tese são: (i) métodos emergentes (abordagens que surgem em resposta às mudanças nas demandas da pesquisa, aos avanços tecnológicos e às novas formas de compreender e interpretar fenômenos sociais e humanos), (ii) coleta de dados documentais (bibliográficos e audiovisuais); (iii) análise de texto e imagem; e (iv) interpretação de temas e padrões[50]. Delineadas essas características, posso então expor as bases sobre as quais se sustentam meus procedimentos de (i) revisão de literatura e de (ii) coleta de dados.

4.1 Revisão de literatura e coleta de dados

Mais do que definir a natureza da abordagem de pesquisa e de seus respectivos (i) pressupostos ou perspectivas filosóficas, (ii) desenhos e (iii) métodos ou procedimentos, cumpre empreender uma revisão da literatura sobre o problema de interesse; antes ainda de elaborar formalmente uma proposta ou estudo, cabe averiguar o estado da arte e a (im)possibilidade de lograr êxito em uma dada intenção de pesquisa.

De maneira muito acertada, Creswell e Creswell[51] afirmam que a "revisão da literatura ajuda a determinar se vale a pena estudar esse tópico e nos permite conhecer as maneiras pelas quais é possível reduzir o escopo da pesquisa para uma área ou tópico necessário". Uma das tarefas metodológicas mais importantes – e talvez a primeira do ponto de vista temporal – é a de revisar a literatura especializada disponível para averiguar se é possível ou mesmo se é o caso de pesquisar o tópico aventado. Interessa também observar se, dado o estado da arte, há algo a ser acrescentado. A depender do nível da pesquisa, sobretudo quando alguma originalidade é esperada, essa investigação deve preceder toda e qualquer outra etapa.

[50] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 1, p. 62.
[51] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 2, p. 72.

4.1.1 O tópico da pesquisa

A seleção de um tópico de pesquisa é a etapa da qual imediatamente se segue a revisão de literatura. Naturalmente, alguns juízos de valor podem testar essa escolha. Ao longo da fase de definição de uma pesquisa, o pesquisador quase sempre se questiona ou é questionado quanto à importância do seu tema, isto é, se sua indústria é ou será proveitosa e se ela pode ou não gerar desdobramentos úteis à comunidade científica e/ou à sociedade.

Por muitas maneiras, esse processo pode ser levado adiante. Uma delas, segundo Creswell e Creswell[52], é "esboçar um breve título funcional para o estudo", na medida em que "cria uma grande placa de sinalização muito importante na pesquisa – uma ideia tangível a qual o pesquisador pode continuar observando e alterando à medida que o estudo prossegue". Como afirmam Glesne[53] e Glesne e Peshkin[54], o título é uma ferramenta inspiradora, uma espécie de âncora com base na qual poderemos pensar em todas as outras questões metodológicas. Foi o que fiz. Antes mesmo de escrever as primeiras linhas da Tese, atribuí, ao trabalho, um título. Ei–lo: **Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento**.

Como um pesquisador reconhece se sua pesquisa é viável? Em linhas gerais, o pesquisador reconhece que seu tópico 'pode' ser pesquisado se ele dispõe dos recursos necessários para coletar dados, sejam quais forem[55]. Por outro lado, o pesquisador reconhece que seu tema 'deve' ser pesquisado se consegue obter respostas favoráveis para algumas questões de pesquisa, dentre as quais: (i) seu problema de pesquisa tem potencial para contribuir quanto ao conhecimento de pesquisa disponível na literatura?; (ii) É capaz de replicar estudos anteriores?; (iii) Consegue relacionar investigações já realizadas com conexões não–óbvias?

---

[52] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 2, p. 73.

[53] GLESNE, Corrine. **Becoming qualitative researchers**: An introduction. 5th Ed. White Plains, NY: Longman, 2014. 352 p.

[54] GLESNE, Corrine; PESHKIN, Alan. **Becoming qualitative researchers**: An introduction. London, UK: Pearson Education, 1992. 226 p.

[55] CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p. parte I, cap. 2, p. 74.

Diante desse cenário, perguntei-me: como meu estudo pode contribuir para a literatura? Minha discussão tem potencial para incorporar novos elementos? Pode replicar um estudo em novos contextos? Agrega algo ao que se sabe? Promove ampliações de perspectivas em minha área? Considerando não apenas minha atuação em duas áreas, a Filosofia e a Psicologia, mas o fato de que esta última em particular possui reverberações práticas, perguntei-me ainda: o que posso esperar dos resultados da minha pesquisa em termos de práticas clínicas com a população idosa? Com essas questões em mente, iniciei meu processo de coleta de dados.

4.1.2 Coleta de dados

A primeira etapa de minha pesquisa consistiu em promover uma busca de textos à maneira tradicional, isto é, em motores de busca e bases de dados – como o *Google* e o *Google Scholar* – e em *sites* de mapeamento de livros. A estratégia geral consistiu em utilizar algumas palavras-chave (ou descritores) em todas as suas associações possíveis: em português, 'velhice', 'envelhecimento', 'idosos', 'desenvolvimento', 'Psicologia do Desenvolvimento', 'Psicanálise' e 'Psicologia Histórico-Cultural'; em inglês, '*old age*', '*aging*', '*elderly*', 'development', 'developmental psychology', '*psychoanalysis*' e '*historical-cultural psychology*'.

Muitos meses foram dedicados a avaliar e a selecionar os resultados. Os resultados a que cheguei podem ser resumidos em 5 grandes grupos de materiais: (i) Livros e manuais de Psicologia do Desenvolvimento sem seções destinadas à velhice e ao envelhecimento, com o propósito de analisar o conceito de 'desenvolvimento'; (ii) Livros e manuais de Psicologia do Desenvolvimento com seções destinada à velhice e ao envelhecimento, incluindo tratados de Geriatria e Gerontologia, com o propósito de analisar os conceitos de 'desenvolvimento', 'velhice' e 'envelhecimento'; (iii) Livros, artigos e outros documentos (incluindo legislações e materiais disponíveis em sites, oficiais ou não) nos quais são apresentadas definições de 'velhice', 'velho' e 'envelhecimento'; (iv) Livros e artigos compreendendo abordagens específicas para os temas 'velhice' e 'envelhecimento', especialmente em Psicanálise e Psicologia Histórico-Cultural; e (v) Livros e artigos dedicados à Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

Após a análise e fichamento de grande parte do material coletado, procedi à redação da Primeira parte do Prefácio e, na sequência, à redação dessa primeira parte do Método. Mais de duzentas fontes foram coletadas. Por não se tratar de um trabalho de revisão sistemática, mas narrativa (ou, mais amplamente, bibliográfica), os materiais receberam o tratamento que eventualmente o pesquisador de Filosofia confere a seus dados, em geral, mas não exclusivamente, textuais: (i) reflexão crítica, (ii) análise conceitual e (iii) argumentação lógica. Por meio desse tratamento, o pesquisador visa à exploração de ideias, conceitos e sistemas de pensamento. Esse modo especial de intervir sobre os textos (i, ii e iii) é, com efeito, a condição de possibilidade de interpretação e crítica de obras clássicas e contemporâneas. Em consequência, a validade do trabalho a ser empreendido em Filosofia é mensurada em termos de coerência lógica, rigor argumentativo, profundidade da análise e capacidade de oferecer novas perspectivas ou soluções para problemas conceituais. O objetivo dessa estrutura metodológica é o de construir sistemas de pensamento a partir da compreensão aprofundada de conceitos e teorias.

Dada essa compreensão, submeti o material coletado (i) ao exame minucioso de conceitos, definições, relações e implicações (análise conceitual) para, em seguida, proceder à (ii) construção e avaliação de argumentos necessários para sustentar ou refutar as teses das quais dependo para pensar uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

O modo como idealizei e posteriormente concebi a estruturação e a divisão em capítulos dessa Tese é uma decorrência das concepções metodológicas apresentadas nessa seção.

5. Segunda parte

Este é o primeiro (e talvez o único) trabalho institucional em que a responsabilidade por todas as decisões é inteiramente minha. Diferentemente da Monografia de Final de Curso e da Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado em Filosofia, já escritas, e, na mesma medida, diferentemente do Trabalho de Conclusão de Curso e da Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado em Psicologia que escreverei, não há, aqui, orientador ou supervisor. Também não há normas de formatação impostas de cima. Aproveito essa experiência de autonomia para expressar o modo como gosto de escrever, formatar e referenciar um trabalho; ou melhor, como acredito que idealmente deveria ser.

Em alguns momentos, minha redação pode soar prolixa e minhas referências em nota de rodapé podem parecer exageradas. Acho que não apenas soará, mas de fato será o caso: assim como as memórias detalhadas dos velhos em um mundo no qual se preza pela inovação, pela aceleração e pela sucintez, essa Tese também traz a marca da resistência e do anacronismo.

Optei, deliberadamente, por um estilo que desafia a economia da informação: (i) as notas de rodapé contêm as referências bibliográficas na íntegra, repetidas tantas vezes quantas forem necessárias, sem reduções, sem cortes, sem o uso de siglas latinas como *op. cit.* ou *ibid.*, que obrigam o leitor a um retorno exaustivo às páginas anteriores, e sem o econômico e ubíquo uso do sistema norte–americano ‘autor-data’; (ii) privilegiei o uso de muitas citações em destaque, pois concebo esta Tese como um documento que se propõe ser o mais informativo possível, permitindo que as vozes dos autores convocados ecoem com a sua própria tonalidade, e não apenas através do filtro da minha paráfrase; (iii) adotei a repetição, inclusive de referências e conceitos, todas as vezes que considerei necessária para a força do argumento ou para a fixação da ideia.

Essa escolha metodológica e estética não é fortuita. Ela encontra sua justificação filosófica em uma obra que muito me influenciou: ***Vita contemplativa*: ou sobre a inatividade**, Byung-Chul Han[56], especificamente na sua crítica à sociedade do desempenho e à perda da capacidade de demorar-se. Com efeito, vivemos em uma época em que “não temos mais a paciência para a espera, na qual algo pode lentamente amadurecer”, e na qual “o que conta é

[56] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p.

apenas o efeito de curto prazo, o êxito rápido"[57]. A academia, muitas vezes, reflete essa lógica, exigindo textos enxutos, leituras dinâmicas e produção acelerada.

Ao recusar a economia da citação e a pressa da leitura, busco resgatar o que Han denomina de uma 'inatividade' que não é falta, mas plenitude. A escrita acadêmica, tal como a proponho aqui, aproxima-se de um exercício de *vita contemplativa*. Se, como alerta Han[58], "a absolutização do trabalho, a vitória do animal *laborans* na modernidade, está arruinando todas as outras capacidades humanas", a insistência na citação completa e na repetição é uma tentativa de restaurar a 'capacidade contemplativa' do leitor e do próprio autor.

Longe de ser um erro estilístico, a repetição das referências e dos conceitos alinha-se ao que Han, resgatando Kierkegaard, chama de 'repetição' – como o 'velho' do qual nunca se enjoa (pois "é apenas do novo que se enjoa, nunca do velho"), o "pão de cada dia que sacia com a bênção"[59]. Contra o *pathos* moderno do novo, que "dissolve o ser no processo"[60], a repetição aqui opera como uma forma de aprofundamento e de permanência. Do mesmo modo, a profusão de citações diretas é um exercício de escuta. Em um mundo em que "ninguém escuta" e "todos se produzem", em que o "dom da escuta" é perdido em meio ao ruído da comunicação, optei por deixar que os autores falem, longamente se preciso, transformando a escrita em uma prática de acolhimento da alteridade do texto alheio[61].

Portanto, a forma desta Tese é indissociável do seu conteúdo: se o tema é a velhice – fase da vida na qual se exige uma desaceleração e uma ressignificação do tempo –, o método de escrita deve, ele próprio, ser um convite ao silêncio, à pausa e à contemplação. Como nos lembra Han: "é o silenciar-se que dá profundidade à fala"[62].

---

[57] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 16.
[58] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 81.
[59] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 80.
[60] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 80.
[61] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 16.
[62] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 9.

Que este trabalho, em sua extensão e em sua recusa à síntese apressada, possa ser lido não apenas como uma produção intelectual, mas como um ato de resistência e de um "demorar-se intensivo, contemplativo"[63].

Uberlândia–MG (Brasil), 18 de Dezembro de 2025.

Versão original da primeira parte do Método escrita entre 17 de Fevereiro de 2025 (Segunda–feira) e 02 de Março de 2025 (Domingo).
Primeira revisão do Método (com poucas alterações e sem acréscimos) realizada entre os dias 09 de Maio de 2025 (Sexta) e 11 de Maio de 2025 (Domingo).
Segunda revisão do Método (com alterações e acréscimos substantivos) empreendida no dia 13 de Julho de 2025 (Domingo).

Versão original da segunda parte do Método escrita em 18 de Dezembro de 2025 (Quinta–feira)
Primeira revisão do Método (com poucas alterações e sem acréscimos) realizada em 05 de Março de 2026 (Quinta).

[63] HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p. p. 16.

Capítulo 1

Bases filosóficas da Psicologia do Desenvolvimento: a busca por uma definição dos conceitos de 'desenvolvimento', 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho'

1.1 Apresentação do Capítulo 1

O capítulo que aqui se inicia, o primeiro da Tese, assume uma tarefa primordial, qual seja, a de preparar o terreno epistemológico sobre o qual se erguerá toda a investigação do trabalho. A premissa da qual parto é a de que a constituição de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento – e, por extensão, de uma Psicologia que lhe seja correlata – depende, em um nível radical, da clarificação e da redefinição de seus conceitos basilares. Com efeito, não é possível sequer idealizar avançar na compreensão da velhice como uma fase da vida dotada de sentido e de potencialidades sem que, antes, se encare a imprecisão e a insuficiência conceitual que, historicamente, têm marcado os manuais e as obras introdutórias à Psicologia do Desenvolvimento[64].

Nesse sentido, este Capítulo se propõe empreender um duplo movimento: de crítica e de fundamentação. Inicialmente, debruçar-me-ei sobre as bases filosóficas da própria Psicologia do Desenvolvimento, buscando, para tanto, uma definição para o conceito de 'desenvolvimento' capaz de superar a ausência de consenso e a redução a metamodelos implícitos. Investigarei as divergências e as dificuldades inerentes a essa conceituação para, em seguida, propor uma convergência em torno de uma compreensão processual na qual o desenvolvimento passa a ser entendido como um processo dinâmico, adaptativo e multifacetado, e o qual abarca a dialética entre mudança e estabilidade ao longo de todo o ciclo vital.

[64] Reconheço que um estudo fundacional sobre a Psicologia do Desenvolvimento exigiria, incontornavelmente, o diálogo com a monumental contribuição e a epistemologia genética de Jean Piaget, sobretudo dada a sua sólida tradição no Brasil. Omiti-lo pode parecer um esquecimento grave; contudo, a escolha metodológica por centrar forças em Lev Vygotski e Donald Winnicott deveu-se à urgência clínica de dar conta do desamparo asilar e da necessidade de sustentação ambiental na última etapa da vida. Enquanto Piaget foca magistralmente na aquisição e na construção das estruturas cognitivas na infância e na juventude, a minha demanda exigia teóricos que fornecessem o vocabulário exato para o movimento inverso: a integração da finitude diante do declínio orgânico.

Estabelecida essa base processual, o capítulo avança para o desmantelamento do olhar hegemônico e biologizante sobre a última etapa da vida. Para o êxito do meu empreendimento, é imperioso estabelecer a distinção ontológica entre três categorias que, embora indissociáveis, não se confundem: o envelhecimento (enquanto processo contínuo e universal), a velhice (enquanto fase da vida ou estado) e o velho (enquanto sujeito singular).

Ao longo das seções que se seguem, sustentarei que a confusão entre esses termos, aliada à primazia do modelo biomédico, tem perpetuado uma visão da velhice estritamente associada ao declínio e à perda. Contrapondo-me a essa perspectiva, e amparado na abordagem *life-span* e nas contribuições de autores como Simone de Beauvoir e Matheus Papaléo Netto, buscarei fundamentar uma concepção que resgate a complexidade multidimensional do envelhecimento, preparando o leitor para a tese central de que a velhice é, afinal, um tempo de amadurecimento pessoal e de integração psíquica.

1.2 Bases filosóficas da Psicologia do Desenvolvimento: em busca de uma definição para conceito de 'desenvolvimento'

O objetivo da Tese de sustentar uma posição filosófica sobre a ideia de 'velhice como fase da vida' está obviamente na dependência da conceituação dos termos (i) 'envelhecimento', (ii) (constituição do) 'velho' e, como não poderia deixar de ser, de (iii) 'velhice'. O que talvez o título da Tese – **Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento** – não deixe tão manifesto é que o êxito do empreendimento aqui assumido depende, em um nível ainda mais radical, de uma investigação sobre o conceito de cuja clarificação precisamos partir para começarmos a falar de 'fases de vida', a saber: o de 'desenvolvimento'. Com efeito, é o conceito de 'desenvolvimento' que, implícita ou explicitamente, está por trás da própria noção de 'fase de vida', na medida em que, seja lá o que for o 'desenvolvimento', trata-se, decerto, do 'motor' por meio do qual ou pelo qual os seres vivos – particularmente os humanos, se consideramos as diferentes dimensões do desenvolvimento – atravessam os diferentes estágios do ciclo vital.

A primazia teórico-conceitual do termo 'desenvolvimento' no âmbito da discussão filosófica sobre o 'envelhecimento', a 'velhice' e o 'velho' é um indicativo de que a Filosofia da Velhice e do Envelhecimento é, ao mesmo tempo, uma Filosofia do Desenvolvimento, e, por isso mesmo, indissociável da Psicologia do Desenvolvimento, assim como ocorre, por exemplo, com a Filosofia da Infância.

Diante desse cenário e da minha aspiração de conduzir um empreendimento teórico-metodológico transdisciplinar, não é de estranhar que a pergunta a qual elejo para dar início à minha pesquisa seja a seguinte: como os psicólogos do Desenvolvimento definem 'desenvolvimento', o conceito-chave e fundamental de sua área? Não é aleatória a escolha por este ponto de partida; para além de ser uma tarefa bem-vinda, o mapeamento das posições assumidas por alguns dos mais representativos expoentes da Psicologia do Desenvolvimento e uma subsequente posição crítica constitui um esforço imprescindível para a edificação de uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento.

Mais do que um conceito, o termo 'desenvolvimento' é "um dos componentes da Psicologia"[65]; trata-se, mais precisamente, de uma das pedras angulares da ciência psicológica. Enquanto tal, e à maneira de tantos outros conceitos – dentre os quais, o de "memória, inteligência, emoção, depressão e inibição[66]" –, faz parte do vasto repertório que profissionais e pesquisadores de Psicologia compartilham com o público leigo.

No âmbito da difusão da noção de 'desenvolvimento' entre o público especializado e não-especializado, tende a haver a compreensão corrente – a qual Christopher Goodey chama de "ideia desenvolvimentista" – de que estamos todos submetidos à força de um processo natural cego e inelutável, isto é, de uma força da natureza dotada de existência objetiva, ou ainda, de uma realidade presente externamente, "lá fora, na 'natureza'"[67]. De acordo com essa compreensão comum o desenvolvimento poderia ser elencado como uma das leis da natureza, ao lado da Lei da Gravitação Universal, das Leis Mecânicas de Newton, das Leis dos Gases Ideais e, dentre outras, da Lei de Causa e Efeito. Com base nos supostos processos que inerem à suposta Lei do Desenvolvimento – que presumimos nos conduzir de estágio a estágio até que, na vida adulta, cheguemos à maturidade física, psicológica e psicossocial –, nutrimos expectativas em relação a comportamentos e a capacidades; com base nessas presunções, elaboramos e implementamos programas e políticas de educação, trabalho, lazer e saúde; na mesma esteira, estabelecemos direitos e deveres e acreditamos fazer uma ciência do desenvolvimento.

Ocorre, no entanto, que, exatamente como se procede em toda e qualquer ciência, também em Psicologia e Filosofia do Desenvolvimento "é axiomático que os pressupostos iniciais sejam mantidos sob observação atenta"[68]. É com base nesse espírito que deixo em suspenso tudo o que presumo saber sobre este conceito e, seguindo a recomendação de Christopher Goodey, pergunto: o 'desenvolvimento' é um dado inato, natural ou é, antes, um dado adquirido? Será realmente o desenvolvimento um fato da natureza ou, ao contrário, é uma elaboração conceitual humana? É o desenvolvimento um processo ou, diferentemente, constitui

[65] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 1. Tradução minha para "Development is one of psychology's given components".
[66] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 1. Tradução minha para "memory, intelligence, emotion, depression and inhibition"
[67] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 1. Tradução minha para "exists 'out there' in nature".
[68] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 1. Tradução minha para "In any science, however, it is axiomatic that starting assumptions be kept under close observation".

um dos 'tipos naturais', uma realidade sempre existente e à espera de uma descoberta, ou seja, de uma descrição científica?

Pistas são dadas pelo próprio Christopher Goodey[69], para quem o conceito de 'desenvolvimento' é uma criação histórica e para quem, portanto – e nesse mesmo sentido – o futuro pode nos reservar diferentes maneiras de compreender o que é o humano. Assim como todo e qualquer outro conceito historicamente alicerçado, o de 'desenvolvimento' esteve, está e estará sujeito à revisão. E, ademais, como toda e qualquer ideia que surge em um momento histórico, "pertence a uma era específica com um começo e, quem sabe, um fim" [70].

Boas são as razões em favor da ideia de que determinadas condições históricas estão por trás da concepção de que existe um fato natural o qual, por mecanismos *top-down*, separam (i) indivíduos ainda não-desenvolvidos (as crianças), (ii) indivíduos que nunca chegarão a se desenvolver (pessoas com deficiências de desenvolvimento) e (iii) todos os outros indivíduos, os desenvolvidos. Com o advento da ideia de desenvolvimento, entram em cena as noções de maturidade/imaturidade emocional, completude/incompletude cognitiva e paralelismo entre crescimento interior e exterior[71].

No seio desse histórico, que remete aos primeiros séculos do cristianismo e do monoteísmo em geral[72], a prevalência de algumas das noções que mais rudimentarmente estão associadas ao desenvolvimento – dentre as quais as de 'infância' e 'deficiência de desenvolvimento' – nos ensina que o uso do termo 'desenvolvimento' tem estado mais associado a uma maneira (temporária) de nos vermos do que a propósitos científicos e naturais, isto é, do que a um estatuto natural do 'desenvolvimento'. Segundo Christopher Goodey[73], 'desenvolvimento' se torna, no âmbito dessa maneira pela qual passamos a nos ver, em um

[69] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 2.
[70] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 2. Tradução minha para "It belongs to a particular era with a beginning and, who knows, an end".
[71] Estou de acordo com Christopher Goodey: creio, com ele, que é imperioso que os conceitos sejam concebidos sobre a perspectiva historicista das relações de poder que o sustentam. Com efeito, não há como negligenciarmos a força da história sobre o modo como os conceitos são pensados, em que pese a universalidade característica de um problema filosófico. Como nos ensinou Miguel Reale na oração proferida na instalação da seção cearense do Instituto Brasileiro de Filosofia, em outubro de 1960, em texto cuja gravação deu origem ao artigo intitulado 'A filosofia como autoconsciência de um povo': "Universalidade dos problemas [...] e condicionalidade histórica dos problemas, eis duas coordenadas inamovíveis do pensamento filosófico". Cf. REALE, Miguel. A filosofia como auto-consciência de um povo. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)**, v. 56, n. 2, p. 104-125, 1961.
[72] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 2.
[73] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 4.

termo correlato para 'normalidade'. E é com base nessa relação de correlação que passamos a compreender o desenvolvimento como signo de normalidade: "Desenvolver-se é ser normal, ser normal é desenvolver-se. Para o adulto assim conceituado, ter-se desenvolvido é ser normal e, portanto, para a criança, estar em desenvolvimento é estar a caminho de ser normal"[74].

O conceito de 'desenvolvimento' é historicamente moldado. Mas não apenas. A história também revela a natureza construída e as implicações profundas dessa construção para a nossa compreensão de ser humano. O conceito de 'desenvolvimento psicológico' em paralelismo com o 'desenvolvimento físico' não é uma verdade natural e atemporal; trata-se, antes, de uma criação humana com gestação de dois milênios, enraizada nas religiões monoteístas e na expansão imperialista ao redor do Mediterrâneo, dentro do período de registro escrito. Este é o momento em que verificamos o surgimento do estudo da interioridade humana em termos ocidentais surgir e, posteriormente, desenvolver-se de uma perspectiva teológica para uma psicológica, em um *continuum* que, ressoando em nossa era, deu origem ao desenvolvimento de uma Psicologia popular, responsável não apenas por delimitar identidades de grupo quanto a própria noção sobre a qual nos sustentamos para definir o que é ser humano[75].

Portanto, assim como justificadamente se diz em relação ao próprio surgimento da Filosofia (a famosa transição do mito ao logos), o conceito de desenvolvimento constitui um dos momentos históricos responsáveis pela transição de explicações religiosas para seculares (ou 'racionais') da natureza humana. Quando, por volta do fim do século XVI e início do XVII, se desenvolve uma "linha do tempo interior estruturada" mais ampla e abrangente, a antiga minoria de "eleitos" – aqueles poucos a quem Deus predestinara à salvação – transmuta-se na "maioria 'normal', familiar à perspectiva moderna"[76]. É nesse sentido, destarte, que a 'ideia desenvolvimentista', tal qual emerge nos textos do pensamento moderno inicial, desempenha um papel importante na transição entre formas mítico-religiosas de explicar a natureza humana para a esfera da "Psicologia moderna de aparência secular"[77]: o eleito torna-se o normal, e a graça é substituída pela habilidade cognitiva, concebida como a qualidade essencialmente

[74] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 4. Tradução minha para "to have developed is to be normal, and so for the child, to be developing is to be on the way to being normal".
[75] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 3-4.
[76] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 3-4. Tradução minha para "structured interior timeline [...] *'elect'* [...] *'normal'* majority familiar to the modern outlook".
[77] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 4. Tradução minha para "modern, secular-looking psychology".

humana. Nesse sentido, Goodey transmite duas sugestões: (i) a ideia de desenvolvimento psicológico não deve ser concebida como uma propriedade natural, disponível na natureza e dotada de uma força que se aplica sobre nós de cima para baixo; trata-se, antes, de uma elaboração histórica humana, cujas raízes são passíveis de rastreamento; (ii) a Psicologia moderna do desenvolvimento é um desdobramento da perspectiva religiosa, e não, como podemos supor, a substituição integral de uma perspectiva pela outra[78].

O cenário que acabo de delinear antecipa algumas das dificuldades cujo enfrentamento é imprescindível para todo aquele que se propõe edificar uma Filosofia/Psicologia da Velhice e do Envelhecimento capaz de gerar repercussões na Psicologia do Desenvolvimento.

A primeira dessas dificuldades concerne ao inelutável conflito perpetrado pelas duas condições que inerem a um problema filosófico, qual seja: de um lado, a pretensa universalidade do conceito; de outro, sua condicionalidade histórica. No caso do conceito de 'desenvolvimento', a dificuldade é amplificada se considerarmos a sugestão de Christopher Goodey[79] de que o 'desenvolvimento' é uma ideia forjada historicamente.

A segunda consiste em uma decorrência da primeira, e diz respeito à ausência de qualquer consenso em relação ao conceito. Como buscarei mostrar, nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento há uma grande variedade de definições e comprometimentos epistemológicos do conceito, alternando com esquivas a respostas mais enfáticas sobre o que é propriamente o 'desenvolvimento'.

Um terceiro obstáculo a ser enfrentado é a confusão corrente entre o conceito e o campo. Frequentemente, anuncia-se a definição do conceito de 'desenvolvimento' e, em seu lugar, apresenta-se a definição da própria Psicologia do Desenvolvimento como área de estudo. Um exemplo paradigmático é dado por Diana Papalia e Gabriela Alicia Martorell[80], autoras de uma das obras mais consagradas da área, e segundo as quais 'desenvolvimento humano' é o "estudo científico" (sic) dos "processos de transformação e estabilidade ao longo de todo o ciclo de vida humano", descrevendo, destarte, o campo, e não o conceito subjacente.

---

[78] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 12.
[79] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p.
[80] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 81.

Dificuldade adicional é a frequente redução da definição a metamodelos: Tal dificuldade é instanciada todas as vezes em que, no lugar de definir o conceito diretamente, os autores se restringem à descrição de visões teóricas gerais – dentre as quais, o organicismo e o mecanicismo – que, malgrado moldarem a compreensão do 'desenvolvimento', não o enfrentam conceitualmente. Da ausência de uma conceituação clara, segue-se a substituição do problema conceitual pela utilização de critérios quantitativamente mensuráveis – como a faixa etária – para demarcar as fases da vida, desde a infância até a velhice.

Acredito que conseguirei demonstrar que essas dificuldades não vêm desacompanhadas; antes, convergem para uma fraqueza filosófica de fundo, particularmente expressa pela ignorância quanto à noção de 'processo'. Na seção vindoura, aspiro a argumentar que, sem essa dimensão metafísica, não conseguimos enfrentar adequadamente o conceito de 'desenvolvimento'. Na contramão do paradigma metafísico da substância e da partícula – dominante na história da metafísica ocidental – juntar-me-ei à tendência recente na ciência e na Filosofia de acolher uma metafísica dos processos, a qual parte da premissa de que o ser é dinâmico e que essa natureza dinâmica deve ser o foco principal da nossa visada epistemológica.

Frente ao cenário em que o propósito de enfrentar o complexo conceito de 'desenvolvimento' é obstaculizado pela falta de clareza conceitual, surge a necessidade de empreender aqui uma das tarefas filosóficas por excelência, a saber, a remoção de entulhos. Sem essa indústria metodológica, não poderei transcender as limitações observadas. Muitos textos já sugerem que o desenvolvimento não é uma 'entidade fixa', mas, antes, um processo dinâmico, adaptativo e multifacetado. Essa compreensão processual é vital não apenas para o conceito de 'desenvolvimento', mas também para os de 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho'.

A seção que se segue explorará se essa compreensão processual pode efetivamente orientar a definição de 'desenvolvimento', considerando a questão de uma forma que integre a dialética entre mudança e estabilidade e entre continuidade e descontinuidade ao longo da vida humana.

1.3 Divergências e dificuldades no conceito de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano

Nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano, aprendemos que, desde nossa concepção até o momento de nossas mortes, estamos sujeitos a um incessante processo de transformação e mudanças (aquisições e perdas) em diversos níveis ou domínios, dentre os quais: (i) no biológico ou físico, expresso por meio de alterações no corpo, no cérebro, nas habilidades motoras e nas funções sexuais; (ii) no psicológico ou cognitivo, representado por mudanças nas habilidades mentais em geral, incluindo a aprendizagem, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, o raciocínio e, dentre outras, a criatividade; e (iii) no psicossocial, traduzível em termos de modificações nas emoções, na personalidade e nas relações sociais[81]. É nesse sentido que, a partir de uma compreensão paradigmática multidisciplinar e sistêmica de desenvolvimento, Thirza Reis Sifuentes, Maria Auxiliadora Dessen e Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira[82] apresentam o desenvolvimento como "um processo de construção contínua que se estende ao longo da vida dos indivíduos", resultante "de uma organização complexa e hierarquizada que envolve desde os componentes intraorgânicos até as relações sociais e a agência humana". Dito de outra maneira, um processo incessante e multifatorial. Mais do que isso, ensinam-nos, adicionalmente, que esse incessante e complexo processo de transformação está sujeito a um padrão "regular" e "determinado pelo nosso histórico evolutivo", em que pese nossas diferenças individuais; o que quer dizer, o fato de sermos, cada um de nós, indivíduos únicos e especiais, malgrado nossa pertença a uma mesma espécie[83]. No âmbito dessa dimensão complexa – na qual a 'transformação' não exclui a 'regularidade', na qual a 'estabilidade' coexiste com a 'mudança', e na qual, por fim, a 'continuidade' não exclui a 'descontinuidade' –, somos advertidos de que, ao campo de estudos

---

[81] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 84.

[82] SIFUENTES, Thirza Reis; DESSEN, Maria Auxiliadora; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 23, n. 3, p. 379-386, Dezembro-2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/ptp/a/QCtKJsmxWhK8KF8xt3HVpVd/?lang=pt. Acesso em 10 de Setembro de 2025. p. 379.

[83] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 80.

do desenvolvimento humano, interessa a investigação dos "processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas"[84]. Ao que parece, portanto, a investigação dos processos aos quais reunimos sob a alcunha de 'desenvolvimento' por parte dos cientistas do desenvolvimento envolve a análise e a discriminação entre, de um lado, as características que se transformam, da concepção até a maturidade, e, de outro, as que permanecem razoavelmente estáveis.

Mas, o que é afinal o 'desenvolvimento'? O que está por trás dessa relação entre o que se transforma e o que permanece relativamente estável, entre o que continua e o que é descontinuado? É o desenvolvimento um conjunto dos fenômenos de mudança ou pelo menos um subconjunto dentre os fenômenos de mudança?

Sobre a questão, posso adiantar: nem de longe encontramos um consenso. Ao longo dos diversos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento, uma grande variedade de respostas e apontamentos se alternam com uma ainda maior variedade de esquivas em relação a respostas mais enfáticas. Destarte, a ausência de um consenso é, parece, a primeira dificuldade da investigação. Para o conceito de 'desenvolvimento', parece haver tantas definições quanto são aqueles que se propõe conceituar este conceito-chave da Psicologia do Desenvolvimento.

Essa percepção é compartilhada por Stephanie Thornton[85]. Após enumerar, em uma tabela, as diferentes maneiras pelas quais os grandes autores e as teorias mais influentes do século XX[86] conceituam desenvolvimento, Thornton reconhece que não apenas as respostas parecem e/ou são diversas e contraditórias entre si como, por outro lado, fazem perguntas diferentes; em outros casos, as mesmas perguntas geram respostas radicalmente diferentes. Portanto, "não há consenso sobre o desenvolvimento entre essas diferentes teorias"; há, no máximo, "temas comuns na história da pesquisa sobre o desenvolvimento, questões comuns que diferentes teorias tentaram abordar de uma forma ou de outra", de sorte que o enfrentamento

[84] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 80.

[85] THORNTON, Stephanie. **Understanding human development**: biological, social and psychological processes from conception to adult life. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008. 692 p.

[86] Nomeadamente, Charles Darwin (1809-1882), Behaviorismo (século XX), Etologia (meio do século XX), John Bowlby (1907-1990), Sociobiologia, Lev Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980), Teorias de Processamento da Informação e Psicanálise

do problema acaba dando espaço ao equacionamento dessas questões, as quais "formam o pano de fundo para a pesquisa moderna"[87].

A propósito das supostas causas da ausência de consenso entre os teóricos do 'desenvolvimento', Paul van Geert[88] ensina-nos que o antagonismo e a contradição presentes na história da definição de desenvolvimento é um aspecto o qual decorre do fato de que, pelo menos até meados do século XX, o conceito foi sendo trabalhado em paralelo por diferentes áreas e saberes, com parâmetros e critérios que não dialogavam entre si. Dentre as consequências dessa difusão conceitual – que remente a origens e a percursos mais dispersos, quiçá rizomáticos –, passamos a encontrar significados muito diversos para o termo 'desenvolvimento', não raramente incompossíveis entre si, e quase sempre imiscuídos em meio à linguagem cotidiana do senso comum. Por isso mesmo é tão raro encontrarmos um equacionamento teórico-científico para o conceito de 'desenvolvimento' mais elaborado, mesmo entre os livros dedicados à Psicologia do Desenvolvimento. Justiça seja feita: uma das honrosas exceções é o **Handbook of developmental psychology**, organizado por Jaan Valsiner e Kevin Joseph Connolly[89]. Já na Introdução, expressam, com notável clareza, o equacionamento a ser feito para enfrentar o problema:

[87] THORNTON, Stephanie. **Understanding human development**: biological, social and psychological processes from conception to adult life. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008. 692 p. p. 25. Tradução minha para "No consensus about development emerges across these different theories [...] common themes in the history of developmental research, common questions that different theories tried to address in one way or another [...] form the backdrop for the modern research".

[88] Van GEERT, Paul. Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. *In:* VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 692 p. chapter 28. p. 640-672.

[89] VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 720 p.

> Esse livro é sobre desenvolvimento. Mas o que é desenvolvimento? A palavra, de uso comum no dia a dia, possui uma ampla gama de significados. Falamos do desenvolvimento de um filme, de um óvulo fertilizado, de um novo projeto de motor, de um sistema jurídico ou de uma política social (Nagel, 1957). A palavra 'desenvolvimento' é usada amplamente – e intensamente – em nossa conversa cotidiana. O que significa e como pode iluminar nossa compreensão científica do mundo? Vamos começar do início – os significados comuns do termo. Um exame de dois dicionários contemporâneos produziu mais de uma dúzia de significados, incluindo:
> 1 trazer à existência
> 2 causar progresso do simples ao complexo
> 3 elaborar um tema
> 4 desdobrar
> 5 levar a um estágio mais avançado.
> Cada uma dessas definições trata de mudança, mas nem toda mudança é desenvolvimento. O desenvolvimento é um processo que dura a vida toda; começa na concepção e continua até a morte. É central para a nossa compreensão da natureza humana. Lida com fenômenos históricos, ou seja, quando eventos anteriores afetam a manifestação de eventos atuais ou futuros. Quando se trata de terminologia científica, precisamos fornecer uma elaboração geral do significado do termo[90].

A essa primeira dificuldade, chamarei de (i) ausência de consenso conceitual. Para Diane Papalia e Gabriela Martorell[91], autoras do mais popular livro de Psicologia do Desenvolvimento no Brasil, a ausência de consenso não é um problema em nível teórico; revela, antes, a própria natureza de uma ciência como a do desenvolvimento:

> A ciência do desenvolvimento não pode ser completamente objetiva. Teorias e pesquisas sobre o comportamento humano são produtos de indivíduos humanos, cujas indagações e interpretações são inevitavelmente influenciadas por seus próprios valores e experiência [...] a disposição dos cientistas de utilizar novos dados para reavaliar suas crenças é um dos maiores pontos fortes da ciência.[92]

---

[90] VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph. Introduction. The nature of Development: the continuing dialogue of processes and outcomes. *In*: VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 720 p. Introduction. p. ix-xviii. Tradução minha para "This book is about development. But what is development? The word, which is in common everyday usage, has an extensive range of meanings. We speak of the development of a film, a fertilized egg, a new engine design, a legal system, or a social policy (Nagel, 1957). The word *'development'* is used widely - and wildly - in our everyday talk. What does it mean- and how can it illuminate our scientific understanding of the world?".

[91] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

[92] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 123.

Segundo Papalia e Martorell[93], teorias não são incompossíveis ou inconciliáveis entre si; antes, iluminam as diferentes facetas do desenvolvimento humano e contribuem, ao longo da história, para inspirar pesquisas e tentar predizer resultados. Nesse sentido se compreende a afirmação de que "um fenômeno tão maravilhosamente complexo quanto o desenvolvimento humano não é fácil de compreender e é improvável que seja capturado pelas limitações de um único sistema teórico", de onde se segue que "cada teoria é uma peça do quebra-cabeça que estamos tentando resolver"[94]. Graças ao conjunto das peças que compõem esse grande quebra-cabeças, a ciência do desenvolvimento progressivamente ganhou em complexidade e passou a reivindicar não apenas as tarefas de descrever, explicar, prever, mas também a de intervir, a exemplo dos encaminhamentos que são feitos face a desvios e/ou anormalidades no desenvolvimento[95].

A dificuldade a que faço referência, no entanto, menos diz respeito à ausência de um consenso conceitual do que a um pano de fundo teórico-conceitual e metodológico comum. Papalia e Martorell não deixam de reconhecer essa dificuldade:

> O desenvolvimento é complicado. É um fenômeno complexo e multifacetado, moldado por arcos de influência que interagem entre si. Assim, o desenvolvimento deve ser estudado com o uso de múltiplas disciplinas e a sua interpretação deve ser informada por diversas orientações teóricas e de pesquisa.[96]

[93] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

[94] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 124.

[95] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 82.

[96] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 83-84.

A discussão sobre a ausência de consenso quanto a uma definição do conceito de 'desenvolvimento' é não apenas recorrente, mas fundamental em vários dos livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento, o que descortina a ciência quanto à natureza complexa e multifacetada do campo. A falta de uma definição monolítica e os contínuos debates e reformulações do conceito ao longo da história e nas diversas perspectivas teóricas é, sem dúvida, uma consequência direta dessa condição.

É o que sustenta Paul B. Baltes em **Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory**[97]. Neste capítulo, Baltes sustenta que o desenvolvimento intelectual (psíquico) não pode ser concebido como uma "continuação unidirecional da inteligência infantil com sequências universais", mas, antes, como uma evidência das características humanas de "multilinearidade, multidimensionalidade, grandes diferenças interindividuais e muita plasticidade contextual"[98]. É por essa razão, acredita, que muitos autores tendem a substituir a busca de uma definição conceitual rigorosa pela discriminação das múltiplas causas e dos muitos "potenciais determinantes da mudança ao longo da vida"[99]. A confusão em relação à ideia de 'potenciais determinantes da mudança ao longo da vida' não facilita o empreendimento, uma vez que apenas alguns dos determinantes se relacionam de maneira importante com "fatores e mecanismos cumulativos simples associados à idade"[100].

[97] BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In*: BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p.

[98] BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In*: BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p. p. 265. Tradução minha para "unidirectional continuation of childhood intelligence with universal sequences [...] multilinearity, multidimensionality, large interindividual differences, and much contextual plasticity".

[99] BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In*: BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p. p. 265. Tradução minha para "potential determinants oflife-span change.".

[100] BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In*: BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p. p. 265. Tradução minha para "simple cumulative age-associated factors and mechanisms.".

Em outro texto, **Life Span Theory in Developmental Psychology**[101], Paul B. Baltes, agora junto com Ulman Lindenberger e Ursula Marie Staudinger, afirmam expressamente a dificuldade de sustentar uma metateoria do desenvolvimento, sobretudo por conta de dois aspectos centrais, a saber: (i) o conjunto de complexidades inerentes aos processos ontogenéticos do ciclo de vida e (ii) o desafio concernente à articulação conceitual. Com efeito: "devido às complexidades associadas aos processos ontogenéticos do ciclo de vida e ao desafio envolvido na articulação de conceitos teóricos adequados, tem havido muita discussão nos trabalhos sobre o ciclo de vida sobre a metateoria do desenvolvimento"[102].

A ausência de consenso quanto à própria maneira de equacionar o 'desenvolvimento' não passa despercebido a Erica Burman em seu arrojado **Deconstructing Developmental Psychology**[103]:

> Atualmente, o estatuto da Psicologia do desenvolvimento não é claro. Alguns argumentam que ela é uma perspectiva ou uma abordagem para investigar problemas psicológicos gerais, em vez de um domínio ou subdisciplina particular. De acordo com esta visão, podemos abordar todas as áreas principais da Psicologia, como a memória, a cognição, etc., a partir desta perspectiva. A unidade de desenvolvimento sob investigação também é variável. Poderíamos estar preocupados com o desenvolvimento de um processo ou de um mecanismo, em vez de um indivíduo. Isto está em marcado contraste com as representações populares da Psicologia do desenvolvimento, que a equiparam com as práticas do desenvolvimento infantil ou, mais recentemente, do desenvolvimento humano (com o reconhecimento relativamente recente de que o desenvolvimento é um processo ao longo da vida). Essas concepções paradoxais e mistas da Psicologia do desenvolvimento testemunham diferentes aspectos de sua história.[104]

---

[101] BALTES, Paul B.; LINDENBERGER, Ulman; STAUDINGER, Ursula Marie. Life Span Theory in Developmental Psychology. *In*: LERNER, Richard Martinartin. (Ed.). DAMON, Willian; LERNER, Richard Martinartin (Editors-in-Chief). Handbook of Child Psychology. Volume One: Theoretical models of Human Development. 6th edition. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006. 1084 p. chapter 11. p. 569-664. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111.

[102] BALTES, Paul B.; LINDENBERGER, Ulman; STAUDINGER, Ursula Marie. Life Span Theory in Developmental Psychology. *In*: LERNER, Richard Martinartin. (Ed.). DAMON, Willian; LERNER, Richard Martinartin (Editors-in-Chief). Handbook of Child Psychology. Volume One: Theoretical models of Human Development. 6th edition. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006. 1084 p. chapter 11. p. 569-664. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111. p. 580.

[103] BURMAN, Erica. **Deconstructing Developmental Psychology**. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2008. 369 p.

[104] BURMAN, Erica. **Deconstructing Developmental Psychology**. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2008. 369 p. p. 13. Tradução minha para "Nowadays the status of developmental psychology is not clear. Some say that it is a perspective or an approach to investigating general psychological problems, rather than a particular domain or subdiscipline. According to this view we can address all major areas of psychology, such as memory, cognition, etc., from this perspective. The unit of development under investigation is also variable. We could be concerned with the development of a process, or a mechanism, rather than an individual. This is in marked contrast with the popular representations of developmental psychology which equate it with the practicalities of child development or, more recently, human development (with the relatively recent recognition that development is a 'lifespan'

Nos termos de Christopher Goodey[105], a ausência de consenso quanto à definição do conceito de 'desenvolvimento' decorre da própria história do campo, a começar pela natureza bipartite desse percurso: enquanto as origens formais da ciência que conhecemos como Psicologia do Desenvolvimento remontam há mais ou menos 100 anos, a 'ideia desenvolvimentista' – ou seja, uma das vencedoras ideias específicas do que significa ser um humano – possui uma história de 2 milênios. Esta última percorreu, desde então, uma transição histórica longa e mais ou menos contínua, alimentada pela formulação e constante elaboração e reelaboração de conceitos, categorias e teorias que passaram a sustentar a nossa definição geral do que significa ser um humano, quais sejam: mudança, tempo (linear), pessoalidade com interioridade e orientada a um objetivo (redenção, perfeição ou moralidade) e mortalidade. Variações nesses conceitos, categorias e teorias geraram, na mesma proporção, profundas modificações na própria ideia de 'desenvolvimento'. Eis, segundo Christopher Goodey, a melhor explicação para a ausência de consenso quanto ao conceito de 'desenvolvimento':

> O estudo da interioridade humana – primeiro em termos teológicos e depois em termos psicológicos – começou a partir desse ponto [com o início da religião monoteísta e a expansão do império em torno do Mediterrâneo] a reunir as suas teorias e o seu arsenal conceitual, e, por fim, as etiquetas que agora atulham trivialidades jornalísticas e conversas do quotidiano. Desse longo quadro histórico, as ciências da mente passaram a dominar tanto a delimitação de identidades grupais separadas como a noção global do que é ser humano. [...] O que a longa história conceitual nos mostra é que o 'desenvolvimento' é menos uma categoria científica e natural, do que uma forma temporária de nos vermos uns aos outros.[106]

affair). These paradoxical, mixed conceptions of developmental psychology testify to different aspects of its history.".

[105] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p.

[106] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 4. Tradução minha para: "The study of human interiority – at first in theological and then in psychological terms – began from that point on to assemble its theories and conceptual armoury, and ultimately the labels that now clutter journalistic trivia and everyday talk. Out of that long historical framework, the mind sciences have come to dominate both the staking out of separate group identities and the overall notion of what it is to be human. […] What the long-term conceptual history shows us is that *'*development*'* is less a scientific and natural category, than a temporary way of seeing each other."

Em um importante livro dedicado ao desenvolvimento, **Child Development: Theories and Critical Perspectives**[107], Rosalyn Shute e Phillip Thomas Slee reconhecem a dificuldade de definir 'desenvolvimento', optando, em seguida, por uma definição ampla e extremamente esquiva em relação ao conceito, lançando mão de um termo biológico ('ontogenia') que de fato não ilustra a pergunta 'o que é o desenvolvimento?':

> Embora seja mais do que razoável perguntar 'O que é o desenvolvimento?', não é tão fácil responder. Em termos amplos, o desenvolvimento humano refere-se à totalidade das mudanças que uma pessoa sofre ao longo do tempo. 'Ontogenia' é um termo mais biológico que, de forma semelhante, encapsula a história de desenvolvimento de um organismo individual, humano ou não.[108]

Em **The cultural nature of Human Development**[109], Barbara Rogoff nem sequer busca definir o que é o desenvolvimento. Nas primeiras linhas do livro, parte do princípio de que todos sabemos o que é o desenvolvimento para afirmar: "O desenvolvimento humano é um processo cultural. Enquanto espécie biológica, os humanos são definidos em termos da nossa participação cultural"[110].

Dentre os argumentos a que os autores recorrem para justificar a ausência de consenso, o principal é, naturalmente, aquele que faz referência à natureza complexa e multifacetada do desenvolvimento, na medida em que é de fato um processo que resulta de múltiplas influências causais interagindo entre si:

---

[107] SHUTE, Rosalyn H.; SLEE, Phillip Thomas. **Child Development**: theories and critical perspectives. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2015. [International texts in Developmental Psychology]. Original edition: 2003. 310 p.

[108] SHUTE, Rosalyn H.; SLEE, Phillip Thomas. **Child Development**: theories and critical perspectives. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2015. [International texts in Developmental Psychology]. Original edition: 2003. 310 p. p. 2.

[109] ROGOFF, Barbara. **The cultural nature of Human Development**. New York, NY: Oxford University Press, 2003. 449 p.

[110] ROGOFF, Barbara. **The cultural nature of Human Development**. New York, NY: Oxford University Press, 2003. 449 p. p. 3. Tradução minha para "Human development is a cultural process. As a biological species, humans are defined in terms of our cultural participation".

> O desenvolvimento é complicado. É um fenômeno complexo e multifacetado, moldado por arcos de influência que interagem entre si. Assim, o desenvolvimento deve ser estudado com o uso de múltiplas disciplinas e a sua interpretação deve ser informada por diversas orientações teóricas e de pesquisa. Logo, não surpreende que o estudo do desenvolvimento tenha sido interdisciplinar desde o início. Os estudiosos do desenvolvimento humano recorrem colaborativamente a uma série de disciplinas, incluindo Psicologia, psiquiatria, sociologia, antropologia, biologia, genética, ciência da família, educação, história e medicina.[111]

Ainda segundo Papalia e Martorell[112], dentre as múltiplas influências que, interagindo, complexificam o entendimento do desenvolvimento, temos a fusão que decorre do contato entre, de um lado, as características *herdadas*, *"*que dão a cada pessoa um ponto de partida especial na vida" e os fatores *ambientais*, que "afetam o desenvolvimento, especialmente contextos importantes como família, vizinhança, nível socioeconômico, raça/etnia e cultura". Dito de outra maneira, o desenvolvimento é uma equação cujas variáveis principais são, respectivamente, a hereditariedade e o ambiente. Com efeito, há aspectos maturacionais ao lado de outros mais propriamente individuais ou sociais; há, igualmente, ocasiões mais propícias para que determinadas ocorrências afetem mais ou menos o impacto de certas influências[113].

No âmbito dessas variáveis, e na medida em que somos essencialmente seres sociais, entram em cena os mais distintos contextos sociais, históricos, geográficos, econômicos e políticos, dentre tantos outros possíveis. Alguns dos mais notáveis exemplos desses contextos são a família, o nível socioeconômico, cultura, raça/etnia e o contexto histórico[114].

---

[111] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 81-82.

[112] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 96.

[113] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 96.

[114] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 96-109.

Entre os notáveis argumentos a que os autores recorrem para justificar a ausência de consenso está o de que o termo 'desenvolvimento' desempenha um papel importante em discursos culturais, políticos e pessoais, indicando, assim, uma variedade de interpretações fora de uma definição científica estrita. Este é o argumento de Paul van Geert, em **Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes**, capítulo de **Handbook of developmental psychology**:

> A noção de desenvolvimento desempenha um papel importante no discurso cultural, político e pessoal. Por exemplo, no jornal, lemos sobre os problemas dos países em desenvolvimento. Em outro nível, o desenvolvimento pessoal é considerado uma questão importante e as pessoas dedicam esforços consideráveis para promover seu desenvolvimento e o de outros pelos quais são responsáveis. A noção de desenvolvimento tem significados sutis e diversos, que são razoavelmente bem abordados pela linguagem cotidiana. O discurso científico sobre o desenvolvimento como tal, além dos aspectos técnicos de sua aplicação a um ou outro domínio específico de investigação, não é muito mais desenvolvido, se é que o é, do que sua contraparte cotidiana.[115]

A própria etimologia da palavra 'desenvolvimento' (do francês antigo *desvoloper*, que, *grosso modo*, significa 'desembrulhar') e suas relações com o termo latino *evolutio* (desenrolar) e com *explicatio* (desdobrar), uma palavra semanticamente relacionada, dá indício de que não há uma definição estática ou única para o nosso conceito. De fato, a dissonância conceitual em relação ao termo 'desenvolvimento' – da qual se seguiu sua condição irreversivelmente polissêmica – é a consequência mais previsível das tantas possibilidades semânticas perpetradas pela história etimológica do termo.

Em **The concept of Development from a systems perspective**[116], Hugh Bayard Urban descreve, com notável precisão, a primeira e grande dificuldade que inere à Psicologia do Desenvolvimento:

---

[115] Van GEERT, Paul. Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. *In:* VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of developmental psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. chapter 28. p. 640-672. p. 640. Tradução minha para "The notion of development plays an important role in cultural, political and personal discourse. For instance, in the newspaper, we read about the problems of developing countries. At another level, personal development is considered an important issue and people spend considerable effort in promoting their development and that of others for whom they have responsibility. The notion ofdevelopment has subtle and diverse meanings, which are reasonably adequately covered by everyday language. Scientific discourse about development as such, apart from the technical aspects ofapplying it to one or other specific domain ofinquiry, is not much better developed, ifat all, than its everyday counterpart".

[116] URBAN, Hugh Bayard. The concept of Development from a systems perspective. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 2, p. 46-85.

> O campo do desenvolvimento humano tem encontrado uma grande dificuldade na conceituação do próprio desenvolvimento. [...] Seu *status* parece não ter mudado marcadamente nos anos que se seguiram. A inspeção da gama de materiais que continuou a aparecer deixa claro que uma definição consensual ainda não emergiu sobre o que exatamente o termo pretende representa. [...] Tem sido igualmente pouco claro se o termo é mais utilmente aplicado na forma de um conceito em oposição a um constructo hipotético. Ordinariamente, um conceito é considerado um termo usado para representar uma classe de ocorrências (objetos, pessoas ou eventos) que são acessíveis à observação e que podem ser especificados em termos daqueles atributos minimamente necessários que são julgados ter em comum, e que servem para diferenciá-los de outra classe. Desenvolvidos com sucesso, tais conceitos permitem que julgamentos inequívocos sejam feitos sobre se uma ocorrência particular merece ou não a adesão a tal classe. Por contraste, um constructo é considerado um termo usado para se referir a um conjunto de eventos cuja ocorrência não pode ser diretamente observada, mas que é hipotetizada como ocorrendo e, portanto, permanece uma questão de inferência. Tal inferência é considerada necessária para dar conta de fenômenos que são observados ocorrer e é feita com base em uma rede de operações convergentes. [...] O termo desenvolvimento parece ter sido sujeito a ambos os tipos de uso. [...] Tem sido tentador para certos críticos advogar o abandono completo do termo. [...] Por mais difícil que possa ser empregar efetivamente, o termo desenvolvimento persiste devido à sua utilidade demonstrada no estudo de fenômenos biológicos e devido à sua utilidade percebida intuitivamente na compreensão do humano. [...] [U]ma palavra com seu uso cotidiano é uma coisa a ser considerada com grande respeito, pois é uma ferramenta que geralmente se mostrou adequada a algum aspecto de uma realidade complicada suficientemente bem para permitir que resultados práticos sejam obtidos. Como consequência, uma busca contínua por uma conceitualização [...] dos fenômenos de mudança e desenvolvimento pareceria ter mérito.[117]

[117] URBAN, Hugh Bayard. The concept of Development from a systems perspective. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 2, p. 51-54. Tradução minha para: "The field of human development has encountered a great deal of difficulty with the conceptualization of development itself. [...] Its status appears not to have changed markedly in the intervening years. Inspection of the range of materials which have continued to appear makes it clear that a consensual definition has not yet emerged as to precisely what it is that the term is intended to represent. [...] It has been equally unclear whether the term is most usefully applied in the form of a concept as opposed to a hypothetical construct. Ordinarily, a concept is considered to be a term used to stand for and to represent a class of occurrences (objects, persons, or events) which are accessible to observation and which can be specified in terms of those minimally necessary attributes which they are judged to hold in common, and which serve to differentiate them from another class. Successfully developed, such concepts permit unambiguous judgments to be made as to whether a particular occurrence does or does not earn membership in such a class. By contrast, a construct is considered to be a term used to refer to a set of events whose occurrence cannot be directly observed, but which is hypothesized as taking place, and thus remains a matter of inference. Such an inference is deemed necessary to account for phenomena which are observed to occur, and is made on the basis of a network of converging operations. [...] The term development would appear to have been subject to both sorts of usage. [...] It has been tempting to certain critics to advocate abandonment of the term entirely. [...] However difficult it may be to employ effectively, the term development persists because of its demonstrated utility in the study of biological phenomena and because of its intuitively perceived usefulness in the comprehension of the human [...] [A] word with its everyday usage is a thing to be regarded with great respect, since it is a tool which has usually been found to fit some aspect of a complicated reality sufficiently well to enable practical results to be obtained. As a consequence, a continued search for a [...] conceptualization of the phenomena of both change and development would appear to have merit.".

A segunda grande dificuldade a chamar minha atenção é a confusão comumente estabelecida entre o (i) conceito de 'desenvolvimento' e (ii) a Psicologia do desenvolvimento como campo. Embora pareça inusitado que obras clássicas prometam a definição de um conceito e, em seu lugar, definam o campo, isto é, a própria Psicologia do Desenvolvimento, a imprecisão acontece com alguma frequência. Um exemplo de conflação entre (i) o conceito e (ii) o campo é instanciado por ninguém menos que Papalia e Martorell[118]: "Desenvolvimento humano: Estudo científico dos processos de transformação e estabilidade ao longo de todo o ciclo de vida humano". Sou levado a crer que a dificuldade incide especificamente sobre a definição de 'desenvolvimento', já que as autoras são capazes de definir com clareza o campo do desenvolvimento humano, isto é, a disciplina científica que, em Psicologia, chamamos de Psicologia do Desenvolvimento:

> O campo do desenvolvimento humano concentra-se no estudo científico dos processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas. Os cientistas do desenvolvimento observam como as pessoas se transformam desde a concepção até a maturidade, bem como as características que permanecem razoavelmente estáveis[119].

A mesma dificuldade é encontrada em **Lifespan Development**[120], de Denise Boyd e Helen Bee, outro clássico da Psicologia do Desenvolvimento. Exatamente como ocorre no livro de Papalia e Martorell[121], a definição aqui vem sob a forma de um verbete e, assim como ocorre no exemplo anterior, o equívoco se dá exatamente entre a definição do conceito e do campo:

---

[118] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 81.

[119] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 81. [Grifos das autoras].

[120] BOYD, Denise; BEE, Helen. **Lifespan Development**. Seventh Edition. Kendallville, *IN:* Pearson Education, 2015. [Global edition]. 622 p.

[121] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital].

"Desenvolvimento humano: o estudo científico das mudanças relacionadas à idade no comportamento, pensamento, emoção e personalidade"[122].

Este talvez seja, em linhas gerais, o tema do livro de Christopher Goodey[123]. É possível interpretar que, dentre os seus interesses, está o de esclarecer, ainda que indiretamente, as razões pelas quais confundimos o conceito com o campo. Para chegar a esse ponto, Goodey percorre um caminho argumentativo o qual parte da compreensão – nada óbvia, ressalto – de que é raro encontrar um reconhecimento explícito de que a 'ideia desenvolvimentista' tenha tido um 'nascimento' conceitual. Dito de outra maneira, apesar da centralidade do conceito de 'desenvolvimento' na Psicologia, não há um momento ou evento histórico claramente definido e amplamente aceito como o ponto de origem de sua formulação como uma ideia psicológica distinta. Goodey é levado a essa suposição com base na ideia de que, embora o desenvolvimento psicológico seja percebido ao nosso redor, especialmente em crianças, e por analogia com o desenvolvimento físico, há um problema em comparar os dois.

Com efeito, enquanto o desenvolvimento corporal é um tipo natural, o desenvolvimento psicológico é mais difícil de definir, pois a definição de 'intangíveis' (cognição, emoções, pensamento moral) reside na cabeça do observador[124]. Isso implica que o campo da Psicologia do desenvolvimento frequentemente opera sem uma definição clara e universalmente acordada de seu objeto de estudo central, o que pode levar a uma confusão sobre o que exatamente está sendo estudado *versus* o estudo em si. É nesse sentido que questiona por que a mudança deve ser "moldada no papel do desenvolvimento como algo distinto de outra coisa"[125], de onde não pode deixar de concluir a ambiguidade inerente ao próprio conceito de desenvolvimento.

Paul van Geert concorda com Christopher Goodey quanto à compreensão de que a natureza particular do desenvolvimento se expressa na natureza bastante ambígua, um tanto obscura do conceito como é usado em diferentes formas de discurso:

---

[122] BOYD, Denise; BEE, Helen. **Lifespan Development**. Seventh Edition. Kendallville, *IN:* Pearson Education, 2015. 622 p. [Global edition]. [Edição digital]. p. 25. Tradução minha para "human development: the scientific study of age-related changes in behavior, thinking, emotion, and personality".

[123] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p.

[124] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 21. Encontramos aí: "A definition of intangibles – cognition, emotions, moral thinking, for example – can only be in the head of the observer; unlike the child's body, it depends on who is doing the defining. Of course, it is selfevident that an individual personality changes over the lifespan, but less evidente why change has to be cast in the role of development as distinct from something else.".

[125] GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p. p. 21. Tradução minha para "to be cast in the role of development as distinct from something else".

> A noção de desenvolvimento, tal como figura tanto na linguagem coloquial quanto em modelos gerais, implica uma certa tensão entre características opostas. O desenvolvimento envolve um aspecto de predestinação – algo se desdobra que já está lá – mas também um aspecto de vir-a-ser que é mais do que a simples revelação daquilo que já estava presente desde o início. Em segundo lugar, o desenvolvimento envolve um aspecto de mudança autogovernada e impulsionada internamente, mas também um aspecto de dependência contextual, da necessidade de um suporte externo. Envolve também a ideia de ordem e estrutura crescentes, um progresso em direção a uma qualidade superior e até mesmo a criação de novas formas e estruturas. Em resumo, o desenvolvimento é um processo altamente particular que não pode e não deve ser reduzido a um processo causal simples, impulsionado por condições internas ou externas. Sua natureza particular encontra sua expressão na natureza bastante ambígua e um pouco imprecisa do conceito, tal como é usado em diferentes formas de discurso.[126]

A confusão entre o conceito de 'desenvolvimento' e a Psicologia do Desenvolvimento como campo científico é, com efeito, uma dificuldade central e intrínseca à disciplina. Em primeiro lugar, porque o próprio termo 'desenvolvimento humano' é empregado de forma ambígua e multifacetada, referindo-se tanto ao fenômeno ou processo de transformação e estabilidade que ocorre ao longo do ciclo de vida humano – ou seja, o objeto a ser compreendido – quanto à disciplina científica dedicada a investigar esses processos.

Essa indistinção é tão prevalente que, frequentemente, obras introdutórias, a exemplo da de Papalia e Martorell[127], ao se proporem a definir o 'desenvolvimento humano' como um conceito, acabam por descrever a própria área de 'estudo científico'. Acabam por mencionar seus processos, objetivos e escopo ao invés de conceituar a natureza intrínseca do desenvolvimento em si – um conceito com o qual o campo da Psicologia do desenvolvimento tem encontrado considerável dificuldade para conceitualizar de forma satisfatória e unificada.

---

[126] Van GEERT, Paul. Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. *In:* VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of developmental psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. chapter 28. p. 640-672. p. 641. Tradução minha para "The notion of development as it features in colloquial speech and general models alike entails a certain tension between opposing traits. Development entails an aspect of predestination - something unfolds that is already there - but also an aspect of coming-into-being that is more than the simple uncovering of what is there already at the beginning. Second, development involves an aspect of self-governed, internally driven change, but also an aspect of context dependency, of the necessity of an external support. It also involves the idea of increasing order and structure, a progress towards higher quality and even the creation of new forms and structures. In summary, development is a highly particular process that cannot and should not be reduced to a simple causal process driven by either internal or external conditions. Its particular nature finds its expression in the rather ambiguous, somewhat unclear nature of the concept as it is used in different forms of discourse".

[127] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital].

Similarmente, Papalia e Martorell definem o 'desenvolvimento do ciclo de vida' como um "conceito sobre o desenvolvimento humano como um processo que dura a vida toda e que pode ser estudado cientificamente"[128]; mais uma vez, enquadram o conceito dentro da esfera de sua investigação científica.

Essa dificuldade na especificação do 'fenômeno' é um dilema fundamental que o campo herdou das ciências humanas não-desenvolvimentistas, dada a ausência de um arcabouço abrangente e unificador. No caso em questão, o problema reside na operação lógica de definir o que é 'X' (o processo) pela descrição de quem estuda 'X' (a disciplina). Trata-se de uma falácia de circularidade que, nesses casos, impede a discriminação entre categorias diferentes.

A essa segunda dificuldade, chamarei de (ii) confusão entre o conceito e o campo.

A terceira dificuldade, por sua vez, diz respeito à redução da definição do conceito de 'desenvolvimento' a metamodelos, isto é, às visões teóricas e compreensões gerais que estão por trás da definição de 'desenvolvimento'. A redução do conceito de 'desenvolvimento' a metamodelos – visões teóricas e compreensões gerais que subjazem às definições – em Psicologia do Desenvolvimento é sem dúvida fonte de uma considerável confusão no campo. Essa confusão decorre, primariamente, da falha em especificar e confrontar as raízes dessas diferentes perspectivas.

Metamodelos (ou metateorias) referem-se às suposições implícitas que todos temos sobre a natureza do desenvolvimento humano: se, por exemplo, (i) somos uma 'tábula rasa' ou se, antes, trazemos disposições inatas; se (ii) o desenvolvimento ocorre de maneira contínua ou se envolve estágios qualitativamente diferentes; ou se (iii) as origens do desenvolvimento rementem à natureza ou à criação[129]. Essas suposições são influenciadas pelas perspectivas científicas dominantes nos diferentes momentos históricos – seja, por exemplo, o behaviorismo ou as neurociências – ou pelos estereótipos também prevalentes sobre desenvolvimento e envelhecimento. Um metamodelo – ou ainda um paradigma, modelo ou hipótese de mundo – é um sistema filosófico de ideias que serve para organizar um conjunto ou família de teorias científicas e métodos científicos associados.

---

[128] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. p. 82.

[129] THE HUMAN DEVELOPMENT TEACHING & LEARNING GROUP. **Human Development**. Portland , Oregon: Portland State University Library, 2020. 431 p. Disponível em http://files.znu.edu.ua/files/Bibliobooks/Inshi72/0052718.pdf. Acesso em 21 de Setembro de 2025. Introduction. p. 3.

Em um dos capítulos de **An Introduction to Developmental Psychology**[130], mais especificamente em 'The scope and methods of Developmental Psychology', Alan Slater, Scott P. Johnson e Darwin Muir[131] expressam de maneira paradigmática o que frequentemente ocorre nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento: a promessa de uma definição se materializa sob a forma de descrição de visões teóricas e compreensões gerais que moldam um maneira de se equacionar o 'desenvolvimento'; o conceito de desenvolvimento, como é de se esperar, tende a não ser enfrentado. Com efeito, em uma das seções do capítulo, intitulada 'Conceitos de desenvolvimento humano'[132], Slater, Johnson e Muir afirmam:

> Nossas teorias implícitas, leigas ou 'populares' do desenvolvimento frequentemente refletem as questões que os psicólogos investigam, com o objetivo de consolidar nossa compreensão em bases mais sólidas e científicas. Começaremos discutindo [...] algumas das visões teóricas que influenciaram o pensamento dos psicólogos sobre o desenvolvimento[133].

Ora, essas crenças filosóficas e/ou suposições metateóricas são, em si, irresolúveis. Este é o motivo pelo qual seja frequente que as diferentes visões sobre o 'desenvolvimento' não se expliquem em termos conceituais, mas em termos de visões de mundo e, em consequência, dos diferentes métodos para estudar o desenvolvimento:

---

[130] SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p. [BPS Textbooks in Psychology]. [Digital edition].

[131] SLATER, Alan; JOHNSON, Scott P.; MUIR, Darwin. The scope and methods of Developmental Psychology. *In*: SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p. [BPS Textbooks in Psychology]. [Digital edition]. cap. 1. p. 3-40.

[132] Tradução minha para "Concepts of human development".

[133] SLATER, Alan; JOHNSON, Scott P.; MUIR, Darwin. The scope and methods of Developmental Psychology. *In*: SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p. [BPS Textbooks in Psychology]. [Digital edition]. cap. 1. p. 3-40. p. 6. Tradução minha para "Our implicit, lay or *'folk'* theories of development often reflect the issues that psychologists investigate, with the aim of putting our understanding on a firmer, more scientific footing. We will begin by discussing […] some of the theoretical views that have influenced psychologists*'* thinking about development".

> Psicólogos e outros pesquisadores do desenvolvimento infantil também têm visões diferentes sobre o desenvolvimento. A maneira como o desenvolvimento é definido e as áreas de interesse de cada pesquisador os levarão a utilizar diferentes métodos para estudá-lo. Descreveremos duas dessas visões diferentes sobre o desenvolvimento, oferecidas por psicólogos com diferentes visões de mundo. O eminente psicólogo do desenvolvimento Richard Lerner define uma visão de mundo (também chamada de paradigma, modelo ou hipótese de mundo) como 'um sistema filosófico de ideias que serve para organizar um conjunto ou família de teorias científicas e métodos científicos associados'. São crenças que adotamos, que muitas vezes não estão sujeitas a testes empíricos – isto é, simplesmente acreditamos nelas! Lerner e outros observam que muitas teorias do desenvolvimento parecem se enquadrar em uma de duas visões de mundo básicas: organímisca e mecanicista.[134]

Segundo Richard Martin Lerner e Carol Diane Ryff[135], as tentativas de explicar ou definir desenvolvimento não devem prescindir de uma completa reorientação metateórica. Baseiam-se, para tanto, na consideração de que explicações descritivas sobre o desenvolvimento menos têm a ver com verdade ou certeza do que com teorias particulares, as quais, por sua vez, refletem a visão de mundo de alguém. Discutir a fundo a polêmica proposta de Richard Lerner e Carol Ryff nos levaria a um debate epistemológico muito espinhoso e a um perigoso flerte com o relativismo, na medida em que defendem que a realização de uma tarefa explicativa não consiste em uma questão de lógica interna, mas de pressupostos metateóricos, os quais acreditam ser insolúveis.

---

[134] SLATER, Alan; JOHNSON, Scott P.; MUIR, Darwin. The scope and methods of Developmental Psychology. *In*: SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p. [BPS Textbooks in Psychology]. [Digital edition]. cap. 1. p. 3-40. p. 8. Tradução minha para "Psychologists, and others who study children's development, also have different views of development. The manner in which development is defined, and the areas of development that are of interest to individual researchers, will lead them to use different methods of studying development. We will describe two such different views of development that have been offered by psychologists holding different world views. The eminent developmental psychologist Richard Lerner defines a world view (also called a paradigm, model, or world hypothesis) as 'a philosophical system of ideas that serves to organise a set or family of scientific theories and associated scientific methods'. They are beliefs we adopt, which are often not open to empirical test – that is, we simply believe them! Lerner and others note that many developmental theories appear to fall under one of two basic world views: organismic and mechanistic."

[135] LERNER, Richard Martin; RYFF, Carol Diane. Implementation of the Life-Span view of Human Development: the sample case of attachment. *In*: BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 1, p. 1-45. p. 12.

Com base nessa perspectiva – a qual não denominam de relativista, mas de pluralista – visam a sobrepujar o que concebem como uma "miopia resultante da devoção cega a qualquer conjunto particular de pressupostos teóricos" em prol da consideração de que "as explicações são sempre relativas à sua estrutura teórica subjacente"[136].

Com efeito, as visões de mundo de cada teoria refletem crenças filosóficas, econômicas e políticas, muitas vezes implícitas, das quais os teóricos podem nem sequer estar ciente. É o que afirma Patricia Hackney Miller:

> [C]ada teoria da Psicologia do desenvolvimento possui uma visão do ser humano que reflete crenças filosóficas, econômicas e políticas. Essa visão é frequentemente implícita e, às vezes, os próprios teóricos nem sequer estão cientes desses pressupostos. A visão influencia não apenas a construção da teoria, mas também as decisões sobre quais problemas de pesquisa são significativos, qual método deve ser usado e como os dados devem ser interpretados. Assim, às vezes alega-se que é impossível integrar ou reconciliar teorias ou realizar testes cruciais que apoiem uma ou outra se elas possuírem visões de mundo diferentes.[137]

Não é difícil perceber: o cerne da dificuldade reside no fato de que essas diferentes visões de mundo dão ensejo a quadros teóricos incompatíveis entre si e à ausência de uma base comum para a avaliação científica.

De fato, não há erro em conceber que teorias sobre o desenvolvimento determinam a escolha das questões a serem contempladas pelos psicólogos. Tampouco há erro em conceber que os psicólogos busquem bases mais sólidas e científicas. A questão, no entanto, é, antes, a seguinte: em seções, capítulos e/ou momentos cuja proposta é a de discutir 'conceitos de desenvolvimento humano', é comum que os autores, seguindo uma das posturas mais comumente encontradas entre os psicólogos do Desenvolvimento, enveredem pela apresentação de concepções teóricas gerais sobre o 'desenvolvimento' para, em seguida,

---

[136] LERNER, Richard Martin; RYFF, Carol Diane. Implementation of the Life-Span view of Human Development: the sample case of attachment. *In*: BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 1, p. 1-45. p. 12-13. Tradução minha para "short-sightedness resulting from blind devotion to any particular set of theoretical assumptions [...] explanations are always relative to their underlying theoretical framework".

[137] MILLER, Patricia Hackney. **Theories of Developmental Psychology**. 6th Ed. NY, New York: Worth Publishers/ Macmillan Learning, 2016. Original year of publication: 1983. 508 p. p. 17. Tradução minha para "[E]ach theory of developmental psychology has a view of humans that reflects philosophical, economic, and political beliefs. This view is often implicit, and sometimes theorists themselves are not even aware of these assumptions. The view influences not only theory construction but also decisions about which research problems are meaningful, what method should be used, and how data should be interpreted. Thus, it sometimes is claimed that it is impossible to integrate or reconcile theories or make crucial tests that support one or the other if they have different worldviews.".

mostrar os diferentes métodos de investigação que podem ser assumidos em função das visões gerais sobre as quais os psicólogos do Desenvolvimento se sustentam. A essa terceira, espinhosa e frequente dificuldade, chamarei de (iii) confusão entre o conceito e os metamodelos de investigação em Psicologia do Desenvolvimento.

***

O objetivo central do presente capítulo – "1.3 Divergências e dificuldades no conceito de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano" – foi o de mapear algumas das complexidades e a falta de clareza que permeiam a definição de 'desenvolvimento', o conceito fundamental da área. Ao longo da análise que apresentei nesta seção, busquei apresentar alguns dos mais notáveis obstáculos conceituais que enfrentamos quando nos debruçamos sobre o conceito. Embora tenda a haver a compreensão relativamente generalizada de que o desenvolvimento humano consiste, desde a concepção até a morte, em um processo incessante de transformação e mudanças – envolvendo aquisições e perdas em domínios biológicos, psicológicos/cognitivos e psicossociais – não há uma definição consensual sobre o que é isso o 'desenvolvimento', o que compromete a edificação de uma Filosofia/Psicologia da Velhice e do Envelhecimento.

Minha intenção foi a de apresentar as três dificuldades principais que comprometem a clarificação do conceito de 'desenvolvimento'.

A primeira dessas dificuldades é a ausência de consenso conceitual em relação ao termo 'desenvolvimento'. A grande variedade de definições se alterna com comprometimentos epistemológicos e com esquivas a respostas mais enfáticas sobre o que é propriamente o desenvolvimento. Em parte, essa dificuldade decorre do fato de o termo ter sido trabalhado em paralelo por diferentes saberes e áreas até meados do século XX, gerando significados diversos, por vezes incompossíveis, e frequentemente imiscuídos na linguagem cotidiana.

A segunda das dificuldades é a que diz respeito à confusão entre o conceito de 'desenvolvimento' e o campo Psicologia do Desenvolvimento. Há, com efeito, uma distinção ambígua e multifacetada no uso do termo 'desenvolvimento humano', uma conflação entre o conceito e o campo. Obras introdutórias consagradas, como a de Papalia e Martorell[138], frequentemente incorrem nessa distorção ao anunciar a definição do conceito e, em seu lugar,

[138] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

apresentarem a definição da própria Psicologia do Desenvolvimento como área de estudo científico dos processos de transformação e estabilidade ao longo do ciclo de vida. Esta confusão é considerada uma dificuldade central e intrínseca à disciplina.

Por sua vez, a terceira consiste na redução da definição a metamodelos, isto é, a suposições implícitas ou visões teóricas gerais, como o organicismo e o mecanicismo, as quais, embora moldem a compreensão, não definem o conceito diretamente. O erro aqui consiste em prometer a conceituação de 'desenvolvimento' e, em seu lugar, estabelecer as crenças filosóficas, as suposições metateóricas e os consequentes métodos de investigação do desenvolvimento humano.

O mapeamento dessas posições críticas e a subsequente tomada de posição constituem um esforço imprescindível para a edificação de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento, na medida em que o êxito do empreendimento por mim assumido depende, em um nível radical, da clarificação do conceito de 'desenvolvimento', que serve como o 'motor' para a noção de 'fase de vida'.

Na mesma medida em que a falta de clareza conceitual constitui um primeiro grande obstáculo, a 'remoção de entulhos' teórico-metodológicos é o primeiro caminho a ser traçado. É o que acredito ter feito no presente subcapítulo.

Considerando que o 'terreno está mais limpo', a proposta para o próximo subcapítulo é a de pelo menos buscar oferecer uma definição. Alicerçar-me-ei, para tanto, em uma compreensão que, direta ou indiretamente, quase sempre aparece nas tentativas de definir o desenvolvimento, e com a qual estou absolutamente de acordo: seja lá o que for o 'desenvolvimento', trata-se de um (i) processo, (i.a) dinâmico, (i.b) adaptativo e (i.c) multifacetado. O que posso afirmar saber é: o desenvolvimento não é uma 'entidade fixa'. A próxima etapa desta Tese visa a alavancar essa compreensão processual do conceito de 'desenvolvimento'.

Nesse sentido, a seção que se segue – '1.4 Em busca da convergência: uma compreensão processual de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano' – ergue a pretensão de explorar se é o caso que tal perspectiva processual pode, de fato, orientar a definição de 'desenvolvimento', de forma a integrar a dialética entre mudança e estabilidade e entre continuidade e descontinuidade ao longo da vida humana.

1.4 Em busca da convergência: Uma compreensão processual de 'desenvolvimento' nos manuais e livros introdutórios à Psicologia do Desenvolvimento Humano

No subcapítulo anterior, busquei sustentar que a dificuldade em definir o conceito de 'desenvolvimento' envolve falhas filosóficas primárias, em especial: (i) a dificuldade em lidar com a natureza polissêmica do termo ou – o que creio ser ainda mais plausível – a ignorância em relação a esta polissemia; (ii) a confusão entre o conceito de desenvolvimento e a Psicologia do Desenvolvimento enquanto campo; e (iii) a indissociação entre o conceito e os metamodelos ou suposições filosóficas implícitas sobre os quais os psicólogos do desenvolvimento se sustentam para o fazer científico.

Mapeando essas dificuldades, pude constatar a presença de uma dimensão quase sempre presente, mesmo entre as definições mais díspares de 'desenvolvimento': trata-se, no caso, da noção de 'processo', um aspecto importante para a compreensão de 'desenvolvimento' e para o aprimoramento conceitual das ideias de envelhecimento, velhice e velho. Em que pese a diversidade de definições e a escassez de convergências, é comum encontrarmos, em alguns dos textos dedicados ao Desenvolvimento Humano em geral ou a algumas de suas fases específicas, a sugestão de que o desenvolvimento não é uma 'entidade fixa', uma substância, mas, antes, um processo dinâmico, adaptativo e multifacetado, ou, como alguns o concebem, um processo não-linear e sensível ao contexto.

Motivado por esse cenário, esse capítulo visa a (i) sustentar a natureza essencialmente processual do desenvolvimento e, em consequência, a (ii) propor uma definição de desenvolvimento axialmente marcada pela propriedade 'processo'.

***

A que me refiro pelo substantivo masculino ‘processo’ e pelo adjetivo daí derivado, o termo ‘processual’?

Dentre as definições de ‘processo’ que aparecem na versão online do **Cambridge Dictionary**[139], as mais exuberantes são as seguintes: “(i) ‘uma série de ações que você realiza para atingir um resultado’; (ii) ‘uma série de mudanças que acontecem naturalmente’; e (iii) ‘lidar com algo de acordo com um conjunto específico de ações’”[140]. Dentre as definições de ‘processual’, por sua vez, encontramos especificamente essa: “(i) ‘relacionado a um conjunto de ações que é a maneira oficial, legal ou aceita de fazer algo’”[141].

Não é difícil perceber que, dentre as propriedades mais constitutivamente enraizadas na ideia de ‘processo’, está a de ação/atividade. Essa relação entre ‘processo’ e ‘ação/atividade’ é talvez o que melhor explique o motivo pelo qual tendemos a pensar o processo como um movimento linear e orientando para um fim visado pelo sujeito. A origem dessa associação – talvez indevida – reside na compreensão disseminada pelo senso comum de que a ação/atividade consiste em um fato ou processo intencionalmente movido em relação a um objetivo, isto é, a um fim. Ocorre, no entanto, que podemos enfrentar obstáculos importantes se pensarmos nas ideias de ‘processo’ e de ‘processual’ em termos teleológicos. Quero com isso dizer que não há um consenso no que diz respeito a uma suposta finalidade do processo, a tirar pela definição do dicionário: a primeira das definições expostas propõe uma natureza teleológica – “uma série de ações que você realiza para atingir um resultado” – enquanto a segunda se refere a acontecimentos naturais, não-intencionais – “uma série de mudanças que acontecem naturalmente”. Se há um consenso na ideia de processo, esse reside na atribuição da propriedade ‘dinâmico’/’dinamismo’.

---

[139] CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT. **Cambridge Dictionary**. Cambridge-UK, 2025. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/. Acesso em 30 de Setembro de 2025.

[140] Tradução minha para “ ‘a series of actions that you take in order to achieve a result’; ‘a series of changes that happen naturally’; ‘to deal with something according to a particular set of actions’”. Cf. PROCESS. *In*: **Cambridge Dictionary**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, [s.d.]. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/process. Acesso em 30 de setembro de 2025.

[141] Tradução minha para “ ‘relating to a set of actions that is the official, legal, or accepted way of doing something’”. Cf. PROCEDURAL. *In*: **Cambridge Dictionary**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, [s.d.]. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/procedural. Acesso em 30 de setembro de 2025.

Ora, considerando (i) a ubiquidade da ideia de processo nas definições de 'desenvolvimento' e (ii) a onipresença da noção de dinamismo nas conceituações de processo, e considerando (iii) o princípio de que, se A = B, e se B = C, então A = C, em que o 'desenvolvimento' é A, o 'processo' é B, e o 'dinamismo' é C, temos que o desenvolvimento (A) é dinâmico (C).

Essa visão do problema esbarra em uma dificuldade de ordem histórica e filosófica, a saber: o conflito entre (i) o modo como experimentamos o mundo e a nós mesmos e (ii) a forte tradição metafísica ocidental que concebe a realidade como a somatória de indivíduos estáticos, sendo o dinamismo uma mera aparência ou, na melhor das hipóteses, ontologicamente secundário e derivado[142]. Até o momento em que os filósofos e cientistas passaram a direcionar seu olhar para os processos, os conceitos de dinamicidade ou devir mantiveram-se escondidos; mais do que isso, marginalizados. Nesse sentido, o advento da Filosofia ou metafísica dos processos está associado com a emergência de novas possibilidades de pensar o desenvolvimento. A questão colocada pela Filosofia dos processos como ponto de partida é a seguinte:

> O que é a dinamicidade ou o devir – se é a maneira como vivenciamos a realidade, como devemos interpretá-la metafisicamente? Existem diversas variedades de devir – por exemplo, o desenrolar uniforme das atividades versus o surgimento dos desenvolvimentos? Todos os desenvolvimentos têm a mesma maneira de ocorrer, independentemente do que está acontecendo? Como podemos classificar melhor o que está acontecendo e acontecendo em diferentes tipos de ocorrências? Como podemos compreender o surgimento de condições aparentemente novas? Podemos conceber o devir ou o ser dinâmico independentemente do espaço e do tempo?[143].

[142] SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025.

[143] SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025. §1. Tradução minha para "what is dynamicity or *becoming* — if it is the way we experience reality, how should we interpret this metaphysically? Are there several varieties of becoming—for instance, the uniform going on of activities versus the coming about of developments? Do all developments have the same way of occurring quite independently of what is coming about? How can we best classify what is going on and coming about into different kinds of occurrences? How can we understand the emergence of apparently novel conditions? Can we conceive of becoming or dynamic being independently of space and time?".

A tal Filosofia do(s) processo(s) – ou metafísica do(s) processo(s), como alguns preferem – afirma que, embora o acontecimento e surgimento dinâmicos estejam contidos na realidade, o mundo também se organiza em torno a aspectos temporalmente estáveis e recorrentes[144]. O que ocorre é que a 'persistência' é vista não como uma propriedade à parte, mas, antes, como "o comportamento regular de organizações dinâmicas que surgem devido à interação contínua de processos"[145]. Por essa razão, sua formulação não é favorecida pela epistemologia ocidental; ao contrário, as "ferramentas teóricas padrão da metafísica ocidental são voltadas para a visão estática da realidade"[146]. Por isso mesmo, esforços especiais precisam ser envidados para que seja possível a apreensão da natureza processual da realidade frente a um paradigma dominado por uma visão estática.

Com efeito, o debate contemporâneo em torno da metafísica dos processos constitui uma tentativa de (i) destacar os limites do paradigma filosófico tradicional – baseado na noção de substância – para, ulteriormente, ser possível (ii) trabalhar a partir de um paradigma alternativo, baseado agora na noção de processo[147]. A Filosofia ou metafísica dos processos acabou se tornando uma área extremamente profícua da metafísica analítica por seu mérito de justificar "a premissa de que o ser é dinâmico e que a natureza dinâmica do ser deve ser o foco principal de qualquer relato filosófico abrangente da realidade e do nosso lugar nela"[148].

---

[144] SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025. §2.

[145] SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025. §2. Tradução minha para "the regular behavior of dynamic organizations that arise due to the continuously ongoing interaction of processes".

[146] SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025. §2. Tradução minha para "standard theoretical tools of Western metaphysics are geared to the static view of reality".

[147] Cf. BORDIGNON, Michaela. A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea. **Revista de Humanidades de Valparaíso**, n. 18, p. 27-44, 2021. DOI: https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp27-44. Disponível em https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-42422021000200027. Acesso em 28 de Setembro de 2025.

[148] Cf. SEIBT, Johanna. Process philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025. § 1. Tradução minha para "Process philosophy is based on the premise that being is dynamic and that the dynamic nature of being should be the primary focus of any comprehensive philosophical account of reality and our place within it".

Eis, então, o motivo pelo qual é mister perscrutar o conceito de processo. Afinal, e pelo menos desde Aristóteles, não se trata de uma noção trivial para os ocidentais. Certeira, nesse sentido, é a afirmação de Michaela Bordignon: "na tradição filosófica ocidental, o paradigma metafísico principal é a metafísica da substância, que postula a existência de indivíduos independentes, definidos por propriedades fixas e caracterizadas de maneira atemporal"[149].

Dentre as limitações da metafísica tradicional estão (i) a impossibilidade de explicar a mudança como um dos aspectos reais do mundo e (ii) o fato de que cada um dos indivíduos – animados ou não – se caracterizam por propriedades dinâmicas e entrelaçadas. Ante o paradigma tradicional ocidental – baseado na prevalência da metafísica da substância –, contrasta a metafísica dos processos, cujas ideias centrais são as seguintes: (i) a realidade é dinâmica, constituída não de (ou não apenas de) substâncias, substratos ou objetos fixos e estáveis, mas, deveras (ou também), de processos, eventos e ocorrências. Assim, a natureza dinâmica do ser deve ser o foco principal de qualquer explicação filosófica abrangente da realidade; e, (ii) embora os processos lidem com algum tipo de mudança, o conceito de processo é mais complexo do que o mero 'devir', de sorte que a estrutura ontológica do processo integra a alteração com alguma forma de permanência e coerência estrutural[150].

Nessa esteira, expresso minha concordância com Mark Bickard, consoante o qual, em **Process metaphysics: coherences and consequences**:

[149] BORDIGNON, Michaela. A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea. Revista de Humanidades de Valparaíso, n. 18, p. 27-44, 2021. DOI: https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp27-44. Disponível em https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-42422021000200027. Acesso em 28 de Setembro de 2025. p. 28.31-32.38

[150] BORDIGNON, Michaela. A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea. Revista de Humanidades de Valparaíso, n. 18, p. 27-44, 2021. DOI: https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp27-44. Disponível em https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-42422021000200027. Acesso em 28 de Setembro de 2025. p. 29.

> Grande parte do pensamento ocidental tem sido dominado pela metafísica da substância e das partículas, descendente da terra, do ar, do fogo e da água de Empédocles e, especialmente, da terra, do ar, do fogo, da água, da substância, da matéria e da forma de Aristóteles. Estas constituíram uma estrutura poderosa e produtiva, mas também geraram problemas aporéticos em múltiplos casos em que o processo se provou necessário. Por exemplo, o fogo não é uma substância (p. ex., flogisto), mas sim um processo de combustão; o calor não é uma substância (p. ex., calórico), mas sim um processo cinético aleatório; o magnetismo não é uma substância (p. ex., fluido magnético), mas sim um processo de campo; e a vida não é uma substância (p. ex., fluido vital), mas sim um tipo especial de processo distante do equilíbrio termodinâmico. Essas mudanças da substância para o processo constituem um tema primário da ciência e da Filosofia 'recentes'. Um grande obstáculo a essa tendência é o âmbito da normatividade, como a função e a representação, e, na verdade, todo o âmbito dos fenômenos biológicos, psicológicos e sociais.[151]

É sobre essa visão processual da realidade que se situa a própria ideia processual de desenvolvimento.

Dentre aqueles que definem o desenvolvimento a partir de uma perspectiva processual, temos Caroline Bitencourt de Almeida e Heloísa Grubits[152], para as quais o envelhecimento, uma das fases do desenvolvimento, "possui um sentido de construção, de movimento", apontando, assim, para "um inacabado e constante processo de subjetivação".

Essa ideia é compartilhada por Lilian Juana Levenbach de Gamburgo, em conformidade com a qual:

---

[151] Cf. BICKHARD, Mark. Process metaphysics: coherences and consequences. **Manuscrito**: International Journal of Philosophy, v. v.47, n.1, e-2024-0057-R1, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/0100-6045.2024.V47N2.MB. Disponível em https://www.scielo.br/j/man/a/TWgtnBbDR5qQNLPC55Ghz6s. Acesso em 21 de Julho de 2025. p. 2-3. Tradução minha para "Much of Western thought has been dominated by substance and particle metaphysics, descendent from Empedoclean earth, air, fire, and water, and, especially, from Aristotelean earth, air, fire, water, substance, matter and form. These have constituted a powerful and productive framework, but have also yielded aporetic problems in multiple cases in which process has proven to be necessary. For example, fire is not a substance (e.g., phlogiston), but is a process of combustion; heat is not a substance (e.g., caloric), but a randomized kinetic process; magnetism is not a substance (e.g., magnetic fluid), but a field process; and life is not a substance (e.g, vital fluid), but a special kind of far from thermodynamic equilibrium process. These shifts from substance to process constitute a primary theme of 'recent' science and philosophy. A major hold-out against this trend is the realm of normativity, such as function and representing, and, in fact, the entire realm of biological, psychological, and social phenomena".

[152] ALMEIDA, Carolina Bitencourt de; GRUBITS, Heloísa. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Revista Longeviver**, ano V, n. 18, Abr/Maio/Jun. 2023. Disponível em https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/1015/1067. Acesso em 30 de Julho de 2025. p. 45.

> Atualmente, cada vez mais autores e áreas do conhecimento aderem à ideia – mais adequada – de que o envelhecimento é um 'processo', adotando uma perspectiva de curso de vida, que considera que as diversas idades não podem ser entendidas fora das significações sociais e do contexto histórico em que se desenvolvem.[153]

Mesmo a ideia de envelhecimento como processo tem estado mais associada às perspectivas biológicas ou biologizantes. Do ponto de vista propriamente biológico, registra Carvalho Filho[154], mais do que ser um processo, o desenvolvimento é dinâmico e progressivo, repleto de alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas, as quais, em conjunto, alteram progressivamente o organismo. No âmbito do desenvolvimento, o envelhecimento consiste nas mudanças pelas quais o corpo passa e graças as quais o organismo se torna mais susceptível às agressões – intrínsecas e extrínsecas – que acabam levando o corpo à morte.

Na mesma direção fisiológica, temos Virgílio Garcia Moreira[155]: propondo uma teoria estocástica do envelhecimento, pensa o envelhecimento à luz da teoria das modificações proteicas. Trata-se, aqui, da compreensão de que o termo 'homeostase' – cujo significado literal é o de 'estabilidade através da constância' – não dá conta dos diversos mecanismos interativos que, ocorrendo nas células, explicam o processo de envelhecimento. Um termo mais assertivo seria, em seu lugar, o de 'homeodinâmica', na medida em que está de acordo com a compreensão mais recente da biologia segundo a qual nossas células e seus constituintes não fazem parte de um sistema fixo e em equilíbrio; na realidade, nossas células estão em um processo de "regulação dinâmica e interativa entre seus vários níveis de organização". As implicações dessa compreensão para pensar o envelhecimento são óbvias: no âmbito das teorias biológicas, o envelhecimento e suas correlações devem ser equacionados dentro desse paradigma processual.

---

[153] GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf. Acesso em 29 de Setembro de 2025. p. 33.

[154] CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do envelhecimento. *In*: PAPALÉO NETTO, Matheus. **gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, SP: Atheneu, 2002. p. 60-70. 524 p.

[155] MOREIRA, Virgílio Garcia. Biologia do envelhecimento. *In*: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 2, p. 89-107. p. 96.

Ainda no terreno das noções biologizantes, temos Roger A. Dixon e Richard Martin Lerner[156], os quais, sob influência de Charles Darwin[157] – e mais especificamente sua sugestão de "similaridade substancial (bem como dessemelhança) e de continuidade (bem como descontinuidade) entre (i) várias espécies e entre (ii) o adulto e a criança de uma determinada espécie"[158] – sustentam cair por terra a compreensão "absoluta e a-história das espécies atuais e das formas adultas de uma determinada espécie"[159]. A principal implicação dessa reviravolta teórica, epistemológica e metodológica é o entendimento de que, do ponto de vista do desenvolvimento, os fenômenos ou as formas atuais se desenvolvem a partir de formas anteriores, e continuarão a se desenvolver em formas futuras. Por meio dessa abordagem, a qual intitulam abordagem desenvolvimentista, açambarcam não apenas o modelo darwinista de mudança contínua ou gradual quanto as teorias evolucionistas que professam a existência de mudanças descontínuas e/ou qualitativas[160]. Ainda segundo Roger Dixon e Richard Lerner, a força da ideia de processo nas ideias teóricas e metateóricas de desenvolvimento se explica justamente pelo papel desempenhado pelo evolucionismo do século XIX, o que explicaria o fato de os cinco modelos principais de Psicologia do Desenvolvimento existentes compartilharem uma herança darwiniana comum.

---

[156] DIXON, Roger A.; LERNER, Richard Martin. A History of Systems in Developmental Psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.) **Developmental Psychology**: an Advanced Textbook. Second Edition. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. part I, chapter 1. p. 3-50. p. 13. 704 p.

[157] DARWIN, Charles Robert. **Descent of man**. London: John Murray, 1871.

[158] DIXON, Roger A.; LERNER, Richard Martin. A History of Systems in Developmental Psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.) **Developmental Psychology**: an Advanced Textbook. Second Edition. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. part I, chapter 1. p. 3-50. 704 p. p. 13. Tradução minha para: "substantial similarity (as well as dissimilarity) and continuity (as well as discontinuity) among several species and between the adult and child of a given species".

[159] DIXON, Roger A.; LERNER, Richard Martin. A History of Systems in Developmental Psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.) **Developmental Psychology**: an Advanced Textbook. Second Edition. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. part I, chapter 1. p. 3-50. 704 p. p. 13. Tradução minha para: "the absolute, ahistorical view of both present species and the adult form of a given species". A esse propósito, cf. RICHARDS, Robert J. Darwin and the biologizing of moral behavior. *In:* Woodward, William R.; ASH, Mitchell G. (Eds.). **The problematic science**: Psychology in nineteenth-century thought. New York: Praeger, 1982.

[160] Dentre os quais: COSTALL, Alan. Evolutionary gradualism and the study of development. **Human Development**, v. 29, n. 1, p. 4-11, January-February 1986. Disponível em https://psycnet.apa.org/record/1986-16059-001. Acesso em 02 de Agosto de 2025; TOULMIN, Stephen; GOODFIELD, June. **The discovery of time**. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

Esta é a razão pela qual Roger Dixon e Richard Lerner acreditam, a noção de processo está enraizada nas concepções correntes de 'desenvolvimento'[161]. Não à toa, afirmam, as ideias de Darwin foram consideradas em menor ou maior nível por aqueles que consideramos hoje os fundadores das grandes teorias contemporâneas de Psicologia do Desenvolvimento desenvolvidas no século XX[162].

Em que pese a legitimidade da compreensão processual de desenvolvimento à luz da perspectiva fisiológica, o processo de desenvolvimento é mais frequentemente concebido como moldado por fatores fisiológicos (biológicos), culturais, sociais, econômicos e políticos. Nesse sentido, vida e envelhecimento (o estado final do desenvolvimento) devem ser considerados como "constituídos de aspectos biológicos, sociais, políticos, econômicos e psíquicos tanto para a reflexão renovada do tema quanto para a visualização de ações que possam responder ao fato contemporâneo da expansão da longevidade humana"[163].

Ainda no espírito de uma compreensão processual, sistêmica, dinâmica e interativa do desenvolvimento que se estende para além dos domínios biológicos, é comum a defesa de que o desenvolvimento constitui um processo emergente da interação, da reciprocidade e da adaptação, dependentes do contexto; advém daí o entendimento de que o desenvolvimento depende da mediação social e de legados históricos, ou ainda de fatores legais ou subjetivos. Na prática, esse substrato filosófico tende a se expressar sob o entendimento de que o desenvolvimento envolve uma integração de domínios biológicos, psicológicos e psicossociais:

---

[161] DIXON, Roger A.; LERNER, Richard Martin. A History of Systems in Developmental Psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.) **Developmental Psychology**: an Advanced Textbook. Second Edition. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988. part I, chapter 1. p. 3-50. 704 p. p. 14.

[162] Cf. ANGELL, James Rowland. **Chapters from modern psychology**. New York, NY: Longmans, Green, 1912. 328 p.; DIXON, Roger A.; LERNER, Richard Martin. Darwinism and the emergence of Developmental Psychology. *In:* ECKHARDT, Georg; BRINGMANN, Wolfgang Georg; SPRUNG, Lothar. (Eds.). **Contributions to a history of Developmental Psychology**. Berlin, DE: Mouton, 1985. 422 p. part II, chap. 17, p. 245-266.; KIRKPATRICK, Edwin Asbury. **Genetic psychology**: An introduction to an objective and genetic view of intelligence. New York, NY: Macmillan, 1909. 408 p.; MISIAK, Henryk; SEXTON, Virginia Standt. **History of psychology in overview**. New York, NY: Grune & Stratton, 1966. 520 p.; VIDAL, Fernando; BUSCAGLIA, Marino; VONÈCHE, J. Jacques. Darwinism and Developmental Psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 19, n.1, p. 81-94, 1983. DOI: https://doi.org/10.1002/1520-6696(198301)19:1<81::AID-JHBS2300190109>3.0.CO;2-G. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/toc/15206696/1983/19/1. Acesso em 03 de agosto de 2025.; WHITE, Sheldon Harold. The learning-maturation controversy: Hall to Hull. Merrill-Paimer Quarterly, v. 14, n. 3, p. 187-196, 1968. Disponível em https://www.jstor.org/stable/23082427. Acesso em 03 de agosto de 2025.; WOHLWILL, Joachim Friedrich. **The study of Behavioral Development**. New York: Academic Press, 1973. 413 p.

[163] BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; MEDEIROS, Suzana Aparecida Rocha; LODOVICI, Flamínia Manzano Moreira; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina. SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. gerontologia: estado da arte. **Revista Kairós gerontologia**, v. 12, 2009, p. 100-126. p. 118.

> Viver e envelhecer envolve a pessoa como um todo. O ser humano, por exemplo, não pode ser pensado fora da sua condição biológica e, de forma igual, não há como abstrair o homem da sua condição social. Fora do corpo e da comunidade humana, o homem não existe. As diferentes facetas do ser humano como os aspectos biológicos, sociais, psíquicos e espirituais, para só nomear alguns, também não existem separadamente, mas interagem, tecendo dessa forma as condições da própria vida[164].

Temos, na mesma seara, Susan e Stacey Whitbourne[165], em cuja proposta biopsicossocial reside a consideração de que o desenvolvimento se constitui de uma interação complexa e multidimensional de processos biológicos, psicológicos e sociais[166]. No caso do desenvolvimento de adultos e velhos, quatro são os princípios aduzidos por Susan e Stacey Whitbourne: (i) as mudanças são contínuas ao longo da vida; (ii) só envelhece quem está vivo; (iii) a individualidade importa; e (iv) envelhecimento normal é diferente de doença[167].

Conforme Johannes Doll, José Francisco P. Oliveira, Jeanete Liasch Martins de Sá e Vania Beatriz Merlotti Herédia, em **Multidimensionalidade do envelhecimento e interdisciplinaridade**, a ideia corrente de que "o entendimento acerca do envelhecimento humano envolve um conjunto de conhecimentos de natureza multidimensional" repousa sobre a compreensão de sua natureza processual, em conformidade com o qual o envelhecimento é o "processo pelo qual todo ser humano passa desde o seu nascimento", " um processo contínuo em que os sujeitos constroem suas experiências e estabelecem seus vínculos com o mundo, utilizando seus recursos biológicos, culturais, sociais, econômicos e políticos"[168].

---

[164] DOLL, Johannes; OLIVEIRA, José Francisco P.; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Multidimensionalidade do envelhecimento e interdisciplinaridade. *In*: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 10, p. 223-231. p. 223.

[165] WHITBOURNE, Susan Krauss; WHITBOURNE, Stacey Beth. **Adult development and aging**: biopsychosocial perspectives. 7th Ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2020. Revised edition of the authors' Adult development & aging 2017. Original edition: 2005. 400 p.

[166] WHITBOURNE, Susan Krauss; WHITBOURNE, Stacey Beth. **Adult development and aging**: biopsychosocial perspectives. 7th Ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2020. Revised edition of the authors' Adult development & aging 2017. Original edition: 2005. 400 p. p. 3. Tradução minha para "complex interaction of biological, psychological, and social processes".

[167] WHITBOURNE, Susan Krauss; WHITBOURNE, Stacey Beth. **Adult development and aging**: biopsychosocial perspectives. 7th Ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2020. Revised edition of the authors' Adult development & aging 2017. Original edition: 2005. 400 p. p. 4-8.

[168] DOLL, Johannes; OLIVEIRA, José Francisco P.; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Multidimensionalidade do envelhecimento e interdisciplinaridade. *In*: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 10, p. 223-231. p. 223.

A compreensão processual de desenvolvimento é também explicitamente sustentada pela perspectiva bioética de Leo Pessini[169], em conformidade com o qual "envelhecer [envelhecimento] é um processo natural do crescimento do ser humano, que se inicia com o nascimento e termina [apenas] com a morte". Destarte, dentre os pontos fundamentais de uma Filosofia do envelhecimento – dependentes da tese de que o envelhecimento é um processo natural do crescimento do ser humano – está o entendimento de que "o ser humano não é estático, mas profundamente dinâmico", na medida em que "está em um constante processo de mudança, e sua idade é uma questão de percepção e atitudes".

Em seu esforço de definir 'desenvolvimento', Margareth Harris[170] concebe-o como uma mudança de natureza especial. Esta mudança de natureza especial ocorre de maneira incessante e, ademais, se estende a diversos níveis. Por outro lado, essa mudança pode ser, ainda nos termos de Harris, 'positiva' ou 'negativa': podemos falar em 'desenvolvimento' apenas quando a mudança é 'positiva', o que quer dizer, quando promove mais precisão e mais organização para o sistema.

A ideia de que o desenvolvimento se relaciona com mudanças instanciadas em distintos níveis, e que esses níveis interagem causalmente entre si é sustentada por Ian Stuart-Hamilton em seu **A Psicologia do Envelhecimento**:

> Devemos enfatizar que os processos de envelhecimento social, biológico e psicológico não ocorrem independentemente um do outro. Como vimos, as mudanças no estado físico do corpo (e especialmente do cérebro) podem ter profundos efeitos sobre o funcionamento psicológico. Esse ponto é tacitamente aceito por muitos pesquisadores, embora isso nem sempre seja verbalizado.[171]

[169] PESSINI, Leo. Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida. *In*: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 8, p. 195-208. p. 199.

[170] HARRIS, Margaret. **Exploring Developmental Psychology**: understanding Theory and Methods. London, UK: Sage Publications, 2008. 361 p. p. 1.

[171] STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p. p. 40.

A compreensão processual de Ian Stuart-Hamilton[172] do desenvolvimento – e em particular do envelhecimento – remete diretamente às posições sustentadas por Paul B. Baltes e seus tantos colaboradores, dentre os quais Hayne Waring Reese[173], em conformidade com a qual o desenvolvimento se determina por 3 fatores, quais sejam: (i) ambientais, (ii) biológicos e (iii) ambientais mesclados com biológicos.

Paul B. Baltes é sem dúvida a grande referência em Psicologia do Desenvolvimento para todo aquele que pensa o desenvolvimento como um processo que perdura ao longo de todo o ciclo da vida. Esta posição é reconhecida por Papalia e Martorell[174], as quais, de maneira muito didática, expõem as proposições que marcam a abordagem que a ele atribuem:

> (1) o desenvolvimento é vitalício, (2) o desenvolvimento é multidimensional, (3) o desenvolvimento é multidirecional, (4) as influências relativas da biologia e da cultura se alteram durante o ciclo de vida, (5) o desenvolvimento envolve mudança de alocação de recursos, (6) o desenvolvimento apresenta plasticidade, e (7) o desenvolvimento é influenciado pelo contexto histórico e cultural.[175]

O paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*) – como também é conhecida a abordagem de Paul B. Baltes – postula o desenvolvimento como sendo um processo a um só tempo (i) contínuo, (ii) multidimensional e (iii) multidirecional, sendo as mudanças perpetradas por influências genéticas, biológicas ou socioculturais, e havendo ganhos e perdas concorrentes a partir da interatividade entre o indivíduo, a cultura, e entre os níveis e tempos das influências[176].

---

[172] STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p.

[173] BALTES, Paul B.; REESE, Hayne Waring. The life-span perspective in developmental psychology. *In*: BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.). **Developmental psychology**: An advanced textbook. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984. 624 p. chapter 12. p. 493-531.

[174] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

[175] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 121.

[176] NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: MOREIRA, Daniel Fuentes; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSENZA, Ramon Moreira (Orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. 456 p. cap. 1. p. 17-42.

A revolução empreendida por essa concepção na Psicologia da Velhice e do Envelhecimento não é pequena justamente por conta da capacidade que a teoria *life-span* tem de contradizer as teorias do desenvolvimento que restringem a velhice e o envelhecimento a perdas e/ou declínios, no compasso do que propõem as ciências gerontológicas dessa segunda década do século XXI.

A busca por uma convergência em meio às definições culminou na sustentação de que o desenvolvimento deve ser primariamente compreendido como um processo – vitalício, multidimensional e multidirecional – e no qual está integrada a dialética entre mudança e estabilidade, entre a continuidade e a descontinuidade ao longo da vida humana. A posição a que cheguei se alinha a uma tendência crescente, inclusive na Filosofia, de acolher uma metafísica dos processos, em conformidade com a qual a natureza dinâmica do ser constitui o foco principal de qualquer relato filosófico abrangente da realidade. O conceito de desenvolvimento, o 'motor' pelo qual os seres humanos atravessam as diferentes fases do ciclo vital, é, portanto, o alicerce epistemológico do nosso empreendimento.

Se a Psicologia do Desenvolvimento, em sua visão *life-span*, afirma que a transformação e as mudanças são incessantes, desde a concepção até a morte, esta compreensão processual é vital para as ideias de envelhecimento, velhice e velho. Ao longo do próximo subcapítulo, e na esteira do que objetivei fazer nesta seção quanto ao conceito de desenvolvimento, buscarei sustentar que a insuficiência conceitual e os vieses estereotipados sobre a velhice persistem, em grande parte, porque se apoiam em uma noção de desenvolvimento simplificada ou organicista, na qual o final da vida é associado à perda, estagnação ou declínio inexorável.

Contra essa visão superficial do fenômeno do envelhecimento e da velhice, aspiro a abarcar o envelhecimento e a velhice a partir de uma abordagem que integre "suas múltiplas determinações, diferente do que tem sido compreendido enquanto período do desenvolvimento associado ao final da vida, à perda da função social e à degeneração física"[177]. No âmbito dessa abordagem, o envelhecimento e a velhice deixam de ser exclusivamente equacionados sob o paradigma biológico-maturacional em prol do entendimento de que as formações psicológicas que constituem os diferentes ciclos da vida resultam de uma relação complexa e não-excludente entre os níveis biológico, social, cultural e histórico.

[177] TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69. p. 62.

Em conformidade com a perspectiva processual sustentada para o conceito de 'desenvolvimento', proponho, na próxima seção (1.5), promover o desmantelamento do olhar hegemônico e biologizante sobre a velhice, realizando a distinção fundamental entre o envelhecimento (o processo contínuo e pluridimensional de aquisições e perdas), a velhice (a fase da vida ou o estado) e o velho (o sujeito singular). Somente a partir da clareza desses termos-chave, resgatando a especificidade do sujeito, é possível edificar a posição filosófica que busco fundamentar.

1.5 O envelhecimento, a velhice e o velho: em busca de definições

Ao longo do Capítulo 1, e especialmente entre os subcapítulos 1.2 e 1.4, propus estabelecer uma compreensão processual do conceito de 'desenvolvimento' a partir da tarefa – realizada em primeiro lugar – de 'remoção de entulhos' ou de 'terapia' da linguagem. Com base no caminho recém-percorrido, intento, no subcapítulo que agora se inicia – o 1.5 –, pensar as categorias da Psicologia do Desenvolvimento sobre as quais essa Tese se alicerça, e que justificam a própria discussão do conceito de 'desenvolvimento' que empreendi: refiro-me, respectivamente, aos conceitos de (i) envelhecimento, (ii) velhice e (iii) velho.

***

Para todo aquele que, a partir da Filosofia e/ou da Psicologia, se propõe lidar com o que quer que sejam o (i) envelhecimento, (ii) a velhice e/ou o (iii) velho (idoso), deliminar precisamente esses termos é mais do que um legítimo e notável ponto de partida; é também, acredito, uma tarefa imprescindível.

A esse respeito, Matheus Papaléo Netto (1928-2016), um dos precursores da geriatria e da Gerontologia no Brasil, oferece, no primeiro dos capítulos[178] do monumental **Tratado de Geriatria e Gerontologia**[179], uma importante contribuição conceitual, posto que modesta: (i) o envelhecimento é um processo, (ii) a velhice é uma fase da vida, e (iii) o velho (ou idoso) é resultado final (o produto) do processo de envelhecimento. Se, por um lado, esses termos não se confundem, também é verdade, por outro lado, que não se separam: "O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados"[180]. Essa é a compreensão geral que sustentarei ao longo da Tese: (i) o envelhecimento como um processo, e mais precisamente como uma propriedade emergente de todo e qualquer sistema vivo; (ii) a velhice como uma das fases da vida; e (iii) o velho como o produto do processo que chamamos de envelhecimento.

---

[178] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[179] FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p.

[180] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 83.

***

Apresentada minha compreensão geral, a pergunta que cumpre agora fazer é a seguinte: poderiam ser o 'envelhecimento', a 'velhice' e o 'velho' entendidos univocamente como entidades, processos, fases e/ou fenômenos biológicos? Ou seriam, inversamente, cronológicos? Ou ainda nem um nem outro?

A favor da ideia tradicional de 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho' como entidades, processos, fases e/ou fenômenos biológicos, é verdade que o processo de envelhecimento e a emergência de seus resultados (a 'velhice' e a constituição do 'velho/envelhecido') é uma característica exclusiva de sistemas vivos, e é verdade que são apenas os sistemas vivos que se encaixam em uma ou outra das fases da vida. Talvez por isso, o senso comum e a própria ciência recorrem majoritariamente a aspectos biológicos – como critérios baseados em faixa etária – para definir as fronteiras entre as diversas fases da vida, da infância (e suas divisões em primeira, segunda e terceira infâncias) à velhice, passando pela adolescência e adultez (também com suas respectivas divisões).

A concepção biológica de envelhecimento parece ser a mais proeminente para o próprio Matheus Papaléo Netto[181], para quem a "dificuldade de mensurar a idade biológica" deve ser computada como uma das principais causas por persistirem, ainda hoje, "tantos pontos obscuros quanto à dinâmica e à natureza" do processo de envelhecimento. Papaléo Netto, aqui eleito como um representante paradigmático da concepção biologicista tradicional, chega a dizer que a "incapacidade de mensurar o fenômeno do envelhecimento, que está intimamente vinculada à dificuldade de definir a idade biológica, justifica a falta de segurança para adotar quaisquer teorias existentes sobre o fenômeno". Indo além, se estende a uma perspectiva que, por motivos que explicarei adiante, considero equivocada, qual seja: a que reduz os múltiplos aspectos do envelhecimento a aspectos biológicos. É o que ocorre quando afirma que a mesma incapacidade de definir a idade biológica justifica a "inexistência de uma definição de envelhecimento que atenda aos múltiplos aspectos que o compõem": direta ou indiretamente, está afirmando que todos os aspectos do envelhecimento são caudatários da idade biológica.

[181] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. cap. 1, p. 74-88. [Edição digital]. 2542 p. p. 84

Com efeito, ao afirmar que o envelhecimento não dispõe do mesmo Santo Graal possuído por outras fases de vida (como a menarca em relação ao início da puberdade na mulher), isto é, um marcador biofisiológico capaz de precisar o início do envelhecimento, Papaléo Netto[182] está optando pelo caminho mais trivial e, conforme considero, o mais equivocado.

***

Retomemos o ponto de partida: (i) o envelhecimento é um processo inerente aos sistemas vivos; (ii) a velhice é uma das fases do nosso ciclo vital vida; e (iii) a constituição do velho é o produto do processo que chamamos de envelhecimento.

Sobre o envelhecimento, assumo a posição de Matheus Papaléo Netto[183] em conformidade com a qual é possível considerar o envelhecimento "como a fase de todo um *continuum* que é a vida, começando com a concepção e terminando com a morte. Ao longo desse *continuum* é possível observar fases de desenvolvimento, puberdade e maturidade". O mesmo é afirmado por Nidia Farias Fernandes Martins, Daiane Porto Gautério Abreu, Rosemary Silva da Silveira, Juliana Piveta de Lima e Eliel de Oliveira Bandeira: "cabe destacar que o envelhecimento é um processo que ocorre por toda a vida, do nascimento até a morte, enquanto a velhice é demarcada como a última fase da vida"[184]. Posição semelhante é a sustentada por Delia Catullo Goldfarb, em conformidade com a qual "como todas as fases do desenvolvimento humano, a velhice também não tem fronteiras rígidas, nem cronológicas, nem conceituais", ideia associada à compreensão de que o envelhecimento é um termo que se refere "a processo, a movimento contínuo, a um constante e sempre inacabado processo de subjetivação; velhice, por sua vez, refere-se a um estado, a uma certa permanência, a um tempo

[182] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 84.

[183] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 84.

[184] MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 2.

que não passa"[185]. Convergimos, nesse sentido, com Jack Messy[186], para quem "o envelhecimento é o tempo da idade que avança", ao passo que "a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte". Também como pontuado por Jack Messy, o envelhecimento é um processo que envolve aquisições e perdas, investimentos e desinvestimentos objetais, no transcurso do tempo: "o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições."[187].

Contra o erro de confundir os termos 'envelhecimento' e 'velhice', Messy é cirúrgico:

> O envelhecimento não é a velhice, como uma viagem não se reduz a uma etapa. O envelhecimento é um processo irreversível, que se inscreve no tempo. Começa com o nascimento e acaba na destruição do indivíduo. A palavra envelhecimento (*viellissement* em francês) começa pela palavra vida (*vie*). Os significados são inseparáveis, salvo se congelarmos o tempo ou se viajarmos ao volante de uma máquina que nos permita retroceder nele [...]. Envelhecemos como vivemos, e não segundo a famosa fórmula de Ajuriaguerra, como tivermos vivido, subentendendo-se aí que não vivemos mais quando envelhecemos e que só os velhos envelhecem[188].

A questão não é meramente conceitual. Um dos benefícios suscitados pela distinção entre os termos envelhecimento e velhice é a necessidade que se impõe de "resgatar o sujeito escondido na categoria social do idoso", isto é, "o sujeito com a sua singularidade"[189]. Ao refletir sobre a ideia de que a 'pessoa idosa' não existe com base nas dissociações terminológicas que sustenta existir entre 'envelhecimento' e 'velhice', Jack Messy propõe: (i) "o envelhecimento é o tempo da idade que avança"; (ii) "a velhice é o [tempo] da idade avançada, entenda-se, em direção à morte".

---

[185] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 10.

[186] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 33.

[187] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 13.

[188] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 12.

[189] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 36.

A confusão entre os termos pode nos levar (i) a estabelecer um falso e improcedente sentido restritivo para o termo 'envelhecimento' e, ademais, (ii) a confundir 'envelhecimento' e 'velhice'. O que se segue da relação de sinonímia entre os termos é o fortalecimento de uma "ilusão de salvação em que, pretensamente, só os velhos envelhecem...e já que os velhos são os outros...!. Se fazemos 'jogging', comemos peixe e iogurte, bebemos cassis, não é, com certeza, por medo de envelhecer, mas para conservar a juventude"[190]. O destino inevitável dessa confusão é precisamente a que chegou Ana Maria de Almeida Guerra: "essa confusão reflete a forma da sociedade atual lidar com a velhice: repúdio ao que tem parentesco com a morte. Isto é, deslocando o envelhecer para a velhice, e o velho, sendo o Outro, livrar-se-ia das 'tramas do tempo'"[191].

A importância de pensar o envelhecimento como uma dimensão não propriamente gerontológica ou biomédica é um dos acertos do trabalho de conclusão de curso de Juliana dos Santos Vitalli[192], intitulado **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. Quando pensamos o conceito de envelhecimento à luz da perspectiva biomédica da Gerontologia, é inevitável recorrermos ao já amplamente citado Papaléo Netto[193] e à sua também amplamente citada consideração do envelhecimento como um processo contínuo, (i) inevitável e (ii) indissociável da condição humana, isto é, como um processo que se prolonga por toda nossa existência, e cuja característica é a chegada ao estágio ou fase da vida (velhice) na qual temos "uma gradual diminuição da possibilidade de sobrevivência". No entanto, e como é de se esperar de um representante de um paradigma biomédico, as transformações são, em primeiro lugar, de ordem morfológica, funcional e bioquímica, sendo, apenas secundariamente, de ordem psicológica e social. Conforme podemos verificar no trabalho de Juliana dos Santos Vittali, a inserção do conceito de envelhecimento à luz do paradigma psicanalítico nos permite

[190] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 17.
[191] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 36.
[192] VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 15.
[193] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 84.

vislumbrar o envelhecimento que deve ser pensado à revelia de um corpo que envelhece. Ora, o inconsciente é atemporal; não envelhece, destarte. Em **O inconsciente**, Freud afirma: "Os processos do sistema Ics são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo."[194].

As perspectivas não-biomédicas são mais esclarecedoras pela capacidade que têm de lançar luz sobre o fenômeno do envelhecimento sem que, para tanto, se restrinjam à delimitação de marcadores biofisiológicos. Algumas dessas perspectivas consideram inevitável associar o envelhecimento com a temporalidade, o que quer dizer, como uma trajetória que se desenrola no tempo: "do ponto de vista biológico, envelhecer não é apenas ficar velho"; o que temos é, em seu lugar, "um processo de alterações morfológicas e funcionais do organismo à medida que o tempo passa. Veja que, dessa maneira, acrescentamos uma variável importante na análise: o tempo"[195]. O diálogo com as perspectivas biomédicas é muito frequentemente prejudicado por conta do equívoco o qual consiste em apreender os fenômenos biológicos de maneira quase atemporal: "Nas áreas morfológicas, nem se fala. Na fisiologia e na bioquímica, a coisa se torna mais dinâmica, mas aos poucos os processos vão se reduzindo a ciclos, rotas metabólicas, que levam tempo para acontecer, sim, mas não acontecem por causa do tempo"[196]. No entanto, no caso do envelhecimento, não é prescindível "observar o que acontece com as variáveis biológicas à medida que o tempo passa"[197].

Eis, portanto, como defino envelhecimento:

---

[194] FREUD, Sigmund. O inconsciente. *In:* FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos**: 1914-1916. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Das Unbewusste. Ano original de publicação: 1915. 225 p. cap. 4. p. 74-112.

[195] JECKEL-NETO, Emilio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. cap. 2. p. 35-48. p. 37.

[196] JECKEL-NETO, Emilio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. cap. 2. p. 35-48. p. 37.

[197] JECKEL-NETO, Emilio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. cap. 2. p. 35-48. p. 37.

(i) O envelhecimento é, em primeiro lugar, um processo[198], natural da vida[199], contínuo[200] e irreversível[201];

---

[198] Referências: FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321; GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 10; OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural**: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025; PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 83; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[199] Referências: ALVES-SILVA, Júnia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Idosos em Instituições de Longa Permanência**: desenvolvimento, condições de vida e saúde. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, p. 820-830, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023. Disponível em https://www.scielo.br/j/prc/a/qqS5Cdp9JcWBgW4Q84MDwsD/?lang=pt. Acesso em 26 de Outubro de 2025; BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS**: proposta de modelo de atenção integral. XXX Congresso Nacional de Secretarias Municipais e Saúde. Organização de Maria Cristina Correa Lopes Hoffmann e Maria Cristina de Arrochela Lobo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 41 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cuidado_pessoa_idosa_sus.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025; OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural**: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[200] Referências: GOLDFARB, Delia Maria Catullo; BARBIERI, Natália Alves ; GOTTER, Maria Elvira Marengo; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Depressão e envelhecimento na contemporaneidade. Revista **Kairós-gerontologia**, v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2689. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[201] Referências: BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS**: proposta de modelo de atenção integral. XXX Congresso Nacional de Secretarias Municipais e Saúde. Organização de Maria Cristina Correa Lopes Hoffmann e Maria Cristina de Arrochela Lobo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 41 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cuidado_pessoa_idosa_sus.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025; FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Ruth

(ii) O envelhecimento se desenvolve ao longo da vida, tendo início com o nascimento[202] (ou, para ser mais preciso, na vida intrauterina), cessando apenas no momento da morte[203];

Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; SANTOS, Sandra Maria dos. **[...] Meu sonho era vestir essa blusa [...]**: A assistência estudantil e a inclusão da pessoa idosa. 2023. 58 p. Produto Educacional: Guia de informação sobre a pessoa idosa. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE-PE), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Recife-PE, 2023. Orientador: Prof. Dr. Kleber Fernando Rodrigues. Disponível em https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[202] Referências: FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321; GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025; JECKEL-NETO, Emilio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. cap. 2. p. 35-48; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025; PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.; SANTOS, Sandra Maria dos. **[...] Meu sonho era vestir essa blusa [...]**: A assistência estudantil e a inclusão da pessoa idosa. 2023. 58 p. Produto Educacional: Guia de informação sobre a pessoa idosa. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE-PE), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Recife-PE, 2023. Orientador: Prof. Dr. Kleber Fernando Rodrigues. Disponível em https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025; VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[203] Referências: FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321; GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p.

(iii) É um fenômeno universal[204], inerente a todo ser humano e afeta todos os viventes[205];

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[204] Referências: BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS**: proposta de modelo de atenção integral. XXX Congresso Nacional de Secretarias Municipais e Saúde. Organização de Maria Cristina Correa Lopes Hoffmann e Maria Cristina de Arrochela Lobo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 41 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cuidado_pessoa_idosa_sus.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025; BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.; DOLL, Johannes; OLIVEIRA, José Francisco P.; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Multidimensionalidade do envelhecimento e interdisciplinaridade. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. cap. 10, p. 223-231. [Edição digital]. 2542 p.; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025; SANTOS, Sandra Maria dos. **[...] Meu sonho era vestir essa blusa [...]**: A assistência estudantil e a inclusão da pessoa idosa. 2023. 58 p. Produto Educacional: Guia de informação sobre a pessoa idosa. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE-PE), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Recife-PE, 2023. Orientador: Prof. Dr. Kleber Fernando Rodrigues. Disponível em https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025; STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p.

[205] Referências: SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025; WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Título original: Active ageing: a policy framework. Ano original de publicação: 2002. 60 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em 27 de Outubro de 2025.

(iv) O envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo[206], no qual o equilíbrio se perde e se reconquista a cada instante (sendo a inércia sinônimo de morte)[207]; e

(v) A velhice é o resultado e prolongamento desse processo[208].

[206] Referências: AGRELA, Diana; SANTOS, Estefânia; GUZMAN, Khristina; AVEIRO, Laura; PESTANA, Paulo; FARIA, Ana Lúcia. Inclusão digital e envelhecimento ativo no século XXI. *In:* PINHEIRO, Joaquim. **Olhares sobre o envelhecimento**: Estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. p. cap. 7. p. 75-82; MOREIRA, Rosane Nilsa da Silva; SANTANA, Carlos Eduardo Oliveira; MORAIS, Denise Sara da Silva; LUCAS, Verônica Sara Pereira; RODRIGUES, Ingrid Vitória de Oliveira; LIMA, Neyla Cristina de Oliveira; QUEIROGA, Glerison de Sousa; ALVES, Ítalo Diêgo. O processo de envelhecimento e o sentido da vida: O bem-estar psicológico de idosos. **Brazilian Journal of Developmen**t, v. 7, n. 9, p. 92.727-92.740, 2021. DOI: http://10.34117/bjdv7n9-439. Disponível em https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36441. Acesso em 27 de Outubro de 2025; OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural**: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025; PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88; SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025; VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025

[207] Referência: BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

[208] Referências: ABRANCHES, Simone da Cunha; FARIA, Paula Maria Ferreira. Envelhecimento humano e subjetividade: um estudo de caso. **Revista Gestão & Saúde**, v. 25, n. 2, p. 389-398, 2023. DOI: https://doi.org/10.59974/1984-8153.2023.139. Disponível em https://revista.herrero.com.br/index.php/gestaoesaude/article/view/139.Acesso em 27 de Outubro de 2025; BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.; FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321

Explicita- ou tacitamente, as 5 sentenças a partir das quais alicerço minha definição de 'envelhecimento' compartilham as ideias (i) de desenvolvimento, (ii) processo e (iii) mudança. A indissociabilidade dessas dimensões é um fato reconhecido por Simone de Beauvoir em **A velhice**[209]: "A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste esse processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança".

Trata-se, o envelhecimento, de um processo de mudança marcado por duas características axiais, quais sejam: (i) não-linearidade[210] e (ii) não-uniformidade[211].

A natureza não-linear do processo de envelhecimento é um dos argumentos a favor da distinção entre velhice e envelhecimento. Com efeito, no âmbito do processo vital que chamamos envelhecimento, o sujeito se depara com uma, algumas ou várias situações nas quais se percebe velho ou envelhecido, o que (i) implica a distinção entre velhice e envelhecimento e, ademais, (ii) nos autoriza a considerar que as definições cronológicas que assinalam o ingresso na velhice são meras convenções sociais, absolutamente insuficientes para abarcar a subjetividade individual ou grupal[212].

---

[209] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 14-15.

[210] Referências: GOLDFARB, Delia Maria Catullo; BARBIERI, Natália Alves; GOTTER, Maria Elvira Marengo; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Depressão e envelhecimento na contemporaneidade. **Revista Kairós-gerontologia**, v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2689. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Resumo do Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, Suíça: World Health Organization - WHO, 2015. Título original: World report on Ageing and Health. 30 p. Disponível em https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. Acesso em 28 de Outubro de 2025.

[211] OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025; WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Resumo do Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, Suíça: World Health Organization - WHO, 2015. Título original: World report on Ageing and Health. 30 p. Disponível em https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. Acesso em 28 de Outubro de 2025.

[212] GOLDFARB, Delia Maria Catullo; BARBIERI, Natália Alves; GOTTER, Maria Elvira Marengo; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Depressão e envelhecimento na contemporaneidade. **Revista Kairós-gerontologia**, v. 12, n.

A associação entre o envelhecimento e a idade cronológica é falha e arbitrária, "pois as mudanças que ocorrem não são lineares ou consistentes, e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos", já que, com efeito, "podem se manifestar em graus e momentos diversos, o que lhe traz uma característica heterogênea, dinâmica e de grande variabilidade tanto inter como intraindividual"[213]. A mesma ideia é sustentada pela Organização Mundial de Saúde: em seu **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**, afirma que as mudanças que constituem e influenciam o envelhecimento são complexas, nem lineares e tampouco consistentes, sendo apenas vagamente associadas e/ou associáveis à idade de uma pessoa em anos[214].

A natureza não-uniforme do processo de envelhecimento é também um dos argumentos a favor da distinção entre as noções de velhice e envelhecimento. Embora nos unamos a todos os outros animais enquanto partícipes do universo de seres que envelhecem, o envelhecimento é um fenômeno profundamente influenciado pela cultura, como claramente mostrou Simone de Beauvoir[215]. O envelhecimento não é um processo homogeneamente compartilhado e, portanto, não se reveste de uma natureza uniforme. Ademais, cada pessoa o vivencia de maneira particular, em conformidade com os aspectos estruturais relacionados à sua própria vida, incluindo as dimensões socioeconômicas, socioculturais, gênero e/ou sua etnia[216]. Nesse sentido, embora o envelhecimento seja um processo natural, "as velhices são concebidas culturalmente e reconhecidas na forma como a sociedade se relaciona com os indivíduos idosos"[217]. A propriedade de não-uniformidade do processo de envelhecimento encontra papel

---

Especial 5, 2010. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2689. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 59.

[213] MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 2.

[214] WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Resumo do Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, Suíça: World Health Organization - WHO, 2015. Título original: World report on Ageing and Health. 30 p. Disponível em https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. Acesso em 28 de Outubro de 2025. p. 12.

[215] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

[216] UCHÔA, Elizabeth; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo; LIMA-COSTA, Maria Fernanda Furtado. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 205 p. Disponível em Disponível em https://books.scielo.org/id/d2frp. Acesso em 29 de Outubro de 2025. cap 1. p. 25-36.

[217] OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023.

de destaque em uma recente definição por parte da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)[218]:

> O envelhecimento é um processo natural e ocorre durante toda a vida; apesar de ser universal, não é uniforme. A forma como envelhecemos depende das relações que mantemos com os ambientes social e físico ao longo de nossas vidas. Além, disso varia segundo as características pessoais do indivíduo, incluindo da família na qual nascemos, nosso sexo e nosso grupo étnico. Quanto mais tempo vivemos, mais diferentes nos tornamos, o que torna a diversidade a marca que distingue a idade mais avançada.

Ora, se do ponto de vista biológico o envelhecimento deve ser tomado como um fenômeno universalmente compartilhado entre os seres, o viver propriamente dito não se compreende senão no interior de um fluxo de vivências mutáveis e heterogêneas, de sorte que 'envelhecimento' e 'velhice' são termos que, genericamente concebidos, não abarcam a "diversidade e singularidade que são a marca desse processo e/ou dessa etapa vital"[219].

Se o envelhecimento é "o processo natural da natureza humana que estabelece a velhice", também é verdade, portanto, que "o envelhecimento evidencia velhices", isto é, "as várias velhices que se apresentam na sociedade": os diferentes processos de envelhecimento – envolvendo os seus aspectos sociais, culturais, econômicos e, dentre tantos outros, biológicos – inevitavelmente perpetram diferentes velhices para os diferentes sujeitos[220].

Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 150-151.

[218] ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022. Título original: Global report on ageism. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. DOI: https://doi.org/10.37774/9789275724453. Disponível em https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872. Acesso em 30 de Outubro de 2022. 192 p. p. XXI.

[219] BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; MEDEIROS, Suzana Aparecida Rocha; LODOVICI, Flamínia Manzano Moreira; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina. SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. gerontologia: estado da arte. **Revista Kairós gerontologia**, v. 12, 2009, p. 100-126. p. 118; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 83.

[220] OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 186.

É nesse sentido que a idade biológica e a idade cronológica estão longe de coincidir necessariamente: "o envelhecimento, reconhecido apenas no plano cronológico, pode ser falho e arbitrário, pois as mudanças que ocorrem não são lineares ou consistentes, e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos"[221]. Em 1970, Simone de Beauvoir[222] já observara a discrepância entre a idade cronológica e a idade biológica, assim como, proporcionalmente, entre a aparência física e os exames fisiológicos sobre a nossa idade. O declínio inerente à senescência não é um processo contínuo, regular, e tampouco independente de aspectos como "a saúde, a hereditariedade, o meio, as emoções, os hábitos passados, o nível de vida"[223]. Cada uma dessas funções possui o seu próprio ritmo de degradação, ainda que estejam correlacionadas de maneira importante. Ora o processo de degenerescência é contínuo ora os sujeitos sofrem repentinamente de 'um ataque de velhice'. Segundo Beauvoir[224]: "quando há doença, *stress*, luto, fracasso grave, não são os órgãos que se deterioram bruscamente: a construção que dissimulava suas insuficiências desmorona". Segundo a mesma Beauvoir[225], trata-se da compreensão de que, a despeito de o corpo ter passado por uma involução senil, pode o sujeito compensar a deterioração por automatismos ou comportamentos conscientes até que, de repente, "se torna incapaz de recorrer a essas defesas e sua velhice latente se revela".

Simone de Beauvoir lança mão de uma posição filosófica própria quanto às relações mente-corpo para sustentar essa tese, a saber: a mente e o físico estão separados. Com efeito, o desenvolvimento da medicina – graças ao qual nos tornamos melhor protegidos de um grande número de deficiências e de doenças – faz com que o corpo se mantenha vigoroso por mais tempo, diminuindo o contraste – antes verificado – entre nossa evolução mental e nossa

[221] MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 2.
[222] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 32-38.
[223] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 33.
[224] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 33.
[225] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 33.

evolução física. Nesse cenário, uma explicação plausível para o 'ataque de velhice' é a presença de algum motivo perpetrador de abatimento moral: "enquanto o espírito conserva o equilíbrio e o vigor, consegue-se geralmente manter o sujeito em boa saúde física: esta fica prejudicada quando o moral se abate". Inversamente, prossegue em sua argumentação, "se a vida fisiológica se degrada gravemente, as faculdades intelectuais são atingidas"[226].

A esse argumento de ordem intrapsíquica, Beauvoir associa a posição sustentada, por exemplo, pelos proponentes da Psicologia histórico-cultural, a saber: a involução senil de um ser humano não pode ser pensada em separado da sociedade na qual está imerso; o envelhecimento nem está divorciado da natureza desta sociedade nem do lugar em que o sujeito aí ocupa[227]. Por sua vez, os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos que envolvem essa mesma dada sociedade são condicionadas pelas superestruturas sociais, políticas e ideológicas de que se revestem.

Obviamente, as condições e as representações sociais que coletivamente erigimos para avaliar os nossos diferentes valores e as diferentes categorias sociais variam de acordo com as oscilações nessas superestruturas. Nesse sentido, não existe algo como uma realidade e uma significação absoluta da velhice, de sorte que, "para compreender a realidade e a significação da velhice é, portanto, indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em diferentes lugares"[228].

Esta é a razão pela qual é tão difícil oferecer uma resposta para a pergunta: o que há de inelutável na condição de velho? Em geral, como demonstra Ian Stuart-Hamilton[229], falham as tentativas de mensuração do envelhecimento em termos de faixa etária e de agrupamentos fixos. A mudança de uma faixa etária para outra é contínua e gradual, de modo que toda tentativa de estabelecer divisões se alicerça sobre mecanismos arbitrários. Trata-se de um problema comum na ciência:

---

[226] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 33-34.

[227] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 38.

[228] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 38.

[229] STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p. p. 20.

> Como dividimos um contínuo em subgrupos? Por exemplo, se considerarmos o espectro das cores, é óbvio que existem faixas de vermelho e laranja, mas elas se misturam entre si. Em que ponto desta fronteira vermelho-laranja nós dizemos que a cor mudou de laranja para vermelho? Igualmente, em que ponto alguém deixa a 'meia-idade' e se torna 'idoso'? Apesar da expressão popular, ninguém se torna velho da noite para o dia. Podemos observar, ao longo de vários anos, que as características físicas e mentais de uma pessoa estão mudando, mas seria difícil indicar exatamente o momento em que algum limiar foi claramente transposto. Essa é uma das razões pelas quais a medida comumente empregada como idade cronológica é tão insatisfatória. A idade cronológica é simplesmente a medida de quão velha uma pessoa é. Mas ela é essencialmente uma medida arbitrária?[230]

Portanto, critérios cronológicos – em que a idade é o mais comum – não raramente guardam poucas e esparsas relações com as mudanças físicas, constituindo, destarte, uma medida relativamente arbitrária: "a) não existe um ponto determinado, único, em que a pessoa fica velha; e b) a idade cronológica sempre é uma medida arbitrária e não muito exata, de modo que o uso de um número único para o limiar lhe daria um status enganadoramente objetivo"[231].

Ainda pensando no envelhecimento, é sem dúvida um erro semântico de primeira grandeza confundir processo com estado: envelhecimento e velhice não se confundem, pois. O argumento de Jack Messy[232] é o de que o erro em tratar envelhecimento e velhice como sinônimos se deve ao fato de que de tal confusão se segue a ilusão de que só os velhos envelhecem:

> Se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entende-se, em direção à morte. No discurso atual, a palavra envelhecimento é quase sempre usada num sentido restritivo e em lugar de velhice. A sinonímia dessas palavras denuncia a denegação de um processo irreversível que diz respeito a todos nós, do recém-nascido ao ancião. Esta confusão de termos fortalece uma ilusão de salvação em que, pretensamente, só os velhos envelhecem...e já que os velhos são os outros...! [...] A velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso.

---

[230] STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p. p. 20.

[231] STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p. p. 21.

[232] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 17.

À medida que vamos aprofundando nossas reflexões teóricas e conceituais sobre o 'envelhecimento' e, por extensão, sobre os conceitos de 'velhice' e de 'velho', mais obstáculos vamos encontrando. A tirar pelas definições que apresentei acima, um caminho interessante é o de pensar o envelhecimento enquanto um movimento contínuo e de constante e sempre inacabado processo de subjetivação[233]: "O termo envelhecimento alude a processo, a movimento contínuo, a um constante e sempre inacabado processo de subjetivação; velhice, por sua vez, refere-se a um estado, a uma certa permanência, a um tempo que não passa"[234]. Se, conforme nos ensina Jack Messy[235], o "envelhecimento é o tempo da idade que avança", é natural que, em seu transcurso, o sujeito construa conceitos, memórias e histórias; produza subjetividades, enfim[236].

Sem embargo da continuidade e da constância inerentes ao movimento do envelhecimento, o curso temporal no qual transcorre não é irregular, e nem é o sujeito um espectador passivo. O envelhecimento é, nesse sentido, uma experiência psicológica, "produto de um trabalho psíquico estruturante da identidade"[237].

---

[233] CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p.

[234] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 10.

[235] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 17.

[236] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 10.

[237] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 11.

É para dar conta dessa compreensão que Manoel Tosta Berlink cunha o bem-vindo conhecimento de 'envelhescência'[238]. No seio de uma perspectiva psicanalítica, e da compreensão correlata de que o envelhecer um processo dado pela passagem do tempo cronológico, o conceito de 'envelhescência' busca expressar o trabalho psíquico do Eu que inere aos sujeitos que envelhecem:

> A envelhescência se distingue do envelhecer porque este é considerado, em nossa sociedade, como um estágio da vida que é desprezível. (...) Na envelhescência, ao contrário, o sujeito se vê na contingência de ter que pensar sua velhice, ou seja, distingui-la do preconceito e do estigma para que possa ser vivida com um mínimo de dignidade. Esse trabalho de pensamento é, via de regra, um esforço solitário que pode enriquecer o mundo interno do sujeito. [...] O que estou propondo, então, é que a envelhescência é uma recriação do eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte.[239]

Por meio da elaboração do conceito de envelhescência, Berlink se insere entre os psicanalistas que discordam de Freud quanto à tese do fundador da Psicanálise de que "costuma faltar a plasticidade dos processos psíquicos de que depende a terapia"[240] entre as pessoas com idade próxima ou acima dos cinquenta anos[241], ideia que continuará sustentando mais de 3 décadas depois:

> Mas nos casos a que me refiro, todos os desenvolvimentos, vínculos e distribuições de força se revelam imutáveis, fixos e rígidos. É como vemos em pessoas bem idosas, nas quais se explica mediante a assim chamada força do hábito, o esgotamento da receptividade, uma espécie de entropia psíquica[242]

---

[238] BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. *In*: BERLINK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, SP: Escuta, 2008. 408 p. p. 193-198. Publicação original: BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Pulsional:** revista de psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 91, p. 5-8, Novembro de 1996.

[239] BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. *In*: BERLINK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, SP: Escuta, 2008. 408 p. p. 193-198. Publicação original: BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Pulsioal:** revista de psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 91, p. 5-8, Novembro de 1996. p. 197-198.

[240] FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 3. p. 331-347. p. 342.

[241] Os velhos no tempo de Freud.

[242] FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. *In:* FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203. p. 193.

Trata-se, a envelhescência, do conceito vislumbrado por Berlink para expressar a velhice como uma fase da vida na qual é possível a "flexibilização do eu", isto é, a velhice como "mais uma etapa de ressignificação, de enriquecimento de seu mundo interno, de ida, de criação"[243]. Se de fato há um desencontro entre, de um lado, (i) um corpo que envelhece e, de outro, um inconsciente que é atemporal, então, como sustenta Ana Maria de Almeida Guerra, o conceito de envelhescência "delineia uma concepção de velhice como momento particular de recriação do eu"[244]. O trabalho de envelhescência, que naturalmente ocorre durante toda a vida – sem um momento definido de início e outro de fim – é, antes, um trabalho constante e permanente de recriação do eu. Como muito bem destaca Ana Maria de Almeida Guerra, eis o cenário que coaduna tão bem com o conceito de envelhescência:

> Estar próximo do desconhecido fim e de muitos outros desconhecidos, como o próprio corpo; perda de valor simbólico para a sociedade e de investimento dos ambientes; ter que lidar com um amplo leque de estereótipos e ideais que não condizem com a realidade singular de cada sujeito que vive a velhice; ser excluído do presente – por não ter mais serventia econômica – e do futuro – por nele se encontrar a morte; e, finalmente, ser jogado no passado. Observa-se que todas estas experiências afetariam a vivência da temporalidade e a significação da própria vida, assim como o que se faz dela.[245]

[243] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.
[244] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.
[245] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.

***

Diante do exposto, 3 são os eixos que devemos considerar quando nos debruçamos sobre as relações entre envelhecimento, velhice e velho: (i) a fundamentação da distinção conceitual, (ii) o contraste com as visões hegemônicas e, por fim, mas não menos importante, (iii) a implicação do velho como sujeito singular. No que diz respeito à (i) fundamentação da distinção conceitual, busquei consolidar, ao longo da presente seção, o que considero ser a base da minha proposta filosófica, a saber: a diferenciação ontológica entre os termos (i) envelhecimento, (ii) velhice e (iii) velho em correspondência, respectivamente, com as noções de (i) processo, (ii) estado e (iii) sujeito.

A propósito do envelhecimento, e conforme salientado no subcapítulo anterior, estamos no nível do 'processo':

(i) Trata-se de um processo dinâmico, progressivo, universal e irreversível de mudança ao longo do tempo[246];

(ii) O envelhecimento é um processo vitalício de mudança, que se inicia no nascimento e perdura até a morte[247];

(iii) No nível psicossocial, o termo alude a um movimento contínuo e a um constante e sempre inacabado processo de subjetivação[248]; e

---

[246] Conferir, dentre outras obras: CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. *In: In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 5, p. 141-164; SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54.

[247] Conferir, dentre outras obras: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história**: um estudo psicanalítico das demências. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p; PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

[248] Conferir, dentre outras obras: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade

(iv) Deve-se enfatizar que este processo envolve a acumulação de mudanças biológicas, psicológicas e sociais[249].

A propósito da velhice, e conforme salientado no subcapítulo anterior, estamos no nível do 'estado':

(i) A velhice é uma fase da vida ou o estado que resulta do processo de envelhecimento[250];

(ii) Ao contrário do termo 'envelhecimento' (movimento), o conceito de 'velhice' se refere a um estado, a uma permanência, a um tempo que não passa[251];

(iii) O termo 'velhice' é impreciso, já que 'nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social'[252]; e

---

Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[249] Conferir, dentre outras obras: ALMEIDA, Carolina Bitencourt de; GRUBITS, Heloísa. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Revista Longeviver**, ano V, n. 18, Abr/Maio/Jun. 2023. Disponível em https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/1015/1067. Acesso em 30 de Julho de 2025; NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: MOREIRA, Daniel Fuentes; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSENZA, Ramon Moreira (Orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. 456 p. cap. 1. p. 17-42; STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p.

[250] Conferir, por exemplo: PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.; TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

[251] Conferir, por exemplo: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história**: um estudo psicanalítico das demências. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p.

[252] Conferir, por exemplo: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-

(iv) A velhice é uma categoria social culturalmente construída, com subdivisões (como 'terceira idade' e 'quarta idade') que variam historicamente e culturalmente[253].

A propósito da constituição do velho, e conforme salientado no subcapítulo anterior, estamos no nível do 'sujeito'; particularmente, da 'constituição do sujeito':

(i) O velho é o sujeito que está na fase da velhice e é o produto do fenômeno 'envelhecimento'[254];

(ii) É crucial, não obstante, que resgatemos o sujeito singular escondido na categoria social do idoso[255]; e

(iii) A pluralidade de experiências deve ser reconhecida, na medida em que não existe a velhice, mas velhices, o que também significa que não existe o velho, mas velhos e velhas, em uma pluralidade de imagens socialmente construídas[256].

16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[253] Conferir, por exemplo: BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. É possível prevenir. É necessário superar. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014. 90 p. Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/manual-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-pessoa-idosa. Acesso em 15 de Novembro de 2025; MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares. Introdução. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 205 p. Disponível em https://books.scielo.org/id/d2frp. Acesso em 29 de Outubro de 2025. Introdução. p. 11-24; SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

[254] Conferir, por exemplo: PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[255] Conferir, por exemplo: GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025

[256] Conferir, por exemplo: SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista

Associada à minha indústria de (i) fundamentação da distinção conceitual entre os termos 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho', está a segunda das aspirações que sustentei, no caso, a de (ii) contrastar as visões hegemônicas, mediante a exposição e subsequente crítica das consequências que inerem à confusão entre os termos.

O primeiro risco é sem dúvida o de sinonímia entre os termos 'envelhecimento' e 'velhice'; dentre as consequências dessa improcedente equivalência, está, conforme dito acima, o fortalecimento da "ilusão social de salvação" de que "só os velhos envelhecem"[257].

Também à guisa de conclusão, proponho que, no plano linguístico, e em especial no que diz respeito ao uso corrente do nosso vocabulário, o uso de eufemismos (como 'terceira idade' ou 'melhor idade') reflete a tentativa – igualmente improcedente e/ou ineficaz – de negar ou atenuar a carga pejorativa associada ao termo 'velho'[258]. Ora, conquanto o termo 'velho' venha sendo usado frequentemente com uma conotação negativa, sua substituição por eufemismos falha miseravelmente em mudar a representação social da velhice.

Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[257] Conferir, por exemplo: MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 17. Cf. também GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025; MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p. p. 12.

[258] Conferir, por exemplo: ALVES, Cristiane da Silva. Eufemismos para lidar com a velhice: civilidade ou negação. *In:* PINHEIRO, Joaquim. (Coordenador). **Olhares sobre o envelhecimento**: estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. 195 p. cap. 12. p. 129-140. DOI: 10.34640/universidadedemadeira2021alves. Disponível em http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-Completo.pdf. Acesso em 15 de Novembro de 2025; GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025; POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira? **Polifonia**, v. 12, n. 2, p. 47-72, 2006. Disponível em https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1070. Acesso em 15 de Novembro de 2025; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

Interessa, igualmente, apontar para as limitações e equívocos inerentes ao olhar biologizante e ao paradigma do declínio, consoante o qual o envelhecimento e a velhice, historicamente delimitados por estudos biológicos e fisiológicos, são e estão fundamentalmente associados à deterioração do corpo[259]. Trata-se, essa visão tradicional, do entendimento de que a velhice retrata e expressa o declínio do sujeito e, consequentemente, um período do desenvolvimento associado ao final da vida, à perda da função social e à degeneração física[260]. Muitos trabalhos ainda se apoiam predominantemente na ciência biológica, para a qual a velhice pode ser definida como um conjunto de modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas que se observam por volta dos sessenta anos[261]. Minha conclusão a esse respeito é a de que a superação desse enfoque fragmentado e embasado em questões biológicas é não menos que necessária para que a sociedade enxergue a velhice a partir de suas múltiplas determinações[262].

---

[259] Conferir, por exemplo: MOREIRA, Rosane Nilsa da Silva; SANTANA, Carlos Eduardo Oliveira; MORAIS, Denise Sara da Silva; LUCAS, Verônica Sara Pereira; RODRIGUES, Ingrid Vitória de Oliveira; LIMA, Neyla Cristina de Oliveira; QUEIROGA, Glerison de Sousa; ALVES, Ítalo Diêgo. O processo de envelhecimento e o sentido da vida: O bem-estar psicológico de idosos. **Brazilian Journal of Developmen**t, v. 7, n. 9, p. 92.727-92.740, 2021. DOI: http://10.34117/bjdv7n9-439. Disponível em https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36441. Acesso em 27 de Outubro de 2025

[260] Conferir, por exemplo: BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p; TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

[261] Conferir, por exemplo: CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do envelhecimento. *In:* PAPALÉO NETTO, Matheus. **gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, SP: Atheneu, 2002. p. 60-70. 524 p; SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[262] Conferir, por exemplo: ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Virgínia Ângela Menezes de Lucena e. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da Velhice. **Mneme**: Revista de Humanidades. v. 6, n. 13, p. 228-235, 2005. Disponível em https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278. Acesso em 16 de Novembro de 2025; KUNZLER, Rosilaine Brasil. **A ressignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento**. 2009. 166 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Porto Alegre-RS, Brasil, 2009. Orientador: Profa. Dra. Leonia Capaverde Bulla. Disponível em https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/437. Acesso em 16 de Novembro de 2025; REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice: contribuições da psicologia histórico-cultural**. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025; TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do

Fica claro, pois, que, no interior da minha finalidade de (i) fundamentar as distinções conceituais entre os termos 'envelhecimento', 'velhice' e velho' e de (ii) oferecer oposição às visões biológicas hegemônicas, inscreve-se o terceiro eixo do meu exame, qual seja: (iii) a implicação do velho como sujeito singular. Dito de outra maneira: o pleno soerguimento do argumento central da tese – a saber, o de velhice como fase da vida e, mais do que isso, como fase de desenvolvimento e amadurecimento – depende de sua definição conceitual a partir de um viés positivo e a partir da consideração de sua complexidade:

(i) A velhice não é a curva descendente de uma parábola[263];

(ii) para alguns, a velhice é, antes, o ápice do desenvolvimento[264];

(iii) na esteira de (i) e (ii), temos a perspectiva do ciclo de vida (*life-span*), em conformidade sustenta que envelhecer é um processo de crescimento, que ocorre "ao largo das naturais mudanças físicas e sensoriais"[265]; e, portanto,

---

desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

[263] Conferir, por exemplo: SANTOS, Gilberto Lima dos. Os idosos e a vivência do tempo: implicações nos processos de desenvolvimento. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 11, n. 2, p. 382-400, 2018. DOI: https://doi.org/10.36298/gerais2019110213. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2023; SILVA, Margaret da Conceição. CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 151-162, 2024. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000100151&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

[264] Conferir, por exemplo: SANTOS, Gilberto Lima dos. Os idosos e a vivência do tempo: implicações nos processos de desenvolvimento. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 11, n. 2, p. 382-400, 2018. DOI: https://doi.org/10.36298/gerais2019110213. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2023; SILVA, Margaret da Conceição. CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 151-162, 2024. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000100151&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

[265] Conferir, por exemplo: BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In:* BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p; BALTES, Paul B.; LINDENBERGER, Ulman; STAUDINGER, Ursula Marie. Life Span Theory in Developmental Psychology. *In:* LERNER, Richard Martin. (Ed.). DAMON, Willian; LERNER, Richard Martin (Editors-in-Chief). **Handbook of Child Psychology**. volume one: Theoretical models of Human Development. 6th Ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006. 1084 p. chapter 11. p. 569-664. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111; BALTES, Paul B.; REESE, Hayne Waring. The life-span perspective in developmental psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.). **Developmental psychology**: an advanced textbook. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984. 624 p. chapter 12. p. 493-531; FALEIROS, Vicente. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas púbicas. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. *In:* CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008. 196 p. cap. 11, p. 91-100; GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p.

(iv) também por ser uma fase da vida na qual está inscrita a oportunidade de desenvolvimento, a velhice implica, em seus desdobramentos, a imprevisibilidade como uma das suas propriedades axiais. Essa é, por exemplo, a posição de Flávia Maria de Paula Soares[266], que, a partir de Donald Winnicott, defende a velhice como um tempo de amadurecimento pessoal e emocional saudável, culminando na integração da de-integração do *self*, condição de possibilidade existencial quanto à conquista da 'capacidade de morrer'.

A implicação do velho como sujeito singular envolve, é claro, a dimensão psicológica e desenvolvimental da velhice. Por outro lado, trata-se, a velhice, de uma fase da vida repleta de contrastes também nos níveis existencial, biológico e sociocultural. A inter-relação entre tantas dimensões não deixa dúvidas quanto ao fato de que a velhice configura um fenômeno humano complexo na qual é modificada a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, com sua própria história e com o mundo.

Com efeito, enquanto fase da vida, a velhice é a última fronteira antes da morte, o que não quer dizer, por um lado, que possa ser definida como deterioração biológica; a proximidade temporal, por outro lado, possa ser entendida como uma questão cultural que organiza o papel e o lugar do indivíduo no sistema social[267]. Nesse sentido, cabe papel de destaque às políticas oficiais e internacionais (dentre as quais, o **Envelhecimento Ativo**) pela capacidade que têm de trazer novas representações sobre a velhice, desvinculando-a da relação de sinonímia com

---

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025; LERNER, Richard Martin; RYFF, Carol Diane. Implementation of the Life-Span view of Human Development: the sample case of attachment. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 1, p. 1-45; SILVA, Margaret da Conceição. CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 151-162, 2024. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000100151&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2025; URBAN, Hugh Bayard. The concept of Development from a systems perspective. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 2, p. 46-85.

[266] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

[267] Conferir, por exemplo: BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. É possível prevenir. É necessário superar. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014. 90 p. Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/manual-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-pessoa-idosa. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

as ideias de doença e perdas, e associando-a a atributos como saudável, bem-sucedido, produtivo e ativo[268].

Por fim, cumpre resgatar uma das minhas hipóteses de trabalho mais importantes, qual seja, a de que a constituição de uma Filosofia e Psicologia da velhice e do envelhecimento não pode se limitar a definições cronológicas ou biológicas[269]: dependemos, para a edificação sólida da área, de uma distinção precisa entre envelhecimento (processo), velhice (fase/estado) e velho (sujeito), sem a qual não nos é permitido compreender a complexidade e a singularidade da experiência humana nessa fase da vida[270].

[268] Conferir, por exemplo: CÔRTE, Beltrina. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. Comunicação: instrumento de formação para a longevidade. *In:* CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008. 196 p. cap. 8, p. 53-62; COUTO, Ana Lúcia Azeredo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. gerontologia: Scienza Nuova? Reflexões acerca do discurso científico sobre o envelhecer. Série Documenta (UFRJ, impresso), v. 9, p. 147-160, 2006; GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025.

[269] Conferir, por exemplo: REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice: contribuições da psicologia histórico-cultural**. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025; TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

[270] Conferir, por exemplo: GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025.

1.6 Considerações Finais do Capítulo 1

Ao encerrar este primeiro Capítulo, considero ter cumprido a etapa propedêutica fundamental de 'limpar o terreno' conceitual, uma tarefa que julgo absolutamente indispensável para qualquer incursão filosófica e psicológica séria sobre a velhice. Ao longo destas páginas, empenhei-me em demonstrar que a necessidade de desmantelar minimamente a confusão semântica e epistemológica que historicamente paira sobre os termos 'desenvolvimento', 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho' não é um mero preciosismo acadêmico; trata-se, ao revés, da necessidade que se me impôs de fazer oposição a uma visão de mundo que, por muito tempo, condenou o idoso à invisibilidade ou à patologização.

Busquei sustentar, primeiramente, a ruptura com o modelo exclusivamente biomédico e reducionista. Ficou evidente, a partir do diálogo com a perspectiva *life-span* e com a Gerontologia, que o envelhecimento não pode ser reduzido a uma curva descendente de perdas inexoráveis. Defendi que deve ser compreendido como um processo contínuo, vitalício e multidimensional, iniciando-se na concepção e não cessando antes da morte. Diferenciei este processo da velhice – entendida aqui não como um diagnóstico – como uma fase da vida ou um estado que exige do sujeito um posicionamento diante da finitude.

Ao desvincular o velho (o sujeito singular) da rigidez da idade cronológica e das determinações puramente biológicas, abri espaço para pensar a velhice como um campo de possibilidades de desenvolvimento, contra a posição que a reduz ao declínio. Seguindo o alerta de Simone de Beauvoir, busquei sustentar a velhice como um fato cultural e existencial, e não apenas um destino biológico.

Embora necessária, esta definição conceitual e sociológica não é suficiente. Ora, se o envelhecimento é um processo que impõe transformações reais ao corpo e à inserção social, resta uma questão crucial que a Gerontologia, por si só, não responde completamente, a saber: como o sujeito psíquico elabora essas transformações?

Se afirmei neste capítulo que o desenvolvimento é contínuo, preciso agora investigar como essa continuidade se sustenta internamente quando o suporte biológico começa a falhar. É aqui que a Filosofia e a Psicologia do Desenvolvimento precisam dar as mãos à Psicanálise.

No capítulo que se segue, 'A velhice como amadurecimento pessoal: a conquista da 'capacidade de morrer'', deslocarei o foco do macro (os conceitos gerais e a crítica social) para o micro (a realidade intrapsíquica). Investigarei como a Psicanálise – partindo das limitações impostas por Freud e avançando para a revolução paradigmática de Winnicott – nos permite compreender a velhice não como o fim do desenvolvimento, mas como a etapa em que é realizada a tarefa psíquica mais sofisticada de todas: a integração da própria finitude.

Imbuído das distinções conceituais aqui estabelecidas, sinto-me apto a adentrar no próximo capítulo, no qual darei voz ao território da subjetividade, buscando oferecer minha contribuição para a consideração de que o 'velho' deixe de ser apenas uma categoria demográfica para se revelar como um sujeito em busca de sentido e de integração final.

Capítulo 2

A velhice como amadurecimento pessoal: a conquista da 'capacidade de morrer'

2.1 Apresentação do Capítulo 2

Se, no capítulo anterior, dediquei-me a desenredar os nós conceituais que obscurecem a compreensão da velhice – situando-a como uma etapa legítima do desenvolvimento humano e não como mero resíduo biológico –, proponho, neste segundo Capítulo, um deslocamento radical de perspectiva. Deixo a análise sociológica e fenomenológica do envelhecer para adentrar a dimensão intrapsíquica do sujeito que envelhece. A questão que me move agora não é mais apenas 'o que é a velhice?', mas 'quais são as tarefas psíquicas que o sujeito deve realizar para que a velhice seja vivida como uma etapa de amadurecimento e não de aniquilação?'.

Para enfrentar esse problema, afasto-me do pessimismo freudiano clássico. É sabido que Freud mantinha reservas quanto à aplicabilidade da Psicanálise aos idosos, alegando uma suposta (i) rigidez egóica e um (ii) excesso de material mnemônico acumulado, aspectos que tornariam o processo analítico interminável ou ineficaz. Contraponho-me respeitosamente à visão do mestre, apoiando-me, nesse sentido em especial, no paradigma winnicottiano. Defendo aqui que a teoria do amadurecimento pessoal de Donald Woods Winnicott nos oferece a chave hermenêutica para compreender a velhice não como o fim do desenvolvimento, mas como a fase em que se realiza a tarefa mais sofisticada da existência, a saber: a integração da finitude.

A tese central que desenvolverei ao longo das próximas seções é a de que a saúde na velhice não reside na negação do declínio físico, mas na capacidade do *self* de manter sua continuidade de ser enquanto o corpo caminha para o inanimado. Direta e/ou indiretamente, Winnicott nos ensina que o desenvolvimento emocional ocorre desde o nascimento até a morte. Assim, sustento que a tarefa psíquica fundamental da velhice não é a luta contra a morte, mas a conquista do que Flávia Maria de Paula Soares denomina de 'capacidade de morrer'.[271]

[271] O debate filosófico sobre o enfrentamento da velhice e a preparação para a morte carece, indiscutivelmente, das reflexões indispensáveis de Cícero (em sua exortação à sabedoria na velhice) e da máxima imortalizada por Michel de Montaigne de que 'filosofar é aprender a morrer'. Esta nobre tradição filosófica e estoica configura a exata tradução daquilo que a psicanálise winnicottiana denomina de conquista da capacidade de morrer. O que busco nesta Tese, contudo, é transmutar essa herança contemplativa para a aspereza da clínica psicológica, garantindo que a preparação para a morte possa descer das nuvens da abstração acadêmica e socorrer concretamente o idoso demenciado e silenciado. A ausência de uma exegese mais detida destes filósofos constitui uma lacuna que será integrada como presença estruturante em futuras publicações.

Junto com Flávia Soares, argumentarei que, para que essa conquista seja possível, um movimento paradoxal deve ser realizado na velhice: o de 'integrar a de-integração'. Diferente da desintegração (que remete ao caos psicótico e à angústia impensável), a 'de-integração' é a capacidade de (i) relaxar as fronteiras do *self*, (ii) renunciar à onipotência e (iii) retornar a um estado de dependência confiável, preparando-se para a 'segunda morte' – à maneira de um fechamento do ciclo vital, para além do trauma.

Contudo, como me proponho sustentar, tal tarefa não se realiza no vácuo. Se no início da vida o bebê precisava da 'mãe suficientemente boa' para começar a ser, na velhice o sujeito necessita de um ambiente facilitador – uma 'clínica do *holding'* – que sustente essa regressão e valide a sua história. É nesse sentido que entra em cena a dialética entre (i) a fragilidade do corpo, (ii) a força do *self* e (iii) a necessidade de um ambiente humano que sustente a finitude.

2.2 O paradigma winnicottiano e a tensão da finitude

Ao longo dessa primeira seção do Capítulo 2, minha intenção é a de defender a tese consoante a qual encontramos, no pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, um paradigma filosófico capaz de responder a uma crise conceitual reinante na Psicanálise e na Gerontologia tradicional. Essa tese não é original: encontramo-la na literatura recente, em uma notável tese de doutorado, defendida em 2021 por Flávia Maria de Paula Soares[272] no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, e a qual se intitula 'A conquista da 'capacidade de morrer': o amadurecimento pessoal na velhice a partir da Psicanálise winnicottiana'.

A menção a Donald Winnicott em trabalhos sobre envelhecimento causa surpresa na medida em que sua teoria sobre o amadurecimento pessoal toma como ponto de partida a relação mãe-bebê; mais do que isso, está centrada nesse vínculo. Sem embargo da associação explícita entre a perspectiva psicanalítica winnicottiana e o desenvolvimento psicológico do bebê a partir de sua conexão com a mãe, acredito, em sintonia com Flávia Maria de Paula Soares, que, em suas obras, encontramos, ainda que maneira implícita, "uma teoria do amadurecimento pessoal de uma velhice saudável como uma fase na qual ocorre desenvolvimento emocional"[273].

Adianto: o argumento a que tomarei de empréstimo da tese de Flávia Maria de Paula Soares[274] é o de que, enquanto a integração do *self* é a tarefa requerida nas primeiras fases da vida, na velhice, de maneira correspondente, o amadurecimento pessoal envolve a integração da 'de-integração' do *self*, o que significa, 'conquistar emocionalmente a capacidade de morrer'.

---

[272] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

[273] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 8.

[274] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

O conceito de 'de-integração do *self*' tal qual pensado por Flávia Maria de Paula Soares[275] oferece uma contraposição ao conhecido conceito winnicottiano de desintegração, o qual, por seu turno, se refere a um desenvolvimento psicopatológico decorrente de uma perda da integração do *self* previamente conquistada, estando, além disso, por trás da "sensação de enlouquecimento"[276]. A 'de-integração do *self*' emerge como um conceito teórico cuja finalidade é a de demarcar uma dimensão específica da experiência do envelhecer, qual seja: uma integração cuja instanciação pelo velho é necessária para seu desenvolvimento emocional. Trata-se, mais especificamente, da integração entre (i) a finitude e (ii) a morte. Se considerarmos que 'velhice' e 'morte' não constituem termos sinônimos e que tampouco guardem relação de causação entre si, então a 'de-integração do *self*' será bem-sucedida quando, na velhice, e diante da proximidade real da morte, "a tendência à vida inclui a desaceleração das funções corporais e a elaboração imaginativa das funções corpóreas em razão do declínio biológico real"[277].

A mesma integração do *self* que esperamos ocorrer nos primeiros anos de vida é a que devemos esperar na velhice, a saber: a da 'de-integração' com vistas a morte, na qual se presume que o sujeito possa estar imbuído com o repertório e os recursos adquiridos na "maturidade, em seu auge, para o indivíduo poder revisar a sua vida e poder voltar, regredir de modo saudável ao início e poder estar pronto para morrer"[278]. Esta é, pois, a lógica direcional da vida: "a

[275] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 8.

[276] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 59; WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e suas raízes. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Agression and its roots. Ano original de publicação: 1939. 344 p. p. 250.

[277] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 59.

[278] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 59.

integração – como desenvolvimento maduro – é da *de-integração* que faz parte do ciclo da vida"[279].

Destarte, o que está em jogo no percurso traçado no presente Capítulo é a consideração de que, "embora o amadurecimento pessoal na velhice não tenha sido amplamente desenvolvido por Winnicott", podemos vislumbrar, na sua obra, "várias indicações sobre a etapa da velhice e sua caracterização como um tempo de amadurecimento pessoal"[280]. Com efeito, a possível importância do pediatra e psicanalista inglês no estudo do envelhecimento não se resume à autoria dessas várias indicações implícitas. Mais do que isso: (i) sem que Winnicott erguesse quaisquer aspirações quanto ao estudo da velhice e do envelhecimento, e (ii) sem que pudesse imaginar o uso que nós, pesquisadores de sua obra, estamos fazendo, Winnicott foi capaz de oferecer um caminho promissor frente à crise conceitual reinante na Psicanálise e na Gerontologia tradicional.

Antes de Donald Winnicott, Sigmund Freud – o pai da Psicanálise, e ainda hoje sua maior e mais incontestável referência – também ofereceu, ainda que indiretamente, um rico repertório para o estudo do envelhecimento e da velhice à luz do paradigma psicanalítico. No entanto, essas contribuições são ainda mais implícitas que as suscitadas por Winnicott. Ademais, contrariam seu próprio discurso. Afinal, Freud afirmou em pelo menos 3 ocasiões que o tratamento psicanalítico nada tem a fazer pelas pessoas velhas.

[279] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 59.

[280] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 59.

O mapeamento da posição freudiana contra a extensão da Psicanálise aos velhos foi muito bem realizado por Delia Catullo Goldfarb[281] em sua Tese de Doutorado: aparece antes de 1900, em (i) **A sexualidade na etiologia das neuroses** (1898)[282]; aparece nos primeiros anos da Psicanálise, em (ii) **O método psicanalítico de Freud** (1904)[283] e **Sobre psicoterapia** (1904)[284]; e aparece nos últimos anos de vida e obra de Freud, em (iii) **Análise terminável e interminável** (1937)[285].

Em **A sexualidade na etiologia das neuroses** (1898)[286], Freud afirma:

> A terapia psicanalítica não é aplicável a todos os casos atualmente. [...] Também fracassa com pessoas muito idosas, pois, devido ao material acumulado, levaria tanto tempo que no final do tratamento elas estariam num estágio da vida em que já não se atribui maior valor à saúde nervosa.

[281] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[282] FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos**: 1893-1899. Volume 03. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Título original: Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen. Ano original de publicação: 1898. 325 p. cap. 11. p. 232-262.

[283] FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Die Freudsche Psychoanalytische Methode. Ano original de publicação: 1904. 401 p. cap. 4. p. 321-330.

[284] FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 4. p. 331-347.

[285] FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203.

[286] FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos**: 1893-1899. Volume 03. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Título original: Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen. Ano original de publicação: 1898. 325 p. cap. 11. p. 232-262. p. 258.

Em **O método psicanalítico de Freud** (1904)[287], afirma:

> A pessoa que quiser submeter-se proveitosamente à Psicanálise deve satisfazer vários requisitos. [...] Também uma idade próxima dos cinquenta anos cria condições desfavoráveis para a Psicanálise. A massa de material psíquico já não pode ser dominada, o tempo necessário para a recuperação se torna muito longo, e a capacidade de desfazer os processos psíquicos começa a fraquejar.

No mesmo ano, em uma conferência proferida no Colégio de Médicos de Viena, intitulada **Sobre a psicoterapia** (1904)[288], Freud afirma:

> A idade dos pacientes também conta na seleção para o tratamento analítico, na medida em que, próximo ou depois dos cinquenta anos, costuma faltar a plasticidade dos processos psíquicos de que depende a terapia - as pessoas idosas não são mais educáveis -, e o material a ser trabalhado prolongaria indefinidamente o tratamento.

Mais de 30 anos depois dessa última afirmação, Freud, em **Análise terminável e interminável**[289], insiste no argumento da não-aplicabilidade da Psicanálise a velhos, ainda que se estenda também aos jovens, mas apenas àqueles que possuem as mesmas características dos velhos:

---

[287] FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 4. p. 331-347. p. 329.

[288] FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 4. p. 331-347. p. 342.

[289] FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203.

> Em outro conjunto de casos somos surpreendidos por uma conduta que só podemos relacionar a um esgotamento da plasticidade normalmente esperada, da capacidade de mudar e seguir se desenvolvendo. Estamos preparados para um certo grau de inércia psíquica na análise; quando o trabalho analítico abre novos caminhos para um impulso instintual, observamos quase sempre que eles não são percorridos sem uma clara hesitação. Designamos essa atitude, talvez não muito corretamente, como "resistência do Id". Mas nos casos a que me refiro, todos os desenvolvimentos, vínculos e distribuições de força se revelam imutáveis, fixos e rígidos. É como vemos em pessoas bem idosas, nas quais se explica mediante a assim chamada força do hábito, o esgotamento da receptividade, uma espécie de entropia psíquica; mas aqui se trata de pessoas ainda jovens. Nossa preparação teórica parece insuficiente para apreender corretamente esses tipos; provavelmente estão envolvidas características temporais, mudanças num ritmo de evolução da vida psíquica que ainda não foi considerado.

O contexto dessas intervenções de Freud é o mesmo: a quem é indicada ou contraindicada a Psicanálise? As 4 citações acima mostram os 2 principais motivos que o levam a considerar a Psicanálise contraindicada para velhos: (i) a suposta falta de plasticidade psíquica e (ii) o excesso de conteúdo a ser elaborado em relação ao tempo de vida restante. Sou levado a crer na plausibilidade da hipótese de que Freud se baseou no seguinte argumento: o declínio biológico afeta negativamente, e de modo irreversível e progressivo, o cérebro; ora, considerando que o cérebro é o substrato orgânico do psíquico, então o declínio biológico estaria associado à contraindicação da Psicanálise para velhos.

A crise conceitual reinante na Psicanálise – e que proponho defender não ser compartilhada por Winnicott – não se restringe ao momento de Freud; a negligência em relação às especificidades da velhice ressoa na perspectiva lacaniana, ainda que involuntariamente. É o que ocorre, acredito, quando os psicanalistas lacanianos enfatizam a intemporalidade do inconsciente e o caráter originariamente infantil do psiquismo. É o que nos mostra Ana Maria de Almeida Guerra[290], para quem "não há uma temporalidade específica à velhice" no viés psicanalítico de vertente lacaniana; em seu lugar, há apenas "a temporalidade do sujeito". Seguindo o que propõe o próprio Lacan, os lacanianos estão sendo freudianos.

[290] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 5.

Conforme Flavia Maria de Paula Soares[291]:

> Psicanalistas contemporâneos tendem a considerar a ideia de que a Psicanálise se dirige sempre ao infantil, em qualquer idade que esteja o indivíduo. Essa concepção é definida, principalmente pela metapsicologia freudiana em razão da característica de intemporalidade do inconsciente.

Com efeito, em **O inconsciente** (1915)[292], Freud afirma:

> Os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema *Cs*. Os processos do *Ics* tampouco levam em consideração a *realidade*. São sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas de sua intensidade e de cumprirem ou não as exigências da regulação prazer-desprazer.

A ideia de (i) atemporalidade e intemporalidade dos processos inconscientes, em associação à tese de que (ii) somos exclusivamente regulados neste nível pelas exigências da regulação prazer-desprazer – no âmbito de uma desordem cronológica – promovem a compreensão, aqui problematizada, de que a Psicanálise tradicional não apenas (i) fomenta empecilhos quanto ao acesso dos velhos à clínica como, outrossim, ou (ii.1) associa a velhice à doença orgânica ou (ii.2) desconsidera o velho em suas especificidades, a começar pela indexação do psiquismo a conteúdos infantis. Nesta esteira, estou mais uma vez de acordo com Flavia Maria de Paula Soares[293], para quem:

---

[291] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 22.

[292] FREUD, Sigmund. O inconsciente. *In:* FREUD, Sigmund. **introdução ao Narcisismo, Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos**: 1914-1916. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Das Unbewusste. Ano original de publicação: 1915. 225 p. cap. 4. p. 74-112. p. 93-94.

[293] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 57.

> As consequências práticas na clínica com os velhos que se mostra presente nesses autores contemporâneos é que apesar de os velhos se tornarem uma população cada vez mais disponível para o tratamento clínico, a teorização e a conceituação da técnica que sejam específicas a essa faixa etária se mostram incipientes ou ainda como a negação da velhice. A meu ver, a ideia de que a Psicanálise não teria o que oferecer aos velhos, seja em razão da tradição freudiana de contraindicar o tratamento para pessoas mais tarde na vida, ou porque os psicanalistas atuais que se dedicam ao tema minimizem os efeitos reais do processo do envelhecimento orgânico em suas consequências psíquicas no nível do processo secundário – próprio do sistema Pcs (pré-consciente) –, proponho ao contrário, que a conexão da realidade psíquica com o a realidade externa implica a consideração da velhice e suas exigências reais que se inscrevem psiquicamente como princípio da realidade e parecem se apresentar na experiência psicanalítica com os velhos.

Mais do que nos oferecer indicações de respostas para a crise conceitual reinante na Psicanálise quanto ao papel dos velhos, a obra de Donald Woods Winnicott também nos municia com um aporte teórico-conceitual para lidar com as limitações oriundas da própria Gerontologia tradicional. Constituída a partir de uma associação multidisciplinar de ciências e campos de conhecimento dedicados ao processo de envelhecimento, sobretudo entre as décadas de1930 e 1950, a Gerontologia emerge de um conjunto de esforços destinados a conceber o processo de envelhecimento e seu resultado – a velhice – à luz da "concepção de um desgaste biológico natural, geral e gradual com desdobramentos psicossociais"[294]. Atendendo aos apelos das chamadas 'ciências positivistas', em especial do modelo médico, a Gerontologia, mormente em seus primórdios, se propôs pensar o fenômeno do envelhecimento a partir de um viés orgânico e fisiológico[295]. Ora, esse paradigma 'positivista', que, nas ciências da saúde, jamais deixou de se basear no modelo médico, e o qual é ainda hoje dominante, está estreitamente associado a uma visão unidimensional do fenômeno do envelhecimento, no âmbito da qual ficam excluídas "as evidências disponíveis sobre a heterogeneidade das experiências de velhice"[296].

---

[294] SOARES, Flavia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 86-95, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-47142005001009. Disponível em https://www.scielo.br/j/rlpf/a/JD44wVcCBXXvwbxTG8jQc5k. Acesso em 22 de Novembro de 2025. p. 87.

[295] SOARES, Flavia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 86-95, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-47142005001009. Disponível em https://www.scielo.br/j/rlpf/a/JD44wVcCBXXvwbxTG8jQc5k. Acesso em 22 de Novembro de 2025. p. 87.

[296] NERI, Anita Liberalesso. Velhice e qualidade de vida na mulher. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. apresentação. p. 153-191. p. 164.

Essa visão unidimensional em Gerontologia tende, ao contrário, a equacionar o envelhecimento e a velhice como objetos universais de estudo, apreensíveis pela mesma metodologia e pelos mesmos paradigmas científicos: há um envelhecimento e uma velhice e, destarte, uma orientação universal a ser dada para o bom envelhecer. A propósito da natureza unidimensional das abordagens clássicas da Gerontologia e das mudanças epistemológicas pelas quais passa nas últimas décadas, Anita Liberalesso Neri afirma[297]:

> As novas concepções originadas nas disciplinas biológicas, psicológicas e sociais, que hoje compõem o campo da Gerontologia, significaram mudança de paradigma perante o envelhecimento, no sentido que instauraram novas interpretações e novos métodos para seu estudo, os quais contrariam visões lineares e unidimensionais sobre o significado do tempo e das mudanças evolutivas.

A ênfase na prevenção e combate às doenças associadas ao processo do envelhecimento é o sinal mais rumoroso da perspectiva unidimensional no saber gerontológico. Ao mesmo tempo, é uma das consequências mais notáveis do paradigma positivista e modelo médico, sob o domínio dos quais o envelhecimento é usualmente conceituado, no saber gerontológico, como um processo dinâmico e progressivo de modificações biológicas que levam à perda da capacidade de adaptação e, em última instância, às condições que causam a morte:

> A incapacidade de mensurar o fenômeno do envelhecimento, que está intimamente vinculada à dificuldade de definir a idade biológica, justifica a falta de segurança para adotar quaisquer teorias existentes sobre o fenômeno. Os mesmos motivos justificam a inexistência de uma definição de envelhecimento que atenda aos múltiplos aspectos que o compõem. Respeitando-se as limitações assinaladas e dentro de uma visão prioritariamente biogerontológica, o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte. Às manifestações somáticas da velhice, que é a última fase do ciclo da vida, e que são caracterizadas pela redução da capacidade funcional, calvície, canície, redução da capacidade de trabalho e da resistência, entre outras, associam-se perdas dos papéis sociais, solidão, perdas psicológicas e motoras, e afetivas.[298]

---

[297] NERI, Anita Liberalesso. Apresentação. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. apresentação. p. 6-8. p. 7.

[298] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial

Essa visão limitante do envelhecimento é, infelizmente, corroborada pela própria Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), que, em seu Relatório Mundial sobre o Idadismo[299], afirma:

> Envelhecimento é o processo de ficar mais velho e representa o acúmulo de mudanças ao longo do tempo, isso é, mudanças físicas, psicológicas e sociais. As mudanças que constituem e influenciam o envelhecimento são complexas. No nível biológico, o envelhecimento está associado ao acúmulo gradual de vários danos moleculares e celulares. Com o passar do tempo, esses danos levam a uma diminuição gradual das reservas fisiológicas, a um aumento no risco de muitas doenças e a uma diminuição geral na capacidade do indivíduo. Em última instância, leva à morte.

Uma crítica muito pontual ao paradigma reinante na Gerontologia tradicional foi feita por Simone de Beauvoir em seu seminal **A velhice**[300]: trata-se da consideração do sujeito do ponto de vista do exterior, sob a égide da psicometria, e cujos resultados devem ser concebidos como puras abstrações, diferentes da realidade prática e viva. É o que escreve Beauvoir[301]:

> Em suas pesquisas sobre a Psicologia da velhice, os gerontologistas adotam os mesmos métodos que os utilizados no estudo da fisiologia. Tratam o sujeito do ponto de vista do exterior. Baseiam-se essencialmente na psicometria. É uma disciplina que me parece das mais contestáveis. O indivíduo submetido a um teste se encontra numa situação artificial e os resultados obtidos são puras abstrações, bem diferentes da realidade prática e viva. Na verdade, as reações intelectuais de um homem dependem do conjunto de sua situação: sabe-se bem que os conflitos familiares podem tornar aparentemente idiota um estudante considerado até então precoce.

Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 84. Conferir também: COMFORT, Alexander. **The biology of senescence**. 3rd ed. Oxford, UK: Elsevier Science, 1978. 414 p; PAPALÉO NETTO, Matheus, PONTE, José Ribeiro. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (Ed.). **gerontologia**. 2ª ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2002. Ano original de publicação: 1996. p. 3-12.

[299] ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022. Título original: Global report on ageism. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. DOI: https://doi.org/10.37774/9789275724453. Disponível em https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872. Acesso em 30 de Outubro de 2022. 192 p. p. 183.

[300] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

[301] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 34.

A natureza externalizante e unidimensional da Gerontologia sob o paradigma positivista e modelo médico a torna refém de uma visão simplista – porquanto organicista – na qual o envelhecimento e a velhice estão inextricavelmente associados à perda, à estagnação ou ao declínio inexorável.

Em contrapartida a essa visão reducionista, a Psicanálise de orientação winnicottiana oferece um paradigma cujo caráter revolucionário consiste no apoio à hipótese de que o desenvolvimento humano não cessa na vida adulta, constituindo, antes, um processo contínuo que abarca a totalidade da existência. Com efeito, diferentemente da abordagem freudiana clássica, que em diversos momentos manifesta ceticismo quanto à aplicabilidade da análise em idosos devido a uma suposta 'falta de plasticidade psíquica' ou ao excesso de material acumulado, Winnicott compreende o ser humano a partir da tendência inata ao amadurecimento que persiste enquanto há vida. Como ele próprio asseverou: "Tenho uma tendência natural para considerar esse assunto em termos de desenvolvimento que começa no início de tudo e vai até o momento da morte, na velhice. Desenvolvimento é a minha especialidade"[302].

A perspectiva de Winnicott muito contribuiu para a compreensão de que a velhice menos se concebe pela ótica da patologia ou da involução do que por um tempo em que é possível vislumbrar a saúde e conquistas emocionais específicas: "para Winnicott, na velhice, encontramos, em direções contrárias entre si, o corpo que indica o declínio corporal e a psique que pode amadurecer"[303]. Com efeito, para Winnicott, a saúde não é meramente a ausência de doença, mas a continuidade do ser e a capacidade de viver criativamente: na saúde, "o corpo funciona de acordo com a faixa etária adequada", e o desenvolvimento prossegue através das mudanças da meia-idade até que, na velhice, são desacelerados os vários funcionamentos; a morte natural surge, nessa esteira, como a derradeira marca da saúde:

[302] WINNICOTT, Donald Woods. Este feminismo. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: This feminism. Ano original de publicação: 1964. 191 p. cap. 16. p. 114-121. p. 114.

[303] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 89.

> Na saúde, o corpo funciona de acordo com a faixa etária adequada. Acidentes e falhas do ambiente são enfrentados de modo a fazer com que suas consequências negativas desapareçam com o tempo. O desenvolvimento prossegue com o passar do tempo, e gradualmente a criança se transforma no homem ou na mulher, nem cedo nem tarde demais. A meia-idade chega na época certa, com outras mudanças igualmente adequadas, e finalmente a velhice vem desacelerar os vários funcionamentos até que a morte natural surja como derradeira marca da saúde.[304]

Nesse mesmo sentido, a 'tensão da finitude', expressão que intitula o presente Capítulo, não é uma dimensão a cuja resolução chegamos pela negação do declínio biológico; antes, essa tensão se reverte em saúde quando adequadamente integrada à economia psíquica. Por trás da afirmação de Simone de Beauvoir[305] de que a velhice é "por excelência, o domínio do psicossomático" está a concepção, aqui sustentada, de que a velhice exige do sujeito um trabalho constante de elaboração imaginativa das funções corporais que se alteram.

Nesse sentido, diferentemente da Gerontologia tradicional, cujo foco está na deterioração celular, o paradigma winnicottiano se debruça sobre a compreensão de como o *self* habita um corpo em incessante e natural transformação. Eis o desafio imposto pela finitude: o de manter a 'coexistência psicossomática' diante de um organismo que caminha para o inanimado, evitando que o declínio físico seja vivenciado como uma perseguição ou um colapso da organização egóica.

A distinção entre os conceitos de envelhecimento e velhice – em que o primeiro se refere a um processo, a um movimento contínuo, constante e sempre inacabado de processo de subjetivação, e o segundo se refere a um estado, a uma permanência diante da qual o sujeito precisa se posicionar – desempenha, no cenário winnicottiano, grande relevância: com efeito, a tensão da finitude emerge justamente no hiato entre a continuidade do ser (o sujeito que se sente vivo e desejante) e a realidade do tempo que não passa mais, e a qual, no entanto, se esgota. Como nos lembra Jack Messy[306], se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada 'em direção à morte'.

---

[304] WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Coleção Analytica. Direção de Jayme Salomão). Título original: Human Nature. Ano original de publicação: 1988 (though based on notes from the 1960s). [edição digital]. 84 p. p. 9.

[305] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 13.

[306] MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p.

Nesse cenário, Winnicott introduz uma metáfora potente – posto que paradoxal – para descrever a tarefa psíquica final: o 'crescer para menor' (*growing downwards*)[307]: "nesse sentido, amadurecer é poder aceitar a morte como uma tarefa 'normal' e 'esperada' na velhice, o que, nas palavras de Winnicott, é 'crescer para menor'"[308]. Longe de ser uma derrota, esse movimento de 'crescer para menor' é uma adaptação ativa e sofisticada do ego. Winnicott afirma: "Há muito crescimento que é crescimento para baixo. Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado de portas da morte"[309].

Esta concepção subverte a lógica da expansão contínua valorizada pelo capitalismo e pela biomedicina. A tensão da finitude é trabalhada não pela luta contra o tempo, mas pela capacidade de "integrar a de-integração". Se nas fases iniciais da vida o objetivo era a integração do *self* a partir de um estado não-integrado, na velhice, o amadurecimento exige a capacidade de suportar o movimento inverso: a aceitação da dependência e a redução da onipotência para que a morte possa ser vivida não como uma aniquilação vinda de fora, mas como um evento que pertence à vida:

---

[307] WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e suas raízes. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Agression and its roots. Ano original de publicação: 1939. 344 p. p. 250. Cf. SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 58-59.101.129.

[308] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 58-59.

[309] WINNICOTT, Donald Woods. Assistência residencial como terapia. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Residential care as therapy. Ano original de publicação/apresentação: 1970 (as an address to the Association of Workers for Maladjusted Children). 344 p. cap. 26. p. 249-258. p. 250.

> A Psicanálise winnicottiana consiste em uma teoria que aborda o ciclo vital como processos de integração progressiva da constituição de um si mesmo que tende a continuidade de ser de modo específico em cada fase. Existem peculiaridades na realização de tarefas básicas do amadurecimento pessoal e todas elas confluem, até a vida adulta, para a integração e continuidade do *self*. Essa continuidade é uma conquista a ser realizada e renovada durante toda a vida – do nascimento até a morte. A experiência saudável, da última fase da vida, é poder "viver a velhice", mas no final ela assume uma peculiaridade: integrar a *de-integração* própria da aproximação do final e, portanto, da morte como parte da vida. Nesse sentido, amadurecer é aceitar a morte como uma tarefa "normal" e "esperada" na velhice, o que, nas palavras de Winnicott, é "crescer para menor".[310]

É nesse espírito que se aplica a seguinte compreensão de Donald Winnicott[311]:

> Não há morte, exceto considerando-se uma totalidade. Revertendo o raciocínio, o sentido de totalidade da integração pessoal traz consigo a possibilidade e realmente a certeza da morte; e com a aceitação da morte advém grande alívio, alívio do medo das alternativas, tais como a desintegração ou os fantasmas – ou seja, a sobrevivência de fenômenos espíritas, para depois da morte da metade somática da parceria psicossomática.

Sob o espírito do paradigma winnicottiano, somos autorizados a retirar o velho do lugar de 'objeto de cuidado' passivo e a recolocá-lo na posição de sujeito de um processo complexo de desenvolvimento. A tensão da finitude, quando sustentada por um ambiente facilitador, deixa de ser uma angústia de aniquilação para se tornar a condição de possibilidade para o que winnicottiana Flavia Maria de Paula Soares[312] chama de 'capacidade de morrer', – a derradeira conquista da saúde emocional:

---

[310] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 58-59.

[311] WINNICOTT, Donald Woods. Sum: Eu sou. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: Sum, I am. Ano original de publicação: 1968. 191 p. cap. 3. p. 32-38. p. 36.

[312] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 13.

> [H]á amadurecimento pessoal na velhice e esse consiste na integração da *de-integração* do *self* em direção à morte como sinal de saúde. [...] O conceito *de-integração* será utilizado para definir a última tarefa do amadurecimento pessoal como uma conquista final – talvez a mais difícil de todas – de poder 'sacrificar' a continuidade do *self* e poder morrer. O amadurecer na velhice, de que trata Winnicott, é o tempo de conquista da 'capacidade de morrer' [...] As hipóteses formuladas são de que sendo a velhice uma das fases descritas por Winnicott, há amadurecimento pessoal saudável – que faz parte de processo de conquistas pessoais durante toda a vida. O desenvolvimento emocional mais tarde na vida se diferencia do das outras fases em uma dimensão especial: enquanto até então, o amadurecimento tende à integração do *self* como uma unidade, no espaço e no tempo na direção da vida, no fim, a grande conquista é atingir a 'capacidade de poder morrer'.

2.3 A integração da 'de-integração': a tarefa psíquica da velhice

Se, como busquei sustentar anteriormente, o paradigma positivista e biomédico tende a reduzir a velhice à ótica do déficit e da involução orgânica, a perspectiva winnicottiana, por sua vez, propõe uma inversão epistemológica radical, qual seja: levar adiante a hipótese de que a velhice não é um resto do desenvolvimento, mas o tempo para uma tarefa psíquica sofisticada e paradoxal. Trata-se, no caso, da passagem da integração – tarefa primordial do início da vida – para a capacidade de de-integração, condição *sine qua non* para a conquista da capacidade de morrer.[313]

Em conformidade com a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, o desenvolvimento é um processo contínuo que "começa no início de tudo e vai até o momento da morte, na velhice"[314]. É importante ressaltar, no entanto, que, diferentemente da infância, quando então o vetor do amadurecimento aponta para a conquista da unidade do *self* e para a separação do não-eu, isto é, para a conquista da independência e a integração de um *self* unitário capaz de operar no mundo, a velhice impõe outro desafio, o qual consiste em inaugurar uma tarefa psíquica paradoxal e de alta complexidade: suportar a dissolução dessa unidade sem que isso signifique o colapso do sujeito, ou ainda, reverter o movimento iniciado na infância sem perder a identidade.

[313] A tarefa de "integrar a desintegração" e de conquistar a "capacidade de morrer" aponta para um dos paradoxos mais belos da existência humana – e encontra em Donald Winnicott uma de suas mais geniais encarnações. Em uma prece autobiográfica redigida ao fim da vida, o psicanalista inglês legou uma frase que sintetiza com perfeição o horizonte ético de toda a reflexão aqui desenvolvida: "Oh Deus! Possa eu estar vivo quando morrer" (*Oh God! May I be alive when I die*). Essa súplica, de aparente contradição, lança uma luz decisiva sobre os fenômenos da velhice que busco desvelar. Para Winnicott, saúde e doença não se separam de modo estanque pela medida do vigor orgânico; o que verdadeiramente está em jogo é a continuidade do Ser. "Estar vivo" no instante da morte significa não ter sucumbido prematuramente à morte psíquica, ao isolamento ou à alienação impostos pela perda do corpo jovem ou pelo etarismo social. Significa haver realizado o trabalho heroico de dar continuidade ao próprio desenvolvimento pessoal até o último suspiro. O velho que conquista a capacidade de morrer é, em essência, aquele que conseguiu permanecer vivamente implicado em sua própria história até o momento de seu fechamento.
[314] WINNICOTT, Donald Woods. Este feminismo. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: This feminism. Ano original de publicação: 1964. 191 p. cap. 16. p. 114-121. p. 114.

Trata-se do que Winnicott, com sua habitual precisão poética, denominou de 'crescer para menor' (*growing downwards*), expressão que não se refere a derrotas ou desfazimentos patológicos, mas a uma adaptação ativa e sofisticada do ego diante da inexorabilidade do tempo: "Há muito crescimento que é crescimento para baixo. Se eu tiver uma vida razoavelmente longa, espero encolher e tornar-me suficientemente pequeno para passar pelo estreito buraco chamado de portas da morte"[315].

Diante desse cenário, é não menos que fundamental estabelecer a distinção clínica e ontológica entre três conceitos que, embora foneticamente próximos, designam realidades psíquicas distintas: (i) a desintegração, (ii) a não-integração e (iii) a de-integração.

> Apesar das tarefas do amadurecimento emocional na velhice ocorrerem quase que simultaneamente, considero que existe uma espécie de sequência em seu aparecimento e resolução. Não se trata de um roteiro estático, mas há um jogo de sobreposição e avanços entre uma e outra. A primeira tarefa é integrar na psique o declínio físico, mediante a elaboração imaginativa das funções corporais (que inauguram a entrada na velhice); a segunda, desencadeada pela primeira, consiste na recriação da história no espaço potencial compartilhado com o terapeuta, e como conclusão a integração da *de-integração* do *self*, que encaminha o velho para o confronto com a sua morte e o encontro com a solidão fundamental de ser humano. Nessa última etapa, o acesso circular ao não-ser inicial ocorre pela regressão à dependência saudável extrema.[316]

Com efeito, (i) a desintegração refere-se a uma condição patológica, a uma defesa organizada contra a dor tremenda de ansiedades impensáveis, muitas vezes associada ao medo do colapso e à perda do sentido de realidade decorrentes de falhas ambientais traumáticas. Na velhice, a desintegração pode se manifestar em quadros demenciais ou depressivos graves, em que o sujeito, desamparado, perde a conexão com sua história e cai no 'vazio' ou no 'sem sentido':

---

[315] WINNICOTT, Donald Woods. Assistência residencial como terapia. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Residential care as therapy. Ano original de publicação/apresentação: 1970 (as an address to the Association of Workers for Maladjusted Children). 344 p. cap. 26. p. 249-258. p. 250.

[316] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 122.

> Na clínica psiquiátrica estamos familiarizados com o processo da desintegração, um ativo desfazer-se da integração, produzido e talvez organizado como defesa contra a ansiedade associada à integração [...] [A] palavra desintegração revela-se mais apropriada para descrever o negativo da integração do que o termo não-integração. Em estágios posteriores é possível que surjam exageros no cuidado consigo mesmo, organizado como uma defesa contra a desintegração que a falha ambiental ameaça provocar. [...] É possível detectar uma desintegração que ocorre como defesa organizada contra a tremenda dor das várias ansiedades associadas ao estado plenamente integrado. A desintegração desse tipo pode ser utilizada mais tarde como base para um estado patológico caótico, que na verdade representa um fenômeno secundário e que não está diretamente relacionado ao caos primário do indivíduo humano. [...] A desintegração, sim, é caótica, pois representa uma alternativa para a ordem, e podemos dizer que ela é uma organização defensiva grosseira, uma defesa contra as ansiedades trazidas pela integração. Contudo, a desintegração não é um estado que possa prosseguir por si mesmo, e durante o tempo em que ela deve ser mantida, o desenvolvimento emocional permanecerá estacionário.[317]

Por sua vez, (ii) a não-integração consiste um estado primário e natural do início da vida, anterior à formação do ego, em que o bebê, sustentado pelo *holding* materno, pode relaxar e 'não precisar ser um' o tempo todo:

> É necessário postular, portanto, um estado de não-integração partir do qual a integração se produz. O bebê que conhecemos com uma unidade humana, seguro dentro do útero, ainda não é uma unidade em termos de desenvolvimento emocional. Se examinamos isto do ponto de vista do bebê (embora o bebê, como tal, não esteja lá para te um ponto de vista), a não-integração é acompanhada por uma não-consciência. No começo teórico existe o estado de não-integração, uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo. Neste estágio não há consciência. Assim que começamos a falar de um conjunto de impulsos e sensações, já estamos muito afastados do início, quando centro de gravidade (por assim dizer) do self migra de um impulso sensação para outro. O começo certamente está em alguma data anterior ao nascimento. A partir do estado de não-integração se produz a integração. [...] No início há a não-integração, não há vínculo algum entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-EU. Teoricamente, este é o estado original, não padronizado e não planificado. Na prática isto não é verdade, pois o bebê está sendo cuidado, ou seja, amado, e isto quer dizer fisicamente amado. A adaptação à necessidade é quase completa [...] Em primeiro lugar, pois, não há caos, já que não existe ordem. Ao que lá está, chamamos de não-integração.[318]

[317] WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Coleção Analytica. Direção de Jayme Salomão). Título original: Human Nature. Ano original de publicação: 1988 (though based on notes from the 1960s). [edição digital]. 84 p. p. 59.60

[318] WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Coleção Analytica. Direção de Jayme Salomão). Título original: Human Nature. Ano original de publicação: 1988 (though based on notes from the 1960s). [edição digital]. 84 p. p. 59-60.67.70

(iii) A de-integração, conceito-chave para minha tese sobre a velhice, é a capacidade conquistada pelo indivíduo maduro de, apoiado em um ambiente facilitador, abrir mão da rigidez egóica e da onipotência para retornar, de forma segura, a estados de dependência e não-integração semelhantes aos do início da vida, preparando-se para a 'segunda morte' – não como aniquilação, mas como fechamento do ciclo vital. Dessarte, a de-integração diz respeito a uma dimensão possível da experiência psíquica do envelhecer; abarca, mais precisamente, o último nível possível do amadurecimento pessoal, razão pela qual podemos chamá-la de uma conquista final, e da qual depende nossa capacidade de 'sacrificar' a continuidade do *self* e poder morrer:

> A experiência saudável, da última fase da vida, é poder 'viver a velhice', mas no final ela assume uma peculiaridade: integrar a de-integração própria da aproximação do final e, portanto, da morte como parte da vida. Nesse sentido, amadurecer é poder aceitar a morte como uma tarefa 'normal' e 'esperada' na velhice, o que, nas palavras de Winnicott, é 'crescer para menor'. [...] O amadurecimento pessoal na velhice tem como especificidade a integração da de-integração do *self*. Trata-se de, nesse processo, de integrar a morte – o não-estar-vivo – como parte da vida, constituindo uma identidade final e poder morrer. O velho precisa realizar um movimento circular em direção às origens, por meio da regressão à dependência (saudável) e reencontrar a solidão fundamental e a experiência de não-existir, o que Winnicott denominou de 'segunda morte'.[319]

A tarefa de 'crescer para baixo' exige um trabalho psíquico intenso de elaboração do luto. Não apenas o luto pelas perdas objetais (entes queridos, papéis sociais, vigor físico), mas, como aponta Delia Catullo Goldfarb, um "luto que age por antecipação, luto por um objeto ainda conservado, porém condenado: a própria vida":

> Ser velho pode muitas vezes significar a perda da ilusão da própria potência, aceitar o domínio inelutável da pulsão de morte e apesar disso, continuar lutando. Luta difícil, porque o luto que deve ser elaborado é o da própria vida, é um luto que age por antecipação, luto por um objeto ainda conservado, porém condenado: e a ameaça de aniquilação pela morte não é um sentimento ao qual alguém se adapte. O Eu, antes de qualquer outra coisa, exige continuidade. A morte é este pano de fundo sempre fugidio, irrepresentável, que constitui a violência própria do ser temporal, ser para a morte. [320]

[319] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 58-59. 103

[320] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1997. 96 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo, 1997. Orientador: Prof. Dr. Renato Mezán. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 15.

O eu, que por definição exige continuidade, confronta-se com a ruptura radical da morte, e, nesse embate, a 'capacidade de morrer' surge não como um dado biológico – todos os organismos cessam –, mas como uma conquista emocional de quem pôde constituir um *self* suficientemente real para aceitar sua própria dissolução.

Ora, para que a 'de-integração' ocorra sem deslizar para a desintegração patológica ou para o desespero, o psiquismo do velho recorre a uma ferramenta de síntese fundamental: a memória; não, como simplisticamente se pensa, um arquivo do passado, mas no sentido em que Ecléa Bosi[321] compreende a memória na velhice, a saber: como 'memória-trabalho', o que envolve um esforço ativo de reconstrução graças ao qual é permitido ao sujeito "refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado".

Ao narrar sua história, o velho realiza uma costura entre o passado e o presente, assegurando unidade a uma existência que, biologicamente, se fragmenta. Norberto Bobbio[322], em sua autoanálise da senectude, reforça que:

> Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade; um mundo que se formou e se revelou na série ininterrupta de nossos atos durante a vida, encadeados uns aos outros, um mundo que nos julgou, nos absolveu e nos condenou para depois, uma vez cumprido o percurso de nossa vida, tentarmos fazer um balanço final. É preciso apressar o passo. O velho vive de lembranças e em função das lembranças, mas sua memória torna-se cada vez mais fraca. O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram. Cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo, é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida. Nada de parar. Devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.

A reminiscência, destarte, está longe de guardar qualquer relação com comportamento de fuga ou sintoma de senilidade, sendo, antes, uma "função religiosa", no caso, a de "unir o começo e o fim", tranquilizando as águas revoltas do presente e permitindo ao idoso encontrar sua identidade final antes da partida:

---

[321] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 57.

[322] BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. 242 p. p. 54-55

> Se existe uma memória voltada para a ação, feita de hábitos, e uma outra que simplesmente revive o passado, parece ser esta a dos velhos, já libertos das atividades profissionais e familiares. Se tais atividades nos pressionam, nos fecham o acesso para a evocação, inibindo as imagens de outro tempo, a recordação nos parecerá algo semelhante ao sonho, ao devaneio, tanto contrasta com nossa vida ativa. Esta repele a vida contemplativa. Mas, O ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens.[323]

No entanto, essa tarefa psíquica não ocorre no vácuo. Ela esbarra nas barreiras impostas pela cultura contemporânea. Como nos lembra Simone de Beauvoir[324], a velhice é um 'fato cultural' e o declínio biológico é vivido dentro de um contexto que pode ou não conferir sentido a essa experiência:

> Definir o que é para o homem progresso ou regressão supõe que se tome como referência um determinado fim; mas nenhum é dado *a priori*, no absoluto. Cada sociedade cria seus próprios valores: é no contexto social que a palavra "declínio" pode adquirir um sentido preciso. Essa discussão confirma o que eu disse acima: a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural.[325]

Em uma sociedade que cultua a velocidade, a produção e a juventude, o tempo do velho – um tempo de 'lentidão não desejada', como descreve Norberto Bobbio[326] – é frequentemente desvalorizado:

[323] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 84.
[324] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.
[325] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 17.
[326] BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. 242 p. p. 45-50.

> Bobbio articula com a clareza habitual a decadência imposta pelos limites fisiológicos da velhice, contrastando a lentidão deliberada das solenidades — a do sacerdote na procissão, a dos grandes do Estado nas cerimônias públicas — com a lentidão não desejada do velho, no andar, no manejo dos instrumentos, no pensar. Esta lentidão é penosa para o velho e para os outros.[327]

> Na minha experiência, que não tenciono generalizar, o que distingue a velhice da juventude, e também da maturidade, é a lentidão dos. movimentos do corpo e da mente. A vida do velho desenvolve-se em marcha lenta [...] A lentidão do velho [...] é penosa para ele e para os outros. Suscita mais pena que compaixão. O velho está naturalmente destinado a ficar para trás, enquanto os outros avançam. [...] O tempo urge. Eu deveria acelerar os movimentos para chegar a tempo e, em vez disso, vejo-me obrigado, dia após dia, a mover-me cada vez mais devagar.[328]

Com efeito, o velho é empurrado para a margem, sua memória é espoliada e sua função de narrador é silenciada. Em um dos belíssimos textos que compõem o prefácio de **Memória e sociedade**[329], Marilena Chauí[330] afirma:

> Mas, se os velhos são os guardiões do passado, por que nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados. Ao mostrá-lo, Ecléa, sua tese deixa exposta uma ferida aberta em nossa cultura: a velhice oprimida, despojada e banida. A função social do velho é lembrar e aconselhar — memini, moneo — unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, 'não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie', a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. [...] Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.[331]

---

[327] LAFER, Celso. A autoridade de Norberto Bobbio. Prefácio à Edição Brasileira, por Celso Lafer. *In*: BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. p. VII-XXIX. 242 p. p. XXVII

[328] BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. 242 p. p. 46.47.49

[329] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

[330] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35.

[331] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18-19.

Um dos que lutou pelos velhos foi Norbert Elias, responsável por denunciar o 'isolamento tácito dos velhos e dos moribundos', situação na qual a decadência física os separa dos vivos antes mesmo da morte, dificultando a manutenção dos laços afetivos essenciais para a sustentação do *self*:

> Muitas pessoas morrem gradualmente; adoecem, envelhecem. As últimas horas são importantes, é claro. Mas muitas vezes a partida começa muito antes. A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência as isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil – o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança. Os anos de decadência são penosos não só para os que sofrem, mas também para os que são deixados sós. O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos e moribundos.[332]

A favor da dificuldade de manutenção dos laços afetivos essenciais para a sustentação do *self* conta sobremaneira o papel desempenhado pela cultura do individualismo – que tão sobremaneira caracteriza as sociedades contemporâneas em geral – na representação social do isolamento e da solidão, em nível individual e coletivo. Há quem argumente – como Luiz Antonio de Castro Santos, Lina Faria e Rafael Andrés Patiño [333] – que esse cenário contribuiu para que as pessoas idosas "sintam a solidão e a proximidade da morte de forma mais intensa. A intensidade com que são enaltecidos certos valores, como a autonomia e a independência, produz um sentimento de perda subjetiva durante o processo de envelhecimento". Ao cultivo do individualismo – que nos faz equivocamente crer que nosso processo de finitude é essencialmente individual – associa-se a alegação constante e pública de um sentido de autonomia no qual está excluída a interdependência, de onde se segue, por sua vez, a experiência de isolamento social.

---

[332] ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de **Envelhecer e morrer**. Tradução de Plinio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001. Título original: Über die Einsamkeit der Sterbenden in unseren Tagen. Ano original de publicação: 1982. 107 p. p. 8.

[333] SANTOS, Luiz Antonio de Castro; FARIA, Lina; PATIÑO, Rafael Andrés. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2, e0040, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0040. Disponível em https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1083. Acesso em 07 de Dezembro de 2025. p. 10.

Nesse sentido, a conquista da 'capacidade de morrer' depende intrinsecamente da qualidade do ambiente. Não é exagero afirmar que, se no início da vida o bebê precisava da 'mãe suficientemente boa' para começar a ser, na velhice o sujeito necessita de um ambiente que desempenhe funções análogas de *holding* (sustentação) para que possa deixar de ser:

> A condição para que o crescimento emocional do velho aconteça é a sustentação (*holding*) da confiabilidade ambiental aos moldes da mãe dedicada – em preocupação materna primária – pelo terapeuta suficientemente bom. Segundo Winnicott, "ocorre que o 'cuidar-curar' é uma extensão do conceito de 'segurar'. Esta é a base da clínica que estou denominando de 'clínica do *holding*'.[334]

A clínica com o idoso – e, por extensão, o cuidado social – deve se pautar nessa ética: oferecer a presença humana e o testemunho que permitam ao sujeito realizar a integração de sua de-integração, transformando a fatalidade biológica da morte em um ato humano de conclusão biográfica. É com base nesse espírito que Marie de Hennezel afirma:

> A pior solidão para o 'morrente' é não poder anunciar a seus próximos que ele vai morrer. Sentindo vir a morte, e que ele não pode falar sobre isso, nem partilhar com os seus o que a proximidade desta partida o inspira, isto não tem frequentemente senão outra saída que a confusão mental, o delírio, ou mesmo a dor que permite ao menos falar sobre qualquer coisa.[335]

Como Sêneca já nos alertava, 'morrer bem é morrer de bom grado', uma aceitação que só é possível para quem viveu – e foi permitido viver – até o fim:

---

[334] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 117-118.

[335] HENNEZEL, Marie de. **La mort intime**: ceux qui vont mourir nous apprennent à vivre. Paris, FRA: Éditions Robert Laffont, 1995. 240 p. p. 50. Tradução de Flavia Maria de Paula Soares, disponível em SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 128.

> Resta agora é saber se são borras os últimos anos de vida, ou se, pelo contrário, são a fase mais transparente e mais pura. Entenda-se: desde que a inteligência não sofra diminuição, que os sentidos sirvam o espírito intactos e que o corpo não esteja diminuído e já meio morto, porquanto é da maior importância saber se o que se prolonga é a vida ou é a morte. Se o corpo já não está à altura das suas tarefas, porque não havemos de libertar a alma dos seus entraves? Possivelmente até o deveríamos fazer antes de ser necessário, não fosse dar-se o caso de o não podermos fazer quando necessário for. E como é maior o perigo de viver mal do que o de morrer antes do tempo, estúpido seria aquele que, com um exíguo sacrifício de tempo, se não libertasse de tantas contingências aleatórias. Poucos têm sido os homens que, após longa velhice, atingiram a morte sem diminuição de capacidades, mas muitos aqueles que uma vida prolongada deixou inutilizados: como não julgar então que mais duro do que perder uns dias de vida é perder o direito a pôr-lhe termo?[336]

> Estou preparado para partir e posso desfrutar a vida justamente pelo fato que não fico dependendo demais do quanto possa durar esse futuro. Antes da velhice, cuidei de viver bem. Na velhice, de que eu morra bem. Ora, morrer bem é morrer de bom grado.[337]

[336] SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 2ª ed. Tradução, Prefácio e Notas de José António Segurado e Campos. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Título original: L. Annaei Senecae Ad Lucilium Epistulae Morales Selectae. Ano original de publicação: 65. 432 p. § 33,-34, p. 208.

[337] SÊNECA. **Edificar-se para a morte**: Das cartas morais a Lucílio. Seleção, introdução, tradução e notas de Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. Título original: Ad Lucilium Epistulae Morales. Ano original de publicação: 65. [edição digital]. 143 p. Epístola 61, § 2, p. 73.

2.4 O ambiente facilitador e a 'clínica do *holding*': do cuidado à ética da dependência

Se, conforme busquei apresentar no subcapítulo anterior, a tarefa psíquica da velhice reside na (supostamente) paradoxal integração da 'de-integração' – o que permite ao sujeito 'crescer para menor' e aceitar a finitude não como aniquilação, mas como desfecho –, é imprescindível reconhecer que esse trabalho nem se realiza no vácuo e tampouco é uma empreitada solipsista. Como, em várias circunstâncias, aponta Donald Winnicott:

> O indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador e somente na medida em que este exista. O meio ambiente facilitador é ele próprio, um fenômeno completo e necessita de um estudo especial por seu próprio direito: o espaço essencial é que ele possui uma espécie de crescimento seu, próprio, estando adaptado às necessidades mutantes do indivíduo em crescimento.[338]
>
> Podemos dizer que o ambiente facilitador torna possível o progresso continuado dos processos de amadurecimento. [...] Acontece que essa adaptação dos processos de amadurecimento do bebê é extremamente complexa; são feitas exigências tremendas aos pais, e inicialmente a mãe em si é o ambiente facilitador. Nessa época ela necessita de apoio, e quem melhor pode dar esse apoio é o pai da criança (digamos, seu marido), a mãe dela, a família e o ambiente social imediato. Isso é terrivelmente óbvio, mas ainda assim precisa ser dito.[339]

Nesse sentido, a máxima winnicottiana de que "Isso que chamam de bebê não existe"[340] – pois onde se vê um bebê, vê-se também o cuidado materno sem o qual ele não existiria – pode ser transposta, com o devido rigor epistemológico, para a fenomenologia da velhice. Vale, para tanto, o seguinte princípio: "a unidade não é o indivíduo, a unidade é o arranjo ambiente-indivíduo"[341]. Quero com isso dizer que, nos estágios finais do amadurecimento – e na esteira

---

[338] WINNICOTT, Donald Woods. O medo do colapso. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Fear of breakdown. Ano original de publicação: 1963. 460 p. cap. 18. p. 70-76. p. 71.

[339] WINNICOTT, Donald Woods. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In*: **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: From Dependence to Independence in the Development of the Individual. Ano original de publicação: 1963. 368 p. cap. 7. p. 104-118. p. 107.

[340] WINNICOTT, Donald Woods. Ansiedade associada à insegurança. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Anxiety associated with insecurity. Ano original de publicação: 1959. 544 p. cap. 8. p. 196-202. p. 199.

[341] WINNICOTT, Donald Woods. Ansiedade associada à insegurança. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes,

do que propõe Winnicott – não existe 'o velho' isolado em sua tarefa de morrer; existe, antes, o velho e o ambiente que o sustenta ou que, em sua falha, o deixa cair.

O envelhecimento impõe um retorno à dependência. Contudo, diferentemente da dependência absoluta do início da vida, na qual o bebê desconhece o cuidado que recebe[342], a dependência na velhice é vivida por um sujeito que possui uma história, uma memória e uma consciência de sua própria fragilidade. É aqui que a abordagem winnicottiana oferece uma contribuição ética e clínica decisiva através do que podemos denominar 'clínica do *holding*'. Esta abordagem propõe um deslocamento fundamental no eixo da intervenção em saúde: a passagem da lógica da cura (*cure* – erradicação da doença) para a lógica do cuidado (*care* – sustentação do ser):

> Eis uma palavra boa em nossa língua: cura. Se essa palavra pudesse falar, ela contaria uma história. As palavras têm esse tipo de valor: têm raízes etimológicas, têm história. Como os seres humanos, elas às vezes têm de lutar para estabelecer e manter uma identidade. Em nível mais superficial, a palavra 'cura' assinala um denominador comum entre a prática médica e a religiosa. Acredito que em sua raiz 'cura' signifique cuidado. Mais ou menos por volta de 1700, ela começou a degenerar, passando a designar um tratamento médico, como a cura pela água. O século seguinte acrescentou-lhe o caráter implícito de desfecho bem-sucedido. A saúde se restaura no paciente, a doença é destruída, exorciza-se o espírito mau. Os versos 'Deixem a água e o sangue ser, / Do pecado, a dupla cura' (*Let the water and the blood/ Be of sin the double cur*e) contêm mais do que uma sugestão da passagem do cuidado [*care*] para o tratamento [*remedy*] – a transição na qual estou focando aqui. Entre os dois extremos do uso da palavra, pode-se encontrar, na prática médica, um hiato. A cura, no sentido de tratamento, de erradicação bem-sucedida da doença e de sua causa, tende hoje a se sobrepor ao cuidado. Os médicos estão engajados em tempo integral na batalha de impedir que os dois significados da palavra percam contato um com o outro. Pode-se dizer que o clínico geral cuida, mas precisa conhecer os tratamentos. Em contraste, o especialista se vê com problemas de diagnóstico e de erradicação da doença e tem que se esforçar para lembrar-se do seguinte: o ato de cuidar também é parte da prática médica. Num primeiro extremo, o médico é um assistente social; ele está quase pescando nas águas da cura, do representante da religião. No outro extremo, o médico é um técnico, tanto ao fazer o diagnóstico como ao aplicar o tratamento.[343]

2021. Título original: Anxiety associated with insecurity. Ano original de publicação: 1959. 544 p. cap. 8. p. 196-202. p. 200.

[342] WINNICOTT, Donald Woods. Formas clínicas da transferência. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Clinical varieties of transference. Ano original de publicação: 1955-1956. 544 p. cap. 22. p. 472-480. p. 474.

[343] WINNICOTT, Donald Woods. Cura: uma conversa com médicos. *In*: In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: Cure. Ano original de publicação: 1970. 191 p. cap. 9. p. 69-74. p. 69.

Eis o alerta de Winnicott: "a cura, no sentido do tratamento, da bem-sucedida erradicação da doença e sua causa, tende hoje a se sobrepor ao cuidado"[344], o que estabelece um hiato perigoso na prática médica. Na velhice, quanto então a 'cura' biológica da finitude se torna uma impossibilidade ontológica, o imperativo ético recai sobre o cuidado. Este cuidado se operacionaliza através de dois conceitos fundamentais: o *holding* e o *handling*.

O *holding* (sustentação) na velhice não é uma metáfora abstrata; mais precisamente, refere-se à capacidade do ambiente – seja ele a família, o cuidador ou a instituição – de sustentar o sujeito no tempo e no espaço, protegendo-o das 'agonias primitivas' ou 'ansiedades impensáveis' que o declínio físico e cognitivo ameaça reativar: dentre essas agonias, Winnicott lista o medo de 'despedaçar-se', de 'cair para sempre', de 'não ter relação com o corpo', de 'não ter orientação' e, por fim, mas não menos importante, o 'isolamento completo por não existirem formas de comunicação'[345]. Quando a memória falha e o corpo não responde, é a confiabilidade do ambiente que impede o velho de experimentar uma desintegração traumática, permitindo-lhe manter a continuidade de ser.

Em paralelo, o *handling* (manejo) diz respeito ao cuidado corporal que permite a manutenção da 'personalização', ou seja, o alojamento da *psique* no *soma*:

[344] WINNICOTT, Donald Woods. Cura: uma conversa com médicos. *In*: In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: Cure. Ano original de publicação: 1970. 191 p. cap. 9. p. 69-74. p. 69.

[345] WINNICOTT, Donald Woods. A dependência nos cuidados infantis. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 2ª edição. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Revisão Técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Ano da 1ª edição brasileira: 1988. Título original: Dependence in child care Ano original de publicação: 1971. 72 p. [edição digital]. p. 54-58. p. 56; Cf. também OUTEIRAL, José Ottoni; GRANA, Roberto Barberena. Apresentação à edição brasileira. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Psycho-Analytic Explorations. Ano original de publicação: 1989. 460 p. p. vii-xv. p. x.

> Pretendeu-se, com o termo 'personalização', chamar a atenção para o fato de que a morada desta outra parte da personalidade no corpo, e um vínculo firme entre o que quer que se ache lá e que chamamos de *psique*, em termos desenvolvimentais representa uma conquista da saúde. Trata-se de uma realização que se torna gradualmente estabelecida, e não é doentia, mas em verdade, um sinal de saúde que a criança possa usar relacionamentos nos quais há uma confiança máxima, e em tais relacionamentos às vezes desintegrar-se, despersonalizar-se e até mesmo, por um momento, abandonar a premência quase fundamental de existir e sentir-se existente. As duas coisas, portanto, andam juntas no desenvolvimento sadio: o senso de segurança em um relacionamento mantendo a oportunidade para a anulação repousante dos processos integrativos, ao mesmo tempo em que facilita a tendência geral herdada que a criança tem no sentido da integração, e, como estou acentuando neste artigo, na questão da morada ou habitação do corpo e o funcionamento corporal.[346]

Na velhice, destarte, o toque, a higiene e a alimentação são atos de confirmação da existência; longe estão, nesse sentido, de poderem ser confundidos com tarefas meramente mecânicas:

> Qualquer pessoa pode fazer o *holding* nos cuidados com os velhos, mas, a partir da minha experiência clínica em consultório privado e em instituições de longa permanência para idosos, constatei que o psicanalista apresenta mais tolerância para os conteúdos e vivências que se apresentam na relação pessoal com o velho. Torna-se necessário observar a qualidade do ambiente, pois o que se observa empiricamente referente aos cuidados físicos destinados aos velhos é que, principalmente quando eles estão institucionalizados, os cuidados frequentemente se reduzem à administração da alimentação, higienização, medicação etc. Esse modo de cuidado técnico de estilo biomédico prescritivo não gera o *handling* e o *holding* como sustentação psíquica. Não basta o manuseio em si, mas é necessário que haja, entre o indivíduo que está na velhice e o cuidador, uma relação de mutualidade terna, aos moldes da relação inicial mãe-bebê.[347]

---

[346] WINNICOTT, Donald Woods. Sobre as bases para o *self* no corpo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Basis for self in body. Ano original de publicação: 1972. 460 p. cap. 37. p. 203-218. p. 203.

[347] SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025. p. 120.

Como assevera Winnicott:

> A existência psicossomática é uma realização, e, embora sua base seja uma tendência hereditária de desenvolvimento, ela não pode tornar-se um fato sem a participação ativa de um ser humano que segure o bebê e cuide dele. Um colapso nesta área tem a ver com todas as dificuldades que afetam a saúde do corpo, que realmente se originam na indefinição da estrutura da personalidade.[348]

Se o manejo for técnico e impessoal, o idoso corre o risco de despersonalização, perdendo o vínculo com seu próprio corpo e vivenciando-o como um objeto perseguidor ou estranho: "vários significados são dados à palavra 'despersonalização', mas de modo geral, eles envolvem a perda de contato da criança ou do paciente com o corpo e com o funcionamento corporal, implicando isto a existência de algum outro aspecto da personalidade"[349].

A 'clínica do *holding'* exige, portanto, a legitimação da regressão à dependência. Uma das particularidades da teoria winnicottiana é a ideia que a regressão não constitui necessariamente uma defesa patológica ou um retorno a pontos de fixação libidinal, podendo ser, antes, um retorno organizado à dependência em busca de uma nova adaptação ambiental capaz de (i) corrigir falhas anteriores ou mesmo de (ii) sustentar o *self* em momentos de crise. Em um texto dedicado aos aspectos clínicos e metapsicológico da regressão no contexto do *setting* analítico, Winnicott[350] elabora uma distinção fundamental entre dois movimentos regressivos, a saber: de um lado, há a regressão patológica, que leva o indivíduo de volta a "uma situação primitiva de falha" ambiental precoce.

---

[348] WINNICOTT, Donald Woods. A mãe dedicada comum. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 2ª edição. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Revisão Técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Ano da 1ª edição brasileira: 1988. Título original: The ordinary devoted mother. Ano original de publicação: 1966. 72 p. [edição digital]. p. 5-13. p. 12.

[349] WINNICOTT, Donald Woods. Sobre as bases para o *self* no corpo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Basis for self in body. Ano original de publicação: 1972. 460 p. cap. 37. p. 203-218. p. 203

[350] WINNICOTT, Donald Woods. Aspectos clínicos e metapsicológico da regressão no contexto analítico. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Metapsychological and Clinical Aspects of Regression Within the Psycho-Analytical Set-Up. Ano original de publicação: 1954. 544 p. cap. 21. p. 447-471. p. 454.455.456.

Neste caso, o que se encontra na clínica é a "evidência de defesas pessoais organizadas" e cristalizadas, as quais, conjuntamente, se tornam objeto primário da análise. De outro lado, existe a regressão saudável, um retorno a "uma situação primitiva de êxito" ambiental, na qual se revela não uma organização defensiva rígida, mas "a memória de uma dependência" satisfeita e uma adaptação ambiental bem-sucedida, no interior da qual a organização do ego permaneceu "fluida, menos defensiva". Nesse mesmo texto, Winnicott argumenta que esse modelo desloca a ênfase da teoria tradicional, centrada no "desenvolvimento dos instintos", para uma compreensão do "desenvolvimento do ego" intrinsecamente ligada à "adaptação do ambiente" às necessidades do indivíduo. Nessa esteira, Winnicott nos adverte que nosso pensamento se confunde ao tentar conceber os primórdios do ego sem atribuir "uma importância cada vez maior ao ambiente". Com efeito, enquanto teorias sobre os instintos podem marginalizar o ambiente, qualquer formulação sobre o ego incipiente deve considerá-lo como elemento constitutivo. O ponto de chegada dessa visão é o conceito de narcisismo primário, estado no qual, conforme o autor, "o ambiente sustenta o indivíduo, ao mesmo tempo que o indivíduo nada sabe sobre ambiente algum – e é um com ele". Portanto, a regressão analítica, em sua potencialidade saudável, concerne não apenas a fixações pulsionais, mas aos "pontos bons ou maus na adaptação do ambiente" na história do sujeito.

É com base nessa compreensão que proponho sustentar que o velho precisa ter a permissão de "entregar-se" aos cuidados do outro para poder realizar a tarefa de se desligar da vida. Contudo, essa entrega só é possível se houver um ambiente que ofereça "confiabilidade":

> No trabalho residencial, podemos deixar de lado a verbalização e o material que está pronto para a interpretação, porque a ênfase recai sobre o suprimento total que é o ambiente. É fácil observar que certas características são essenciais. [...] *Confiabilidade.* Há uma atitude geral no estabelecimento residencial, se este for bom, de confiabilidade intrínseca. Vocês desejarão, por certo, que eu diga logo que essa confiabilidade é humana e não mecânica. Poderia ser mecânica no sentido de que será favorecida se as refeições forem servidas pontualmente; mas sejam quais forem as regras estabelecidas, a confiabilidade é sempre relativa, porque os seres humanos são falíveis. [...] O ambiente caótico significa para a criança *imprevisibilidade*. Imprevisibilidade quer dizer que a criança deve sempre esperar traumatismo e que a sagrada área central da personalidade deve manter-se escondida e inacessível, para que nada lhe possa fazer bem ou mal. [...] Na assistência residencial, a confiabilidade de um tipo humano pode, com o decorrer do tempo, desfazer um sentimento agudo de imprevisibilidade e uma considerável parte da terapia da assistência residencial pode ser descrita nesses termos.[351]

[351] WINNICOTT, Donald Woods. Assistência residencial como terapia. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título

Aqui reside a crítica fundamental às instituições de longa permanência (ILPIs) ou hospitais que operam sob a lógica da 'instituição total': com efeito, quando o ambiente é rígido, impessoal e, destarte, não se adapta às necessidades do indivíduo, ele atua como uma 'intrusão' (*impingement*). Em lugar da possibilidade que o velho tem de desenvolver sua 'capacidade de morrer', ele é, antes, forçado a reagir às intrusões ambientais para sobreviver, o que leva à organização de um falso *self* submisso ou à desintegração reativa: sempre que o ambiente falha em sua tarefa de adaptar-se de modo ativo, afirma Winnicott[352], "ele é automaticamente registrado como uma intrusão, algo que interrompe a continuidade do ser, o qual, se não tivesse sido fragmentado, teria se transformado no ego do ser humano diferenciado". Da mesma maneira, diz, em outro momento, Donald Winnicott[353]: "O que se apresenta é um falso *self*, adaptado às expectativas de várias camadas do ambiente do indivíduo"; ora, "o *self* submisso ou falso é uma versão patológica do que na saúde seria chamado de aspecto polido e socialmente adaptado da personalidade saudável". Com efeito, esse ser submisso ou aquiescente é uma versão patológica daquilo que, em saúde, pode ser denominado como o aspecto polido e socialmente adaptado da personalidade, originado de uma adaptação ambiental que não foi suficientemente boa. E o resultado não poderia ser diferente: o ambiente que falha na adaptação transforma a dependência em desamparo e a morte em uma interrupção violenta da continuidade do ser.

Portanto, a ética do cuidado no fim da vida, à luz da importante contribuição da perspectiva winnicottiana, consiste em, na prática, buscar fornecer um ambiente que desempenhe as funções da 'mãe suficientemente boa'. Dito de outra maneira: um ambiente que, através do *holding* e da confiabilidade, permita ao indivíduo viver a experiência da solidão essencial sem cair no isolamento:

---

original: Residential care as therapy. Ano original de publicação/apresentação: 1970 (as an address to the Association of Workers for Maladjusted Children). 344 p. cap. 26. p. 249-258. p. 254-255.

[352] WINNICOTT, Donald Woods. Formas clínicas da transferência. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Clinical varieties of transference. Ano original de publicação: 1955-1956. 544 p. cap. 22. p. 472-480. p. 474.

[353] WINNICOTT, Donald Woods. Os doentes mentais nos casos clínicos dos assistentes sociais. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: The Mentally Ill in Your Caseload. Ano original de publicação: 1963. 368 p. cap. 20. p. 290-307. p. 301.

> Quero aqui examinar a capacidade do indivíduo de ficar sozinho, partindo do pressuposto de que essa capacidade é um dos sinais mais importantes do amadurecimento do desenvolvimento emocional. Em quase todos os nossos tratamentos psicanalíticos há ocasiões em que a capacidade de ficar sozinho é importante para o paciente. Clinicamente isso se pode representar por uma fase de silêncio, ou uma sessão silenciosa, e esse silêncio, longe de ser evidência de resistência, representa uma conquista por parte do paciente. Talvez aqui ele tenha conseguido ficar sozinho pela primeira vez. É para esse aspecto da transferência no qual o paciente fica sozinho na sessão analítica que eu quero chamar a atenção. Não há dúvida de que na literatura psicanalítica tem-se escrito mais sobre o medo de ficar só, ou o desejo de ficar só, do que sobre a capacidade de fazê-lo; também tem se produzido uma quantidade considerável de artigos sobre o estado de retraimento, uma organização defensiva que implica uma expectativa de perseguição. Parece-me que a discussão dos aspectos positivos da capacidade de ficar sozinho ainda está por ser feita. Na literatura provavelmente já houve tentativas de especular especificamente sobre essa capacidade; contudo, não tenho informação delas.[354]

De fato, é somente amparado por esse cuidado que o sujeito pode realizar a ‘integração da de-integração’, transformando a fatalidade biológica da morte em um ato humano de conclusão, em que “o desenvolvimento prossegue até que a morte natural surja como a derradeira marca da saúde”[355][356].

[354] WINNICOTT, Donald Woods. A capacidade de ficar sozinho. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: The Capacity to be Alone. Ano original de publicação: 1958. 368 p. cap. 2. p. 30-40. p. 30.

[355] CERON, Gabriela Garcia. As contribuições de Donald Woods Winnicott para a psicossomática. **Tempo psicanalítico**, v. 52, n. 2, p. 127-154, 2020. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200006. Acesso em 11 de Dezembro de 2025. p. 134.

[356] Neste ponto, faz-se imperativo um parêntese crítico para que não incorramos no risco de romantizar a teoria e a prática do cuidado. Conforme adverte a crítica sociológica e feminista, o exercício do cuidado no cotidiano não tem contornos românticos; trata-se de um trabalho árduo, pesado e frequentemente solitário. Quando uma família precisa lidar com um idoso em estado avançado de demência ou limitação física, a carga desse cuidado recai, histórica e estruturalmente, quase que de forma exclusiva sobre as mulheres – filhas, esposas ou cuidadoras contratadas. Portanto, ao defendermos a ética do cuidado e a necessidade de um ambiente facilitador, devemos ter a clareza política de que a sobrecarga física e emocional imposta a essas mulheres exige, na mesma medida, que a sociedade e o Estado cuidem de quem cuida.

2.5 Considerações Finais do Capítulo 2

Ao encerrar este segundo Capítulo, considero ter alcançado o objetivo de deslocar a compreensão da velhice do campo estrito do *déficit* biológico para o território da realização pessoal e subjetiva. Ao longo destas páginas, meu propósito foi o de demonstrar que a Psicanálise, longe de se calar diante do envelhecimento – como sugeria o ceticismo inicial de Freud acerca da 'falta de plasticidade' dos processos psíquicos nos mais velhos –, antes oferece ferramentas indispensáveis para pensarmos a dignidade da última etapa da vida.

Sustentei, apoiado na revisão crítica da obra freudiana, que a visão tradicional que associava a velhice à rigidez e à ineducabilidade estava, em grande medida, contaminada pelo paradigma organicista do século XIX, herdado de figuras como Charcot e Fechner. Contra essa perspectiva, que condena a pessoa idosa a uma entropia psíquica irreversível, defendi a adoção do paradigma winnicottiano. Demonstrei que, para Donald Winnicott, o desenvolvimento emocional não cessa na maturidade sexual, mas é um processo contínuo que se estende do nascimento até a morte.

A tese central que procurei fundamentar neste Capítulo é a de que a velhice impõe ao sujeito uma tarefa psíquica específica e de alta complexidade: a conquista da 'capacidade de morrer'. Argumentei que esta conquista não se confunde com a resignação passiva ou com a depressão, constituindo-se, deveras, como um ato de saúde. Para alcançá-la, o sujeito deve realizar o trabalho paradoxal de 'integrar a 'de-integração''. Diferenciei, com rigor, a desintegração (o colapso patológico e o medo do aniquilamento) da 'de-integração' (a capacidade madura de renunciar à onipotência e às fronteiras rígidas do Eu para aceitar a finitude).

Minha conclusão é a de que, na velhice, a maturidade reside na capacidade de o indivíduo realizar um movimento de retorno circular às origens, acessando uma dependência saudável que lhe permita despedir-se da vida não como quem é arrancado dela, mas como quem completou um ciclo.

Todavia, como fiz questão de ressaltar ao abordar a 'clínica do *holding'*, essa tarefa intrapsíquica não ocorre no vácuo. O 'crescer para menor' exige um ambiente facilitador. Se no início da vida o bebê precisava da mãe para começar a ser, no final da vida o velho necessita de um outro — seja o analista, o cuidador ou a família — que sustente sua existência enquanto ele se prepara para deixar de ser.

É precisamente a necessidade desse 'outro' e a função desse ambiente facilitador que me conduzem ao próximo passo desta investigação. Se neste Capítulo foquei na dinâmica intrapsíquica e no manejo clínico da dependência, resta indagar: como esse sujeito se sustenta simbolicamente na cultura? Se o corpo falha e a morte se avizinha, qual é a matéria-prima que o idoso utiliza para manter sua integridade até o fim?

A resposta reside na memória. Não a memória como mero arquivo neurofisiológico, ressalto. Meu foco incidirá sobre a memória como narrativa e construção social. No próximo Capítulo, 'Memória, narrativa e historicidade: a constituição social do sujeito que envelhece', deixarei o divã para adentrar o espaço da cultura e da história. Investigarei, à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Psicologia Social, como a rememoração e a narrativa de vida funcionam como os derradeiros atos de resistência e de afirmação da identidade diante da dissolução do tempo.

Capítulo 3

Memória, narrativa e historicidade: a constituição social do sujeito que envelhece

3.1 Apresentação do Capítulo 3

No Capítulo anterior – o Capítulo 2 – dediquei-me a perscrutar as vicissitudes do mundo interno diante da finitude, propondo, com Flávia Maria de Paula Soares, e ambos com Donald Woods Winnicott, que a tarefa psíquica da velhice reside na integração da 'de-integração' e na conquista da 'capacidade de morrer'. Neste terceiro Capítulo, por sua vez, realizarei um movimento dialético de expansão. Parto da premissa de que o sujeito que envelhece não o faz no vácuo, e de que tampouco deve ser considerado uma mônada isolada em seu declínio biológico. O sujeito é, em última instância, uma construção histórica e social. Assim, proponho investigar aqui como a memória, a narrativa e a historicidade constituem a substância ontológica do sujeito na velhice, permitindo-lhe resistir àquilo que Simone de Beauvoir denunciou como a 'conspiração do silêncio' e a exclusão social.

A tese que defenderei ao longo das próximas páginas é a de que a velhice não é apenas o tempo do luto e do desinvestimento, mas o momento privilegiado para o exercício de uma função social vital: a de ser o guardião da memória coletiva e o narrador da experiência. Para sustentar essa proposição, afasto-me das concepções que reduzem a memória a um mero arquivo neurofisiológico sujeito à deterioração mecânica.

Buscarei, inicialmente, o amparo na Psicologia Histórico-Cultural, revisitando os fundamentos de Vygotski, Luria e Leontiev. Defenderei que o desenvolvimento humano não cessa com a maturidade biológica, e de que, em verdade, se reconfigura culturalmente até o fim da vida, mediado pelo que Vygotski denominou *perezhivanie* (vivência). Argumentarei que as funções psicológicas superiores são, em sua gênese, relações sociais internalizadas, e que, portanto, a manutenção da integridade do sujeito velho depende da qualidade das suas interações sociais e do lugar que a cultura lhe reserva.

Na sequência, articularei essa perspectiva com a sociologia da memória de Maurice Halbwachs, para quem 'nunca estamos sós', e com a Psicologia social de Ecléa Bosi. É com Bosi que introduzirei a distinção fundamental entre 'memória-sonho' e 'memória-trabalho'. Demonstrarei que, para o velho, lembrar não é um devaneio passivo ou uma fuga senil, mas um trabalho árduo de reconstrução do passado à luz do presente, uma 'função religiosa' de unir o começo e o fim, conferindo sentido a uma existência que se fragmenta no tempo.

Por fim, convocarei Walter Benjamin e sua figura do ‘Narrador’ para pensar a dimensão política e ética da velhice. Com efeito, em um mundo em que a informação substituiu a experiência (*Erfahrung*) e na qual o velho é frequentemente destituído de sua autoridade, sustentarei que o ato de narrar a própria vida constitui uma forma de resistência à ‘morte social’. A narrativa autobiográfica, portanto, não será tratada aqui apenas como um dado de pesquisa, mas como o suporte da identidade narrativa que permite ao sujeito dizer ‘eu sou’ até o último instante.

Este Capítulo, portanto, lança as bases teóricas para compreendermos que a preservação do sujeito na velhice depende não apenas da saúde do corpo, mas da garantia do direito à memória e à palavra.

3.2 A perspectiva histórico-cultural: a velhice como desenvolvimento contínuo e a dialética da *Perezhivanie*

O recurso à matriz epistemológica do materialismo histórico-dialético – a base fundante da Psicologia Histórico-Cultural – é um caminho possível a quem se propõe superar (i) as limitações da visão naturalizante do psíquico e (ii) sua postura de reduzir a velhice à involução biológica e ao declínio das competências. Sem embargo de Lev Semionovich Vygotski – o grande responsável pela Psicologia Histórico-Cultural – não ter dedicado uma obra específica à velhice, o seu legado teórico, bem como o de seus colaboradores (Luria, Leontiev) e sucessores (Elkonin, Davydov), contribui sobremaneira para a defesa da minha tese de que o desenvolvimento humano é um processo ininterrupto de autoconstrução, mediado pela cultura, e o qual não cessa com a maturidade biológica, já que é sempre possível se reconfigurar dialeticamente até o fim da vida:

> As formas de pensar, sentir e agir expressam uma integração, muitas vezes contraditória, de experiências, conhecimentos, sem dúvida emocionados, de uma história social e pessoal (mediada pela ideologia, classe social, instituições etc.). A consciência deve ser vista, assim, como integrada e multideterminada, marcada por uma processualidade constante, na qual é possível a reconstrução interna do mundo objetivo. A consciência, como tem sido evidenciado, é tencionada por produtos históricos e pela subjetividade dos sujeitos, é social e ideológica, intersubjetiva e particular.[357]

Ao longo desse subcapítulo, apoiar-me-ei nos fundamentos erigidos pela 'Troika' – Vygotski, Luria e Leontiev –, para sustentar a tese de que a maturidade final não implica a cessação no processo de desenvolvimento, e de que, *ipso facto*, podemos falar de desenvolvimento ao longo de todo o processo de envelhecimento.

[357] AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ªEd. Texto revisto a partir da 2ª edição em Outubro de 2002. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Ano original da 1ª edição: 2001. 228 p. cap. 5. p. 95-110. p. 108.

Está presente na obra de Vygotski a tese de que o desenvolvimento cultural se sobrepõe aos processos de crescimento orgânico, formando, assim, um todo amalgamado, no âmbito do qual o biológico é historicamente condicionado pela cultura:

> Afirmamos que a concepção tradicional do desenvolvimento das funções mentais superiores é, sobretudo, errônea e unilateral porque é incapaz de considerar esses fatos como fatos de desenvolvimento histórico, porque os julga unilateralmente como processos e formações naturais, confundindo o natural com o cultural, o natural com o histórico, o biológico com o social no desenvolvimento mental da criança; em suma, possui uma compreensão radicalmente errônea da natureza dos fenômenos que estuda. [...] Tentaremos explicar essa circunstância, que tem importância fundamental para nós. Se, como dissemos antes, o desenvolvimento cultural da humanidade ocorreu sem uma mudança substancial no tipo biológico do ser humano, durante um período de relativa estagnação nos processos evolutivos e quando a espécie biológica *Homo sapiens* permaneceu mais ou menos constante, o desenvolvimento cultural da criança caracteriza-se, sobretudo, por ocorrer enquanto mudanças orgânicas dinâmicas estão em curso. O desenvolvimento cultural sobrepõe-se aos processos de crescimento, maturação e desenvolvimento orgânico da criança, formando um todo com eles. Somente por meio da abstração podemos diferenciar um processo do outro.[358]

[358] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del dessarolo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas III** (Incluye Problemas d d desarrollo de la psique). 2ª ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de Amelia Alvarez y Pablo del Rio. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2000. (Volumen CXV de La Colección Aprendizaje. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). Año original de la 1ª Edición: 1995. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original de la obra compilada: Sóbrame Socbinenii Тот Trerti. Problcmi Razvitia Psijiki. Título original del Capítulo: История развития высших психических функций. Título original del Capítulo transliterado: Istoriya razvitiya vysshikh psikhicheskikh funktsiy. Año de publicación original del Capítulo: 1931. 383 p. p. 12.38. Tradução minha para “Decimos que la concepción tradicional sobre el desarrollo de las funciones psíquicas superiores es, sobre todo, errónea y unilateral porque es incapaz de considerar estos hechos como hechos del desarrollo histórico, porque los enjuicia unilateralmente como procesos y formaciones naturales, confundiendo lo natural y lo cultural, lo natural y lo histórico, lo biológico y lo social en el desarrollo psíquico del niño; dicho brevemente, tiene una comprensión radicalmente errónea de la naturalezade los fenómenos que estudia. [...] Trataremos de explicar esta circunstancia que tiene para nosotros una im portancia fundamental. Si, como decíamos antes, el desarrollo cultural de la humanidad tuvo lugar sin que cambiase sustancialmente el tipo biológico del hom bre, en un período de estancam iento relativo de los procesos evolutivos y cuando la especie biológica del Homo Sapiens permanecía más o menos constante, por su parte, el desarrollo cultural del niño se caracteriza, ante todo, por producirse mientras se dan cambios dinámicos de carácter orgánico. El desarrollo cultural se superpone a los procesos de crecimiento, maduración y desarrollo orgánico del niño, formando con él un todo. Tan sólo por vía de abstracción podemos diferenciar unos procesos de otros”.

3.2.1 A sociogênese das funções superiores e a plasticidade na velhice

O surgimento da Psicologia Histórico-Cultural muito se deveu à necessidade que, entrementes, Vygotski sentiu de se contrapor à concepção tradicional do fenômeno psicológico – frequentemente designado como 'eu'– , e a qual o compreende como uma entidade autônoma, descolada, a um só tempo, (i) da realidade social e (ii) do próprio indivíduo que o abriga. É nesse espírito que se explica sua afirmação de que "é a sociedade, e não a natureza, que deve ser considerada o principal fator determinante do comportamento humano"[359].

Diante desse diagnóstico, e conforme bem ressaltado por Ana Mercês Bahia Bock[360], a Psicologia Histórico-Cultural propõe, desde suas origens, uma revisão radical da própria noção de 'fenômeno psicológico'. Seguindo o modelo cartesiano, a visão convencional de 'fenômeno psicológico' o concebe como uma essência interna, preexistente, naturalizado e enclausurado no sujeito; pelos mesmos motivos, o sujeito é concebido como o portador de um núcleo verdadeiro e secreto, e cujo desenvolvimento segue um processo de adaptação – quando não de resistência – a um mundo externo, visto como obstáculo ao seu florescimento: esta é, por exemplo, a ideia que regula o debate liberdade *versus* determinismo, segundo a qual a moralidade de um ato se mede pela capacidade que temos de superar as determinações naturais que se impõem 'de fora'. Contra essa visão convencional, a perspectiva histórico-cultural recusa a cisão entre interior e exterior e, em seu lugar, atribui ao 'fenômeno psicológico' as seguintes características: (i) não é uma propriedade inerente à natureza humana; (ii) não preexiste ao indivíduo; (iii) constitui-se historicamente, como reflexo das condições sociais, econômicas e culturais concretas.

---

[359] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del dessarolo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas III** (Incluye Problemas d d desarrollo de la psique). 2ª ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de Amelia Alvarez y Pablo del Rio. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2000. (Volumen CXV de La Colección Aprendizaje. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). Año original de la 1ª Edición: 1995. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original de la obra compilada: Sóbrame Socbinenii Тот Trerti. Problcmi Razvitia Psijiki. Título original del Capítulo: История развития высших психических функций. Título original del Capítulo transliterado: Istoriya razvitiya vysshikh psikhicheskikh funktsiy. Año de publicación original del Capítulo: 1931. 383 p. p. 12.38. Tradução minha para "Es la sociedad y no la naturaleza la que debe figurar en primer lugar como el factor determ inante de la conducta del hombre".

[360] BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ªEd. Texto revisto a partir da 2ª edição em Outubro de 2002. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Ano original da 1ª edição: 2001. 228 p. cap. 1. p. 15-35. p. 21-22.

Nesta abordagem, portanto, a subjetividade e a objetividade são entendidas como dimensões inseparáveis de um único processo dialético. Por isso mesmo, a compreensão do 'mundo interno' exige, necessariamente, e na mesma medida, a análise do 'mundo externo', na medida em que ambos se constituem mutuamente, na *práxis* humana. Falar do psicológico é, portanto, falar obrigatoriamente da sociedade: o ser humano constrói e modifica o mundo ao mesmo tempo que é por ele constituído em sua Psicologia:

> A vida social cria a necessidade de subordinar o comportamento individual às demandas sociais e, ao mesmo tempo, forma sistemas complexos de sinalização — mecanismos conectivos que orientam e regulam a formação de conexões condicionadas no cérebro de cada indivíduo. A organização da atividade nervosa superior cria a premissa indispensável; cria a possibilidade de regular o comportamento a partir do exterior.[361]

E é com base nessa perspectiva que se inscreve minha oposição (i) às perspectivas maturacionistas e inatistas e (ii) à compreensão, por elas sustentada, de que (i) o desenvolvimento consiste em um desdobramento de potencialidades pré-determinadas; (ii) a tese de que o desenvolvimento se encerra na idade adulta. Afinal, para a Psicologia Histórico-Cultural, o 'fenômeno psicológico' não pertence à natureza humana *a priori*; é, em verdade, uma gênese social, um reflexo da condição social e histórica convertida em subjetividade:

> Vygotski critica as teorias naturalizantes da sua época e salienta que a grande questão das teorias de desenvolvimento não está no fato de elas somente padronizarem comportamentos, ou criarem etapas de desenvolvimento universais, mas sim por não compreenderem o desenvolvimento humano a partir da dinâmica histórica concernente ao homem. Elkonin salienta que abandonar a concepção naturalizante sobre o desenvolvimento humano exige uma mudança radical de concepção no que se refere às relações que o homem mantém com a sociedade.[362]

---

[361] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del dessarolo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas III** (Incluye Problemas d d desarrollo de la psique). 2ª ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de Amelia Alvarez y Pablo del Rio. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2000. (Volumen CXV de La Colección Aprendizaje. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). Año original de la 1ª Edición: 1995. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original de la obra compilada: Sóbrame Socbinenii Тот Trerti. Problcmi Razvitia Psijiki. Título original del Capítulo: История развития высших психических функций. Título original del Capítulo transliterado: Istoriya razvitiya vysshikh psikhicheskikh funktsiy. Año de publicación original del Capítulo: 1931. 383 p. p. 90. Tradução minha para "La vida social crea la necesidad de subordinar la conducta del individuo a las exigencias sociales y forma, al mismo tiempo, complejos sistemas de señalización, medios de conexión que orientan y regulan la formación de conexiones condicionadas en el cerebro de cada individuo. La organización de la actividad nerviosa superior crea la premisa indispensable, crea la posibilidad de regular la conducta desde fuera".

[362] REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice**: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR),

A compreensão vygotskiana vai ao encontro da tese central que defendo nesse subcapítulo, a saber: a de que as chamadas funções psicológicas superiores (a memória lógica, a atenção voluntária, a imaginação criadora) não são ofertas da natureza, dons inatos, mas 'relações sociais internalizadas', o que se explica pelo fato de que o desenvolvimento cultural se sobrepõe e transforma o desenvolvimento biológico: "temos todo o direito de considerar a tese apresentada como uma lei, mas a transição, naturalmente, do externo para o interno, modifica o próprio processo, transformando sua estrutura e funções"; afinal, "por trás de todas as funções superiores e suas relações, encontram-se, geneticamente, relações sociais, relações humanas autênticas"[363].

A mesma tese é proposta por Leontiev[364]: "Embora a consciência também tenha sua própria história na evolução do mundo animal, ela aparece primeira ao ser humano no processo de organização do trabalho e relações sociais. Consciência desde o início é um produto social".

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025. Cf. VYGOTSKI, Lev Seminovitch. **A construção do pensamento e linguagem**. Texto integral, traduzido do russo Pensamento e linguagem. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original: Myshlenie i rech. Ano original de publicação: 1934. 521 p.; VYGOTSKI, Lev Seminovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. Coordenação da Tradução do Grupo de Desenvolvimento e Ritmo Biológicos - Departamento de Ciências Biomédicas USP. Revisão da tradução de Monica Stahel Monteiro da Silva. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original: Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes. Ano original de publicação: 1978. 90 p.

[363] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del dessarolo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas III** (Incluye Problemas d d desarrollo de la psique). 2ª ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de Amelia Alvarez y Pablo del Rio. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2000. (Volumen CXV de La Colección Aprendizaje. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). Año original de la 1ª Edición: 1995. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original de la obra compilada: Sóbrame Socbinenii Тот Trerti. Problcmi Razvitia Psijiki. Título original del Capítulo: История развития высших психических функций. Título original del Capítulo transliterado: Istoriya razvitiya vysshikh psikhicheskikh funktsiy. Año de publicación original del Capítulo: 1931. 383 p. p. 150. Tradução minha para "Tenemos pleno derecho a considerar la tesis expuesta como una ley, pero el paso, naturalmente, de lo externo a lo interno, modifica el propio proceso, transforma su estructura y funciones. Detrás de todas las funciones superiores y sus relaciones se encuentran genéticamente las relaciones sociales, las auténticas relaciones humanas".

[364] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital]. p. 20; LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Problems of the development of mind**. Translated by Mariya Kopylova (Maria Kopylova). Moscow, USSR: Progress Publishers, 1981. Original name of the author: Алексей Николаевич Леонтьев. Original title: Проблемы развития психики. Original year of publication: 1959. 466 p.

Nesse sentido, as funções psicológicas superiores constituem-se ao longo da vida, por meio da internalização da experiência social historicamente acumulada:

> As ideias originais que levaram Vigotski ao problema da origem da atividade psíquica interna na atividade externa diferem principalmente dos conceitos teóricos de outros autores que foram seus contemporâneos. Essas ideias vieram a partir da análise das características da atividade especificamente humana – atividade de trabalho, atividade produtiva executada com ferramentas, atividade que é autóctone social, isto é, se desenvolve somente sob condições de cooperação e divisão pelas pessoas. São essas características que determinam as características dos processos psicológicos no homem. Equipamento medeia a atividade conectando o homem não somente com o mundo de coisas, mas também com outras pessoas. Devido a isso, sua atividade desenha em si mesma a experiência da humanidade. Essa também é a base para o fato de que os processos psicológicos no homem (suas "funções psicológicas superiores") assumem uma estrutura que tem como seu vínculo obrigatório meios e métodos formados sociohistoricamente transmitidos para ele pelas pessoas ao seu redor no processo de trabalho cooperativo em comum com elas. Mas, para transmitir um meio ou um método de executar um processo ou outro é impossível senão em uma forma externa – em uma forma de ação ou na forma de discurso externo. Em outras palavras, os processos psicológicos superiores, especificamente humanos, podem originar somente na interação do homem com o homem, isto é, como ações intrapsicológicas e somente subsequentemente eles começam a ser terminados pelo indivíduo independentemente; neste processo, certos deles continuam a perder sua forma externa original e se transformam em processos interpsicológicos.[365]

O processo de constituição das funções psicológicas superes ocorre mediante (i) o domínio de instrumentos de comunicação e (ii) produção intelectual – especialmente a linguagem –, desenvolvidos e transmitidos culturalmente. Inicialmente, essas funções se manifestam em atividades (i) externas, (ii) coletivas e (iii) mediadas pela cultura, (iv) nas interações com os outros. Progressivamente, são interiorizadas, transformando-se em recursos psicológicos internos que compõem o patrimônio cognitivo e volitivo do indivíduo:

[365] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital]. p. 55.

> Assim, a consciência individual como uma forma especificamente humana de reflexo subjetivo da realidade objetiva pode ser entendida somente como um produto daquelas relações e mediações que surgem ao longo do estabelecimento e desenvolvimento da sociedade. Fora dos sistemas desses relacionamentos (e fora da consciência social) a existência da psique individual e a forma de reflexo consciente, imagens conscientes, não é possível.[366]

Destarte, o desenvolvimento humano é essencialmente marcado pelas influências socioculturais ou, dito de outra maneira, histórico-culturais. Na longa trajetória de apropriação dos sistemas de signos, as funções psíquicas elementares se transformam em funções superiores. O processo combina aspectos biológicos herdados com elementos adquiridos sob a influência do meio. Portanto, o meio é decisivo para o desenvolvimento, sem que, no entanto, a base biológica seja um impedimento. O desempenho das funções psíquicas superiores depende da mediação e das influências recebidas nas relações sociais, fundamentais para promover o desenvolvimento avançado – seja na infância, juventude, idade adulta ou velhice.

Com efeito, "a teoria psicológica de Vygotski encontra expressão na ideia marxista acerca da essência social do homem"; trata-se da ideia de que "a natureza psicológica humana só pode ser pensada a partir das relações sociais que ele mantém com os demais homens". Por natureza psicológica da pessoa humana, pode-se acrescentar, Vygotski "entende-se o conjunto das relações sociais que foram transladadas para o seu interior e convertidas em funções psicológicas"[367].

Importante contribuição é também dada por Luria. A partir da investigação do desenvolvimento cognitivo em diferentes culturas e contextos, Luria reforça que as formas básicas da atividade mental mudam ao longo do desenvolvimento histórico e, por extensão, ontogenético. Isso implica que, mesmo diante do inevitável declínio dos processos fisiológicos elementares na velhice, o sistema funcional complexo do psiquismo mantém sua plasticidade e capacidade de reorganização, desde que sustentado por mediações culturais e instrumentos simbólicos adequados.

---

[366] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital]. p. 70.

[367] REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice**: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025.pP. 64.

Dito de outra maneira a estrutura da atividade mental muda com o desenvolvimento histórico e as práticas sociais; é forçoso, pois, rejeitar a ideia de categorias mentais imutáveis:

> A pesquisa relatada neste livro, realizada há quarenta anos sob a iniciativa de Vygotsky e num contexto de mudanças sociais e culturais sem precedentes, adotou o ponto de vista de que as atividades cognitivas superiores guardam sua natureza sócio-histórica e de que a estrutura da atividade mental – não apenas seu conteúdo específico, mas também as formas gerais básicas de todos os processos cognitivos - muda ao longo do desenvolvimento histórico. Por isso nossa investigação permanece válida ainda hoje. [...] A ideia de que os processos mentais dependem das formas ativas de vida num ambiente apropriado tornou-se um princípio básico da Psicologia materialista. Essa Psicologia também admite que as ações humanas mudam o ambiente de modo que a vida mental humana é um produto das atividades continuamente renovadas que se manifestam na prática social. O modo pelo qual as formas da atividade mental humana historicamente estabelecidas se correlacionam com a realidade passou a depender cada vez mais de práticas sociais complexas. Os instrumentos usados pelos homens em sociedade para manipular o ambiente, além de produtos de gerações anteriores que ajudam a formar a mente da criança em desenvolvimento, também afetam essas formas mentais.[368]

A ideia – compartilhada por Vygotski, Leontiev e Luria – de que as funções cognitivas superiores têm uma origem e natureza sócio-histórica (ou sociocultural ou ainda histórico-cultural) significa que não apenas os conteúdos, mas também a própria estrutura dos processos mentais – suas formas básicas – se transformam ao longo da história. Essa é uma característica da Psicologia soviética sob a inspiração de Marx e Lênin: a sustentação do conceito de consciência como 'existência consciente', com base no qual rejeitam a visão de que a consciência seja uma propriedade intrínseca e imutável da psique, sempre presente: a consciência não é pré-existente, passiva ou fixa; a consciência é constituída a partir da atividade prática humana, e sua finalidade é a de nos orientar no mundo. O que significa: a consciência está a serviço da nossa adaptação ao mundo e da capacidade que temos de transformar o meio. Com efeito, segundo a Psicologia soviética, materialista, a vida mental deriva das formas atividades de interação com o meio.[369]

---

[368] LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Editado por Michael Cole. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. Revisão de Juiz Roberto Malta. São Paulo, SP: Ícone, 1990. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: Ob istoricheskom razvitii poznavatel'nykh protsessov. Ano original de publicação: 1974. 205 p. [edição digital]. p. 17-18.

[369] LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Editado por Michael Cole. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. Revisão de Juiz Roberto Malta. São Paulo, SP: Ícone, 1990. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr

O argumento dos fundadores e proponentes da Psicologia Histórico-Cultural é o de que, considerando que as ações humanas modificam o ambiente, temos que a *psique* é um produto dessas atividades, constantemente renovadas na prática social. A compreensão aqui subjacente é a de que as formas historicamente constituídas da atividade mental se relacionam com a realidade por meio de práticas sociais complexas, de sorte que os instrumentos criados – tanto físicos quanto culturais – não apenas atuam sobre o mundo como moldam nossas formas mentais.[370]

O mundo dos objetos e dos significados linguísticos herdados das gerações passadas organiza a percepção e a memória (permitindo a assimilação da experiência coletiva) e, em consequência, estabelece as condições para o desenvolvimento posterior e mais complexo da consciência. Os seres humanos conseguem operar mentalmente com objetos 'ausentes', 'duplicando o mundo' por meio das palavras e do sistema de significados, independentemente do contato direto com a coisa referida. Dessa capacidade surge uma nova fonte para a imaginação produtiva, que pode tanto reproduzir objetos quanto reorganizar suas relações, servindo de base para processos criativos complexos. Ao dominar um sistema complexo de relações sintáticas entre palavras, o ser humano torna-se capaz de formular relações complexas entre entidades, gerando pensamentos e juízos:

> A consciência humana deixa, portanto, de ser uma 'qualidade intrínseca do espírito humano', sem história inacessível à análise causal. Começamos a entendê-la como a forma mais elevada de reflexão da realidade criada pelo desenvolvimento sócio-histórico: um sistema de agentes que existe objetivamente produz a consciência humana, e a análise histórica a torna acessível.[371]

Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: Ob istoricheskom razvitii poznavatel'nykh protsessov. Ano original de publicação: 1974. 205 p. [edição digital].

[370] LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Editado por Michael Cole. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. Revisão de Juiz Roberto Malta. São Paulo, SP: Ícone, 1990. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: Ob istoricheskom razvitii poznavatel'nykh protsessov. Ano original de publicação: 1974. 205 p. [edição digital].

[371] LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Editado por Michael Cole. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. Revisão de Juiz Roberto Malta. São Paulo, SP: Ícone, 1990. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: Ob istoricheskom razvitii poznavatel'nykh protsessov. Ano original de publicação: 1974. 205 p. [edição digital]. p. 20.

A transposição dessa lógica para a velhice é o que torna passível de refutação a ideia de estagnação. Se o psiquismo é constituído de fora para dentro, através da mediação de instrumentos e signos[372], a continuidade das interações sociais e o acesso aos bens culturais garantem a continuidade do desenvolvimento. É nesse sentido que Luria defende o cérebro humano como um sistema aberto, com funções móveis, constituindo, destarte, sistemas funcionais complexos que se reorganizam frente a novas demandas:

> Aplicando aquilo que sabíamos e que supúnhamos acerca da estrutura das funções psicológicas superiores (a partir de nosso trabalho com crianças), Vygotsky chegou à conclusão de que essas funções representam sistemas funcionais complexos, mediados em sua estrutura, Incorporam símbolos e instrumento historicamente acumulados. Consequentemente, a organização dessas funções superiores deve ser diferente de qualquer coisa que possamos observar nos animais. Além disso, como o cérebro humano levou milhões de anos para evoluir, mas a história humana está restrita a alguns milhares de anos, uma teoria da organização cerebral das funções superiores tem que levar em conta determinados processos (como aqueles envolvidos no ato de escrever) que dependem parcialmente de mediadores externos, historicamente condicionados. Em outras palavras, Vygotsky chegou à conclusão de que seu ponto de vista histórico, utilizado na abordagem de processos psicológicos como a memória voluntária, o pensamento abstrato e as ações voluntárias, também poderia constituir um corpo de princípios que explicassem a organização desses mesmos processos em nível cerebral.[373]

Ao longo da história, o ser humano desenvolveu novas funções, o que, por um lado, é um indicativo do surgimento de novas estruturais neurais ou, pensando sob outra perspectiva, de novos 'centros' de funções nervosas superiores. Segundo Vygotski e Luria, podemos falar no desenvolvimento de novos 'órgãos funcionais', isto é, de novos sistemas funcionais: assim, acreditavam, expressa-se o poder ilimitado do cérebro. Ato contínuo, é possível afirmar que, segundo essa perspectiva, mesmo diante do declínio biológico (senescência), o idoso conserva possibilidades de desenvolvimento devido à plasticidade de seu funcionamento e à capacidade de criar sistemas compensatórios mediados pela cultura:

---

[372] PAULA, Janaina Teixeira Silva de. **A constituição subjetiva do envelhecer**. 2002. 188 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia-GO, 2002. Orientador: Profa. Dar. Mercedes Vila Cupolillo. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3888. Acesso em 13 de Dezembro de 2025. p. 14.

[373] LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da mente**. Editado por Michael Cole e Scheila Cole. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: Ícone, 1992. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: The making of mind: a personal account of Soviet Psychology. Ano original de publicação: 1979. 234 p. p. 130.

> A despeito do declínio biológico próprio do envelhecimento, o sujeito conserva possibilidades de desenvolvimento e mudança devidas à *plasticidade* de seu funcionamento, que lhe permite continuar no processo de internalização, desenvolvimento e transformação, pois estes aspectos dizem respeito à formação do homem do nascimento à morte. Todas as funções superiores (memória, linguagem, pensamento, formação de conceitos, etc.) são relações sociais internalizadas. Nos níveis superiores de desenvolvimento aparecem as relações mediadas pelo signo, graças ao qual se estabelece a comunicação.[374]

3.2.2 A situação social de desenvolvimento e a Perezhivanie

Retorno, nesse momento, a uma das questões-chave da Tese: o que especifica a velhice? Ou ainda: qual é/quais são sua(s) característica(s) distintiva(s)? Conforme tenho argumentado ao longo do trabalho, aspectos cronológicos e/ou marcos temporais pouco ou nada têm a oferecer a quem quer que se proponha perscrutar a natureza da velhice. É exatamente essa a posição a ser sustentada por uma Psicologia da Velhice e do Envelhecimento à luz de uma interface com a Psicologia Histórico-Cultural: insere-se, nesse contexto, o que Vygotski[375] entende por 'situação social de desenvolvimento', o que quer dizer, a relação única, específica e irrepetível entre o sujeito e o meio social em cada etapa da vida.

No texto recém-referenciado, Vygotski propõe que a noção de situação social de desenvolvimento pode ser central para subsidiar uma compreensão dinâmica quanto a cada etapa etária. Isto implica reconhecer que a relação entre o indivíduo e o meio social se transforma à medida que novas formas de ação e pensamento são assimiladas. Ao se modificar, a pessoa também modifica a realidade, que, por sua vez, passa a se relacionar de maneira distinta com cada sujeito. Em síntese, a mudança individual altera tanto a relação com o ambiente quanto a percepção de si mesmo.[376]

---

[374] GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025. p. 15.

[375] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. El problema de la edad. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas IV**: Psicología infantil (Incluye: 'Paidologia infantil'. 'Problemas de la psicologia infantil'). 2ª Ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de José Luis Linaza. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2006. (Volume CXXII de la Colección Aprendizage. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). cap. 6. p. 251-273. Año original de la 1ª Edición: 1996. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original da obra compilada: Sobrante Sochinenii Tom Cherviortii. Detskaya Psijologuia. Año de publicación del Capítulo: 1932-1934. 423 p.

[376] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-

Com efeito, afirma Vygotski[377]: "A nova estrutura de consciência adquirida em cada idade implica inevitavelmente que a criança percebe sua vida interior de forma diferente, assim como o mecanismo interno de suas funções psíquicas". É nesse sentido que o ambiente não constitui uma dimensão externa a nós; tampouco é um conjunto de condições objetivas e estáticas; antes, se constitui em interdependência com a ação humana. Daí a compreensão aduzida de que, à medida que nos transformamos, nossa situação social de desenvolvimento também se reconfigura, porquanto passamos a atuar de forma diferenciada no contexto que nos envolve.[378]

Desse modo, a relação entre o indivíduo e o meio social é singular e específica em cada idade. Para cada período da existência, há uma situação social de desenvolvimento característica da relação única de determinada pessoa, inserida em um contexto histórico, social e cultural particular. Tal configuração não se repete nem para o mesmo indivíduo ao longo do tempo, nem para seus coetâneos de mesma idade cronológica, ainda que compartilhem tempo e espaço. Nesse sentido, a situação social de desenvolvimento:

> [D]etermina integralmente as formas e a trajetória que permitem à criança adquirir novos traços de personalidade, visto que a realidade social é a verdadeira fonte do desenvolvimento, a possibilidade de o social se tornar individual. Portanto, a primeira questão que devemos resolver ao estudar a dinâmica de uma determinada idade é esclarecer o contexto social do desenvolvimento.[379]

---

revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 6-7.

[377] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. El problema de la edad. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas IV**: Psicología infantil (Incluye: 'Paidologia infantil'. 'Problemas de la psicologia infantil'). 2ª Ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de José Luis Linaza. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2006. (Volume CXXII de la Colección Aprendizage. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). cap. 6. p. 251-273. Año original de la 1ª Edición: 1996. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original da obra compilada: Sobrante Sochinenii Tom Cherviortii. Detskaya Psijologuia. Año de publicación del Capítulo: 1932-1934. 423 p. p. 265. Tradução minha para "La nueva estructura de la conciencia adquirida en .cada edad significa ineludiblemente que el niño percibe de distinta manera su vida interior, así como el mecanismo interno de sus funciones psíquicas".

[378] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 6-7.

[379] VYGOTSKI, Lev Semiónovich. El problema de la edad. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas IV**: Psicología infantil (Incluye: 'Paidologia infantil'. 'Problemas de la psicologia infantil'). 2ª Ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de José Luis Linaza. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2006. (Volume CXXII de la Colección Aprendizage. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). cap. 6. p. 251-273. Año original de la 1ª Edición: 1996. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original da obra compilada: Sobrante Sochinenii Tom Cherviortii. Detskaya

A conclusão é óbvia: a dinâmica de uma idade é inseparável da situação social de desenvolvimento que a circunda.

A importância da Psicologia Histórico-Cultural para a Psicologia do Desenvolvimento está sem dúvida atrelada à capacidade que seus proponentes, a começar por Vygotski, tiveram de dissociar a descrição das idades de uma suposta maturação biológica equivalente. A periodização a que se referem não depende de uma linha evolutiva fixa, mas das relações possíveis entre as pessoas e seu contexto. O interesse da Psicologia Histórico-Cultural também não é de compreender como o ambiente nos influencia: antes, é muito importante ressaltar, o propósito é o de pensar como os indivíduos, uma vez transformados, interferem na reestruturação de suas relações com o mundo e na percepção de sua vida interior.[380]

Daí porque não é a condição física e/ou o tempo cronológico que determina a relação do velho com o contexto social e consigo mesmo; tampouco o ambiente em si direciona unilateralmente as possibilidades de transformação. Pelo contrário, é o entrelaçamento das linhas social e biológica que gera a tensão necessária para que as pessoas permaneçam em constante movimento.[381]

É nesse sentido que se inscreve a noção de 'velhices' em detrimento da explicação unilateral de 'velhice' para a Psicologia Histórico-Cultural: "Assim, não se pode generalizar as experiências e possibilidades dos idosos, mas sim compreender que cada pessoa, mesmo na mesma faixa etária, terá experiências únicas e, portanto, possibilidades de desenvolvimento únicas"[382].

Psijologuia. Año de publicación del Capítulo: 1932-1934. 423 p. p. 264. Tradução minha para "Determina plenamente y por entero las formas y la trayectoria que permiten al niño adquirir nuevas propiedades de la personalidad, ya que la realidad social es la verdadera fuente del desarrollo, la posibilidad de que lo social se transforme en individual. Por tanto, la primera cuestión que debemos resolver, al estudiar la dinámica de alguna edad, es aclarar la situación social del desarrollo".

[380] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 6-7;

[381] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 158; SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 6-7.

[382] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-

Na velhice, essa situação social de desenvolvimento – enquanto relação única, específica e irrepetível entre o sujeito e o meio social em cada etapa da vida – é frequentemente marcada por rupturas (aposentadoria, luto, limitações físicas), exigindo uma reorganização radical das relações do sujeito com o mundo.

A categoria central para compreender essa dinâmica é a *perezhivanie* (vivência), a qual é, segundo Vygotski, a unidade de análise que integra, de modo indivisível, as características pessoais e as características situacionais:

> Para que aguçássemos nosso olhar ao que nos era essencial, buscando considerar os movimentos das aprendizes e suas relações com o contexto social em que eles aconteciam, utilizamos como unidade de análise o que Vigotski denominou *Perezhivanie* - termo que comparece em seus escritos e depois é retomado por outros autores, constituindo-se elemento essencial para a teoria histórico-cultural e para a compreensão de nosso objeto de pesquisa. [...] Cabe ressaltar que o conceito de *unidade* no entendimento de Vigotski e reafirmado por Veresov não se refere a um elemento do todo, mas ao todo sintetizado em uma unidade. Assim, não é a decomposição da situação que nos fornece a unidade, mas as características básicas do todo – sua parte vital, indivisível. Vigotski complementa esclarecendo que *perezhivanie* é uma parte indivisível das características pessoais e situacionais que retém todas as suas características e qualidades básicas. Uma categoria que nos permite estudar as relações entre as aprendizes (enquanto personalidades) e o meio social na qual elas estão inseridas.[383]

Interessa, nesse sentido, não se restringir a pensar o que o idoso vive, mas em *como* ele vivencia o que lhe acontece, refratando a realidade através do prisma de sua história e de seus afetos:

---

revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. Tradução minha para "Thus, one cannot generalize the experiences and possibilities of the elderly, but understand that each person, even in the same age group, will have unique experiences and, therefore, unique development possibilities.".

[383] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 32. Itálicos da autora. Cf. VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Ano original da publicação: 1935. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt. Acesso em 14 de Dezembro de 2025; VERESOV, Nikolai. The concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: content and contexts. In: FLEER, Marilyn; REY, Fernando González; VERESOV, Nikolai. (Eds.). **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**: Advancing Vygotsk''s legacy. Gateway East, Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd., 2017. cap. 3., p. 47-70. (Perspectives in Cultural-Historical Research Book 1).

> *A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado* - a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, *por outro lado, está representado como eu vivencio isso*, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento.[384]

Concebida a *perezhivanie* como um prisma através do qual se refrata a influência do meio[385], pode-se inferir que a velhice se determina pelas *perezhivanie* das perdas biológicas ou sociais, de uma maneira não-linear. Refiro-me ao 'drama' vivido, ao choque entre o organismo que falha e a psique que deseja, ou entre o sujeito e a sociedade que o exclui, o que se torna a força motriz do desenvolvimento na idade avançada:

> Assim, para Vygotsky, o 'drama que ocorre entre as pessoas' é 'um plano intermental (social) de funções mentais superiores'. A relação social intermental não é uma relação social comum entre dois indivíduos. Trata-se de uma relação social que se manifesta como uma colisão social, a contradição entre duas pessoas, um evento dramático, um drama entre dois indivíduos. Ao ser vivenciada emocional e mentalmente como drama social (no plano social), ela se torna posteriormente a categoria intrapsicológica do indivíduo (no plano psicológico). [...] A 'categoria' intermental, isto é, uma colisão vivenciada emocionalmente, pode provocar mudanças radicais na mente do indivíduo e, portanto, constitui uma espécie de ato de desenvolvimento das funções mentais – o indivíduo se transforma, eleva-se acima do seu próprio comportamento. Sem o drama interno, uma categoria intramental, tais mudanças mentais dificilmente seriam possíveis. Portanto, o termo 'drama' é fundamental nesse contexto.[386]

---

[384] VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Ano original da publicação: 1935. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 686.

[385] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025; VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Ano original da publicação: 1935. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

[386] VERESOV, Nikolai. The concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: content and contexts. In: FLEER, Marilyn; REY, Fernando González; VERESOV, Nikolai. (Eds.). **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**: Advancing Vygotsk''s legacy. Gateway East, Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd., 2017. cap. 3., p. 47-70. (Perspectives in Cultural-Historical Research Book 1). p. 60-61. Tradução minha para "Thus, for

É nesse sentido que se justifica a afirmação de Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira[387] de que, ao analisar pessoas idosas em atividades teatrais, a vivência de conflitos e a consciência da finitude podem impulsionar 'saltos criativos' e 'neoformações' (novas formações psíquicas) capazes de ressignificar a existência. A idade, enquanto categoria, não se relaciona com o tempo decorrido, mas com o conjunto de lastros de transformações internas deixados ao longo do desenvolvimento: cada um desses lastros traz consigo, inerentemente, características específicas de determinados períodos da vida. Revelam rupturas, revoluções, ou melhor, novas formações, cada qual revelando o essencial de cada idade: novos tipos de estrutura da personalidade e da atividade; transformações psíquicas e sociais que podem ser tratadas como marcos e que, nesse sentido, determinam "a consciência do sujeito, sua relação com o meio, sua vida interna e externa, ou seja, todo curso de seu desenvolvimento em um dado período", de maneira que "as novas formações significam avanços qualitativos nas formas do sujeito pensar e se relacionar com o meio"[388].

3.2.3 Atividade, consciência e personalidade: O desafio dos novos motivos

A teoria da atividade de Leontiev é fundamental para compreendermos a crise da velhice na sociedade capitalista. Para Leontiev, a atividade é a substância da consciência; é através da atividade que o ser humano se relaciona com o mundo e se constitui:

Vygotsky, 'drama which occurs among people' is 'an inter-mental (social) plane of higher mental functions' Inter-mental social relation is not an ordinary social relation between the two individuals. This is a social relation that appears as a social collision, the contradiction between two people, a dramatic event, a drama between two individuals. Being emotionally and mentally experienced as social drama (on the social plane) it later becomes the individual intra-psychological category (on the psychological plane). [...] The inter-mental 'category', i.e. an emotionally experienced collision might bring radical changes to the individual's mind, and therefore it is a sort of act of development of mental functions—the individual becomes different, he rises higher and above his own behaviour. Without internal drama, an intra-mental category, such kinds of mental changes are hardly possible. So, the term 'drama' is a key word here.".

[387] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 16.154.

[388] SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 154.

> Para Leontiev, a consciência é conhecimento partilhado, uma realização social. Assim, uma consciência individual só pode existir a partir de uma consciência social que tem, na língua, seu substrato real. Para Leontiev, não se pode dissociar a consciência da atividade, uma vez que essas categorias formam uma unidade dialética. Nesse sentido, estudar a consciência requer estudar as múltiplas relações vitais do homem, a forma como este a produziu e produz sua existência por meio de suas atividades, ou seja, requer 'estudar como a estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura de sua atividade'.[389]

Naturalmente, e conforme nos ensina Leontiev[390], cada estágio do desenvolvimento é guiado por uma atividade principal (ou dominante), a qual governa as mudanças psicológicas mais importantes:

> Até mesmo a organização corporal dos indivíduos incorpora a necessidade que eles participem em um relacionamento ativo com o mundo externo; a fim de existir eles devem agir, produzir os meios necessários de vida. Agindo sobre o mundo externo, eles o mudam, ao mesmo tempo eles mudam a si mesmos. Isso é porque o que eles próprios representam é determinado por sua atividade, condicionado pelo nível já obtido de desenvolvimento, pelos meios e a forma de sua organização. [...] A posição básica do marxismo sobre consciência é que ela representa uma qualidade de uma forma específica de psique. Embora a consciência também tenha sua própria história na evolução do mundo animal, ela aparece primeira no homem no processo de organização do trabalho e relações sociais. Consciência desde o início é um produto social.

Na vida adulta, a atividade principal é, predominantemente, o trabalho. A aposentadoria, responsável por retirar o sujeito dessa atividade, gera uma crise econômica e, primordialmente, ontológica, exatamente porque envolve uma ruptura no sistema de sentidos e significados que estruturavam a personalidade:

---

[389] REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice**: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025. Cf. LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital].

[390] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital]. p. 16-17.20.

> Considerando que a forma como organizamos nossa vida material está diretamente ligada à maneira como nos relacionamos com o trabalho, pois, conforme pontua Marx (**O Capital**), o homem, ao se aposentar, depara-se com o processo de alienação que faz com que ele se sinta numa suposta inutilidade para a sociedade, já que é próprio do sistema capitalista sobrevalorizar a produção em detrimento do humano. Assim, a velhice é concebida como momento de não produção, visto que os idosos não estão mais no mercado formal de trabalho. [...] [A] aposentadoria é costumeiramente vivenciada como a perda do próprio sentido da vida, de certa forma, uma morte social. Ao se valorizar apenas aqueles que produzem, deprecia-se o sujeito aposentado [391]

Sobre a alienação em relação à atividade, Leontiev[392] faz um importante acréscimo: para que a vida continue a ter sentido, é necessário que novos motivos assumam a hierarquia da atividade:

> Marx e Engels não somente formularam um método geral de investigação histórica da consciência, eles revelaram também aquelas mudanças fundamentais que a consciência humana sofreu ao longo do desenvolvimento da sociedade. Estamos falando aqui principalmente sobre o estágio da formação original da consciência e da linguagem e sobre o estágio da transformação da consciência em uma forma universal de psique especificamente humana quando reflexo na forma de consciência abrange toda a gama de fenômenos do mundo ao redor do homem – sua própria atividade e o próprio homem. De importância particularmente grande é o ensinamento de Marx sobre aquelas mudanças na consciência sofridas durante o desenvolvimento da divisão do trabalho na sociedade, uma separação da maioria dos produtores dos meios de produção, e uma isolação da atividade teórica da atividade prática. Engendrada pelo desenvolvimento da propriedade privada, a alienação econômica leva à alienação e desintegração da consciência humana. Essa desintegração é expressa na inadequação daquele sentido que dá significado objetivo para o homem, para sua atividade e para seus produtos.

[391] REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, n. 6, p. 99-116, 2015. Disponível em https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 114-115. Cf. MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. Apresentação de Jacob Gorender. Advertência aos leitores do Livro I d'O capital de Louis Althusser. Considerações sobre o método de José Arthur Giannotti. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2013. Título original: Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. Der Produktionsprozess des Kapitals. Ano original de publicação: 1867. 1120 p.; MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2004. Título original: Ökonomisch-philosophische Manuskripte. Ano original de publicação: 1844. 180 p.

[392] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital]. p. 21-22.

É precisamente nesse sentido que a consciência só se esquiva de uma natureza não-alienada, não-fragmentada e/ou não-desintegrada quando se expressa como conhecimento partilhado, como realização social: "uma consciência individual só pode existir a partir de uma consciência social que tem, na língua, seu substrato real"[393].

O desenvolvimento na velhice depende, portanto, da capacidade do sujeito de objetivar-se em novas atividades socialmente significativas. Se a sociedade nega ao velho espaços de atuação (o 'não-lugar' social), ocorre uma alienação, em que o sentido pessoal se descola do significado social, podendo levar a processos de adoecimento ou 'morte social'. Contudo, a velhice pode ser um momento de revolução interna se o idoso encontrar atividades que permitam a objetivação de sua subjetividade, seja na arte, no cuidado, na política ou na transmissão de memória:

> Pensamos que, com o prolongamento da vida dos homens, a Psicologia acaba tendo que explicar essa nova fase de desenvolvimento e precisa romper com a lógica capitalista que prima por valorizar aqueles que produzem, que trazem lucro. Cabe aos psicólogos, portanto, não naturalizar, não banalizar os sentimentos dos idosos em relação a essa falta de produtividade que marca o homem na sociedade capitalista. É necessário compreender que neste momento histórico a sociedade precisa buscar alternativas de valorização dessa faixa etária, na qual se refletem as relações de produção, contribuindo para que seja instigado no desenvolvimento de suas funções cognitivas que, nesta fase [...] muitas vezes acabam sendo prejudicadas.[394]

Eis o motivo pelo qual, para a Psicologia Histórico-Cultural, a velhice é uma fase do desenvolvimento, isto é, um período de neoformações complexas. O idoso não é, destarte, um ser inerentemente passivo à espera da morte; é, antes, um sujeito histórico que, através da dialética da *perezhivanie*, continua a transformar a natureza e a si mesmo, convertendo o social em individual até o último instante: o desenvolvimento do psiquismo é a própria vida, e a velhice, enquanto houver atividade e relação humana, é vida em movimento.

---

[393] REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice**: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025. p. 104.

[394] REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, n. 6, p. 99-116, 2015. Disponível em https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237. Acesso em 14 de Dezembro de 2025. p. 115.

3.3 Memória coletiva e a função social do velho: o guardião da história

A perspectiva histórico-cultural dispõe de recursos valiosos para subsidiar a compreensão do envelhecimento como um processo contínuo de desenvolvimento mediado pela cultura. Nesse subcapítulo e em suas seções, buscarei avançar para a compreensão do mecanismo central que sustenta o processo de envelhecimento, a saber: a memória. Refiro-me aqui a um sentido de memória que, naturalmente, se estende para além da faculdade psicofisiológica de retenção e evocação de engramas cerebrais; trata-se da memória como uma função de natureza essencialmente social.

Apoiar-me-ei, para tanto, na sociologia durkheimiana, e especificamente na obra de Maurice Halbwachs[395], para postular que a memória não é um atributo do indivíduo isolado, nem um depósito estático no cérebro; a memória é, deveras, uma reconstrução do passado realizada à luz do presente, sustentada pelo que Halbwachs denominou 'quadros sociais da memória' (*les cadres sociaux de la mémoire*)[396]:

[395] HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p.; HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p.

[396] HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p. p. XVI. Tradução minha para "Mais si nous examinions d'un peu plus près de quelle façon nous nous souvenons, nous reconnaîtrions que, très certainement, le plus grand nombre de nos souvenirs nous reviennent lorsque nos parents, nos amis, ou d'autres hommes nous les rappellent. On est assez étonné lorsqu'on lit les traités de psychologie où il est traité de la mémoire, que l'homme y soit considéré comme un être isolé. Il semble que, pour comprendre nos opérations mentales, il soit nécessaire de s'en tenir à l'individu, et de sectionner d'abord tous les liens qui le rattachent à la société, de ses semblables. Cependant c'est dans la société que, normalement, l'homme acquiert ses souvenirs, qu'il se les rappelle, et, comme on dit, qu'il les reconnaît et les localise. Comptons, dans une journée, le nombre de souvenirs que nous avons évoqués à l'occasion de nos rapports directs et indirects avec d'autres hommes. Nous verrons que, le plus souvent, nous ne faisons appel à notre mémoire que pour répondre à des questions que les autres nous pose". Cf. também: BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering**: a study in Experimental and Social Psychology. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995. First published: 1932. Transferred to digital printing: 2003. [digital edition]. 342 p.

> Mas se examinássemos mais atentamente como nos lembramos, reconheceríamos que, certamente, a maior parte de nossas memórias retorna quando nossos pais, amigos ou outras pessoas nos lembram delas. É bastante surpreendente, ao lermos tratados de Psicologia que discutem a memória, que o homem seja considerado um ser isolado. Parece que, para entendermos nossas operações mentais, é necessário focar no indivíduo e, antes de tudo, romper todos os laços que o prendem à sociedade e aos seus semelhantes. No entanto, é na sociedade que, normalmente, o homem adquire suas memórias, as recorda e, como se costuma dizer, as reconhece e localiza. Contemos, em um único dia, o número de memórias que evocamos em conexão com nossas interações diretas e indiretas com outras pessoas. Veremos que, na maioria das vezes, só recorremos à nossa memória para responder a perguntas que os outros nos fazem, ou que supomos que possam nos fazer, e que, além disso, para respondê-las, nos colocamos no lugar deles e nos consideramos pertencentes ao mesmo grupo ou grupos que eles. Mas por que o que é verdade para muitas de nossas memórias não deveria ser verdade para todas elas? Na maioria das vezes, se me lembro de algo, é porque outros me estimulam a lembrar, porque a memória deles auxilia a minha, porque a minha depende da deles. Nesses casos, pelo menos, a recordação de memórias não é nada misteriosa. Não há necessidade de procurar onde elas estão, onde são preservadas, no meu cérebro ou em algum canto escondido da minha mente ao qual só eu tenho acesso, já que elas me são trazidas de fora, e os grupos aos quais pertenço me oferecem a todo momento os meios para reconstruí-las, desde que eu me volte para eles e adote, ao menos temporariamente, suas formas de pensar. Mas por que não deveria ser assim em todos os casos?

3.3.1 A ilusão da memória individual e os quadros sociais

A tese de que ‘nunca estamos sós’ é central para desmontar a solidão ontológica muitas vezes atribuída à velhice:

> Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. ‘E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.[397]

[397] HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p. p. 3. Tradução minha para “Mais nos souvenirs demeurent collectifs, et ils nous sont rappelés par les autres, alors même qu’il s’agit d’événements auxquels nous seuls avons été mêlés, et d’objets que nous seuls avons vus. C’est qu’en réalité nous ne sommes jamais seuls. Il n’est pas nécessaire que d’autres hommes soient là, qui se distinguent matériellement de nous : car nous portons toujours avec nous et en nous une quantité de personnes qui ne se confondent pas”.

Com efeito, os grupos aos quais pertencemos, hoje ou no passado, constituem as fontes de nossas ideias, emoções, pensamentos e, dentre tantos outros estados mentais, de nossas crenças. A memória individual está ligada a uma mera intuição sensível: "existe na base de toda lembrança o chamado a um estado de consciência puramente individual, distinguindo-se das percepções nas quais entram elementos do pensamento social"[398]. Mesmo nos momentos mais íntimos de recordação, o indivíduo carrega consigo e em si uma quantidade de pessoas que não se confundem. A memória individual é, em última instância, apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva:

> Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para que um homem evoque seu próprio passado, precisa, com frequência, fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e os quais são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.[399]

Nunca estamos sós. Estamos imersos em meio a lembranças que não são construídas e não pertencem senão a nosso grupo social: a memória é coletiva na mesma medida em que "resulta do protagonismo particular de cada um dos indivíduos pesquisados e da incorporação, por parte desses mesmos indivíduos, de categorias de entendimento: o tempo, o espaço e a linguagem".[400]

---

[398] BIFFI, Magali Regina. **Memória e ressignificação de vida na terceira idade**: um estudo através de biografias pessoais. 2022. 98 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade LaSalle (UNILASALLE-RS), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Canoas, 2022. Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Rosa. Coorientadora: Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles. Disponível em https://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/3159. Acesso em 27 de Novembro de 2025. p. 35.

[399] HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p. p. 36. Tradução minha para "Considérons maintenant la mémoire individuelle. Elle n'est pas entièrement isolée et fermée. Un homme, pour évoquer son propre passé, a souvent besoin de faire appel aux souvenirs des autres. Il se reporte à des points de repère qui existent hors de lui, et qui sont fixés par la société. Bien plus, le fonctionnement de la mémoire individuelle n'est pas possible sans ces instruments que sont les mots et les idées, que l'individu n'a pas inventés, et qu'il a empruntés à son milieu".

[400] GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). **Memória Social**: revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Ed Unilasalle, 2018. p. 55-70. p. 66.

A tese de Halbwachs acerca do processo de reconstrução de recordações açambarca duas dimensões, quais sejam: (i) as lembranças são sempre atuais, de sorte que o presente é sempre protagonista nos processos de memória e, portanto, as imagens lembradas não podem ser concebidas como retratos fidedignos de um passado tal qual foi; (ii) não há evocação e lembrança sem os quadros sociais que, em verdade, constituem os pontos de referência para a memória.[401] Sobre esse ponto em particular, Halbwachs afirma:

> Por outro lado, era necessário demonstrar que as estruturas coletivas da memória não se constituem *a posteriori* por uma combinação de memórias individuais, que não são simplesmente formas vazias nas quais se inseririam memórias provenientes de outros lugares, e que são, ao contrário, precisamente os instrumentos que a memória coletiva utiliza para recompor uma imagem do passado que, em cada época, corresponde aos pensamentos dominantes da sociedade.[402]

Considerando a tese de Maurice Halbwachs, também se aplica aos velhos a asserção de que não há lembranças sem um 'apoio'; na prática, sem uma comunidade que lhe confira sentimento de pertença: "jamais nos lembramos sozinhos"[403]. Afinal, as lembranças não se conservam intactas em uma gaveta do inconsciente, prontas para serem sacadas a partir de uma movimentação voluntária e/ou aleatória de uma mente isolada; são reconstruídas sob a pressão da sociedade atual. Portanto, quando observamos o declínio da memória na velhice, devemos indagar não apenas sobre a deterioração neuronal – em que pese sua importância –; importa, outrossim, o desmoronamento dos quadros sociais que sustentavam essas memórias:

---

[401] GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). **Memória Social**: revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Ed Unilasalle, 2018. p. 55-70. p. 64-65.

[402] HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p. p. XVIII. Tradução minha para "II fallait montrer, d'autre part, que les cadres collectifs de la memoire ne sont pas constituos apres coup par combinaison de souvenirs individuels, qu'ils ne sont pas non plus de simples formes vides ou les souvenirs, venus d'ailleurs, viendraient s'inserer, et qu'ils sont au contraire procisoment les instruments dont la memoire collective se sert pour recomposer une image du passe qui s'accorde a chaque epoque avec les pensees dominantes de la societe".

[403] GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). **Memória Social**: revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Ed Unilasalle, 2018. p. 55-70. p. 65.

> Resulta disso que a memória individual, enquanto se opõe à memória coletiva, é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento das lembranças? De modo algum. Porque, se essa primeira lembrança foi suprimida, se não nos é mais possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava. Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de' dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.[404]

O afastamento do mundo do trabalho, a dispersão da família extensa e a morte dos contemporâneos destroem os suportes externos que permitiam ao velho 'lembrar-se'[405]. Encerro essa seção recorrendo às magistrais palavras de Marilena Chauí[406]:

[404] HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p. p. 12-13. Tradução minha para "En résulte-t-il que la mémoire individuelle, en tant qu'elle s'oppose à la mémoire collective, soit une condition nécessaire et suffisante du rappel et de la reconnaissance des souvenirs? En aucune façon. Car, si ce premier souvenir s'est aboli, s'il ne nous est plus possible de le retrouver, c'est que, depuis longtemps, nous ne faisons plus partie du groupe dans la mémoire duquel il se conservait. Pour que notre mémoire s'aide de celle des autres, il ne suffit pas que ceux-ci nous apportent leurs témoignages: il faut encore qu'elle n'ait pas cessé de s'accorder avec leurs mémoires et qu'il y ait assez de points de contact entre l'une et les autres pour que le souvenir qu'ils nous rappellent puisse être reconstruit sur un fondement commun. Il ne suffit pas de reconstituer pièce à pièce l'image d'un événement passé pour obtenir un souvenir. Il faut que cette reconstruction s'opère à partir de données ou de notions communes qui se trouvent dans notre esprit aussi bien que dans ceux des autres, parce qu'elles passent sans cesse de ceux-ci à celui-là et réciproquement, ce qui n'est possible que s'ils ont fait partie et continuent à faire partie d'une même société.".

[405] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

[406] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18-19.

> A função social do velho é lembrar e aconselhar — *memini*, *moneo* — unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. Sociedade que, diria Espinosa, "não merece o nome de Cidade, mas o de servidão, solidão e barbárie", a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. 'Que é ser velho?', pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutelagem, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má-fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as "pesquisas" que demonstram a incapacidade e a incompetência sociais do velho). Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.

3.3.2 O velho como narrador e guardião da cultura

É neste cenário que emerge a especificidade da memória na velhice. Em sua leitura sensível da obra de Halbwachs[407], Ecléa Bosi[408] propõe um deslocamento fundamental: na velhice, a memória deixa de ser apenas um recurso pragmático (como na vida adulta produtiva) para se tornar uma função social. Enquanto para o adulto engajado na produção o passado pode ser um refúgio ou fuga, para o velho ele é a substância de sua atividade mental e social:

[407] HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p.; HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p.

[408] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

> O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado: mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, a vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. Bem, outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.[409]

De Halbwachs[410], Bosi[411] toma de empréstimo a noção de que a atividade mnêmica desempenha uma função social de primeira plana, exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Ocorre que, com a chegada da aposentadoria, no momento que o adulto abandona o mundo do trabalho, vê-se, de aí em diante, destinado à atividade cuja função própria é a de se lembrar e de ser a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.[412]

O que ocorre quando não há espaço para o exercício dessa função não nos é alheio: à sensação de abandono se junta à de isolamento social, potencializando a vivência do luto antecipatório, ou, em outros termos, a sensação de finitude antecipada:

> Neste sentido, o ato de compartilhamento a partir de narrativas de histórias anestesiadas pelo tempo e pela vida institucionalizada, pode ser benéfico e positivo, desde que se perceba na narrativa do idoso, uma ação cultural que implica em uma humanização do presente. Registrar tais memórias em diálogo com o presente é uma maneira de compreender a própria cultura e as identidades nela submersas. Por outro lado, é a própria carência de escuta e este esquecimento velado proposto pelas instituições a favor de um presente minimamente confortável, que salientam no idoso asilado, o sentimento de esvaziamento ou encolhimento que antecipam a morte, tornando-a vivamente presente.[413]

---

[409] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 65.

[410] HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p.; HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p.

[411] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 65.

[412] ALVES, Rafaela da Silva. **Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho**. 2016. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI, Seropédica-RJ, 2016. Orientador: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira. Disponível em https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14419. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

[413] BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Lugares de afeto nada empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História - seção Rio Grande do SUL / ANPUH-RS**: história, memória, patrimônio, 2012. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-

Ecléa Bosi é categórica ao afirmar: "o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens".[414]

Em algumas sociedades tradicionais – e ainda em certos enclaves de resistência cultural –, o velho ocupa o lugar de honra como "guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição".[415] Mais do que isso, é o "intermediário informal da cultura"[416], diferente dos mediadores formalizados (escola, igreja, partido), aquele que acessa o que não é abarcado pela historiografia oficial.

Nas sociedades contemporâneas, a velhice negada advém por meio da rejeição, omissão ou negligência em relação às memórias, identidades e conhecimentos graças aos quais nos tornamos o que somos. A memória é, enfim, o que assegura a autoconsciência de um povo. O prognóstico de Bosi[417] quanto ao futuro em que as memórias de velhos estarão completamente espoliadas não é animador:

> Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes.

A narrativa do velho assegura que a cultura seja transmitida como experiência vivida (*Erfahrung*), tecida com afeto, experiências e valores. Nesse mesmo sentido, a memória dos velhos serve como um mediador entre a geração atual e as testemunhas do passado, humanizando o presente.

---

rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 1290.

[414] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 84.

[415] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 85.

[416] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p. p. 78.

[417] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p. p. 78.

3.3.3 Memini e Moneo: a memória como conselho

Há uma relação intrínseca entre memória e ética que se revela na etimologia. Bosi[418] nos lembra que a raiz indo-europeia *mn* (memória) dá origem tanto a *memini* (eu me lembro) quanto a *moneo* (eu advirto, eu aconselho): "A função social do velho é lembrar e aconselhar — memini, moneo — unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir"[419]. Citando o etimologista Flavio di Giorgi, Bosi ensina:

> A raiz bruta mn em seu grau 1 expressa O caso individual, como memini (eu me lembro). Em seu grau O a raiz mn entra no nível da atuação social: como moneo (eu advirto, ou eu admoesto). Este grau pode permitir a formação de palavras carregadas de ambiguidade cultural como "monitor" (conselheiro), de conotação positiva. Mas também '"admoestador" (corregedor), de conotação negativa.[420]

O velho que lembra é, por definição, aquele que pode aconselhar. É nesse sentido que, sua função social consiste em "lembrar e aconselhar, ligando o que foi e o que há de vir".[421] Walter Benjamin[422], em seu ensaio sobre *O Narrador*, lamentava o desaparecimento da figura daquele que podia intercambiar experiências. O narrador — frequentemente o velho, o viajante ou o ancião sedentário — retira da própria experiência (ou daquela que lhe foi relatada) a sabedoria para oferecer um conselho aos ouvintes:

---

[418] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

[419] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18.

[420] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 93. CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 93.

[421] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18.

[422] BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas: volume 1. 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Revisão de Marcia Copola e Elvira da Rocha. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. cap. 15. p. 197-221. Ano da 1ª edição: 1985. Título original: Auswahl in Drei Baenden. 257 p. § 4, p. 200-201.

> O senso prático é uma das características de muitos narradores natos. Mais tipicamente que em Leskov, encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores pequenas informações científicas em seu Schatzkästlein (Caixa de tesouros). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se 'dar conselhos' parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um 'sintoma de decadência' ou uma característica 'moderna'. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.

Ocorre, no entanto, que, mais do que qualquer outra forma de sociedade, o capitalismo contemporâneo operou um 'silenciamento' dessa função: ao desvalorizar a experiência/vivência em favor da inovação, da novidade técnica e da velocidade, a sociedade retira do velho a autoridade de sua memória e, nesse mesmo sentido, sua atividade.

Como denuncia Marilena Chauí, com base na leitura de Ecléa Bosi[423]: "a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos". O velho é ouvido com impaciência ou condescendência, e sua narrativa é frequentemente patologizada como repetição ou fixação no passado, quando, na verdade, é uma tentativa de reconstruir uma identidade fragmentada pela exclusão social:

[423] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18.

> ‘O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele’. Esta, acredito, é sua tese, Ecléa. Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito — é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis por que, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje.[424]

3.3.4 Memória como resistência e identidade

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, tanto em nível individual quanto coletivo. Não à toa, práticas de resgate e de conservação da memória estão entre algumas das mais fundamentais buscas da espécie humana. Não à toa, regimes autoritários se caracterizam pelos sistemáticos ataques a essas práticas. Uma vez adquirida, a memória – sobretudo a coletiva – se torna uma conquista e um instrumento de poder. Sobre isso, o historiador francês Jacques Le Goff afirma[425]:

> Mais do que nunca, são verdadeiras as palavras de Leroi-Gourhan: ‘A partir do *Homo sapiens,* a constituição de um aparato da memória social domina todos os problemas da evolução humana’; e ainda: ‘A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada’. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade,* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

[424] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 18.

[425] LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Adaptação da edição portuguesa de Maria Clarice Samnpaio Villac. Revisão de Alzira Dias Sterque e Marta Maria Hanser. Campinas-SP: Unicamp, 1990. [edição digital]. (coleção Repertórios). Título original: histoire et mémoire. Ano original de publicação: 1988. p. 250-251. 293 p. Itálicos do autor.

Com efeito, a memória é um elemento indispensável do sentido da identidade porque é exatamente através das narrativas pessoais que os indivíduos buscam os elementos que os constituem, na relação com os outros, na relação com a alteridade[426]:

> O sujeito desenvolve uma atividade de produção de sentido que ilumina sua existência e esclarece o presente: é uma rememoração que se orienta pela necessidade de dar sentido ao que se é [...] ordenando e ressignificando experiências e desvelando desejos e projetos, frustrações e realizações, tropeços pessoais e momentos de afirmação de si, bem como encontros com o outro e as peculiaridades de uma vivência social.[427]

O trabalho de rememoração na velhice é, por sua vez, e quando possível, um ato de resistência contra a "morte social". Nesse sentido, pode-se afirmar: a perda da memória é, efetivamente, a perda da identidade:

> Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. [...] Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo.[428]

Ao narrar sua história, a pessoa idosa está realizando um trabalho psíquico e social de 'enraizamento'. Simone Weil[429] nos lembra que o enraizamento é uma das necessidades mais fundamentais da alma humana:

---

[426] GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025. p. 101.; cf. também MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso**. 1997. 217 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, 1997. Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Villas Bôas Concone. Disponível em https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3945. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

[427] ALMEIDA, Juracy A. Relatos de vida e identidade. **Revista Kairós**, v. 6, n. 2, pp. 181-192, 2003. p. 185.

[428] CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p. p. 59-60.118-119.

[429] WEIL, Simone. **L'enracinemen**t. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain. Paris, FR: Les Éditions Gallimard, 1949. 381 p. (Collection idées). [edição digital].

> O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente – mas porque se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. Esse intenso movimento de recuperação da memória nas ciências humanas se constitui hoje numa verdadeira moda acadêmica. O vínculo com o passado, que é vital, porque dele se extrai a seiva para a formação da identidade. Nesse sentido também está a noção de direito ao enraizamento, de Simone Weil, para quem este é um direito humano semelhante a outros direitos ligados a sobrevivência do homem.[430]

Uma das necessidades mais importantes do ser humano é a de enraizamento[431]; essa é, com efeito, uma das necessidades mais fundamentais da alma humana:

> Como dizia Simone Weil, o ser humano tem uma raiz por sua participação real numa coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. O desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna (opressão de natureza econômica) é a espoliação das lembranças. Eu penso que os urbanistas quando fazem projetos sobre as cidades, deveriam escutar os velhos moradores e estarem abertos a sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro. Eles estariam recuperando a dimensão humana do espaço que é um problema político dos mais urgentes. A sobrevida de um grupo se liga estreitamente a morfologia da cidade e essa ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento. Há nos habitantes do bairro o sentimento de pertencer a uma tradição, a uma maneira de ver que anima a vida das ruas, das praças, dos mercados e das esquinas. E tudo isso se reflete bem nos depoimentos dos nossos memorialistas. Então, os pesquisadores devem ter a consciência de que uma história de vida que nós escutamos não é feita para ser arquivada ou guardada em uma gaveta como coisa, existe para transformar a cidade onde ela floresceu.[432]

---

[430] Ecléa Bosi, em entrevista para Mozahir Salomão Bruck. Cf. BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/4301. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 198.

[431] ALVES, Rafaela da Silva. **Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho**. 2016. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI, Seropédica-RJ, 2016. Orientador: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira. Disponível em https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14419. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

[432] Ecléa Bosi, em entrevista para Mozahir Salomão Bruck. Cf. BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/4301. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 199.

Em um mundo de 'não-lugares' e de obsolescência programada, a memória do velho funciona como uma âncora, um 'patrimônio imaterial' que oferece sentido de continuidade e pertencimento não apenas a ele, como também ao grupo que o escuta.

Portanto, a 'clínica do *holding'* e a intervenção institucional (o que discutirei no próximo Capítulo) devem necessariamente passar pela recuperação da dignidade da memória. Permitir que o velho narre é permitir que ele exista socialmente. Como propõe Bosi[433], do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade:

> Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.[434]

Onde a sociedade vê apenas 'restos' de um tempo inútil, a análise psicossocial e filosófica deve ver a matéria-prima da nossa própria humanidade.

[433] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p. p. 16.
[434] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 85.

3.4 Memória-trabalho e identidade narrativa: a palavra como ato de resistência à 'morte social'

A articulação a que procedi entre a perspectiva histórico-cultural e a Psicanálise ao longo desta Tese conduziu-me a uma conclusão inexorável, e da qual depende todo o edifício que tenho buscado sustentar, a saber: se a velhice impõe (i) o real do corpo que perece e (ii) a retração dos papéis sociais produtivos, é na dimensão simbólica da linguagem e da memória que o sujeito pode sustentar sua existência até o fim. Oponho-me, contudo, à visão romantizada ou patologizante da memória como um refúgio passivo, um devaneio senil ou mero sintoma de demência. Para tanto, adotei, com Ecléa Bosi[435], a distinção fundamental entre memória-sonho e memória-trabalho, defendendo, nesse espírito, que a narrativa na velhice é um esforço ativo de reconstrução identitária e um ato político de resistência contra a despersonalização e a 'morte social' impostas pela sociedade contemporânea.

3.4.1 Da evasão à reconstrução: a memória como trabalho

Diferentemente do adulto produtivo, para quem a memória pode ser uma fuga momentânea das pressões do presente – uma forma de memória-sonho ou evasão –, para o velho, o ato de lembrar adquire o estatuto de trabalho psíquico e social. A esse propósito, retomo Ecléa Bosi[436], categórica ao afirmar: "o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens". Se, por um lado, a função social própria do velho consiste em rememorar – como enfatizei anteriormente –, o exercício dessa função, por outro lado, depende da capacidade que as pessoas idosas têm de, por meio da faculdade de imaginação, remeter-se ao passado e, do alto de sua maturidade e experiência, selecionar os recortes presentemente vislumbrados – porque não pode ser de outra forma –, em função do que considera, também no presente, relevante. O ato de rememorar é, destarte, um diagnóstico do presente; uma pérola que, não raramente, os velhos 'lançam aos porcos': muitas vezes a rememoração se volta a espaços estéreis e de escuta negativa[437]:

---

[435] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

[436] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 84.

[437] BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Lugares de afeto nada empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História - seção Rio Grande do SUL / ANPUH-RS**: história, memória, patrimônio, 2012. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-

> Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.[438]

A grande inspiração aqui é, mais uma vez, Maurice Halbwachs[439]:

> Mas o velho, na realidade, quando evoca sua infância dessa maneira, não está sonhando. É do adulto que se pode dizer que, quando sua mente, focada nas realidades presentes, relaxa e se deixa levar de volta aos seus primeiros dias, ele se assemelha a um homem que está sonhando, porque há, de fato, um forte contraste entre suas preocupações habituais e essas imagens alheias ao que ocupa sua mente hoje. Nenhum dos dois sonha (no sentido em que definimos esse termo): mas esse tipo de devaneio, que, no adulto, é uma distração, torna-se, no velho, uma verdadeira ocupação. Ele não se contenta, normalmente, em esperar passivamente que as memórias despertem; ele busca esclarecê-las, questiona outros idosos, examina seus antigos papéis, suas antigas cartas e, sobretudo, relata o que se lembra, quando não está preocupado em registrá-lo por escrito. Resumindo, os idosos estão muito mais interessados no passado do que os adultos, mas isso não significa que sejam capazes de evocar mais memórias desse passado do que quando eram adultos, nem, sobretudo, que as imagens antigas, enterradas no inconsciente desde a infância, encontrem forças para cruzar o limiar da consciência apenas então.

---

rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 1290.

[438] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 85.

[439] HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p. p. 104. Tradução minha para "Mais le vieillard, en réalité, au moment où il évoque ainsi son passé d'enfant, ne rêve pas. C'est de l'adulte qu'on peut dire que, lorsque son esprit, tendu vers les réalités présentes, se relâche et se, laisse aller suivant la pente qui le ramène à ses premiers jours, il ressemble à un homme qui rêve, parce qu'il y a en effet un vit contraste entre ses préoccupations habituelles et ces images sans rapport avec ce qui sollicite aujourd'hui son activité. Ni l'un, ni l'autre, ne rêve (au sens où nous avons défini ce terme): mais ce genre de rêverie, qui, chez l'adulte, est une distraction, devient, chez le vieillard, une véritable occupation. Il ne se contente pas, d'ordinaire, d'attendre passivement que les souvenirs se réveillent, il cherche à les préciser, il interroge d'autres vieillards, il compulse ses vieux papiers, ses anciennes lettres, et, surtout, il raconte ce dont il se souvient, quand il ne se soucie pas de le fixer par écrit. En somme, le vieillard s'intéresse au passé bien plus que l'adulte, mais il ne s'ensuit pas qu'il soit en mesure d'évoquer plus de souvenirs de ce passé que quand il était adulte, ni, surtout, que des images anciennes, ensevelies dans l'inconscient depuis son enfance, retrouvent la force de franchir le seuil de la conscience alors seulement".

Este "trabalho da memória" não é a mera recuperação de dados arquivados, como supõe uma visão computacional da mente, mas uma "reconstrução continuamente atualizada do passado", em que o sujeito seleciona, filtra e reestrutura o vivido sob a luz das necessidades do presente. É o que assevera Joël Candau[440]:

> [A] memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: 'a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um 'estar aqui' que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele'. A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece 'insustentável'.

Em um trecho marcante de **Memória e sociedade: memórias de velhos**[441], Ecléa Bosi afirma:

> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

É possível fazer um importante acréscimo a essa discussão a partir do que é oferecido por alguns dos proponentes da Psicologia Histórico-Cultural; mais precisamente, a concepção de que a memória lógica e voluntária é uma função psicológica superior, mediada por signos e ferramentas culturais, e não apenas um traço biológico de retenção. Esta é, por exemplo, a compreensão explicitamente advogada por Leontiev[442]:

---

[440] CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p. p. 9.

[441] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 57.

[442] LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Problems of the development of mind**. Translated by Mariya Kopylova (Maria Kopylova). Moscow, USSR: Progress Publishers, 1981. Original name of the author: Алексей Николаевич Леонтьев. Original title: Проблемы развития психики. Original year of publication: 1959. 466 p.. p. 412. Tradução minha para "The development of memory, for example, of course forms a connected series of changes, but their necessity is not determined by the relations arising within the development of memory itself, but by relations that depend on the place memory occupies in the child's activity at a given stage of its

> O desenvolvimento da memória, por exemplo, constitui, naturalmente, uma série de mudanças interligadas, mas a sua necessidade não é determinada pelas relações que surgem no próprio desenvolvimento da memória, mas sim por relações que dependem do lugar que a memória ocupa na atividade da criança em um dado estágio do seu desenvolvimento. Na fase da pré-escola, por exemplo, uma mudança na memória é a formação da capacidade voluntária de lembrar e evocar. O desenvolvimento prévio da memória é uma condição necessária para que essa mudança seja possível, mas não é determinado por ele; em vez disso, é determinado pela diferenciação de objetivos específicos – lembrar, evocar – na consciência da criança. Nesse contexto, o lugar dos processos de memória na vida psíquica da criança se altera. Antes, a memória surgia apenas como uma função a serviço de algum processo; agora, lembrar torna-se um processo específico e intencional, uma ação interna, ocupando um novo lugar na estrutura da atividade da criança.

O manancial teórico apresentado até aqui subsidia minha compreensão de que o esforço do idoso em narrar sua vida não constitui um sintoma de fixação no passado; trata-se, na verdade, e em geral, de uma tentativa laboriosa de totalização existencial.

Ao se debruçar sobre a atividade narrativa, o velho realiza a síntese do heterogêneo, conferindo unidade e sentido a uma trajetória que, de outra forma, poderia parecer fragmentada pelas perdas e rupturas da velhice. Como destaca Ecléa Bosi[443]:

> Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.

development. At the stage of preschool childhood, for instance, one cha nge in memory is that volitional remembering and recall are formed in a child. The preceding development of memory is a necessary precondition for this change to he possible, but it is not determined by it; rather it is determined by special goals-to remember, to recall – being differentiated in the child's consciousness. In that connection the place of memory processes in the child's psychic life is altered. Before memory emerged only as a function serving some one process; now remembering becomes a special, purposeful process, an inner action, occupying a new place in the structure of the child's activity".

[443] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 84.

É nesse sentido que podemos considerar que a transmissão de possibilidades não realizadas constitui a alta função da lembrança dos velhos, um ofício cuja razão de ser é a necessidade de "ação ativa das gerações do presente para realizar possibilidades que foram interrompidas e que, no entanto, ficaram latentes"[444]. Para além da reprodução de imagens e/ou pensamentos, o trabalho de rememorar é um exercício o qual, conquanto envolva reaparições, se define como um filtro mediante o qual nos tornamos capazes de distinguir o presente do passado. A interação entre o novo e o velho é uma prática notável: sua relevância está na capacidade que tem de proporcionar aberturas para "diferentes possibilidades de existir, tanto com relação a um dos possíveis do passado quanto com relação ao que se efetiva ou aos possíveis do presente"[445]. Sobre o que Larissa Leão de Castro[446] entende como sendo o "efeito humanizador advindo da troca da experiência", Jeanne Marie Gagnebin[447], de maneira muito pertinente, afirma:

> A mesma preocupação de salvar o passado no presente graças à percepção de uma semelhança que os transforma a ambos: transforma o passado porque este assume uma forma nova, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas do atual.

Dessarte, em que se edifica o trabalho baseado na memória senão na relação com o ausente e com o possível, e no âmbito de um movimento de exteriorização e interiorização? Em que se edifica o trabalho baseado na memória senão na negação do imediato, na mediação criadora?

---

[444] CASTRO, Larissa Leão de. A importância de narrar a memória do velho oprimido no capitalismo. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e222510, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33222510. Disponível em https://www.scielo.br/j/psoc/a/6NjmK67BxZG5pg77JxzrkvK. Acesso em 16 de Dezembro de 2025. p. 3.
[445] CASTRO, Larissa Leão de. A importância de narrar a memória do velho oprimido no capitalismo. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e222510, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33222510. Disponível em https://www.scielo.br/j/psoc/a/6NjmK67BxZG5pg77JxzrkvK. Acesso em 16 de Dezembro de 2025. p. 3.
[446] CASTRO, Larissa Leão de. A importância de narrar a memória do velho oprimido no capitalismo. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e222510, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33222510. Disponível em https://www.scielo.br/j/psoc/a/6NjmK67BxZG5pg77JxzrkvK. Acesso em 16 de Dezembro de 2025. p. 3
[447] GAGNEBIN, Jeanne Maria. Walter Benjamin ou a história aberta. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas: volume 1. 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Revisão de Marcia Copola e Elvira da Rocha. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. cap. 15. p. 197-221. Ano da 1ª edição: 1985. Título original: Auswahl in Drei Baenden. 257 p. § 4, p. 200-201. prefácio. p. 7-20. p. 16.

> Porque o trabalho da obra é trabalho do pensamento perpassado pelo afeto, d. Risoleta dirá: 'estou burilando meu espírito', palavras que ressurgem moduladas pelas suas, Ecléa, quando escreve que uma lembrança é como um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Burilar, lapidar, trabalhar o tempo e nele recriá-lo constituindo-o como nosso tempo.[448]

Com efeito, é precisamente esse trabalho de lapidação o que permite transformar a 'vivência' isolada (*Erlebnis*) em 'experiência' transmissível (*Erfahrung*), recuperando, assim, a função do narrador tal qual descrita por Walter Benjamin[449]:

> Com seus silêncios, esquecimentos e performances, o narrador procura salvar os sentidos da experiência (Benjamin, 1996), tecendo incessantemente um conhecimento sobre si mesmos e sobre o mundo. Uma situação de reciprocidade, de interlocução, é fundamental para a transmissão das formas de existência social e para o enquadramento social das lembranças: os relatos são pensados cuidadosamente pelo narrador de acordo com as variações de entusiasmo e interesse do ouvinte. Reconstituir a duração é ultrapassar as ambiguidades, as lacunas e os esquecimentos, transformando a imagem de si pela memória.[450]

3.4.2 A identidade narrativa e a luta contra a 'morte social'

Os processos de formação da identidade são mutáveis, e transcorrem ao longo de uma construção contínua na relação com o outro e com o tempo; por essa razão, a narrativa autobiográfica se torna o suporte da identidade narrativa. De fato, na velhice, quando então alguns dos principais espelhos sociais (o trabalho, a beleza física e, dentre outros, o *status*) deixam de refletir uma imagem valorizada, a narrativa de si pode se transformar em um último bastião da identidade:

---

[448] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 22.

[449] BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas: volume 1. 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Revisão de Marcia Copola e Elvira da Rocha. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. cap. 15. p. 197-221. Ano da 1ª edição: 1985. Título original: Auswahl in Drei Baenden. 257 p.

[450] GRAEFF, Lucas. **O 'mundo da velhice' e a cultura asilar**: Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre. 2005. 172 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-UFRGS, Porto Alegre-RS, 2005. Orientador: Profa. Dra. Cornelia Eckert. Disponível em http://hdl.handle.net/10183/5466. Acesso em 16 de Dezembro de 2025. p. 159.

> As discussões contemporâneas nas Ciências do Envelhecimento se ocupam de desconstruir a visão estigmatizada da velhice como sinônimo de perdas e declínios. É evidente que existem diferentes velhices marcadas por diferentes formas de envelhecer, mas é inegável que o fato de viver mais implica inevitavelmente estar mais suscetível a experiências de perdas e alterações nas diferentes dimensões existenciais. Estas perdas podem envolver as alterações corporais, como a acuidade visual, a beleza, a perda do vigor físico e da saúde, mudanças no panorama social relacionadas a funções que deixaram de ser executadas pelo idoso, assim como as perdas vinculares decorrentes do falecimento de amigos e familiares. Todas estas perdas serão tomadas como agressões a imagem de potência construída pelo idoso a respeito de si, evocando o trabalho psíquico de assimilação desta nova realidade e resgate de uma noção de identidade que é confrontada por eventos que ameaçam o Eu. Neste sentido, o gesto de narrar memórias do passado é um ato de manutenção da integridade do Eu frente despersonalização promovida pelas marcas que o tempo confere à identidade do idoso, permitindo a integração entre passado e presente e a construção deste novo devir, o 'ser idoso'.[451]

Somos, os humanos, seres dependentes de suporte psíquico: em qualquer nível, a desintegração mental representa, para nós, humanos, o fim; dito de outra maneira, a morte. Sobretudo nos países ocidentais capitalistas, o trabalho remunerado acaba se tornando o elemento mais importante na definição e/ou desenvolvimento da identidade pessoal. Nesse mesmo sentido, a passagem à velhice, paradigmaticamente representada pela aposentadoria, demanda um processo adaptativo urgente: será o fim ou, inversamente, um novo começo. De qualquer maneira, é o momento de ruptura com um longo período histórico – marcado por hábitos consolidados, por expectativas nutridas (dirigidas a si e aos outros), por um sentimento de autoimportância associado à produção e por estabelecimento de prioridades e desejos. O ingresso na velhice, destarte, pode "igualmente trazer um tempo de libertação e de renovação ou conduzir a uma etapa de sofrimento e perda"[452].

[451] NOGUEIRA, Leila Mara Oliveira; GRANADO, Laura Carmilo; MARQUES, Bruna Gabriela; SALLES, Jorge Rodrigo. Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos. **Pontos de Interrogação**, v. 11, n. 2, p. 137-161, 2021. DOI: https://doi.org/10.30620/pdi.v11n2.p137, Disponível em https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/14387. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 141.

[452] LOBO, António Firmo; MENDONÇA, Alice. Os professores aposentados: Preparação, experiências e sentimentos pessoais vivenciados nessa condição. *In:* PINHEIRO, Joaquim. (Coordenador). **Olhares sobre o envelhecimento**: estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. 195 p. cap. 4. p. 37-50. DOI: https://10.34640/universidademadeira2021lobomendonca. Disponível em http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-Completo.pdf. Acesso em 16 de Dezembro de 2025. p. 38

A sociedade capitalista, contudo, opera o que podemos chamar de 'conspiração do silêncio' em torno da velhice, como denunciou Simone de Beauvoir[453]. Ao ser destituído por toda estrutura social do lugar de produtor, o velho é também espoliado da palavra e da dignidade; transforma-se em objeto de cuidado ou de descarte – em um 'pária':

> Aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio. A sociedade de consumo, observa Marcuse, substituiu a consciência infeliz por uma consciência feliz e reprova qualquer sentimento de culpa. É preciso perturbar sua tranquilidade. Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias. Na França, onde a proporção de velhos é a mais elevada do mundo — 12% da população tem mais de 65 anos — eles são condenados à miséria, à solidão, às deficiências, ao desespero. Nos Estados Unidos, seu destino não é mais feliz. Para conciliar esta barbárie com a moral humanista que professa, a classe dominante adota a posição cômoda de não considerar os velhos como homens. Se lhes ouvíssemos a voz, seríamos obrigados a reconhecer que é uma voz humana; eu forçarei meus leitores a ouvir essa voz. Descreverei a situação que se reservou aos velhos e a maneira como eles a vivem; direi tudo aquilo que — desvirtuado pelas mentiras, pelos mitos, pelos clichês da cultura burguesa — se passa realmente em suas cabeças e em seus corações.

Com efeito, o envelhecimento e a aposentadoria são frequentemente vivenciados como uma 'morte social' na medida em que, à medida que as pessoas envelhecem, e à medida que algumas das suas situações corriqueiras deixam de ser realizadas, "a frustração, a angústia e o sentimento de despertencimento e inadequação ganham força, passando a ocupar um lugar pulsional"[454]. O que é a 'morte social' senão a exclusão simbólica em que os sujeitos deixam de ser vistos como interlocutores?

---

[453] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 7.

[454] COSTA, Ana Carolina de Oliveira; KAMKHAGI, Dorli. A psicoterapia de grupos em idosos: uma possibilidade de resgate e ressignificação de fragmentos de vida. *In*: LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **gerontologia Social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 9. p. 213-238. p. 217; Cf. também GOLDFARB, Delia Maria Catullo. Memórias e temporalidades: construindo histórias. *In*: CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p. p. 95-101.

Em uma pesquisa realizada com o destino de analisar as dificuldades decorrentes das limitações ao exercício da autonomia, Maria Angélica dos Santos Sanchez[455] pôde identificar "representações sobre dificuldades decorrentes das limitações ao exercício da autonomia", no "sentido de expressão de sentimentos, desejos e ações no âmbito das possibilidades e limites de cada pessoa". A pesquisa notou que, conquanto os participantes da pesquisa estivessem dotados da possibilidade de tomar decisões sobre algumas situações de sua vida, em especial daquelas que poderiam depender de negociação com o grupo familiar, a tendência é a de que os seus valores não fossem respeitados, "limitando suas ações muito mais do que seria humanamente aceitável"[456]. A 'morte social' se alicerça, dentre outras coisas, sobre a supressão do "diálogo" e da "possibilidade de escolhas", sobre o "cerceamento de ações, seja no campo afetivo, intelectual, social e religioso"[457]. Segundo Marilena Chauí[458]:

> Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.

Nesse contexto, a narrativa do velho assume, por princípio, um caráter de resistência. Narrar é recusar o lugar de 'resto' ou 'dejeto' que o discurso capitalista lhe reserva; é afirmar 'eu sou' e 'eu fui', dessa maneira inscrevendo sua singularidade contra a homogeneização da categoria 'idoso'. Como afirma Delia Catullo Goldfarb[459], a experiência psicológica do tempo

---

[455] SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54. p. 49-50.

[456] SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54. p. 49-50.

[457] SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54. p. 50.

[458] CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35. p. 19.

[459] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1997. 96 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo, 1997. Orientador: Prof. Dr. Renato Mezán. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 51-52. Itálicos da autora. Cf. também: BIANCHI, Henri. **O Eu e o Tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. Tradução de Jean Briant. Revisão ténica de Latife Yazigi. São Paulo, SP: Casa del Psicólogo, 1991. Título original: Le Moi et le temps. Psychanalyse du temps et du vieillissement. Ano original de publicação: 1987. (coleção Psicanálise. Coleção dirigida por Latife Yazigi). 161 p.

não é exterioridade, mas o produto de um labor psíquico estruturante de identidade; envelhecer não é seguir um caminho traçado, mas construí-lo:

> Para Henri Bianchi, *'o tempo é uma dimensão formadora do campo onde a vida psíquica se desdobra'*. O tempo de vida é o tempo que corre entre o nascimento e a morte, e neste prazo acha o sujeito o limite para seus desejos e para o encontro com seus objetos. A própria identidade, submetida a esta passagem do tempo, é ativamente constituída pelo trabalho de elaborar estes limites sempre fugidios. O "curso da vida" não se nos apresenta como um "curso de tempo" regular, ante o qual o sujeito é um mero espectador. A experiência psicológica do tempo não é exterioridade, mas produto de um labor psíquico, estruturante de identidade. Envelhecer, então, não será seguir um caminho já traçado, mas construí-lo. Eis o trabalho do tempo: a construção de subjetividade.

3.4.3 O ouvinte como "ego auxiliar" e a ética da escuta

A narrativa, no entanto, não é um monólogo solipsista; exige, deveras, um interlocutor. Afinal, a memória é, por definição, dialógica e intersubjetiva, o que quer dizer: constitui-se na *pólis*, no social. É exatamente o que defende Joël Candau[460], para quem a memória fortalece a identidade em nível individual e coletiva: nesse sentido, qualquer prática que possibilite a restituição de uma memória perdida de um indivíduo ou do grupo é, antes de tudo, uma prática capaz de devolver a sua própria identidade. Citando Anne Muxel, Joël Candau[461] afirma: o "trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é o 'trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação ao seu passado para chegar a sua própria individualidade". Em função da capacidade que a memória tem de participar na estruturação de grupos e na constituição da identidade dos sujeitos, podemos falar em memórias fortes e memórias fracas:

[460] CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p.
[461] CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p. p. 17. Cf. MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris, FR: Nathan, 1996. 230 p.

> Denomino memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor. Uma memória forte é uma memória organizadora, no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade, quando essa memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma memória organizadora. Denomino memória fraca uma memória sem contornos bem definidos, difusa e superficial, que é dificilmente compartilhada por um conjunto de indivíduos cuja identidade coletiva é, por esse mesmo fato, relativamente inatingível. Uma memória fraca pode ser desorganizadora no sentido que pode contribuir para a desestruturação de um grupo.[462]

Sobre a natureza propriamente dialógica e intersubjetiva da narrativa, isto é, sobre sua natureza inerentemente social, cumpre ressaltar, com Lilian Juana Levenbach de Gamburgo[463], que uma pessoa não pode ser compreendida senão no interior de uma relação dialógica, em que devemos falar no mínimo de dois sujeitos, ou duas consciências. Dito de maneira ainda mais direta, no âmbito de um diálogo "marcado pela perspectiva da alteridade, do reconhecimento do outro como sendo passível desse conhecimento".

A consequência é óbvia: para que o trabalho de memória do velho se complete, é necessária a presença de um Outro que o escute, valide e sustente. Aqui, a 'clínica do *holding*' de Winnicott se encontra com a teoria de Vygotski sobre a gênese social das funções psíquicas, isto é, com a ideia de que "a natureza psicológica dos homens representa o agregado de relações sociais internalizadas que se tornaram, para o indivíduo, funções e formas de sua estrutura"[464], ou, ainda, de que "os processos psicológicos humanos se constituem a partir da interação social, nas relações externas compartilhadas entre um e outros sujeitos, denominadas de funções interpsicológicas, que irão se transformar em funções internas, intrapsicológicas"[465].

---

[462] CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p. p. 44-45.

[463] GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025.

[464] AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ªEd. Texto revisto a partir da 2ª edição em Outubro de 2002. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Ano original da 1ª edição: 2001. 228 p. cap. 5. p. 95-110. p. 99.

[465] OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023.

O ouvinte (seja o terapeuta, o cuidador ou o pesquisador) atua como o ego auxiliar ou o suporte social que permite ao idoso organizar suas lembranças sem ser aniquilado pela angústia ou pelo vazio. Na velhice, o Outro deve ter um rosto de alguém familiar ou um objeto privilegiado de investimento libidinal para dar suporte à produção psíquica:

> Há algumas especificidades que a clínica confirma: a envelhescência, para se efetivar, precisa com maior frequência do outro como testemunha da reconstrução histórica. Enquanto em outros momentos da vida o Outro tem uma configuração mais abstrata, mais pulverizada no social – no trabalho, no destino –, na velhice o Outro deve ter um rosto de alguém familiar, de um objeto privilegiado e m seu investimento libidinal, para dar suporte à produção psíquica.[466]

A escuta atenta das histórias de vida cumpre, assim, uma função clínica e política.

Por um lado, participa na sustentação do *self* e, nesse sentido, permite ao idoso realizar a integração de sua vida, transformando o passado em um 'tesouro' que pode ser legado: "do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade"[467]. A memória, destarte, torna-se um ato de 'enraizamento', uma necessidade fundamental da alma humana, conforme Simone Weil[468]; conhecer o passado é uma exigência da alma humana, de sorte que a oposição moderna entre passado e futuro é simplesmente inaceitável:

Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 46.

[466] SOARES, Flavia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 86-95, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-47142005001009. Disponível em https://www.scielo.br/j/rlpf/a/JD44wVcCBXXvwbxTG8jQc5k. Acesso em 22 de Novembro de 2025.

[467] BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p. p. 16.

[468] WEIL, Simone. **L'enracinemen**t. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain. Paris, FR: Les Éditions Gallimard, 1949. 381 p. (Collection idées). [edição digital]. p. 36. Tradução minha para "L'enracinement est peut-être le besoin le plus important et le plus méconnu de l'âme humaine. C'est un des plus difficiles à définir. Un être humain a une racine par sa participation réelle, active et naturelle à l'existence d'une collectivité qui conserve vivants certains trésors du passé et certains pressentiments d'avenir. Participation naturelle, c'est-à-dire amenée automatiquement par le lieu, la naissance, la profession, l'entourage. Chaque être humain a besoin d'avoir de multiples racines. Il a besoin de recevoir la presque totalité de sa vie morale, intellectuelle, spirituelle, par l'intermédiaire des milieux dont il fait naturellement partie.". Cf. também TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. Educação do campo e memória de velhos: navegando entre o passado e o presente. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 11, n. 1, p. 14-23, 2011. Disponível em https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/2261. Acesso em 17 de Dezembro de 2025.

> O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano cria raízes através de sua participação real, ativa e natural na vida de uma comunidade que preserva certos tesouros do passado e certos presságios do futuro. Participação natural, ou seja, participação gerada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão e ambiente. Todo ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase toda a sua vida moral, intelectual e espiritual através dos ambientes dos quais faz parte naturalmente.

Por outro lado, o próprio reconhecimento social depende da função clínica e política da escuta atenda das histórias de vida, sobretudo pela capacidade de restituir ao velho o lugar de narrador e guardião da cultura, aquele que transmite a sabedoria e a experiência (*Erfahrung*) às novas gerações. A escuta valida a existência do idoso como sujeito de desejo e não apenas como corpo biológico em decadência:

> Na sociedade contemporânea, o que se observa é que as gerações mais jovens não têm tempo para ouvir atentamente e adquirir o conhecimento que pode ser alcançado através da história de vida das pessoas idosas. No entanto, consideramos que a pessoa idosa, a partir das lembranças dos anos vividos, pode ser considerada um construtor social, pois, a partir do seu passado, podemos ter acesso a um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade de informações e experiências individuais e coletivas, que não conhecemos, e que nos podem ser reveladas através de suas lembranças narradas no presente. Logo, torna-se imprescindível dar voz e escutar atentamente o que as pessoas idosas têm a nos dizer e ensinar.[469]

[469] VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 256-281, 2015. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i2p265-281. Disponível em https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27001. Acesso em 17 de Dezembro de 2025. p. 278.

3.6 Considerações finais do Capítulo

Ao encerrar este terceiro Capítulo, considero ter consolidado um dos pilares fundamentais desta Tese: o deslocamento da compreensão da memória de um registro meramente neurobiológico – sujeito à falência e ao *déficit* – para um registro sociocultural e identitário, em que a memória se revela como a última e mais potente ferramenta de resistência do sujeito que envelhece.

Demonstrei, apoiado na sociologia de Maurice Halbwachs, que a memória não é uma faculdade isolada, guardada em uma gaveta estanque do cérebro, sendo, em verdade, uma função essencialmente reconstrutiva e social. Se, como assevera o autor, 'nunca estamos sós' – mesmo nos momentos de mais íntima recordação – é porque nossas lembranças são sustentadas por quadros sociais que nos permitem reconhecê-las e localizá-las. Concluo, portanto, que o esquecimento na velhice não deve ser lido apenas como patologia neural, mas muitas vezes como sintoma do desmoronamento dos quadros sociais (trabalho, família extensa, contemporâneos) que davam suporte à identidade do idoso.

Avancei, guiado pela sensibilidade teórica de Ecléa Bosi, para a distinção crucial entre 'memória-sonho' e 'memória-trabalho'. Defendi que, para o velho, lembrar não é um refúgio passivo ou uma fuga da realidade, mas um trabalho psíquico árduo de 'garimpo' e lapidação do passado, absolutamente necessário para conferir sentido ao presente. Ao narrar, o idoso não apenas revive, mas refaz sua história, assumindo a função social de 'guardião da memória' e transmissor de cultura, unindo o começo e o fim, e humanizando o tempo presente das novas gerações.

Nesse sentido, busquei sustentar que a narrativa autobiográfica é não menos que um imperativo de enraizamento – para usar o termo de Simone Weil tal qual resgatado por Bosi – e de luta contra a 'morte social' imposta pela sociedade capitalista contemporânea. Em um mundo que descarta o improdutivo, sustentei que o ato de narrar é um ato político de afirmação do 'Eu sou' e, é claro, do 'Eu fui', uma recusa a ser reduzido a um objeto de cuidado ou a um corpo em decadência.

Contudo, para que essa memória-trabalho se realize e para que a identidade narrativa se sustente, é indispensável a presença de um interlocutor. A memória, sendo dialógica, fenece no isolamento. É aqui que este Capítulo lança a ponte necessária para o próximo passo da minha investigação. Se a memória precisa de um 'outro' para existir e se a sociedade contemporânea falha em oferecer essa escuta, cabe ao psicólogo e à instituição ocuparem esse lugar de suporte.

Ao longo do próximo Capítulo, a Palestra que intitulei 'Velhice como fase da vida: Psicologia e Filosofia da Velhice e do Envelhecimento à luz de um relato de experiência de Estágio Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)', deixarei a teoria pura para adentrar o campo da práxis.

Levarei alguns dos conceitos a que mais dei importância na Tese — o *holding* (Winnicott), a *perezhivanie* (Vygotski) e a memória-trabalho (Bosi) — para dentro dos muros de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Demonstrarei como a escuta qualificada da narrativa do velho não é apenas uma técnica de coleta de dados, mas uma intervenção clínica que devolve ao sujeito a posse de sua própria história e, consequentemente, a sua dignidade.

Capítulo 4

Palestra ‘Velhice como fase da vida: Psicologia e Filosofia da Velhice e do Envelhecimento à luz de um relato de experiência de Estágio Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)’

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada (Instituto de Filosofia e Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia), em 01 de Dezembro de 2025, para o Ciclo de Palestras do “Programa de Extensão e Pesquisa ‘Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento à Luz da Psicanálise e da Psicologia Histórico-Cultural’”.

4.1 Apresentação do Capítulo 4

Chego, enfim, ao quarto e último Capítulo desta Tese. Se, ao longo da jornada empreendida nos três Capítulos precedentes, dediquei-me à exegese conceitual, à fundamentação metapsicológica e à análise sociológica da velhice, o momento presente exige um movimento diferente. É hora de fazer a teoria ‘descer à terra’, confrontando as abstrações filosóficas e psicológicas com a materialidade dura e, por vezes, áspera da vida real.

Este Capítulo cumpre uma função dialética essencial na arquitetura desta Tese de Titularidade, na medida em que representa o momento em que a reflexão teórica se encontra com a práxis. Ele se estrutura em torno de um evento singular: a Palestra intitulada ‘Velhice como fase da vida: Psicologia e Filosofia da Velhice e do Envelhecimento à luz de um relato de experiência de Estágio Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI)’, ministrada por mim no início do mês de Dezembro do ano de 2025.

A opção por incorporar o texto desta Palestra e o relato de experiência do estágio não é mero artifício retórico. Minha decisão responde à necessidade epistemológica de demonstrar que a Filosofia da Velhice, que busco constituir, não é um exercício de gabinete; trata-se de um empreendimento cuja finalidade é também a de se tornar uma ferramenta clínica e ética indispensável para a atuação junto aos velhos institucionalizados.

Neste Capítulo, a distinção conceitual entre envelhecimento (processo), velhice (estado) e velho (sujeito) – tão arduamente defendida no Capítulo 1 – é testada no cotidiano de uma ILPI. Sustentarei que o 'modelo biomédico', no interior do qual o velho fica reduzido ao velho ao corpo decadente, opera na prática institucional, e como a perspectiva da *life-span*, da Psicanálise winnicottiana e da Psicologia Histórico-Cultural pode oferecer resistência a esse reducionismo.

Buscarei demonstrar como as ideias de (i) 'clínica do *holding*' e a 'integração da 'de-integração'' – dimensões discutidas no Capítulo 2 – e de (ii) 'memória-trabalho' – abordada no Capítulo 3 – constituem instrumentos de intervenção que permitem resgatar a dignidade e a identidade narrativa de sujeitos frequentemente silenciados pela 'conspiração do silêncio' denunciada por Simone de Beauvoir.

Portanto, este Capítulo não se propõe ser apenas um relato de caso ou uma transcrição de fala; é, acredito, a 'prova de fogo' da minha hipótese central, no caso: a de que é possível e, mais do que isso, urgente construir uma abordagem transdisciplinar que, unindo Filosofia e Psicologia, devolva ao velho a sua condição de sujeito de desejo e de história, mesmo diante da finitude e da dependência.

4.2 Introdução: o chamado à velhice e o desafio epistemológico

Boa noite a todos. É com o coração em regozijo que os recebo neste auditório para minha participação neste Ciclo de Palestras do "Programa de Extensão e Pesquisa 'Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento à Luz da Psicanálise e da Psicologia Histórico-Cultural'".

A discussão que motiva a palestra que se inicia é fomentada pela associação entre 3 (três) discussões inter-relacionadas, a saber: (i) a ideia de velhice como fase da vida na qual podemos falar em desenvolvimento; (ii) as contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento; (iii) o papel de (i) e (ii) na maneira como internalizo e analiso as vivências às quais tenho estado sujeito ao longo do meu Estágio Profissionalizante realizado em Uberlândia-MG junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), termo técnico para 'Casa de Repouso', 'Lar de idosos', 'Asilo', ou, ainda, "Instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinadas ao domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar e em condições de liberdade, dignidade e cidadania", com normas de funcionamento "estabelecidas na Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) 502, de 27 de maio de 2021"[470].

Associados, (i), (ii) e (iii) ressaltam o percurso de uma pesquisa cuja finalidade mais genérica é a de permitir uma compreensão o mais integrada possível do processo de envelhecimento e de seu resultado, a velhice, para o que dependo de uma análise multidimensional, envolvendo, a um só tempo, suas esferas (i) biopsicossociais, (ii) culturais e (iii) existenciais. A esse propósito, é importante ressaltar: os termos 'envelhecimento', 'velhice' e 'velho' se referem, respectivamente, a um processo, a um estado (ou fase da vida) e a uma realidade inapreensível a partir de um paradigma unidimensional próprio das 'ciências positivas' e do modelo médico que tão caracteristicamente regeram a Gerontologia em seus primórdios, isto é, entre as décadas de 1930 e 1950.

[470] BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Instituições de Longa Permanência para Idosos**. Brasília, DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa, 2020. Disponível em https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/servicosdesaude/saloes-tatuagens-creches/instituicoes-de-longa-permanencia-para-idosos. Acesso em 25 de Novembro de 2025.

4.3 Aspirações e fundações

Mais do que expor as linhas gerais de uma temática, minha aspiração é a de (i) oferecer uma tomada de posição filosófica sobre o envelhecimento e a velhice e, ato contínuo, a de (ii) apresentar as linhas gerais de um esforço cujo propósito é o de subsidiar uma Filosofia da Velhice e do Envelhecimento apoiada no diálogo entre abordagens teóricas que, à primeira vista, parecem díspares, como a Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural.

Esta reflexão se edifica sobre 3 (três) pilares de diferentes naturezas, a saber:

(i) Sobre uma fundação conceitual. Ao longo da minha Tese para promoção à classe de Professor Titular do Instituto de Filosofia da Universidade de Uberlândia, proponho a tese de que a velhice é uma fase da vida, um estágio pleno no processo de desenvolvimento humano, um momento de amadurecimento e recriação do *eu*, o que vai de encontro à visão comumente sustentada (e equivocada) de que a velhice é uma fase de perdas e declínios. O sucesso do meu empreendimento depende da clarificação do conceito de desenvolvimento como um processo vitalício, multidimensional e contextualizado;

(ii) Sobre uma vivência concreta, no âmbito do meu Estágio Profissionalizante em Psicologia junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

(iii) Sobre as expectativas que tenho nutrido quanto à minha quarta experiência de pós-doutorado, a ser realizada entre 2027 e 2028 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná sob a supervisão do meu parceiro Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas, quando então investigarei o que chamo de ‘eloquência das lacunas na comunicação de velhos’, isto é, uma investigação sobre o silêncio e a reconfiguração do *self* no envelhecimento sob a orientação da Narratologia cognitiva. Minha hipótese é a de o silêncio na velhice não se configura como sintoma de declínio ou vazio, mas como uma estratégia cognitiva complexa de preservação e reconfiguração da identidade diante da finitude.

4.4. O envelhecimento, a velhice e o velho: a contribuição da perspectiva *life-span*

É fundamental, antes de tudo, diferenciar os termos centrais do nosso estudo: envelhecimento, velhice e velho. Para todo aquele que, a partir da Filosofia e/ou da Psicologia, se propõe lidar com o que quer que sejam o (i) envelhecimento, (ii) a velhice e/ou o (iii) velho (idoso), deliminar precisamente esses termos é mais do que um legítimo e notável ponto de partida; é também, acredito, uma tarefa imprescindível.

A esse respeito, Matheus Papaléo Netto (1928-2016), um dos precursores da geriatria e da Gerontologia no Brasil, oferece, no primeiro dos Capítulos[471] do monumental **Tratado de Geriatria e Gerontologia**[472], uma importante contribuição conceitual, posto que modesta: (i) o envelhecimento é um processo, (ii) a velhice é uma fase da vida e (iii) o velho (ou idoso) é resultado final (o produto) do processo de envelhecimento. Se, por um lado, esses termos não se confundem, também é verdade, por outro lado, que não se separam: "O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados"[473]. Essa é a compreensão geral que tenho sustentado ao longo da Tese: (i) o envelhecimento como um processo, e mais precisamente como uma propriedade emergente de todo e qualquer sistema vivo; (ii) a velhice como uma das fases da vida; e (iii) o velho como o produto do processo que chamamos de envelhecimento. Diante do exposto, 3 são os eixos que devemos considerar quando nos debruçamos sobre as relações entre envelhecimento, velhice e velho: (i) a fundamentação da distinção conceitual, (ii) o contraste com as visões hegemônicas e, por fim, mas não menos importante, (iii) a implicação do velho como sujeito singular.

---

[471] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[472] FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p.

[473] PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88. p. 83.

A propósito do envelhecimento, e conforme salientado no subCapítulo anterior, estamos no nível do 'processo':

(i) Trata-se de um processo dinâmico, progressivo, universal e irreversível de mudança ao longo do tempo[474];

(ii) O envelhecimento é um processo vitalício de mudança, que se inicia no nascimento e perdura até a morte[475];

(iii) No nível psicossocial, o termo alude a um movimento contínuo e a um constante e sempre inacabado processo de subjetivação[476]; e

(iv) Deve-se enfatizar que este processo envolve a acumulação de mudanças biológicas, psicológicas e sociais[477].

---

[474] Conferir, dentre outras obras: CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. *In: In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 5, p. 141-164; SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54.

[475] Conferir, dentre outras obras: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história**: um estudo psicanalítico das demências. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n 'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p; PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

[476] Conferir, dentre outras obras: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[477] Conferir, dentre outras obras: ALMEIDA, Carolina Bitencourt de; GRUBITS, Heloísa. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Revista Longeviver**, ano V, n. 18, Abr/Maio/Jun. 2023. Disponível em https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/1015/1067. Acesso em 30 de Julho de 2025; NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: MOREIRA, Daniel Fuentes; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSENZA, Ramon Moreira (Orgs.). **Neuropsicologia do**

A propósito da velhice, estamos no nível do 'estado':

(i) A velhice é uma fase da vida ou o estado que resulta do processo de envelhecimento; É a fase vital final do desenvolvimento humano, o último ciclo da vida[478];

(ii) Ao contrário do termo 'envelhecimento' (movimento), o conceito de 'velhice' se refere a um estado, a uma permanência, a um tempo que não passa[479];

(iii) O termo 'velhice' é impreciso, já que 'nada flutua mais do que os limites da velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social'[480];

(iv) A velhice é uma categoria social culturalmente construída, com subdivisões (como 'terceira idade' e 'quarta idade') que variam historicamente e culturalmente[481]; e

---

envelhecimento: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. 456 p. cap. 1. p. 17-42; STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p.

[478] Conferir, por exemplo: PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.; TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

[479] Conferir, por exemplo: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história**: um estudo psicanalítico das demências. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p.

[480] Conferir, por exemplo: GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025; MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025; PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[481] Conferir, por exemplo: BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. É possível prevenir. É necessário superar. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014. 90 p. Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-

(v) Sem embargo da continuidade e da constância inerentes ao movimento do envelhecimento, o curso temporal no qual transcorre não é regular, e nem é o sujeito um espectador passivo. O envelhecimento é, nesse sentido, uma experiência psicológica, "produto de um trabalho psíquico estruturante da identidade"[482].

A propósito da constituição do velho, estamos no nível do 'sujeito'; particularmente, da 'constituição do sujeito', o produto do processo que chamamos 'envelhecimento':

(i) O velho é o sujeito que está na fase da velhice e é o produto do fenômeno 'envelhecimento'[483];

(ii) É crucial, não obstante, que resgatemos o sujeito singular escondido na categoria social do idoso[484]; e

(iii) A pluralidade de experiências deve ser reconhecida, na medida em que não existe a velhice, mas velhices, o que também significa que não existe o velho, mas velhos e velhas, em uma pluralidade de imagens socialmente construídas[485].

---

br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/manual-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-pessoa-idosa. Acesso em 15 de Novembro de 2025; MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares. Introdução. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 205 p. Disponível em https://books.scielo.org/id/d2frp. Acesso em 29 de Outubro de 2025. Introdução. p. 11-24; SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da Psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

[482] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 11.

[483] Conferir, por exemplo: PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Editores). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeditores). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

[484] Conferir, por exemplo: GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025

[485] Conferir, por exemplo: SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

Dada a complexidade dessas 3 diferentes dimensões (o envelhecimento, a velhice e o velho), as definições cronológicas que demarcam o ingresso na velhice (como 60 ou 65 anos) não são mais que meras convenções sociais, insuficientes para abarcar a subjetividade individual ou grupal. A natureza não-linear do processo de envelhecimento é um dos argumentos a favor da distinção entre velhice e envelhecimento. Com efeito, no âmbito do processo vital que chamamos envelhecimento, o sujeito se depara com uma, algumas ou várias situações nas quais se percebe velho ou envelhecido, o que (i) implica a distinção entre velhice e envelhecimento e, ademais, (ii) nos autoriza a considerar que as definições cronológicas que assinalam o ingresso na velhice não se apreendem a partir de um paradigma unidimensional[486].

A associação entre o envelhecimento e a idade cronológica é falha e arbitrária, "pois as mudanças que ocorrem não são lineares ou consistentes, e são apenas vagamente associadas à idade de uma pessoa em anos", já que, com efeito, "podem se manifestar em graus e momentos diversos, o que lhe traz uma característica heterogênea, dinâmica e de grande variabilidade tanto inter como intraindividual"[487]. A mesma ideia é sustentada pela Organização Mundial de Saúde: em seu **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**, afirma que as mudanças que constituem e influenciam o envelhecimento são complexas, nem lineares e tampouco consistentes, sendo apenas vagamente associadas e/ou associáveis à idade de uma pessoa em anos[488].

Paul B. Baltes é sem dúvida a grande referência em Psicologia do Desenvolvimento para todo aquele que pensa o desenvolvimento como um processo que perdura ao longo de todo o ciclo da vida. Esta posição é reconhecida por Papalia e Martorell[489], as quais, de maneira muito didática, expõem as proposições que marcam a abordagem que a ele atribuem:

---

[486] GOLDFARB, Delia Maria Catullo; BARBIERI, Natália Alves; GOTTER, Maria Elvira Marengo; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Depressão e envelhecimento na contemporaneidade. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2689. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 59.

[487] MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 2.

[488] WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Resumo do Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, Suíça: World Health Organization – WHO, 2015. Título original: World report on Ageing and Health. 30 p. Disponível em https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. Acesso em 28 de Outubro de 2025. p. 12.

[489] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

> (1) o desenvolvimento é vitalício, (2) o desenvolvimento é multidimensional, (3) o desenvolvimento é multidirecional, (4) as influências relativas da biologia e da cultura se alteram durante o ciclo de vida, (5) o desenvolvimento envolve mudança de alocação de recursos, (6) o desenvolvimento apresenta plasticidade, e (7) o desenvolvimento é influenciado pelo contexto histórico e cultural.[490]

O paradigma de desenvolvimento ao longo de toda a vida (*life-span*) – como também é conhecida a abordagem de Paul B. Baltes – postula o desenvolvimento como sendo um processo a um só tempo (i) contínuo, (ii) multidimensional e (iii) multidirecional, sendo as mudanças perpetradas por influências genéticas, biológicas ou socioculturais, e havendo ganhos e perdas concorrentes a partir da interatividade entre o indivíduo, a cultura, e entre os níveis e tempos das influências[491].

A revolução empreendida por essa concepção na Psicologia da Velhice e do Envelhecimento não é pequena justamente por conta da capacidade que a teoria *life-span* tem de contradizer as teorias do desenvolvimento que restringem a velhice e o envelhecimento a perdas e/ou declínios, no compasso do que propõem as ciências gerontológicas dessa segunda década do século XXI.

A busca por uma convergência em meio às definições culminou na sustentação de que o desenvolvimento deve ser primariamente compreendido como um processo – vitalício, multidimensional e multidirecional – e no qual está integrada a dialética entre mudança e estabilidade, entre a continuidade e a descontinuidade ao longo da vida humana. A posição a que cheguei se alinha a uma tendência crescente, inclusive na Filosofia, de acolher uma metafísica dos processos, em conformidade com a qual a natureza dinâmica do ser constitui o foco principal de qualquer relato filosófico abrangente da realidade. O conceito de desenvolvimento, o 'motor' pelo qual os seres humanos atravessam as diferentes fases do ciclo vital, é, portanto, o alicerce epistemológico do nosso empreendimento.

Se a Psicologia do Desenvolvimento, em sua visão *life-span*, afirma que a transformação e as mudanças são incessantes, desde a concepção até a morte, esta compreensão processual é vital para as ideias de envelhecimento, velhice e velho.

---

[490] PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p. p. 121.

[491] NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In*: MOREIRA, Daniel Fuentes; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSENZA, Ramon Moreira (Orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. 456 p. cap. 1. p. 17-42.

4.5 Simone de Beauvoir e a totalidade da velhice

Uma importante contribuição à ideia de que o envelhecimento e velhice não se deixam apreender por um prisma unidimensional é dada por Simone de Beauvoir, que, em sua gigante obra **A velhice**[492], estabelece uma base crítica para entender o tema, quando propõe que a velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade porquanto não é somente um fato biológico – embora também o seja – mas também um fato cultural. A sociedade é, em grande medida, e para o bem e para o mal, responsável pela condição do velho. Com efeito, a experiência do destino biológico da velhice é vivida de maneira variável segundo o contexto social. É escusado proceder a uma perscrutação mais minuciosa para concluir que o sentido ou o não-sentido da velhice em uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão:

> É por isso que um estudo sobre a velhice deve tentar ser exaustivo. [...] Mas se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social; inversamente: o sentido ou o não sentido de que se reveste a velhice no seio de uma sociedade coloca toda essa sociedade em questão, uma vez que, através dela, desvenda-se o sentido ou o não sentido de qualquer vida anterior. Para julgar a nossa coletividade, é necessário confrontar as soluções que ela escolheu com as que outras adotaram, através do tempo e do espaço. Essa comparação permitirá determinar o que a condição do velho comporta de inelutável, em que medida e a que preço poderiam ser amenizadas suas dificuldades e qual é, portanto, a parte de responsabilidade para com o idoso que se pode atribuir ao sistema no qual vivemos.[493]

A investigação etnográfica de Beauvoir[494] não deixa dúvidas: desde as primeiras comunidades de que se tem alguma espécie de registro, o banimento e a opressão da velhice se manifestam de múltiplas maneiras, desde mecanismos institucionais visíveis (a aposentadoria e a cultura de asilamento) a mecanismos psicológicos sutis (a crueldade ou a recusa do diálogo, muitas vezes sob a ideia equivocada de que o velho tudo pode dizer). O isolamento ao qual o velho é forçado conduz a um comportamento repetitivo e monótono:

---

[492] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

[493] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 13-14.

[494] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

> [V]ale ressaltar que o velho foi esquecido pela sociedade e tem sido oprimido de muitas maneiras, a recusa ao diálogo e o isolamento que o força a um comportamento repetitivo e monótono. Precisamos nos lembrar que a velhice, além de ser um destino do indivíduo, é uma categoria social. A sociedade rejeita e não oferece sobrevivência aos velhos e suas obras. Perdendo a força de trabalho, ele já não produz, nem reproduz. O velho já não participa mais da produção, não faz mais nada. Acaba sendo tutelado como um menor. Nos cuidados com a criança, o adulto investe para o futuro, mas em relação ao velho, age com duplicidade e má fé.[495]

A resposta radical de Beauvoir à questão de como o velho pode ter uma sobrevivência digna é clara: seria preciso que o homem sempre tivesse sido tratado como homem:

> É por isso que todos os remédios que se propõem para aliviar a depressão dos velhos são tão irrisórios: nenhum deles poderia reparar a sistemática destruição de que os homens foram vítimas durante toda a sua existência. Mesmo que se cuide deles, não se conseguirá devolver-lhes a saúde. Mesmo que se construa para eles residências decentes, não se poderá inventar-lhes a cultura, os interesses, as responsabilidades que dariam um sentido à sua vida. Não digo que seja inteiramente inútil melhorar, no presente, sua condição, mas isso não traz nenhuma solução ao verdadeiro problema da última idade: como deveria ser uma sociedade para que, em sua velhice, um homem permanecesse um homem? A resposta é simples: seria preciso que ele fosse sempre tratado como homem.[496]

[495] BIFFI, Magali Regina. **Memória e ressignificação de vida na terceira idade**: um estudo através de biografias pessoais. 2022. 98 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade LaSalle (UNILASALLE-RS), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Canoas, 2022. Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Rosa. Coorientadora: Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles. Disponível em https://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/3159. Acesso em 27 de Novembro de 2025. p. 54.

[496] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p. p. 545

4.6 Memória, narrativa e identidade: a força da Psicologia Histórico-Cultural

A Psicologia Histórico-Cultural – cujas origens são atribuídas ao trabalho de Lev Semyonovich Vygotsky e de seus colaboradores, mormente Luria e Leontiev – oferece um referencial assaz relevante para todo aquele que se propõe pensar (i) o processo do envelhecimento, (ii) a velhice enquanto fase da vida e (iii) a constituição do velho enquanto sujeito singular e coletivo. Frente ao modo de equacionamento positivista e naturalista tão fortemente arraigado nas ciências pós-Revolução Científica – e cujo ápice foi atingido no século XIX – Vygotsky propõe uma compreensão do desenvolvimento humano a partir de um paradigma dialético, no âmbito do qual está incluída a ideia de desenvolvimento como um movimento constituído dialeticamente. Frente às teorias positivistas e o modelo médico que muitas vezes reinam na epistemologia gerontológica, a Psicologia Histórico-Cultural propõe uma apreensão do fenômeno para além de sua dimensão natural e puramente biológica-fisiológica:

> Considera-se o desenvolvimento humano nesta perspectiva crítica de Psicologia como algo em movimento, construído dialeticamente, em oposição a teorias que o tratam como algo natural, puramente biológico, sendo entendida em sua totalidade, considerando suas múltiplas determinações. O que se observa é que muito pouco se tem pesquisado sobre o estágio de desenvolvimento humano da velhice e o que tem se produzido retratam uma visão fragmentada, isolada, ressaltando os aspectos biopsicossociais, não considerando os fatores históricos envolvidos que tornam este desenvolvimento possível. Em geral, compreender o psiquismo humano em sua totalidade, independente do estágio de desenvolvimento humano em questão, só será possível mediante análise da materialidade e suas múltiplas determinações, visão esta que a Psicologia Histórico-Cultural possibilita na investigação do seu objeto de pesquisa.[497]

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a subjetividade não é apenas um aspecto cerebral, e tampouco uma propriedade de uma mente em separado do corpo; a subjetividade é o sistema ou conjunto de processos psicológicos (pensamento, memória, atenção, emoção, vontade) que se formam ao longo da história do indivíduo, por meio de sua atividade mediada por instrumentos culturais – especialmente a linguagem – em contextos sociais específicos. Vygotsky e seus colaboradores buscaram entender os fenômenos psicológicos como resultado

[497] TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69. p. 55.

de um processo de constituição social do indivíduo, em que o plano intersubjetivo (das relações) é convertido em plano intrassubjetivo (no processo de desenvolvimento), postulando, para tanto, o papel dos mediadores sociais (com destaque para a linguagem) na constituição da subjetividade. A subjetividade não é inata e tampouco um reflexo passivo do mundo exterior; antes, é construída ativamente nas relações sociais. Em outras palavras, a subjetividade é a 'psique humanizada', um produto da internalização da cultura. Para a Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, a subjetividade, portanto, é o resultado internalizado das nossas relações sociais.

É com base nesse repertório teórico-conceitual que proponho sustentar a hipótese de que (i) a velhice é uma fase da vida e de que, outrossim, (ii) o envelhecimento é uma oportunidade para a reconfiguração da identidade. Essa reconfiguração ou ressignificação, nos ensinam os proponentes da perspectiva histórico-cultural, é facilitada pela interação com o meio social e pela memória coletiva, que fornece um contexto rico para a construção de novas narrativas de vida. Contribui, para tanto, a autorização que recebemos da Psicologia Histórico-Cultural para sustentar que a periodização do ciclo de vida não é rígida, relacionando-se, antes, com os processos históricos, sociais e culturais nos quais o homem está inserido[498]. Nessa esteira, a velhice pode ser vista como o ápice do desenvolvimento e não apenas como uma etapa final descendente[499].

[498] FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, v. 62, n. 24, p. 64-81, 2004. Doi: https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005. Disponível em https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3Nc5fBqVp6SXzD396YVbMgQ. Acesso em 27 de Novembro de 2025.

[499] SANTOS, Gilberto Lima dos. Os idosos e a vivência do tempo: implicações nos processos de desenvolvimento. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 11, n. 2, p. 382-400, 2018. DOI: https://doi.org/10.36298/gerais2019110213. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2023; SILVA, Margaret da Conceição. CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 151-162, 2024. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000100151&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

4.7 Ecléa Bosi e a memória como função social

É nesse contexto teórico que a contribuição de Ecléa Bosi se revela fundamental. Sua obra **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**[500], um marco da Psicologia social e das ciências humanas brasileira, corporifica os princípios da perspectiva histórico-cultural. Através do resgate das memórias dos velhos, Bosi os valoriza como sujeitos de sua história e oferece a ferramenta prática que, daquele momento em diante, se tornou imprescindível para a ressignificação identitária que defendemos, qual seja: a narrativa autobiográfica como antídoto à desvalorização social.

A ideia de narrativa autobiográfica como antídoto à desvalorização social é o motivo pelo qual importa falar de memória na velhice. Desde a publicação das obras de Simone de Beauvoir[501] e Ecléa Bosi[502], aprendemos: a memória adquire, na velhice, uma função social. Aprendemos, em outros termos, o sentido em que é legítimo dizer que a memória não é um 'espelho do passado' ou um relato factual, mas sim um fato do presente, uma reconstrução do passado modelada pelas necessidades e interrogações presentes, atuais, do sujeito.

É precisamente o que diz o filósofo e sociólogo italiano Paolo Jedlowski:

> O pensamento contemporâneo não concebe a memória como um depósito, mas como uma pluralidade de funções inter-relacionadas. O que nós chamamos de memória é uma rede complexa de atividades, cujo estudo mostra que o passado nuca permanece tal e qual, mas é sempre selecionado, filtrado e reestruturado pelas interrogações e pelas necessidades do presente, tanto no nível individual quanto no nível social.[503]

[500] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.
[501] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.
[502] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.
[503] JEDLOWSKI, Paolo. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, v. 14, n. 1 (40), p. 217-234, 2003. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643917. Acesso em 27 de Novembro de 2025. Publicação original: JEDLOWSKI, Paolo. Memorie. Temi e problemi della sociologia della memoria nel XX secolo. Rassegna Italiana, n. 3, p. 372-392, 2001. DOI: https://doi.org/10.1423/2573. Disponível em https://www.rivisteweb.it/doi/10.1423/2573. Acesso em 27 de Novembro de 2025.

Dessa forma, o ato de recordar (a reminiscência) não é um signo de deterioração senil ou saudosismo, mas uma das mais legítimas expressões da velhice; mais do que isso, a própria função social do velho, uma ferramenta de recriação da história, capaz, enquanto tal, de nos trazer o que a historiografia oficial não dá conta. Os esforços presentes nas ciências humanas e nas políticas públicas de recuperação das memórias estão associados a uma origem bastante profunda, a saber, a necessidade de enraizamento: "Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento"[504].

Como Ecléa Bosi nos mostra, a opressão da velhice está, por vezes, na espoliação das lembranças como um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito:

> Nas lembranças pode aflorar a saudade de um objeto perdido de valor inestimável que, se fosse encontrado, traria de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele. D. Brites lamenta o sumiço de um livro de modinhas *(A Lira do Capadócio)* e outro de contos caipiras ('Eu daria tudo para encontrar esse livro outra vez!').D. Lavínia perdeu a pelica que a envolvia quando nasceu, que trazia sorte e que 'de tanto andar de um lado pró outro ela desapareceu'. D. Risoleta se confidencia: 'Minha filha deu meu guarda-roupa, disse que estava cheio de traste velho, de barata. Respondi: – A casa é sua, não dando eu, pode dar o que quiser. Não sei onde foi parar minha medalha de valsa, que ganhei em Campinas. Sumiu. Não adianta nem chorar, nem procurar porque não acha mais'. O espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos. Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem o enraizamento num dado espaço, numa comunidade. Trata-se de um direito humano fundamental para Simone Weil: 'Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro'. O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento. Entre as famílias mais pobres a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado, perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças.[505]

[504] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 460.
[505] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 362. p. 459-460.

4.8 Memória-trabalho e narrativa

Segundo Daniele Borges Bezerra e Tatiana Bolivar Lebedeff,[506] a rememoração pode ser classificada em duas categorias de memória:

1. memória encerrada: trata-se, aqui, da memória do já vivido, concebida como um signo da sensação de finitude em associação com a "ideia de que não há mais o que viver, encerramento dos ciclos e encerramento da função de compartilhamento social". Este é o nível no qual o "idoso se recolhe da participação social".

2. memória aberta: esse é o nível do qual "emerge a necessidade de transmitir e garantir a continuidade do já vivido, experenciado". Trata-se, aqui, da ideia de "rememoração como o estabelecimento de uma intenção para o futuro (vínculo com o futuro) para alargar as margens do presente.

É por intermédio da narrativa que a memória se manifesta e se torna crucial para a reconfiguração da identidade na velhice. O ato de narrar permite a integração entre passado e presente e a construção de um futuro. Com efeito:

(i) narrar e lembrar conferem ao idoso o sentimento de pertencimento a uma história e à própria sociedade;

(ii) a rememoração é um trabalho ativo e consciente de elaboração das experiências. Ao narrar, o idoso integra o passado com o presente, solidificando suas identidades;

(iii) a identidade pessoal se estrutura na relação com o outro e consigo mesmo, remetendo às ideias de unidade, permanência e reconhecimento no grupo social; e

(iv) a reconstituição da memória é fundamental, pois a sociedade do consumo faz com que os significados sejam esquecidos rapidamente. A memória do idoso, pouco valorizada, tem função imprescindível na compreensão de quem somos e de como fomos forjados.

[506] BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Lugares de afeto nada empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História – seção Rio Grande do SUL / ANPUH-RS**: história, memória, patrimônio, 2012. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 1292-1293.

Segundo Leila Mara Oliveira Nogueira e colaboradores[507]:

> O gesto de narrar memórias do passado é um ato de manutenção da integridade do Eu frente despersonalização promovida pelas marcas que o tempo confere à identidade do idoso, permitindo a integração entre passado e presente e a construção deste novo devir, o 'ser idoso'.

Rememorar não é, como podemos apressadamente supomos, uma espécie de 'saudosismo' inócuo, mas, antes, uma ferramenta de recriação da identidade. Esse ofício é tão importante para os velhos que chamamos de conscientes quanto para aqueles que transitam entre os mais variados níveis de confusão mental e de demência.

Na prática, o ato de recordar não consiste apenas do que o filósofo francês Henri Bergson[508] intitula 'memória-sonho', isto é, a reviver o passado sob a égide da evocação espontânea, da imagem-lembrança. A memória é, antes, 'memória-trabalho', um trabalho de reconstrução do passado a partir das ideias atuais. Em consonância com o sociólogo francês Maurice Halbwachs[509], na maioria das vezes lembrar não é reviver; é refazer, reconstruir, repensar, utilizando as imagens e ideias do presente para reorganizar as experiências do passado. O simples ato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens e propõe a diferença em termos de ponto de vista. Não existe o passado tal qual foi. Isso se dá no inconsciente de cada sujeito. Segundo Ecléa Bosi[510]:

---

[507] NOGUEIRA, Leila Mara Oliveira; GRANADO, Laura Carmilo; MARQUES, Bruna Gabriela; SALLES, Jorge Rodrigo. Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos. **Pontos de Interrogação**, v. 11, n. 2, p. 137-161, 2021. DOI: https://doi.org/10.30620/pdi.v11n2.p137, Disponível em https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/14387. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. Cf. também GOLDFARB, Delia Maria Catullo. Memórias e temporalidades: construindo histórias. *In:* CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p. p. 95-101.

[508] BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Título original: matière et mémoire. Ano original de publicação: 1939. 290 p.

[509] HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p; HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p.

[510] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 55.

> Bergson quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que seu modo próprio de existência é um modo inconsciente. [...] As consequências metafísicas desses conceitos, que Bergson irá tirar no último Capítulo de *Matière et mémoire,* embora fundamentais para o seu pensamento, não devem entrar neste trabalho, que, como já se disse no início, visa à análise de memórias empiricamente registradas. Importa, porém, reter o seu princípio central da memória como *conservação do passado;* este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança', quer em si mesmo, em estado inconsciente.

Este trabalho reconstrutivo da memória é o que permite a re/vigor/ação da identidade, ou ainda, o que garante que o eu não seja destruído: "Acredita-se que é na evocação de um tempo pretérito prazeroso, eleito, que se suspende simbolicamente o tempo presente numa tentativa de preservação de si próprio"[511].

Em consonância com Ecléa Bosi[512]:

> [A velhice é] o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e dobram-se sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

A memória atua como a função ativa de recriar o tempo vivido, transformando o passado arquivado em um futuro possível. Por meio da rememoração, o velho busca a coerência de sua história e consegue resgatar a historicidade do Eu. Conforme nos ensina Delia Maria Catullo Goldfarb[513], um dos papéis essenciais da memória na velhice consiste no fato de que o ato de narração e, ato contínuo, de compartilhamento de conteúdos é o que permite a verbalização de vivências pregressas e, em consequência, o resgate da historicidade do Eu, salvaguardando,

---

[511] BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Lugares de afeto nada empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História – seção Rio Grande do SUL / ANPUH-RS**: história, memória, patrimônio, 2012. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 1297.

[512] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 84.

[513] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. Memórias e temporalidades: construindo histórias. *In*: CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p. p. 95-101.

destarte, a "manutenção da sua unidade subjetiva apesar de todas as mudanças promovidas pela ação do tempo e inscritas no corpo envelhecido"[514].

Essa história vivencial construída pelo sujeito – a malha formada pelos fios da memória e do desejo – não corresponde, necessariamente, à história biográfica ou cronológica:

> Tempo psicológico que nada ou pouco tem a ver com o tempo cronológico. Tempo de construção de uma 'história vivencial' que não corresponde à história biográfica, que nega a realidade objetiva; história retroativa, que tem influência sobre o passado, modificando-o nas lembranças.[515]
>
> Como ponto crucial para a compreensão das questões relativas ao envelhecimento, propus uma mudança no entendimento do fenômeno da reminiscência, entendido popularmente como uma manifestação de deterioração senil. A hipótese então apresentada foi que, contrariando esse critério, a reminiscência seja tomada como uma possibilidade elaborativa e uma afirmação identitária. Lembrando, falando e insistindo, o sujeito vai construindo uma narrativa que será o sentido de sua existência e a afirmação de sua presença, que lhe permitirá não cair no 'sem sentido' da depressão ou no 'vazio' da demência.[516]

A própria memória ignora a ordem cronológica, operando com base em índices de significação comum. É o que afirma Ecléa Bosi[517]:

[514] Cf. também NOGUEIRA, Leila Mara Oliveira; GRANADO, Laura Carmilo; MARQUES, Bruna Gabriela; SALLES, Jorge Rodrigo. Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos. **Pontos de Interrogação**, v. 11, n. 2, p. 137-161, 2021. DOI: https://doi.org/10.30620/pdi.v11n2.p137, Disponível em https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/14387. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 139-140.

[515] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 6-7.

[516] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 7.

[517] BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/4301. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

> O passado não é uma sucessão de fatos ou camadas que se vai escavando. A memória desconhece a ordem cronológica. Minha hipótese é que ela opera com grande liberdade, recolhendo fatos memorados no espaço e no tempo, não arbitrariamente – mas por que se relacionam através de índices de significação comum. São constelações de eventos mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

É justamente essa desvinculação da linearidade do tempo que nos conduz à Psicanálise, quando então a temporalidade histórica – a "malha formada pelos fios da memória e do desejo que tecem a temporalidade do sujeito"[518] – é elevada ao patamar de um eixo fundamental. Estou absolutamente de acordo com Delia Maria Catullo Goldfarb, para quem:

> A relação do homem com o tempo, tal como nos aparece na modernidade, não pode mais ser pensada sem que se dê atenção às contribuições da Psicanálise sobre este tema. A Psicanálise chama a atenção para o não-linear, para o que resiste a qualquer cronologia, para os desvios, para as nuances e, sobretudo, para a história vivencial construída de memória emocional. A memória emocional declara a presença do desejo em sua relação com a temporalidade e questiona o conceito de verdade.[519]

[518] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p.134.

[519] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p.134.

4.9 A velhice na Psicanálise: o trabalho do tempo e o eu

4.9.1 A atemporalidade do inconsciente e o trabalho psíquico

O tempo cronológico avança inexoravelmente; linearmente, talvez. Estendendo-se para além do que nos informam os relógios e os calendários, a Psicanálise nos lembra da atemporalidade do inconsciente. Segundo Andrew Balfour[520], em um texto belo e esclarecedor:

> Nosso entendimento atual é que constelações emocionais problemáticas anteriores não 'envelhecem' no sentido de diminuir ou desaparecer, mas persistem e se tornam mais poderosas à medida que a dependência aumenta e o enfrentamento adulto se torna menos eficaz, porque o inconsciente não participa do processo de envelhecimento.

Ideia semelhante é sustentada por Sandra Evans[521], para quem as ideias correntes e populares em Psicologia do Desenvolvimento – centradas na ideia de crescimento e/ou desenvolvimento – acabam por esbarrar na seguinte limitação: o inconsciente não participa do processo de envelhecimento. Na velhice, constelações emocionais problemáticas infantis podem estar presentes e atualizadas. Os processos inconscientes não são ordenados temporalmente, nem se alteram pela passagem do tempo, e o sujeito psíquico, nesse registro, não envelhece. A via do desejo nunca é fechada, pois o desejo não morre.

---

[520] BALFOUR, Andrew. Facts, phenomenology, and psychoanalytic contributions to dementia care. *In*: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 13. p. 222-247. 367 p. p. 232-233. Tradução minha para: "Our current understanding is that earlier problematic emotional constellations do not "grow old" in the sense of diminishing or fading away, but persist and become more powerful as dependency increases and adult coping falls away, because the unconscious does not participate in the process of growing older.

[521] EVANS, Sandra. 'Beyond forgetfulness': How psychoanalytic ideas can help us to understand the experience of patients with dementia. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 22, n. 3, p. 155–176, 2008. DOI: https://doi.org/10.1080/02668730802323494. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668730802323494. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

Essa premissa metapsicológica é o fundamento com base nos qual nos é permitido sustentar a clínica com a velhice, contrariando o ceticismo inicial de Freud[522], consoante o qual a análise não se aplicava a idosos, tanto por conta da suposta falta de plasticidade psíquica quanto por conta do excesso de material a ser elaborado.

Nessa perspectiva, a experiência psicológica do tempo não se mede pela exterioridade, sendo, antes, o produto de um labor psíquico estruturante de identidade. Envelhecer, então, não será seguir um caminho já traçado, mas construí-lo. É o que Delia Maria Catullo Goldfarb define como o trabalho do tempo, a saber: a construção de subjetividade[523].

[522] FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. *In:* FREUD, Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos**: 1893-1899. Volume 03. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Título original: Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen. Ano original de publicação: 1898. 325 p. cap. 11. p. 232-262; FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Die Freudsche Psychoanalytische Methode. Ano original de publicação: 1904. 401 p. cap. 4. p. 321-330; FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 4. p. 331-347; FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. *In:* FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203.

[523] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

4.10 A envelhescência

Sem embargo da continuidade e da constância inerentes ao movimento do envelhecimento, o curso temporal no qual transcorre não é irregular, e nem é o sujeito um espectador passivo. O envelhecimento é, nesse sentido, uma experiência psicológica, "produto de um trabalho psíquico estruturante da identidade"[524].

É para dar conta dessa compreensão que Manoel Tosta Berlink cunha o bem-vindo conhecimento de 'envelhescência'[525]. No seio de uma perspectiva psicanalítica, e da compreensão correlata de que o envelhecer um processo dado pela passagem do tempo cronológico, o conceito de 'envelhescência' busca expressar o trabalho psíquico do Eu que inere aos sujeitos que envelhecem:

> A envelhescência se distingue do envelhecer porque este é considerado, em nossa sociedade, como um estágio da vida que é desprezível. (...) Na envelhescência, ao contrário, o sujeito se vê na contingência de ter que pensar sua velhice, ou seja, distingui-la do preconceito e do estigma para que possa ser vivida com um mínimo de dignidade. Esse trabalho de pensamento é, via de regra, um esforço solitário que pode enriquecer o mundo interno do sujeito. [...] O que estou propondo, então, é que a envelhescência é uma recriação do eu diante das exigências pulsionais e as novas exigências do corpo que se aproxima da morte.[526]

Por meio da elaboração do conceito de envelhescência, Berlink se insere entre os psicanalistas que discordam de Freud quanto à tese do fundador da Psicanálise de que "costuma faltar a plasticidade dos processos psíquicos de que depende a terapia"[527] entre as pessoas com idade próxima ou acima dos cinquenta anos[528], ideia que continuará sustentando mais de 3 décadas depois:

---

[524] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 11.

[525] BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. *In*: BERLINK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, SP: Escuta, 2008. 408 p. p. 193-198. Publicação original: BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Pulsional:** revista de Psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 91, p. 5-8, Novembro de 1996.

[526] BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. *In*: BERLINK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, SP: Escuta, 2008. 408 p. p. 193-198. Publicação original: BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Pulsioal:** revista de Psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 91, p. 5-8, Novembro de 1996. p. 197-198.

[527] FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 3. p. 331-347. p. 342.

[528] Os velhos no tempo de Freud.

> Mas nos casos a que me refiro, todos os desenvolvimentos, vínculos e distribuições de força se revelam imutáveis, fixos e rígidos. É como vemos em pessoas bem idosas, nas quais se explica mediante a assim chamada força do hábito, o esgotamento da receptividade, uma espécie de entropia psíquica[529]

Trata-se, a envelhescência, do conceito vislumbrado por Berlink para expressar a velhice como uma fase da vida na qual é possível a "flexibilização do eu", isto é, a velhice como "mais uma etapa de ressignificação, de enriquecimento de seu mundo interno, de ida, de criação"[530]. Se de fato há um desencontro entre, de um lado, (i) um corpo que envelhece e, de outro, um inconsciente que é atemporal, então, como sustenta Ana Maria de Almeida Guerra, o conceito de envelhescência "delineia uma concepção de velhice como momento particular de recriação do eu"[531]. O trabalho de envelhescência, que naturalmente ocorre durante toda a vida – sem um momento definido de início e outro de fim – é, antes, um trabalho constante e permanente de recriação do eu. Como muito bem destaca Ana Maria de Almeida Guerra, eis o cenário que coaduna tão bem com o conceito de envelhescência:

> Estar próximo do desconhecido fim e de muitos outros desconhecidos, como o próprio corpo; perda de valor simbólico para a sociedade e de investimento dos ambientes; ter que lidar com um amplo leque de estereótipos e ideais que não condizem com a realidade singular de cada sujeito que vive a velhice; ser excluído do presente – por não ter mais serventia econômica – e do futuro – por nele se encontrar a morte; e, finalmente, ser jogado no passado. Observa-se que todas estas experiências afetariam a vivência da temporalidade e a significação da própria vida, assim como o que se faz dela.[532]

---

[529] FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. *In:* FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203. p. 193.

[530] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.

[531] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.

[532] GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na Psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025. p. 16.

4.11 O luto, a melancolia e o encontro com a dependência

A velhice é marcada pelo confronto com perdas reais e imaginárias: há perdas de laços sociais e familiares; há perdas de projetos de vida; e há a perda da juventude, o que implica, de corpos belos, saudáveis e dignos de admiração. Esse conjunto de perdas não prescinde de uma elaboração; em outras palavras, do trabalho de luto. A expressão 'trabalho' não está aí à toa; como nos ensina a Psicanálise, trata-se efetivamente de um trabalho. No caso especial do luto, referimo-nos a um luto que se estabelece não apenas diante da morte real, mas das tantas perdas, reais e imaginárias, que afetam diretamente o eu[533].

Interessante consideração é feita por Antonio Quinet[534], para quem não há perda sem um significado em particular, qual seja, a castração. As castrações são, via de regras, dolorosas, exigindo o trabalho de luto do objeto perdido. Não há saída para a dor fora desse trabalho. Além da dor que inere à emergência de um gozo inadequado para o sujeito, podemos mencionar a dor ligada à castração, na qual o sujeito está inexoravelmente vinculado à perda: "Encontramos aqui o fundamento freudiano do que desencadeia o luto, a depressão e a melancolia: a perda daquilo que escamoteava a castração"[535]. Por sua vez, Joel Birman[536], afirma que, na medida em que o futuro como possibilidade permanece entreaberto para o sujeito, a elaboração das perdas dolorosas é o que mais essencialmente o capacita a aumentar suas possibilidades desejantes, porquanto o trabalho do luto que inere à elaboração das perdas dolorosas é, *per si*, uma discriminação entre o que ainda é possível, de onde se segue a possibilidade de demarcar sua posição e, nessa esteira, reinvestir no mundo e em si mesmo. O que está em jogo na elaboração é a preservação da integridade do eu.

---

[533] VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 21-22.

[534] QUINET, Antonio. Atualidade da depressão e a dor de existir. *In*: QUINET, Antonio (Org.). **Extravios do desejo**: depressão e melancolia. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos, 2002. (Coleção Bacamarte: Psicanálise e Psiquiatria). Ano original de publicação: 1999. 320 p. cap. 5., p. 89-96.

[535] QUINET, Antonio. Atualidade da depressão e a dor de existir. *In*: QUINET, Antonio (Org.). **Extravios do desejo**: depressão e melancolia. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos, 2002. (Coleção Bacamarte: Psicanálise e Psiquiatria). Ano original de publicação: 1999. 320 p. cap. 5., p. 89-96. p. 92.

[536] BIRMAN, Joel. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na Psicanálise. *In:* VERAS, Renato (Org.). **Terceira idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1995. p. 35-48.

Um dos artifícios disponíveis para lidar com fatores que, a exemplo do luto, contribuem para a ameaça em relação à integridade do eu é o que Delia Maria Catullo Goldfarb[537] chama de reminiscência elaborativa[538], labor que consiste em uma reafirmação da própria história, e do qual se espera uma salvaguarda do declínio mental. A reminiscência elaborativa é uma forma especial de fantasia que revive a emoção da satisfação ilusória do desejo:

> Entendemos a reminiscência elaborativa como uma forma especial da fantasia que se desenvolve na velhice e que, longe de representar um fator patológico, é mais uma reafirmação da própria história que devemos considerar como uma salvaguarda do declínio mental. A reminiscência nos fala da cena que origina a lembrança e revive a emoção da ilusória satisfação do desejo. As circunstâncias do presente, trazem uma lembrança relacionada com o desejo que permite construir a ideia de continuidade do ser, trabalho incansável do eu que não cessa de escrever sua própria história.[539]

[537] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

[538] A palavra ‘elaborativa’ (e, obviamente, seu masculino ‘elaborativo’) vem do verbo latino ‘ēlabōrāre’, em que ‘ē-’ é o prefixo, que significa ‘para fora’, ‘com intensidade’, ou que indica conclusão de uma ação. O termo ‘labōrāre’ é o verbo derivado de labor, que significa ‘trabalhar’, ‘esforçar-se’ ou ‘sofrer’. Portanto, ‘ēlabōrāre’ significava literalmente ‘trabalhar algo até o fim’, ‘produzir com muito trabalho e esforço’, ‘elaborar, aperfeiçoar’. A evolução foi: ‘ēlabōrāre’ → ‘elaborare’ (Italiano) → ‘elaborar’ (Português) → ‘elaborativo’/’elaborativa’ (adjetivos). O termo ‘trabalho’ (que vem de labor) representa o conceito geral de esforço, atividade produtiva e aplicação de energia. É a matéria-prima da ação. Por sua vez, o termo ‘elaborativa’ (que vem de ‘ēlabōrāre’), representa uma qualidade específica desse trabalho. É um trabalho que foi levado ‘para fora’ (‘ē-’) de seu estado bruto, ou seja, foi desenvolvido, refinado, aperfeiçoado e concluído com esforço. Em outras palavras, o trabalho é o ato base e ‘elaborativo’ é o atributo de um trabalho que foi feito com cuidado, detalhe e dedicação, levando-o à sua forma completa e complexa.

[539] GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 198.

O fracasso na elaboração do luto pode levar à depressão. Conforme Ângela Maria de Sousa Mucida[540], a depressão é uma das consequências mais previsíveis em relação de um trabalho de luto inoperante. Kátia Cherix e Nelson Ernesto Coelho Junior[541] oferecem uma contribuição importante quando afirmam que o trabalho de elaboração nunca se restringe aos lutos atuais. A esses, se associam lutos pregressos não elaborados. Se situações traumáticas desses lutos pregressos trazem sequelas, uma das consequências é o desenvolvimento de quadros psicopatológicos importantes e com prognóstico reservado, nos quais o sujeito se mantém refém da dor constitutiva de sua "histórica narcísica".

Em **Luto e melancolia**[542], Freud explica que, na melancolia, "a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado", levando o eu a se sentir odiado e perseguido, o que pode culminar no medo da morte:

> O artigo seminal de Freud de 1917, **Luto e Melancolia**, escrito há mais de um século, nos apresenta a imagem da 'Sombra do Objeto'. Trata-se do vazio em forma de pessoa deixado pelo ente querido que faleceu ou partiu. Os enlutados são impactados por esse vazio, vivenciado como parte de si mesmos nas sombras, o que frequentemente diminui seu senso de identidade e a essência da vida: a sombra recai 'sobre o ego'. Abandonar a sombra 'em forma de objeto" (Bollas, 1998) é tão doloroso quanto necessário para reencontrar a plenitude. Doloroso porque representa o abandono desse último apego, o investimento que Freud chama de catexia, que representa a profunda conexão com a pessoa falecida.[543]

---

[540] MUCIDA, Ângela Maria de Sousa. **O sujeito não envelhece**: Psicanálise e velhice. 2ª edição revisada. 6ª reimpressão. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2025. Ano original de publicação: 2004. 230 p.

[541] CHERIX, Kátia; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Luto e melancolia nas demências: a Psicanálise na clínica do envelhecimento. **Trivium**: estudos interdisciplinares, v. 10, n. 2, 2018. DOI: https://doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.182. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v10n2/v10n2a06.pdf. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

[542] FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In:* FREUD, Sigmund. **introdução ao Narcisismo, Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos**: 1914-1916. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Trauer Und Melancholie. Ano original de publicação: 1917 [1915]. 225 p. cap. 4. p. 127-144. p. 133

[543] EVANS, Sandra. The experience of loss in dementia; melancholia without the mourning? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 5, p. 56-69. p. 56. Tradução minha para: "Freud's seminal 1917 paper, **Mourning and melancholia** written more than a century ago, gives us the image of the 'Shadow of the Object'. This is the person-shaped void left by the lost loved one, who has died or left us. The bereaved are impacted by this emptiness which is experienced as a part of themselves in the shadows an which often diminishes their sense of self and the essence of life: the shadow falls 'upon the ego'. Giving up the 'object-shaped' shadow (Bollas, 1998) is as painful as it is necessary to re-experience wholeness once again. Painful because it represents giving up that final attachment, the investment Freud calls cathexis, which represents the profound connection with the lost person".

A experiência da perda, particularmente em quadros de demência, levanta a questão da 'melancolia sem luto'. Alguns dos autores psicanalíticos que tenho estudado, como Sandra Evans[544], sugerem que se o paciente com doença de Alzheimer não 'sabe' o que está perdendo (memórias e competências), ele não pode iniciar o trabalho de luto pela perda desses elementos, pois o objeto perdido não pode ser lamentado: "alguns pacientes com doença de Alzheimer, em particular, que parecem não 'saber' o que estão perdendo, não conseguem começar a lamentar suas memórias e competências"[545].

Um aspecto central da velhice, que desafia o Eu, é o encontro com a dependência. Enquanto na primeira metade da vida a meta é a maximização da autonomia, na velhice, o uso produtivo e criativo da dependência torna-se crítico para manter alguma independência:

> A expressão da sabedoria torna-se cada vez mais difícil à medida que se atinge a idade avançada, e seu próprio conteúdo inclui o reconhecimento e o domínio das perdas da vida. [...] Enquanto o foco principal da primeira metade da vida é a maximização da autonomia, a agenda de desenvolvimento muda na velhice. Na velhice, para lidar eficazmente com as perdas relacionadas à idade e manter alguma independência, o uso produtivo e criativo da dependência torna-se crucial. Ao recorrer à dependência e ao apoio, recursos são liberados para uso em outros domínios que envolvem eficácia pessoal e crescimento. [546]

[544] EVANS, Sandra. 'Beyond forgetfulness': How psychoanalytic ideas can help us to understand the experience of patients with dementia. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 22, n. 3, p. 155–176, 2008. DOI: https://doi.org/10.1080/02668730802323494. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668730802323494. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

[545] EVANS, Sandra. 'Beyond forgetfulness': How psychoanalytic ideas can help us to understand the experience of patients with dementia. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 22, n. 3, p. 155–176, 2008. DOI: https://doi.org/10.1080/02668730802323494. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668730802323494. Acesso em 28 de Novembro de 2025. p. 156.

[546] BALTES, Paul B.; LINDENBERGER, Ulman; STAUDINGER, Ursula Marie. Life Span Theory *in* Developmental Psychology. *In:* LERNER, Richard Martin. (Ed.). DAMON, Willian; LERNER, Richard Martin (Editors-*in*-Chief). **Handbook of Child Psychology**. volume one: Theoretical models of Human Development. 6th Ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006. 1084 p. chapter 11. p. 569-664. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111. p. 579. Tradução minha para: "The expression of wisdom becomes more and more difficult as the oldest ages are reached, and its very content includes the recognition and mastery of the losses of life. [...] While the primary focus of the first half of life is the maximization of autonomy, the developmental agenda changes in old age. In old age, to deal effectively with age-based losses and to retain some independence, the productive and creative use of dependency becomes critical. By invoking dependency and support, resources are freed for use in other domains involving personal efficacy and growth.".

Na mesma direção, Rachael Davenhill[547] afirma:

> A velhice pode envolver tanto a celebração e o reconhecimento dos caminhos percorridos quanto, quando as coisas melhoraram em vez de piorarem, a consciência dos caminhos não trilhados, com alguma incompreensão e aceitação do porquê e do porquê não, respectivamente. Envolve também um verdadeiro luto por aspectos da vida que não foram, ou que podem ter de ser, abandonados caso, por exemplo, a saúde se agrave, um ponto em que o indivíduo pode ter de tolerar a sua crescente consciência de se tornar mais dependente de outras pessoas. A forma como o equilíbrio entre dependência e independência é abordado, tanto para o indivíduo como para aqueles que cuidam dele, é um tema recorrente ao longo deste livro, levantando questões importantes e fundamentais relativas à dignidade e à individualidade, que são violadas quase que invariavelmente em muitas interações com pessoas idosas.

O aumento da dependência e da fragilidade (corpo-em-si) intensifica ansiedades e pode reativar medos inconscientes de um retorno a estados primitivos de desamparo (*Hilflosigkeit*), que é a perda do apoio sobre o objeto de amor primário:

> As ‘catástrofes’ da velhice, como a demência, trazem a ameaça de ser abandonado a um estado de total desamparo, o que também pode, em um nível inconsciente, carregar o medo de um retorno traumático a estados anteriores de dependência. A forma como se lida com esses medos, ou como se enfrenta e tolera essa dependência, dependerá do legado interno de experiências passadas.[548]

[547] DAVENHILL, Rachael. Developments in psychoanalytic thinking and in therapeutic attitudes and services. *In*: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 1. p. 11-34. 367 p. p. 19. Tradução minha para: “Old age can involve both a celebration and an acknowledgement of the paths that have been taken and, where things have gone for better rather than for worse, an awareness of paths not taken, with some un-derstanding and acceptance of why and why not, respectively. It also involves a true mourning of aspects of life that have not been, or may have to be, given up if, for example, ill health sets in, a point at which the individual may have to tolerate his or her increasing awareness of becoming more dependent on other people. How the balance of dependence and independence is approached for the individual and those who care for him or her is a theme that will recur throughout this book, raising important and fundamental issues with regard to dignity and personhood that are breached almost as a matter of course in many interactions with older people. ”

[548] BALFOUR, Andrew. Facts, phenomenology, and psychoanalytic contributions to dementia care. *In*: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 13. p. 222-247. 367 p. p. 232-233. Tradução minha para: “The ‘catastrophes’ of old age, such as dementia, carry the threat of being abandoned to a state of utter helplessness, which may also at an unconscious level carry fears of a traumatic return to earlier states of dependency. How one manages such fears, or faces and tolerates such dependency, will depend on the internal legacy of earlier times”.

4.12 Exclusão, demência e a ética da escuta especializada

4.12.1 O banimento do velho e a perda da agência

A discussão sobre a velhice não pode se restringir ao indivíduo; ela deve envolver a crítica social e filosófica ao modo como a sociedade trata o fenômeno.

A Gerontologia Crítica defende que a desvantagem e a marginalização da pessoa idosa resultam de forças socioestruturais e da economia política que promovem a dependência, e não de processos individuais ou biológicos inevitáveis. Dentre os fatores sociais, podemos mencionar a discriminação de gênero, a discriminação racial e, é claro, as consequências de decisões políticas. A conjunção desses fatores não apenas afeta de maneira negativa a constituição identitária de homens e mulheres idosos, como, adicionalmente, contribui para sua marginalização nos mais diversos espaços sociais[549]:

> Antes do surgimento da literatura de 'Gerontologia crítica' na década de 1990, os idosos não ocupavam um lugar central nessas discussões, embora fossem abordados implicitamente em muitas delas Inspirando-se na literatura neomarxista, a Gerontologia crítica difere de outras perspectivas gerontológicas por considerar a situação dos idosos como produto de forças estruturais sociais, e não de processos individuais e psicológicos naturais ou inevitáveis. Assim, as políticas de manutenção da renda para os idosos devem ser entendidas não apenas como uma forma de compensar o declínio físico na velhice, mas sim como um meio de retirar os trabalhadores mais velhos da força de trabalho industrial em nome da promoção da eficiência econômica. As intervenções modernas de saúde para idosos visam menos atender às suas necessidades indiscutíveis do que desviar verbas públicas para os setores predominantemente privados de hospitais, casas de repouso e saúde mental. O sucesso desses esforços pode ser parcialmente compreendido como resultado do poder declarado de atores dominantes do setor privado, mas uma explicação mais adequada reside na ideia de falsa consciência, aqui aplicada aos idosos, segundo a qual as pessoas aceitam como legítimas as condições que levam à sua própria exploração[550].

---

[549] Cf. ACHENVAUM, W Andrew. A Metahistorical Perspective on Theories of Aging. *In:* BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds**.) Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 2. p. 25-38; ESTES, Caroll. **The aging enterprise**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1979. 301 p.; ESTES, Caroll. **Social policy & aging**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. 287 p.; MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll. **Critical gerontology**. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1998. 390 p.; PHIILIPSON, Chris. Capitalism & the construction of old age. London, UK: Macmillan, 1982. 188 p.; TOWNSEND, Peter. Structured dependency of the elderly. **Ageing & Society**, v. 1, p. 5–28, 1981. DOI: https://doi.org/10.1017/S0144686X81000020. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/structured-dependency-of-the-elderly-a-creation-of-social-policy-in-the-twentieth-century/52F8E7E344E908386E878F53DB25CF6C. Acesso em 29 de Novembro de 2025.; WALKER, Alan. Pensions and the production of policy in old age. *In*: PHIILIPSON, Chris; WALKER, Alan (Eds.). **Aging and social policy**: A critical assessment. Aldershot, Hampshire, UK: Gower, 1986. 334 p. p. 86–99.

[550] HUDSON, Robert B. From Industrializai-o to Institutionalism: Theoretical Accounts of Aging Policy Development in the United States. *In*: BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.;

A tirar pelo que está muito bem esclarecido na citação acima, a emergência da Gerontologia crítica e sua consideração do envelhecimento como uma experiência e um processo socialmente construídos muito contribuiu para uma visão mais arguta do espaço de direito retirado dos velhos[551]. À Gerontologia crítica, associaram-me os estudos em Economia Política que realçam a importância do Estado e da Economia na construção social da velhice[552]. Uma boa ou má interação entre o Estado e Economia pode gerar ou minimizar as desigualdades na experiência de envelhecer, com consequência para (i) o padrão de vida, (ii) expectativa de vida e (iii) expectativas da vida diária. Diante desse quadro, urge desenvolver "uma análise crítica dos processos que levam ao empoderamento e ao controle de algumas pessoas idosas, enquanto criam dependência e impotência para outras"[553].

Sob a égide do que Stephen Post[554] define como o 'paradigma hipercognitivo', a sociedade tende a determinar o valor da pessoa exclusivamente por suas capacidades mentais e racionais, o que isola drasticamente os idosos, especialmente aqueles afetados pela demência. Posição idêntica é a de Rahel Rivera Benesch-Godoy[555], para quem é comum encontrar narrativas sobre a velhice que buscam, em grande medida, neutralizar a angústia associada à perda progressiva de autonomia. Talvez, essa produção narrativa está a serviço de uma reação ao 'medo do declínio contínuo', funcionando, destarte, para fabricar uma ilusão de controle sobre o destino. Todavia, essa abordagem revela sua fragilidade ao basear-se em uma

---

GANS, Daphna. (Eds.) **Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 29. p. 531-554. p. 535.

[551] WALKER, Alan. Towards a political economy of old age. **Ageing & Society**, v. 1, p. 73-94, 1981. DOI: https://doi.org/10.1017/S0144686X81000056. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/towards-a-political-economy-of-old-age/4FC23A5DCB7CA1A3EF319AC98103C22E. Acesso em 29 de Novembro de 2025..

[552] ESTES, Caroll. **The aging enterprise**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1979. 301 p.; ESTES, Caroll. Critical gerontology and the new political economy of aging. In: MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll. **Critical gerontology**. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1998. 390 p. cap. 1. p. 17-30.

[553] PHILLIPSON, Chris. Reconstructing Theories of Aging: The impact of globalization on Critical Gerontolgy. *In*: BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds.) **Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 33. p. 615-628. p. 616. Cf. HENDRICKS, Jon; LEEDHAM, Cynthia A. Dependency or empowerment? Toward a moral and political economy. *In*: MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll (Eds.). **Critical perspectives on aging**. The political and moral economy of growing old. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1991. (Policy, Politics, Health, and Medicine Series). chap. 4. p. 51-64; POWELL, Jason L. Philosophy, welfare and aging. **Open Journal of Geriatrics**, v. 1. n. 2, p. 7-14, 2018. DOI: DOI: https://doi.org/10.22259/2639-359X.0102002. Disponível em https://sryahwapublications.com/article/abstract/2639-359X.0102002. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

[554] POST, Stephen G. Respectare: Moral Respect for the Lives of the Deeply Forgetful. *In*: HUGHES, Julian C.; LOUW, Stephen C.; SABAT, Steven R. **Dementia**: Mind, Meaning, and the Person. Oxford, UK: Oxford UP, 2006. (International Perspectives in Philosophy and Psychiatry). chap 14. p. 223-234.

[555] BENESCH-GODOY, Rahel Rivera. Ageing, Agency, and Autobiography: Challenging Ricoeur's Concept of Narrative Identity. *In*: MORENO, Marta Cerezo; SOLER, Nieves Pascual. **Traces of aging**: Old Age and Memory in Contemporary Narrative. Bielefeld, Germany: Transcript Publishing, 2016. 192 p. chap 4. p. 91-110.

concepção cartesiana que dissocia mente e corpo, uma premissa que não se sustenta quando o próprio aparato cognitivo é afetado pela senescência. O paradoxo subjacente – tentar afirmar a identidade através de um instrumento (a mente narrativa) que está sob ameaça – conecta-se a uma crítica mais ampla da sociedade. É precisamente nesse fenômeno que Stephen G. Post[556] identifica o 'hipercognitivismo', a lógica social que atribui valor pessoal principalmente às funções racionais, contra a qual sustenta uma concepção de identidade que integre os fatores emocionais. É escusado mais esforços para concluir que a hegemonia de teorias que privilegiam a autoformação consciente da identidade culmina na exclusão social dos idosos, em especial dos que vivem com demência.

A compreensão biológica da demência exerce influência direta na percepção social do indivíduo afetado, moldando a interpretação de seus comportamentos e as formas de oferecer suporte. Quando a ênfase recai exclusivamente sobre a degeneração neuronal e a perda cognitiva, em detrimento da reserva cerebral e das funções preservadas, fortalece-se uma visão reducionista. Nessa perspectiva, defendida por alguns filósofos e leigos, o eu ou a personalidade sofreria uma deterioração progressiva, culminando na perda quase total das características que conferem humanidade ao indivíduo. Nesse entendimento, a doença neurológica, ao corroer as faculdades cognitivas, destruiria o próprio alicerce da identidade pessoal. Consequentemente, a pessoa com demência avançada seria vista como efetivamente desumanizada, um estado frequentemente descrito como uma 'morte em vida. Contrapondo-se a essa visão, uma abordagem alternativa sobre a patologia em condições progressivas como o Alzheimer revela um quadro mais complexo. De acordo com esta visão, ainda que a disfunção do córtex associativo comprometa o conhecimento objetivo do mundo, ela não anula necessariamente o senso de identidade, a agência ou a individualidade. Dessa forma, o cerne da questão pode não residir no modelo neurológico em si, mas na sua apropriação por uma cultura ocidental marcadamente 'hipercognitiva', que supervaloriza a razão em detrimento de outras dimensões humanas.[557]

---

[556] POST, Stephen G. Respectare: Moral Respect for the Lives of the Deeply Forgetful. *In*: HUGHES, Julian C.; LOUW, Stephen C.; SABAT, Steven R. **Dementia**: Mind, Meaning, and the Person. Oxford, UK: Oxford UP, 2006. (International Perspectives in Philosophy and Psychiatry). chap 14. p. 223-234.

[557] DOWNS, Murna; CLARE, Linda; ANDERSON, Elizabet.Dementia as a biopsychosocial condition: implications forpractice and research. *In*: WOODS, Bob; CLARE, Linda. **Handbook of the Clinical Psychology of Ageing**. 2nd edition. Chichester, West Sussex, UK: John Wiley & Sons Ltd, 2008. 653 p. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470773185. chap. 10. p. 145-159.

O 'hipercognitivismo' é apenas uma parcela da estigmatização e marginalização pelo qual passa a pessoa idosa, responsável por carregar os sinais de fragilidade que contradizem os valores contemporâneos da nossa cultura, como produtividade e juventude. Essa exclusão social deposita no velho tudo o que remete à inutilidade, finitude e morte, fazendo com que ocupe o lugar de 'resto' na cultura. Pode-se concluir: a 'economia moral' da velhice especifica como as políticas sociais e a própria cultura criam um contexto de desvantagem.

No âmbito da economia moral, afirmam Ben Lennox Kail, Jill Quadagno e Jennifer Reid Keene [558], a combinação das perspectivas da desvantagem cumulativa e da economia moral proporciona uma análise mais sofisticada para compreender as disparidades econômicas na velhice. A abordagem da desvantagem cumulativa demonstra que tais desigualdades não são aleatórias; são, em verdade, o resultado do acúmulo sistemático de privações ao longo da vida, influenciado por posições sociais específicas. Este processo de acumulação de desvantagens é impulsionado (i) pela dinâmica do mercado e (ii) pelo acesso diferencial a benefícios públicos na aposentadoria. Complementarmente, a Economia Moral especifica como as próprias políticas de bem-estar social, criadas para mitigar essas iniquidades, são moldadas por constructos sociais. Tais constructos são baseados em discursos morais que distinguem entre beneficiários 'merecedores' e 'não merecedores'. Nesse contexto, narrativas que acusam os idosos de onerar financeiramente as gerações mais jovens atuam como um mecanismo retórico para impedir o apoio político a medidas redistributivas existentes.

Em instituições como as ILPIs, essa marginalização pode se manifestar de forma aguda. A dependência, saliente na infância, reaparece na velhice; a vida do idoso pode estar nas mãos dos cuidadores, o que reduz suas perspectivas de serem vistos como agentes:

[558] KAIL, Ben Lennox; QUADAGNO, Jill; KEENE, Jennifer Reid. The political economy perspective of aging. *In:* BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds**.) Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 30. p. 555-572.

> [A] forma como o envelhecimento afeta a identidade pessoal tem um componente social e intersubjetivo. A constituição dessa subjetividade deve ser considerada como uma interação contínua entre 'Eu' e 'Mim', que é uma relação dinâmica entre como uma pessoa se vê e como ela se imagina aos olhos dos outros'. A capacidade do sujeito de se ver como um objeto (reflexividade) é mediada. Em particular, a dependência dos outros, que é saliente na infância, reaparece na velhice. Nadobnik e colegas mencionam a transformação profunda do eu em idosos que necessitam de cuidados e se tornam objetos das ações de outros. Suas vidas estão nas mãos dos cuidadores dos quais dependem. Isso reduz suas chances de serem vistos como agentes com direito a tomar suas próprias decisões.[559]

4.13 O desafio da demência: além do biologismo

A demência é uma perda abrangente: (i) de memória, (ii) do sentido de *self* ou de identidade, (iii) de relacionamento com os outros, (iv) de linguagem, (v) de independência, (vi) de formas de ser anteriormente integradas e, dentre outras possíveis, (vii) de sentido de realidade[560]. Em sintonia com essa compreensão, Emma Coonan[561] assume como um dos objetivos de seu trabalho defender que a compreensão da demência como perda abrangente nos permite traçar "um retrato mais completo da pessoa com demência, reforçando o argumento de que não é apenas o cérebro cognitivo que sofre e, portanto, não é apenas o cérebro cognitivo que deve ser considerado no tratamento de uma pessoa com demência". Segundo Thais Barroso Duarte[562], se é verdade que a "categoria demência engloba uma série de doenças neurodegenerativas de etiologia desconhecida", também é verdade que múltiplos são os "aspectos causais".

---

[559] MASSIE, Pascal; STAUDE, Mitchell. Ageing-in-the-world. **Continental Philosophy Review**, v. 57, p. 565-584, 2004. DOI: https://doi.org/10.1007/s11007-024-09630-w. Disponível em https://link.springer.com/article/10.1007/s11007-024-09630-w. Acesso em 29 de Novembro de 2025. p. 561.

[560] Cf. NUSSBAUM, Abraham M. Changing the name of dementia during residency training: From medication management to CBT to psychodynamic psychotherapy. **Bulletin Of The Menninger Clinic**, v. 75, n. 3, p. 254-266, 2011. Doi: https://doi.org/10.1521/bumc.2011.75.3.254. Disponível em https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/bumc.2011.75.3.254. Acesso em 01 de Dezembro de 2025.

[561] COONAN, Emma. **An examination of the use of psychoanalytic approaches in treating dementia therapeutically**. 2015. 32 p. Thesis submitted in partial fulfilment of the requirements of the higher diploma in counselling and psychotherapy (Counselling and Psychotherapy Course) – Dublin Business Scholl (DBS), Counselling and Psychotherapy Course, Dublin-IE, 2015. Supervisor: Dr. Mary Bartley. Available in https://esource.dbs.ie/bitstream/handle/10788/2883/hdip_coonan_e_2015.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 26 de Outubro de 2025. p. 6. Tradução minha para "In-so-doing a fuller Picture of the person with dementia is formed, lending weight to the argument that it is not just the cognitive brain that suffers and therefore it is not just the cognitive brain thatshould be appealed to when treating a person with dementia".

[562] DUARTE, Thais Barrroso. **Desafios e possibilidades da clínica com demência**: escutando o sujeito silenciado. 2024. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro-RJ, 2024. Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba. Disponível em https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/21758. Acesso em 01 de Dezembro de 2025. p. 7

Nesse sentido, é preciso revisitar a tendência terapêutica corrente centrada nos "aspectos biológicos e neurológicos para seu tratamento puramente cognitivo por intermédio de intervenções medicamentosas e/ou estimulação cognitiva para reabilitação". Cabe, para além do tratamento sob a égide do modelo médico, visar ao sujeito e à dimensão subjetiva de fenômenos como "os esquecimentos e as repetições". Nesse sentido, é importante se perguntar: como o espaço ocupado pelas pessoas idosas em nossa sociedade repercute no psiquismo daqueles que vivenciam a senescência ou a senilidade? Haverá, para além do que é alcançado pela metodologia das ciências positivas e do modelo médico, a possibilidade incluir, nas teorias etiológicas da demência, um espaço para a "desestruturação narcísica" e para o "encontro com algo insuportável psiquicamente"[563]?

Com efeito, a ênfase do modelo médico tradicional na deterioração orgânica frequentemente falha por não dar conta da complexidade e sutileza da experiência humana. A percepção dessa limitação muito tem a ver com o desenvolvimento de estudos sobre "qual significado pode ser atribuído à comunicação e ao comportamento de pessoas com demência à medida que a doença progride"[564], ampliado de maneira considerável no século XXI. Em associação com as pesquisas e relatos que associam a demência a perdas cognitivas, mormente as faculdades de memória e linguagem, tem havido uma ênfase cada vez maior no que alguns autores chamam de 'sintomas não cognitivos'[565] e, em consequência, a ampliação de abordagens terapêuticas não-cerebralistas para o cuidado de pessoas com demência. Desde a

[563] DUARTE, Thais Barrroso. **Desafios e possibilidades da clínica com demência**: escutando o sujeito silenciado. 2024. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro-RJ, 2024. Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba. Disponível em https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/21758. Acesso em 01 de Dezembro de 2025. p. 7

[564] BALFOUR, Andrew. Facts, phenomenology, and psychoanalytic contributions to dementia care. In: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 13. p. 222-247. 367 p. p. 230. Tradução minha para "what meaning can be accorded to the communication and behaviour of people with dementia as the disease progresses".

[565] BALFOUR, Andrew. Facts, phenomenology, and psychoanalytic contributions to dementia care. In: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 13. p. 222-247. 367 p.; BERRIOS, Germam E. Non-cognitive symptoms and the diagnosis of dementia: Historical and clinical aspects. **British Journal of Psychiatry**, v, 154, p. 11–16, 1989. PMID: 2690875. Disponível em https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2690875/. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; BURNS, Alastair; JACOBY, Robin; LEVY, Raymond. Psychic phenomena in Alzheimer's disease. **British Journal of Psychiatry**, v. 157, n. 1.p. 72–79, 1990. DOI: https://doi.org/10.1192/bjp.157.1.86. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/abs/psychiatric-phenomena-in-alzheimers-disease-iv-disorders-of-behaviour/0F42C1B7F54DC7BE6AF2AFD66B106B08. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; CHESTON, Richard; BENDER, Mike. Brains minds and selves: Changing conceptions of the losses involved in dementia. **British Journal of Medical Psychology**, v. 72, n. 2, p. 203–216, 1999. DOI:https://10.1348/000711299159952. PMID: 10397425. Disponível em https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10397425/. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

década de 1970, alguns autores têm sido particularmente importantes em relativizar ou mesmo questionar o alcance do modelo médico das demências, indo de encontro à prevalência das explicações centrados em fatores orgânicos (cerebrais patológicos) em detrimento de aspectos psicológicos e sociais, isto é, à primazia de uma visão 'monista' da demência[566].

A exemplo de Jane Garner[567], há quem afirme não haver qualquer relação de linearidade entre patologias cerebrais, tais quais observadas em exames de imagem, e os níveis de capacidade: o modo como a demência se apresenta e é experienciada remete a fatos biopsicoculturais; uma etiologia orgânica não está em questão:

[566] BENDER, Mike. **Explorations in Dementia**: Theoretical and Research Studies into the Experience of Remediable and Enduring Cognitive Losses. London, UK: Jessica Kingsley, 2003. 444 p.; FERTZINGER, M. Alzheimer's disease and the mind/body problem. *In*: MAYEAUX, Richard; GURLAND, Barry; BARRETT, Virginia W. Barrett; KUTSCHER, Austin H.; COTE, Lucien E.; PUTTER, Zetta H. Putter (Eds.). **Alzheimer's Disease and Related Disorders**. Springfield, IL: Charles C Thomas, 1988. 211 p. p. 68-63; GUBRIUM, Jaber Fandy 'Jay'. Structuring and destructuring the course of illness: The Alzheimer's disease experience. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 10, p. 289–298, 1987. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.1987.tb00034.x. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9566.1987.tb00034.x. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; KITWOOD, Tom. Explaining senile dementia: The limits of neuropsychological research. **Free Association**, v. 10, p. 117–140, 1987. Disponível em https://opus4.kobv.de/opus4-Fromm/frontdoor/index/index/docId/32761. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; KITWOOD, Tom. The contribution of psychology to the understanding of dementia. *In*: GEARING, Brian; JOHNSON, Malcoln; HELLER, Tom (Eds.). **Mental Health Problems in Old Age**: a reader. London, UK: Wiley, 1988; KITWOOD, Tom. Brain, mind and dementia, with particular reference to Alzheimer's disease. **Ageing and Society**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 1989. DOI: https://10.1017/S0144686X00013337. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/abs/brain-mind-and-dementia-with-particular-reference-t o-alzheimers-disease/959C19A1B2AD5E6DEC0DC6A8A70654A7. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; KITWOOD, Tom. **Dementia reconsidered**: The person comes first. Buckingham, UK: Open University Press, 1997. 160 p; MEACHER, Michael Hugh. **Taken for a Ride**. Special Residential Homes for Confused Old People – A Study of Separatism in Social Policy. London, UK: Longman, 1972. 546 p.; MIESSEN, Bère M. L. Alzheimer's disease, the phenomenon of parent fixation and Bowlby's attachment theory. **International Journal of Geriatric Psychiatry,** v. 8, n. 2, p. 147–153, 1993. DOI: https://doi.org/10.1002/gps.930080207. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/gps.930080207. Acesso em 02 de Dezembro de 2025; SCHMID, Armando H. Dementia, related disorders and old age: Psychodynamic factors in diagnosis and treatment. **American Journal of Psychoanalysis**, v. 50, p. 253–262, 1990. DOI: 10.1007/BF01252122. PMID: 2240287. Disponível em https://link.springer.com/article/10.1007/BF01252122. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

[567] GARNER, Jane. Where lies the expert? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 2, p. 15-27.

> Todos aqueles que trabalham com pacientes sabem que a raiva pode desbloquear temporariamente o fluxo da linguagem e da memória. Da mesma forma, uma intervenção terapêutica, proporcionando a sensação de compreensão, pode integrar a memória, ainda que por um breve momento. O comprometimento causado por fatores emocionais é passível de mudança. O comprometimento orgânico precisa ser reconhecido e o luto deve ocorrer pelas células cerebrais lesadas e pelas habilidades perdidas (Sinason, 1992). Solms (1995) preocupa-se com o fato de que, na psiquiatria contemporânea, 'o cérebro é mais real do que a mente'. É fácil atribuir tudo sobre um paciente com demência a um comprometimento de base orgânica, mas, ao fazê-lo, perde-se a complexidade e a sutileza da experiência e interação humanas, bem como a oportunidade para intervenção psicoterapêutica. Ao atender um paciente com demência, a qualidade emocional da relação entre terapeuta e paciente requer atenção especial.[568]

A Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural, cada qual à sua maneira, desafiam essa visão 'cerebralista'. Conquanto a etiologia orgânica não esteja em questão, a apresentação da doença é, desde suas origens, biopsicossociocultural. O sofrimento e a psicopatologia na demência (como a depressão ou a ansiedade) não são determinados apenas pela lesão, o que significa: "sabemos que sintomas psicológicos não podem ser reduzidos a lesões orgânicas"[569]. É o que afirma, em outro texto, Jane Garner[570]:

---

[568] GARNER, Jane. Where lies the expert? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 2, p. 15-27. p. 18. Tradução minha para "All those who work with patients are aware that anger can temporarily unlock a flow of language and memory. Similarly, a therapeutic intervention, giving a feeling of being understood, may integrate the memory if only for a moment. Emotionally caused impairment is open to change. Organic impairment needs to be recognised and mourning take place for injured brain cells and lost abilities (Sinason, 1992). Solms (1995) is concerned that in contemporary psychiatry 'the brain is more real than the mind'. It is easy to attribute everything about a patient with a dementing illness to organically based impairment, but in doing so one misses the complexity and subtlety of human experience and interaction as well as the opportunity for psychotherapeutic intervention. When seeing a patient with a dementing illness the emotional quality of the relationship between therapist and patient needs particular attention". Cf. também: SINASON, Valerie. The man who was losing his brain. *In*: SINASON, Valerie. **Mental handicap and the human condition**: new approaches from the Tavistock. Revised edition. London, UK: Free Association Books, 1992. 326 p. chap. 4. p. 87–100; SOLMS, Mark. Is the brain more real than the mind? **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 9, n. 2, p. 107–120, 1995. DOI: https://doi.org/10.1080/02668739500700121. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668739500700121. Acesso em 04 de Dezembro de 2025.

[569] GARNER, Jane. Can anything good be born of a dementia: potential for reparation? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 18, p. 231-243. p. 232. Tradução minha para "we know that psychological symptoms cannot be reduced to only organic lesions".

[570] GARNER, Continuing care review: a report on thoughtful Project and its untimely demise. *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 16, p. 199-213. p. 203. Tradução minha para "Not everything that happens to a person with dementia is organically deter-mined. Even though verbal skills and conscious memories diminish, the emphasis of psychoanalytic understanding on the unconscious and on non-verbal communi-cation makes it a particularly useful paradigm to address these difficulties. Using these ideas and ways of working may make it

> Nem tudo o que acontece a uma pessoa com demência é determinado organicamente. Mesmo que as habilidades verbais e as memórias conscientes diminuam, a ênfase da compreensão psicanalítica no inconsciente e na comunicação não verbal torna esse paradigma particularmente útil para lidar com essas dificuldades. Utilizar essas ideias e métodos de trabalho pode facilitar a aceitação, por parte dos pacientes, de outros aspectos do cuidado aos quais resistiam. Os pacientes podem encontrar algum alívio do terror, uma sensação de acolhimento e continuidade para um fim mais tranquilo.

No trabalho clínico com pessoas acometidas por processos demenciais, especialmente em níveis avançados, o postulado ético fundamental é a aposta na presença de uma vida psíquica no sujeito. É o que propõe André Quaderi[571]: "Nossa pesquisa começa por uma "aposta pascaliana" sobre a existência de um sujeito na demência, existência negada na maioria dos trabalhos sobre a demência ou pelo menos bastante explícita clinicamente". Com efeito, essa clínica não se sustenta sem que os conceitos da Psicologia e os métodos de trabalho tradicionais sejam completamente reordenados. Eis o *a priori* que se impõe a todo clínico: "a aposta na presença de uma vida psíquica no demente. Esse postulado se apresenta como um elemento fundamental daquilo que pode promover uma interlocução entre o demente e o clínico"[572].

Essa é a aposta que norteia meu Estágio Profissionalizante em Psicologia Clínica/Social.

---

easier for patients to accept other aspects of care that they were resisting. Patients may find some alle-viation of terror, a sense of containment and continuity for a more peaceful end".

[571] QUADERI, André. A Psicanálise sob o risco da demência. Tradução de Bianca Novaes. **Psicologia Clínica**, v. 20, n .2, p. 185-198, 2008. Título original: Psychoanalysis under the risk of dementia. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200014. Disponível em https://www.scielo.br/j/pc/a/YM6YR7pjy3kfcqwpXrFwhjB/?lang=pt. Acesso em 05 de Dezembro de 2025. p. 185.

[572] QUADERI, André. A Psicanálise sob o risco da demência. Tradução de Bianca Novaes. **Psicologia Clínica**, v. 20, n .2, p. 185-198, 2008. Título original: Psychoanalysis under the risk of dementia. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200014. Disponível em https://www.scielo.br/j/pc/a/YM6YR7pjy3kfcqwpXrFwhjB/?lang=pt. Acesso em 05 de Dezembro de 2025. p. 186. Cf. também MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p.

4.14 Considerações Finais do Capítulo 4

Este Capítulo materializa o encontro entre (i) uma conferência pública – ministrada por mim para o Ciclo de Palestras do "Programa de Extensão e Pesquisa 'Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento à Luz da Psicanálise e da Psicologia Histórico-Cultural'" – e minha práxis ao longo de meu Estágio Profissionalizante em Psicologia Clínica/Social junto a em Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Cumpre uma função dialética essencial na arquitetura desta Tese de Titularidade na medida que representa o momento em que a abstração filosófica e a teoria psicológica descem ao terreno rugoso da realidade institucional para serem testadas pelo confronto com o sofrimento, a memória e o silêncio.

Ao longo desta investigação, buscamos superar a hegemonia (i) do paradigma biomédico, (ii) do modelo médico e (iii) do que Jan Baars[573] denomina 'regimes cronométricos', os quais tendem a reduzir o envelhecimento a um processo linear de perdas e declínios biológicos. Em contraposição, a articulação entre a Psicologia Histórico-Cultural e a Psicanálise permitiu-nos vislumbrar uma ontologia da velhice que resgata o *velho* da categoria de objeto de cuidado para a de sujeito de desejo e história.

Se, por um lado, a perspectiva vygotskyana nos permite compreender que o desenvolvimento não cessa na idade adulta, mas se reconfigura através da mediação da cultura e da memória-trabalho — entendida aqui com Ecléa Bosi[574] não como refúgio nostálgico, mas como labor ativo de reconstrução identitária —; por outro, a Psicanálise nos ofereceu a chave da intemporalidade do inconsciente. A descoberta de que o sujeito do desejo não envelhece, a despeito da envelhescência do corpo e das exigências do trabalho de luto, constitui o nó górdio sobre o qual se sustenta a nossa defesa da velhice como uma fase de desenvolvimento pleno, e não como um epílogo residual da existência.

Minha experiência de escuta clínica junto a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) revela, contudo, que a batalha pela subjetividade na velhice se dá no limiar da linguagem: onde a sociedade enxerga o 'banimento' e o 'silenciamento', nossa investigação propõe a escuta do não-dito. O silêncio dos velhos, especialmente daqueles atravessados por processos demenciais, não se revela, para mim, como o vazio ou o nada heideggeriano, mas como uma eloquência das lacunas. A tirar pelo que sugerem os estudos contemporâneos sobre a fenomenologia da demência e a narrativa, mesmo na fragmentação da memória cognitiva,

[573] BAARS, Jan. **Aging and the art of living**. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2012. 298 p.
[574] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p

persiste uma memória do corpo e uma identidade narrativa que demandam um outro qualificado para serem sustentadas.

Este Capítulo, destarte, encerra a descrição de uma intervenção; outrossim, simboliza a consolidação de um novo *ethos* de pesquisa em minha trajetória de titularidade. O movimento que vai da Filosofia da mente à Psicologia do envelhecimento não é um abandono do rigor filosófico, mas a sua aplicação ética mais urgente. Se a Filosofia nasce do espanto, a Filosofia da Velhice e do Envelhecimento nasce da resistência contra a desumanização do tempo.

Concluo reafirmando que a tarefa teórica e prática de sustentar o sujeito diante da finitude é, em última análise, um ato político e afetivo de enraizamento.

Esta Tese é, em suma, a deposição dessas armas teóricas no campo de batalha da cultura, na esperança de que a velhice deixe de ser um destino passivo para se tornar, finalmente, uma obra de arte da existência. É o que me faz ver Ecléa Bosi, que, em **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**[575], nos brinda com a seguinte pérola:

> Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo. Mas, pondera Simone de Beauvoir, se o trabalhador aposentado se desespera com a falta de sentido da vida presente, é porque em todo o tempo o sentido de sua vida lhe foi roubado. Esgotada sua força de trabalho, sente-se um pária, e é comum que o escutemos agradecendo sua aposentadoria como um favor ou esmola. A degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista. Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria que sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? A resposta é radical para Simone de Beauvoir: "Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem. A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.

[575] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p. p. 83-84.

Considerações Finais

A redação desta Tese de Titularidade transcorreu ao longo de um intenso ano, de domingo a domingo. Se eu quiser incluir a fase que antecede a escrita, na qual estive envolvido com a coleta de materiais, estudos e fichamentos, posso então dizer que o trabalho em cujas linhas finais estamos envolveu no mínimo 18 meses. Posso afirmar, sem falsa modéstia, que o material que entrego ultrapassa o nível de investigação acadêmica sobre a velhice, estendendo-se a um esforço muito particular de restituição ontológica. Com efeito, ao longo destas páginas, movi-me pela convicção de que a Filosofia e a Psicologia têm uma dívida histórica para com o velho: a de resgatá-lo da condição de 'objeto de cuidado' ou de 'corpo em decadência' para a de sujeito de desejo, de memória e de história.

A tese central que defendi – a de que a velhice é uma fase legítima do desenvolvimento humano, e não o seu fim – exigiu, primeiramente, o enfrentamento dos reducionismos que historicamente capturaram esse campo.

No Capítulo 1, dediquei-me à tarefa de 'limpar o terreno'. Foi necessário desconstruir a sinonímia confusa entre envelhecimento e doença. Apoiado na perspectiva *life-span* e na Gerontologia, sustentei a distinção crucial entre o envelhecimento (como processo vitalício e multidimensional), a velhice (como fase da vida socialmente construída) e o velho (como sujeito singular). Essa distinção permitiu-me afirmar que o desenvolvimento não cessa com a maturidade biológica, mas continua como um processo de alocação de recursos e adaptação até o fim da vida. Recusei, portanto, a visão do envelhecimento como pura perda, defendendo-o como um terreno fértil para novas formas de organização psíquica.

Contudo, reconhecer a velhice como fase de desenvolvimento exigia uma teoria que desse conta das tarefas psíquicas específicas desse tempo.

No Capítulo 2, busquei essa fundamentação na Psicanálise, realizando um deslocamento do pessimismo freudiano para a esperança winnicottiana. Se Freud, preso ao modelo biomédico de sua época, via na rigidez do idoso um impedimento para a análise, encontrei, em Donald W. Winnicott, e graças aos esforços anteriores empreendidos pela colega Flavia Maria de Paula Soares, a chave para compreender a velhice como o tempo da conquista da 'capacidade de morrer'. Defendi que a tarefa psíquica fundamental desta fase não é a luta maníaca contra o tempo (a negação da velhice), mas o trabalho de 'integrar a 'de-integração''. Argumentei que, para que o sujeito possa 'crescer para menor' e aceitar a finitude sem se desintegrar, é indispensável um ambiente facilitador — uma 'clínica do *holding*' — que sustente essa dependência final com dignidade, como o fechamento de um ciclo.

Todavia, o sujeito que envelhece não o faz apenas em seu mundo interno; ele envelhece na cultura e na história.

No Capítulo 3, voltei-me para a dimensão social e política da memória. Amparado na Psicologia Histórico-Cultural de Vygotski e na Psicologia social de Ecléa Bosi, defendi que a memória na velhice não é um refúgio passivo ou um sintoma de senilidade, mas um trabalho (memória-trabalho). Sustentei que o ato de narrar a própria vida é um imperativo de enraizamento e de resistência contra a 'morte social' imposta pela sociedade de consumo. Concluí que a preservação da identidade do velho depende da existência de interlocutores que validem sua narrativa, transformando a memória em laço social e transmissão de cultura.

Finalmente, no Capítulo 4, a teoria foi confrontada com a aspereza e a beleza da realidade institucional. A referência que faço à minha experiência ao longo do Estágio Profissionalizante em Psicologia Clínica/Social junto a uma Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI) em Uberlândia-MG, e a reflexão oriunda da palestra que se converteu em um Capítulo, demonstraram que os conceitos de *holding*, *perezhivanie* (vivência) e narrativa não são abstrações, mas ferramentas clínicas urgentes. Vi, na prática, como a escuta qualificada pode devolver a dignidade a sujeitos silenciados pela institucionalização e como a Filosofia pode servir de anteparo contra a desumanização do cuidado.

Chego ao fim deste trabalho com a certeza de que constituir uma Filosofia e Psicologia da Velhice é um ato de resistência. Vivemos em uma época que, paradoxalmente, estende a vida biológica (a longevidade), mas esvazia de sentido a vida vivida na velhice, empurrando os velhos para a invisibilidade ou para a tentativa desesperada de 'não parecer velho'.

Esta Tese é um manifesto contra essa lógica. Concluo que a dignidade da velhice reside na aceitação da fragilidade como condição humana, e não como falha. O 'velho' que emerge destas páginas não é o 'sábio' idealizado nem o 'decrépito' doente; é o sujeito que, diante da finitude, continua a realizar o trabalho de ser, de lembrar e de se relacionar.

Se, como disse Simone de Beauvoir[576], a velhice denuncia o fracasso de nossa civilização, espero que este trabalho contribua para que possamos construir uma sociedade — e uma Psicologia — capaz de reconhecer no rosto do velho não o outro que tememos, mas o nosso próprio destino e a nossa comum humanidade. A velhice, afinal, é a prova final de que a vida, até o seu último suspiro, insiste em fazer sentido.

[576] BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

Referências

ABRANCHES, Simone da Cunha; FARIA, Paula Maria Ferreira. Envelhecimento humano e subjetividade: um estudo de caso. **Revista Gestão & Saúde**, v. 25, n. 2, p. 389-398, 2023. DOI: https://doi.org/10.59974/1984-8153.2023.139. Disponível em https://revista.herrero.com.br/index.php/gestaoesaude/article/view/139.Acesso em 27 de Outubro de 2025.

ACHENVAUM, W Andrew. A Metahistorical Perspective on Theories of Aging. *In:* BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds**.)** **Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 2. p. 25-38.

AGRELA, Diana; SANTOS, Estefânia; GUZMAN, Khristina; AVEIRO, Laura; PESTANA, Paulo; FARIA, Ana Lúcia. Inclusão digital e envelhecimento ativo no século XXI. *In:* PINHEIRO, Joaquim. **Olhares sobre o envelhecimento**: Estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. p. cap. 7. p. 75-82.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ªEd. Texto revisto a partir da 2ª edição em Outubro de 2002. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Ano original da 1ª edição: 2001. 228 p. cap. 5. p. 95-110.

ALMADA, Leonardo Ferreira. **Diário de Estágio**. Uberlândia: [s.n.], 2025-2026. Manuscrito não publicado.

ALMEIDA, Juracy A. Relatos de vida e identidade. **Revista Kairós**, v. 6, n. 2, pp. 181-192, 2003.

ALMEIDA, Carolina Bitencourt de; GRUBITS, Heloísa. Envelhecimento: visão biopsicossocial. **Revista Longeviver**, ano V, n. 18, Abr/Maio/Jun. 2023. Disponível em https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/view/1015/1067. Acesso em 30 de Julho de 2025.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 2, n. 1-2, p. 5-20, 1997.

ALVES, Rafaela da Silva. **Memórias e histórias de vida de idosos que foram para Volta Redonda em busca de trabalho**. 2016. 156 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI, Seropédica-RJ, 2016. Orientador: Prof. Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira. Disponível em https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14419. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

ALVES, Cristiane da Silva. Eufemismos para lidar com a velhice: civilidade ou negação. *In:* PINHEIRO, Joaquim. (Coordenador). **Olhares sobre o envelhecimento**: estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. 195 p. cap. 12. p. 129-140. DOI: 10.34640/universidademadeira2021alves. Disponível em http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-Completo.pdf. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

ALVES-SILVA, Júnia Denise; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Idosos em Instituições de Longa Permanência**: desenvolvimento, condições de vida e saúde. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, p. 820-830, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023. Disponível em https://www.scielo.br/j/prc/a/qqS5Cdp9JcWBgW4Q84MDwsD/?lang=pt. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

ANGELL, James Rowland. **Chapters from Modern Psychology**. New York, NY: Longmans, Green, 1912. 328 p.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Virgínia Ângela Menezes de Lucena e. Aspectos sócio-históricos e psicológicos da Velhice. **Mneme**: Revista de Humanidades. v. 6, n. 13, p. 228-235, 2005. Disponível em https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

BAARS, Jan. Problematic foundations: theorizing time, age, and aging. BENGSTON, Vern L. SETTERSTEN JR., Richard (Eds.). **Handbook of theories of aging**. 2nd edition. New York, NY: Springer, 2009. Chap. 5. p. 87-100.

BAARS, Jan. **Aging and the art of living**. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2012. 298 p.

BAARS, Jan. Critical turns of aging, narrative and time. **International Journal of Ageing and Later Life**, v. 7, n. 2, p. 143-165, 2012.

BALFOUR, Andrew. Facts, phenomenology, and psychoanalytic contributions to dementia care. *In*: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 13. p. 222-247. 367 p.

BALTES, Paul B. Life-Span Developmental Psychology: some converging observations on History and Theory. *In:* BALTES, Paul B; BRIM Jr., Orville G. (Eds.). **Life-Span Development and Behavior**. Vol. 2. New York, NY: Academic Press, 1979. 376 p.

BALTES, Paul B.; LINDENBERGER, Ulman; STAUDINGER, Ursula Marie. Life Span Theory *in* Developmental Psychology. *In:* LERNER, Richard Martin. (Ed.). DAMON, Willian; LERNER, Richard Martin (Editors-*in*-Chief). **Handbook of Child Psychology**. volume one: Theoretical models of Human Development. 6th Ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2006. 1084 p. chapter 11. p. 569-664. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111.

BALTES, Paul B.; REESE, Hayne Waring. The life-span perspective *in* developmental psychology. *In:* BORNSTEIN, Marc H.; LAMB, Michael E. (Eds.). **Developmental psychology**: an advanced textbook. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984. 624 p. chapter 12. p. 493-531.

BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering**: a study in Experimental and Social Psychology. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1995. First published: 1932. Transferred to digital printing: 2003. [digital edition]. 342 p.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 4ª Ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Prefácio de Andréa Pachá. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2024 [1990]. Título original: La vieillesse. Ano original de publicação: 1970. 606 p.

BENDER, Mike. **Explorations in Dementia**: Theoretical and Research Studies into the Experience of Remediable and Enduring Cognitive Losses. London, UK: Jessica Kingsley, 2003. 444 p.

BENESCH-GODOY, Rahel Rivera. Ageing, Agency, and Autobiography: Challenging Ricoeur's Concept of Narrative Identity. *In*: MORENO, Marta Cerezo; SOLER, Nieves Pascual. **Traces of aging**: Old Age and Memory in Contemporary Narrative. Bielefeld, Germany: Transcript Publishing, 2016. 192 p. chap 4. p. 91-110.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas: volume 1. 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Revisão de Marcia Copola e Elvira da Rocha. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. cap. 15. p. 197-221. Ano da 1ª edição: 1985. Tìtulo original: Auswahl in Drei Baenden. 257 p.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality**: A treatise in the sociology of knowledge. Garden City, NJ: Anchor, 1967. 219 p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Título original: matière et mémoire. Ano original de publicação: 1939. 290 p.

BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. *In:* BERLINK, Manoel Tosta. **Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, SP: Escuta, 2008. 408 p. p. 193-198. Publicação original: BERLINK, Manoel Tosta. A envelhescência. **Pulsional:** revista de psicanálise, São Paulo, v. 9, n. 91, p. 5-8, Novembro de 1996.

BERRIOS, Germam E. Non-cognitive symptoms and the diagnosis of dementia: Historical and clinical aspects. **British Journal of Psychiatry**, v, 154, p. 11–16, 1989. PMID: 2690875. Disponível em https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2690875/. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

BEZERRA, Daniele Borges; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Lugares de afeto nada empoeirados: uma discussão sobre memória e identidade do idoso asilado, o registro como promoção de saúde mental. **Anais do XI Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História - seção Rio Grande do SUL / ANPUH-RS**: história, memória, patrimônio, 2012. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346275547_ARQUIVO_textoanpuhrevisado.pdf. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

BLEGER, José. **Psicoanálisis y dialéctica materialista**. Buenos Aires, AR: Paidós, 1958. 250 p.

BLEGER, José. **Psicología de la conducta**. Buenos Aires, AR: Paidós, 1963. 300 p.

BICKHARD, Mark. Process metaphysics: coherences and consequences. **Manuscrito**: International Journal of Philosophy, v. 47, n. 1, e-2024-0057-R1, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/0100-6045.2024.V47N2.MB. Disponível em https://www.scielo.br/j/man/a/TWgtnBbDR5qQNLPC55Ghz6s. Acesso em 21 de Julho de 2025.

BIFFI, Magali Regina. **Memória e ressignificação de vida na terceira idade**: um estudo através de biografias pessoais. 2022. 98 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade LaSalle (UNILASALLE-RS), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Canoas, 2022. Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Rosa. Coorientadora: Profa. Dra. Tamara Cecilia Karawejczyk Telles. Disponível em https://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/3159. Acesso em 27 de Novembro de 2025.

BIRMAN, Joel. O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. *In*: VERAS, Renato (Org.). **Terceira idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1995. p. 35-48.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. 242 p.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. 3ª Ed. Texto revisto a partir da 2ª edição em Outubro de 2002. São Paulo, SP: Cortez, 2007. Ano original da 1ª edição: 2001. cap. 1. 228 p. p. 15-35.

BORDIGNON, Michaela. A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea. **Revista de Humanidades de Valparaíso**, n. 18, p. 27-44, 2021. DOI: https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp27-44. Disponível em https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-42422021000200027. Acesso em 28 de Setembro de 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. 507 p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo, SP: Ateliê Editorial. 2003. 224 p.

BOYD, Denise; BEE, Helen. **Lifespan Development**. 7th Ed. Kendallville, *IN:* Pearson Education, 2015. [Global edition]. 622 p.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; MEDEIROS, Suzana Aparecida Rocha; LODOVICI, Flamínia Manzano Moreira; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina. SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz. Gerontologia: estado da arte. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 12, 2009, p. 100-126.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa**. É possível prevenir. É necessário superar. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República; Texto de Maria Cecília de Souza Minayo. Brasília, DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014. 90 p. Disponível em https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/pessoa-idosa/manual-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-pessoa-idosa. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes para o cuidado das pessoas idosas no SUS**: proposta de modelo de atenção integral. XXX Congresso Nacional de Secretarias Municipais e Saúde. Organização de Maria Cristina Correa Lopes Hoffmann e Maria Cristina de Arrochela Lobo. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. 41 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_cuidado_pessoa_idosa_sus.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Instituições de Longa Permanência para Idosos**. Brasília, DF: Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa, 2020. Disponível em https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/servicosdesaude/saloes-tatuagens-creches/instituicoes-de-longa-permanencia-para-idosos. Acesso em 25 de Novembro de 2025.

BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. Entrevista: Ecléa Bosi. **Dispositiva**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, v. 1, n. 2, p. 196-199, 2012. Disponível em https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/4301. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

BURMAN, Erica. **Deconstructing Developmental Psychology**. 2nd Ed. New York, NY: Routledge, 2008. 369 p.

BURNS, Alastair; JACOBY, Robin; LEVY, Raymond. Psychic phenomena in Alzheimer's disease. **British Journal of Psychiatry**, v. 157, n. 1.p. 72–79, 1990. DOI: https://doi.org/10.1192/bjp.157.1.86. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/the-british-journal-of-psychiatry/article/abs/psychiatric-phenomena-in-alzheimers-disease-iv-disorders-of-behaviour/0F42C1B7F54DC7BE6AF2AFD66B106B08. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 5, p. 141-164.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS & ASSESSMENT. **Cambridge Dictionary**. Cambridge-UK, 2025. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/. Acesso em 30 de Setembro de 2025.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. Revisão de Rinaldo Milesi. São Paulo, SP: Contexto, 2012. Título original: Mémoire et identité. Ano original de publicação: 1998. 224 p.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do envelhecimento. *In:* PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo, SP: Atheneu, 2002. p. 60-70. 524 p.

CASTRO, Larissa Leão de. A importância de narrar a memória do velho oprimido no capitalismo. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e222510, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33222510. Disponível em https://www.scielo.br/j/psoc/a/6NjmK67BxZG5pg77JxzrkvK. Acesso em 16 de Dezembro de 2025.

CERON, Gabriela Garcia. As contribuições de Donald Woods Winnicott para a psicossomática. **Tempo psicanalítico**, v. 52, n. 2, p. 127-154, 2020. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200006. Acesso em 11 de Dezembro de 2025.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. *In:* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 20ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Ano original de publicação: 1973. Apresentação. p. 17-35.

CHERIX, Kátia; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Luto e melancolia nas demências: a psicanálise na clínica do envelhecimento. **Trivium**: estudos interdisciplinares, v. 10, n. 2, 2018. DOI: https://doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.182. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v10n2/v10n2a06.pdf. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

CHESTON, Richard; BENDER, Mike. Brains minds and selves: Changing conceptions of the losses involved in dementia. **British Journal of Medical Psychology**, v. 72, n. 2, p. 203–216, 1999. DOI:https://10.1348/000711299159952. PMID: 10397425. Disponível em https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10397425/. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

COMFORT, Alexander. **The biology of senescence**. 3rd ed. Oxford, UK: Elsevier Science, 1978. 414 p.

COONAN, Emma. **An examination of the use of psychoanalytic approaches in treating dementia therapeutically.** 2015. 32 p. Thesis submitted in partial fulfilment of the requirements of the higher diploma in counselling and psychotherapy (Counselling and Psychotherapy Course) - Dublin Business Scholl (DBS), Counselling and Psychotherapy Course, Dublin-IE, 2015. Supervisor: Dr. Mary Bartley. Available in https://esource.dbs.ie/bitstream/handle/10788/2883/hdip_coonan_e_2015.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p.

CÔRTE, Beltrina. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas públicas. Comunicação: instrumento de formação para a longevidade. *In:* CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008. 196 p. cap. 8, p. 53-62.

COSTA, Ana Carolina de Oliveira; KAMKHAGI, Dorli. A psicoterapia de grupos em idosos: uma possibilidade de resgate e ressignificação de fragmentos de vida. *In*: LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **Gerontologia Social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 9. p. 213-238.

COSTALL, Alan. Evolutionary gradualism and the study of development. **Human Development,** v. 29, n. 1, p. 4-11, January-February 1986. Disponível em https://psycnet.apa.org/record/1986-16059-001. Acesso em 02 de Agosto de 2025.

COUTO, Ana Lúcia Azeredo; ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. Gerontologia: Scienza Nuova? Reflexões acerca do discurso científico sobre o envelhecer. **Série Documenta** (UFRJ, impresso), v. 9, p. 147-160, 2006.

CRESWELL, John Ward; CRESWELL, John David. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5ª Ed. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2021 [2020]. Título original: Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ano original de publicação da 5th Ed.: 2018. 392 p.

CROTTY, Michael. **The foundations of social research**: Meaning and perspective in the research process. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998. 256 p.

DAVENHILL, Rachael. Developments in psychoanalytic thinking and in therapeutic attitudes and services. *In*: DAVENHILL, Rachael. (Ed.). **Looking into later life**: A Psychoanalytic Approach to Depression and Dementia in Old Age. London, UK: Karnak books, 2007. (The Tavistock Clinic Series). chap. 1. p. 11-34. 367 p.

DARWIN, Charles Robert. **Descent of man**. London: John Murray, 1871.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvona Sessions. (Eds.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 4th Ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. 784 p.

DIXON, Roger A.; LERNER, Richard M. Darwinism and the emergence of Developmental Psychology. *In:* ECKHARDT, Georg; BRINGMANN, Wolfgang Georg; SPRUNG, Lothar. (Eds.). **Contributions to a History of Developmental Psychology**. Berlin, DE: Mouton, 1985. part II, chap. 17, p. 245-266. 422 p.

DOLL, Johannes; OLIVEIRA, José Francisco P.; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Multidimensionalidade do envelhecimento e interdisciplinaridade. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 10, p. 223-231.

DOMINGUES, Ivan. Entrevista: Humanidade inquieta. **Diversa**: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, 2003. Disponível em https://www.ufmg.br/diversa/2/entrevista.htm. Acesso em 28 de Abril de 2025.

DOWNS, Murna; CLARE, Linda; ANDERSON, Elizabet.Dementia as a biopsychosocial condition: implications forpractice and research. *In*: WOODS, Bob; CLARE, Linda. **Handbook of the Clinical Psychology of Ageing**. 2nd edition. Chichester, West Sussex, UK: John Wiley & Sons Ltd, 2008. 653 p. DOI: https://doi.org/10.1002/9780470773185. chap. 10. p. 145-159.

DUARTE, Thais Barrroso. **Desafios e possibilidades da clínica com demência**: escutando o sujeito silenciado. 2024. 91 p. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Rio de Janeiro-RJ, 2024. Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba. Disponível em https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/21758. Acesso em 01 de Dezembro de 2025.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de **Envelhecer e morrer**. Tradução de Plinio Augusto de Souza Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001. Título original: Über die Einsamkeit der Sterbenden in unseren Tagen. Ano original de publicação: 1982. 107 p.

ESTES, Caroll. **The aging enterprise**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1979. 301 p.

ESTES, Caroll. Critical gerontology and the new political economy of aging. *In*: MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll. **Critical gerontology**. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1998. 390 p. cap. 1. p. 17-30.

ESTES, Caroll. **Social policy & aging**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001. 287 p.

EVANS, Sandra. 'Beyond forgetfulness': How psychoanalytic ideas can help us to understand the experience of patients with dementia. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 22, n. 3, p. 155–176, 2008. DOI: https://doi.org/10.1080/02668730802323494. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668730802323494. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

EVANS, Sandra. The experience of loss in dementia; melancholia without the mourning? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 5, p. 56-69.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, v. 62, n. 24, p. 64-81, 2004. Doi: https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005. Disponível em https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3Nc5fBqVp6SXzD396YVbMgQ. Acesso em 27 de Novembro de 2025.

FALEIROS, Vicente. O direito humano ao envelhecimento e o impacto nas políticas púbicas. Envelhecimento no Brasil: desafios e compromissos. *In:* CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Envelhecimento e subjetividade**: desafios para uma cultura de compromisso social. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2008. 196 p. cap. 11, p. 91-100.

FERREIRA, Maria de Fátima de Jesus Agostinho; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Envelhecimento e contadores de história. *In:* LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera (Orgs.). **Gerontologia Social na PUC-SP**: Legado de Suzana Medeiros aos estudos do envelhecimento. Direção editorial de Beltrina Côrte. São Paulo, SP: Portal do Envelhecimento, 2023. Apoio: Portal Edições envelhecimento e PUC-SP. cap. 12. p. 296-321.

FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p.

FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. *In:* FREUD, Sigmund. **Primeiros escritos psicanalíticos**: 1893-1899. Volume 03. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2023. Título original: Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen. Ano original de publicação: 1898. 325 p. cap. 11. p. 232-262.

FREUD, Sigmund. O método psicanalítico de Freud. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Die Freudsche Psychoanalytische Methode. Ano original de publicação: 1904. 401 p. cap. 4. p. 321-330.

FREUD, Sigmund. Psicoterapia. *In:* FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ('O Caso Dora') e outros textos**: 1901-1905. Volume 06. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. Título original: Über Psychotherapie. Ano original de publicação: 1905 [1904]. 401 p. cap. 4. p. 311-348.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. *In:* FREUD, Sigmund. **introdução ao Narcisismo, Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos**: 1914-1916. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Das Unbewusste. Ano original de publicação: 1915. 225 p. cap. 4. p. 74-112.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In:* FREUD, Sigmund. **introdução ao Narcisismo, Ensaios sobre a metapsicologia e outros textos**: 1914-1916. Volume 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Trauer Und Melancholie. Ano original de publicação: 1917 [1915]. 225 p. cap. 4. p. 127-144.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. *In:* FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos**: 1937-1939. Volume 19. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. Título original: Die Endliche Und Die Unendliche Analyse. Ano original de publicação: 1937. 244 p. cap. 4. p. 171-203.

GAGNEBIN, Jeanne Maria. Walter Benjamin ou a história aberta. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas: volume 1. 3ª ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Revisão de Marcia Copola e Elvira da Rocha. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. cap. 15. p. 197-221. Ano da 1ª edição: 1985. Título original: Auswahl in Drei Baenden. 257 p. § 4, p. 200-201. prefácio. p. 7-20.

GAMBURGO, Lilian Juana Levenbach de. **Envelhecimento e linguagem**: um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos. 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP-SP), Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2006. Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Bacellar Monteiro. Disponível em https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/1165. Acesso em 29 de Setembro de 2025.

GARNER, Jane. Where lies the expert? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 2, p. 15-27.

GARNER, Continuing care review: a report on thoughtful Project and its untimely demise. *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 16, p. 199-213.

GARNER, Jane. Can anything good be born of a dementia: potential for reparation? *In*: EVANS, Sandra; GARNER, Jane; DANLEY-SMITH, Rachel. **Psychodynamic Approaches to the Experience of Dementia**: Perspectives from Observation, Theory and Practice. London, UK; New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2020. 269 p. chap. 18, p. 231-243.

GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. *In:* KLUTH, Verilda Speridião; SANTOS, Tadeu dos. **Anais [do] IV Seminário internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Pesquisa qualitativa: rigor em questão. São Paulo, SP: [s.n], 2010. ISBN: 9788598623047. 658 p. Disponível em https://arquivo.sepq.org.br/iv-sipeq/anais/artigos/44.pdf. Acesso em 03 mar. 2025.

GLESNE, Corrine. **Becoming qualitative researchers**: An Introduction. 5th Ed. White Plains, NY: Longman, 2014. 352 p.

GLESNE, Corrine; PESHKIN, Alan. **Becoming qualitative researchers**: An Introduction. London, UK: Pearson Education, 1992. 226 p.

GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1997. 96 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo, 1997. Orientador: Prof. Dr. Renato Mezán. Acesso em 11 de Julho de 2025.

GOLDFARB, Delia Maria Catullo. **Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências**. 2004. 234 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PSA, São Paulo, 2004. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria Loffredo. DOI: https://doi.org/10.11606/T.47.2004.tde-16092004-094302. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-16092004-094302/pt-br.php. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

GOLDFARB, Delia Maria Catullo. Memórias e temporalidades: construindo histórias. *In*: CÔRTE, Beltrina; GOLDFARB, Delia Maria Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa (Orgs.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas (volume 5). Curitiba, PR: Juruá, 2009. 193 p. p. 95-101.

GOLDFARB, Delia Maria Catullo; BARBIERI, Natália Alves; GOTTER, Maria Elvira Marengo; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Depressão e envelhecimento na contemporaneidade. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%p. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2689. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

GOODEY, Christopher. **Development**: the History of a Psychological Concept. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2021. 220 p.

GRAEFF, Lucas. **O 'mundo da velhice' e a cultura asilar**: Estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre. 2005. 172 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-UFRGS, Porto Alegre-RS, 2005. Orientador: Profa. Dra. Cornelia Eckert. Disponível em http://hdl.handle.net/10183/5466. Acesso em 16 de Dezembro de 2025.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. *In*: BERND, Zilá; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes (Orgs.). **Memória Social**: revisitando autores e conceitos. Canoas, RS: Ed Unilasalle, 2018. p. 55-70.

GUBRIUM, Jaber Fandy 'Jay'. Structuring and destructuring the course of illness: The Alzheimer's disease experience. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 10, p. 289–298, 1987. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9566.1987.tb00034.x. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9566.1987.tb00034.x. Acesso em 02 de Dezembro de 2025

GUERRA, Ana Maria de Almeida. **Ser velho, ser crepuscular... ser humano**: temporalidade e velhice na psicanálise. 2009. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Curso de Graduação em Psicologia, São Paulo, 2009. Orientador: Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho. Acesso em 11 de Julho de 2025.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Préface de Francois Châtelet. Introduction de J. Michel Alexandre. The Hague, NL: Mouton & Co, 1976. Ano da primeira edição: 1925. 320 p.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Deuxième édition revué et augmentée. Préface de Jean Duvignaud. Introduction de J. Michel Alexandre. Paris, FR: Presses Universitarires de France, 1968. Ano da primeira edição: 1950. 225 p.

HAN, Byung-Chul. **Vita contemplativa**: ou sobre a inatividade. Tradução de Lucas Machado. Revisada por Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Título original: Vita contemplativa – Oder von der untätigkeit. Ano original de publicação: 2022. 97 p.

HARRIS, Dale Benner. The development of human behavior: Theoretical considerations for future research. *In:* TOBACH, Ethel; ARONSON, Lester Ralph; SHAW, Evelyn (Eds.). **The Biopsychology of Development**. New York, NY: Academic Press, 1971. 593 p.

HARRIS, Margaret. **Exploring Developmental Psychology**: understanding Theory and Methods. London, UK: Sage Publications, 2008. 361 p.

HENDRICKS, Jon; LEEDHAM, Cynthia A. Dependency or empowerment? Toward a moral and political economy. In: MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll (Eds.). **Critical perspectives on aging**. The political and moral economy of growing old. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1991. (Policy, Politics, Health, and Medicine Series). chap. 4. p. 51-64.

HENNEZEL, Marie de. **La mort intime**: ceux qui vont mourir nous apprennent à vivre. Paris, FRA: Éditions Robert Laffont, 1995. 240 p.

HUDSON, Robert B. From Industrializai-o to Institutionalism: Theoretical Accounts of Aging Policy Development in the United States. *In*: BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds.) **Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 29. p. 531-554. p. 535.

JECKEL-NETO, Emilio Antônio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. cap. 2. p. 35-48.

JEDLOWSKI, Paolo. Memórias: temas e problemas da sociologia da memória no século XX. **Pro-posições**, v. 14, n. 1 (40), p. 217-234, 2003. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643917. Acesso em 27 de Novembro de 2025. Publicação original: JEDLOWSKI, Paolo. Memorie. Temi e problemi della sociologia della memoria nel XX secolo. Rassegna Italiana, n. 3, p. 372-392, 2001. DOI: https://doi.org/10.1423/2573. Disponível em https://www.rivisteweb.it/doi/10.1423/2573. Acesso em 27 de Novembro de 2025.

KIRKPATRICK, Edwin Asbury. **Genetic psychology**: An Introduction to an objective and genetic view of intelligence. New York, NY: Macmillan, 1909. 408 p.

KITWOOD, Tom. Explaining senile dementia: The limits of neuropsychological research. **Free Association**, v. 10, p. 117–140, 1987. Disponível em https://opus4.kobv.de/opus4-Fromm/frontdoor/index/index/docId/32761. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

KITWOOD, Tom. The contribution of psychology to the understanding of dementia. *In*: GEARING, Brian; JOHNSON, Malcoln; HELLER, Tom (Eds.). **Mental Health Problems in Old Age**: a reader. London, UK: Wiley, 1988.

KITWOOD, Tom. Brain, mind and dementia, with particular reference to Alzheimer's disease. **Ageing and Society**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 1989. DOI: https://10.1017/S0144686X00013337. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/abs/brain-mind-and-dementia-with-particular-reference-to-alzheimers-disease/959C19A1B2AD5E6DEC0DC6A8A70654A7. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

KITWOOD, Tom. **Dementia reconsidered**: The person comes first. Buckingham, UK: Open University Press, 1997. 160 p.

KUNZLER, Rosilaine Brasil. **A ressignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento**. 2009. 166 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Porto Alegre-RS, Brasil, 2009. Orientador: Profa. Dra. Leonia Capaverde Bulla. Disponível em https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/437. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

LAFER, Celso. A autoridade de Norberto Bobbio. Prefácio à Edição Brasileira, por Celso Lafer. *In*: BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**: *De senectute* e outros escritos autobiográficos. Tradução de Daniela Versiani. Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. Título original: De senectute e altri scritti autobiografici. Ano original de publicação: 1996. p. VII-XXIX. 242 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Adaptação da edição portuguesa de Maria Clarice Samnpaio Villac. Revisão de Alzira Dias Sterque e Marta Maria Hanser. Campinas-SP: Unicamp, 1990. [edição digital]. (coleção Repertórios). Título original: histoire et mémoire. Ano original de publicação: 1988. 293 p.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Problems of the development of mind**. Translated by Mariya Kopylova (Maria Kopylova). Moscow, USSR: Progress Publishers, 1981. Original name of the author: Алексей Николаевич Леонтьев. Original title: Проблемы развития психики. Original year of publication: 1959. 466 p.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Nome original do autor: Алексей Николаевич Леонтьев. Título original: Деятельность. Сознание. Личность. Ano original de publicação: 1974. Disponível em https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1974/06/Atividade-Consciencia-Personalidade.pdf. Acesso em 12 de Dezembro de 2025. 157 p. [edição digital].

LERNER, Richard Martin; RYFF, Carol Diane. Implementation of the Life-Span view of Human Development: the sample case of attachment. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 1, p. 1-45.

LINCOLN, Yvona Sessions; GUBA, Egon Gotthold. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills, CA: Sage, 1985. 416 p.

LINCOLN, Yvona Sessions; LYNHAM, Susan Alma; GUBA, Egon Gotthold. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences revisitEd. *In:* DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvona Sessions. (Eds.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 4th Ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. Part I, chap. 4, pp. 97–128. 784 p.

LOBO, António Firmo; MENDONÇA, Alice. Os professores aposentados: Preparação, experiências e sentimentos pessoais vivenciados nessa condição. *In:* PINHEIRO, Joaquim. (Coordenador). **Olhares sobre o envelhecimento**: estudos interdisciplinares. Volume II. Madeira, Portugal: Centro de Desenvolvimento Acadêmico da Universidade da Madeira, 2021. 195 p. cap. 4. p. 37-50. DOI: https://10.34640/universidademadeira2021lobomendonca. Disponível em http://cda.uma.pt/publications/pub21-002-olhares-v2/Ebook-21-V02-Completo.pdf. Acesso em 16 de Dezembro de 2025.

LOCKE, Lawrence; SPIRDUSO, Waneen Wyrick; SILVERMAN, Stephen J. **Proposals that work**: A guide for planning dissertations and grant proposals. 6th Ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2013. Original year of publication: 1976. 408 p.

LURIA, Alexander Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Editado por Michael Cole. Tradução de Fernando Limongeli Gurgueira. Revisão de Juiz Roberto Malta. São Paulo, SP: Ícone, 1990. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: Ob istoricheskom razvitii poznavatel'nykh protsessov. Ano original de publicação: 1974. 205 p. [edição digital].

LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da mente**. Editado por Michael Cole e Scheila Cole. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, SP: Ícone, 1992. Nome original do autor: Алекса́ндр Рома́нович Лу́рия. Nome transliterado do autor: Aleksandr Romanovich Luria ou Alexandr Romanovich Luria. Título original: The making of mind: a personal account of Soviet Psychology. Ano original de publicação: 1979. 234 p.

LYMAN, Karen A. Bringing the social back in: A critique of the biomedicalization of dementia. **The Gerontologist**, v. 29, n. 5, 1989. DOI: http://dx.doi.org/10.1093/geront/29.5.597. PMID: 2689293. Disponível em https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/2689293/. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

MARTINS, Nidia Farias Fernandes; ABREU, Daiane Porto Gautério; SILVEIRA, Rosemary Silva da; LIMA, Juliana Piveta de; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. O processo saúde-doença e a velhice: reflexões acerca do normal e do patológico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e44610111977, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11977. Disponível em https://rsdjournal.org/rsd/article/view/11977/10727. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2004. Título original: Ökonomisch-philosophische Manuskripte. Ano original de publicação: 1844. 180 p.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. Apresentação de Jacob Gorender. Advertência aos leitores do Livro I d'O capital de Louis Althusser. Considerações sobre o método de José Arthur Giannotti. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2013. Título original: Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. Der Produktionsprozess des Kapitals. Ano original de publicação: 1867. 1120 p.

MASSIE, Pascal; STAUDE, Mitchell. Ageing-in-the-world. **Continental Philosophy Review**, v. 57, p. 565-584, 2004. DOI: https://doi.org/10.1007/s11007-024-09630-w. Disponível em https://link.springer.com/article/10.1007/s11007-024-09630-w. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

MEACHER, Michael Hugh. **Taken for a Ride**. Special Residential Homes for Confused Old People - A Study of Separatism in Social Policy. London, UK: Longman, 1972. 546 p.

MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. **A construção da identidade e da subjetividade do idoso**. 1997. 217 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Paulo, 1997. Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Villas Bôas Concone. Disponível em https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3945. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

MERTENS, Donna Marie. **Research and evaluation *in* education and psychology**: integrating diversity with quantitative, qualitative, and mixed methods. 3rd Ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2010. 552 p.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo, SP: Editora Aleph, 1993. Título original: La personne âgée n'existe pas. Ano original de publicação: 1992. (Coleção Rivages/Psychanalyse, dirigida por Juan David Nasio). 115 p.

MIESSEN, Bère M. L. Alzheimer's disease, the phenomenon of parent fixation and Bowlby's attachment theory. **International Journal of Geriatric Psychiatry,** v. 8, n. 2, p. 147–153, 1993. DOI: https://doi.org/10.1002/gps.930080207. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/gps.930080207. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

MILLER, Patricia Hackney. **Theories of Developmental Psychology**. 6th Ed. NY, New York: Worth Publishers/ Macmillan Learning, 2016. Original year of publication: 1983. 508 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares. Introdução. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 205 p. Disponível em https://books.scielo.org/id/d2frp. Acesso em 29 de Outubro de 2025. Introdução. p. 11-24.

MINKLER, Meredith; ESTES, Caroll. **Critical gerontology**. Amityville, NY: Baywood Publishing, 1998. 390 p.

MISIAK, Henryk; SEXTON, Virginia Standt. **History of Psychology in overview**. New York, NY: Grune & Stratton, 1966. 520 p.

MOREIRA, Rosane Nilsa da Silva; SANTANA, Carlos Eduardo Oliveira; MORAIS, Denise Sara da Silva; LUCAS, Verônica Sara Pereira; RODRIGUES, Ingrid Vitória de Oliveira; LIMA, Neyla Cristina de Oliveira; QUEIROGA, Glerison de Sousa; ALVES, Ítalo Diêgo. O processo de envelhecimento e o sentido da vida: O bem-estar psicológico de idosos. **Brazilian Journal of Developmen**t, v. 7, n. 9, p. 92.727-92.740, 2021. DOI: http://10.34117/bjdv7n9-439. Disponível em https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36441. Acesso em 27 de Outubro de 2025.

MOREIRA, Virgílio Garcia. Biologia do envelhecimento. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 2, p. 89-107.

MUCIDA, Ângela Maria de Sousa. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2ª edição revisada. 6ª reimpressão. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2025. Ano original de publicação: 2004. 230 p.

MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris, FR: Nathan, 1996. 230 p.

NERI, Anita Liberalesso. Apresentação. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. apresentação. p. 6-8.

NERI, Anita Liberalesso. Velhice e qualidade de vida na mulher. *In:* NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP: Papirus, 2015. (Coleção vivaidade). 198 p. apresentação. p. 153-191.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. *In:* MOREIRA, Daniel Fuentes; MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes; COSENZA, Ramon Moreira (Orgs.). **Neuropsicologia do envelhecimento**: uma abordagem multidimensional. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013. 456 p. cap. 1. p. 17-42.

NOGUEIRA, Leila Mara Oliveira; GRANADO, Laura Carmilo; MARQUES, Bruna Gabriela; SALLES, Jorge Rodrigo. Memórias na velhice e narrativas de si a partir de objetos biográficos. **Pontos de Interrogação**, v. 11, n. 2, p. 137-161, 2021. DOI: https://doi.org/10.30620/pdi.v11n2.p137, Disponível em https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/14387. Acesso em 28 de Novembro de 2025.

NUSSBAUM, Abraham M. Changing the name of dementia during residency training: From medication management to CBT to psychodynamic psychotherapy. **Bulletin Of The Menninger Clinic**, v. 75, n. 3, p. 254-266, 2011. Doi: https://doi.org/10.1521/bumc.2011.75.3.254. Disponível em https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/bumc.2011.75.3.254. Acesso em 01 de Dezembro de 2025.

OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de. **O desenvolvimento do idoso e a teoria histórico-cultural: a atividade e o cotidiano na mediação do envelhecimento**. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia-GO, 2023. Orientador: Prof. Dr. Duelci Aparecido de Freitas Vaz. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4930. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.: Organização Pan-Americana da Saúde, 2022. Título original: Global report on ageism. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. DOI: https://doi.org/10.37774/9789275724453. Disponível em https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872. Acesso em 30 de Outubro de 2022. 192 p.

OUTEIRAL, José Ottoni; GRANA, Roberto Barberena. Apresentação à edição brasileira. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Psycho-Analytic Explorations. Ano original de publicação: 1989. 460 p. p. vii-xv.

PAPALÉO NETTO, Matheus. Estudo da velhice. Histórico, definição do campo e termos básicos. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 1, p. 74-88.

PAPALÉO NETTO, Matheus, PONTE, José Ribeiro. Envelhecimento: desafio na transição do século. *In:* PAPALÉO NETTO, Matheus (Ed.). **Gerontologia**. 2ª ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2002. Ano original de publicação: 1996. p. 3-12.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela Alicia. **Desenvolvimento humano**. 14ª Ed. Tradução de Franscisco Araújo da Costa. Revisão técnica de Maria Adélia Minghelli Pieta (Caps. 9-14), Odette de Godoy Pinheiro (Caps. 1, 2, 15-19) e Patricia Santos da Silva (Caps. 3-8) Porto Alegre: Artes Médicas, 2022. Título original: Experience Human Development. Ano original da edição: 2021. Ano original de publicação: 2011. [Edição digital]. 2146 p.

PAULA, Janaina Teixeira Silva de. **A constituição subjetiva do envelhecer**. 2002. 188 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia-GO, 2002. Orientador: Profa. Dar. Mercedes Vila Cupolillo. Disponível em https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/3888. Acesso em 13 de Dezembro de 2025.

PESSINI, Leo. Bioética, envelhecimento humano e dignidade no adeus à vida. *In:* FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. (Eds.). GORZONI, Milton Luiz; DOLL, Johannes; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier. (Coeds.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Guanabara Koogan, 2016. Trabalho original publicado em 2002. [Edição digital]. 2542 p. cap. 8, p. 195-208.

PHIILIPSON, Chris. **Capitalism & the construction of old age**. London, UK: Macmillan, 1982. 188 p.

PHILLIPSON, Chris. Reconstructing Theories of Aging: The impact of globalization on Critical Gerontolgy. In: BENGSTON, Vern L; SILVERSTEIN, Merril; PUTNEY, Norella M.; GANS, Daphna. (Eds.) **Handbook of Theories of Aging**. 2nd Edition. New York, NY: Springer Publishing Company. 817 p. chap. 33. p. 615-628. p. 616.

POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. A linguagem politicamente correta no Brasil: uma língua de madeira? **Polifonia**, v. 12, n. 2, p. 47-72, 2006. Disponível em https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1070. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

POST, Stephen G. Respectare: Moral Respect for the Lives of the Deeply Forgetful. *In*: HUGHES, Julian C.; LOUW, Stephen C.; SABAT, Steven R. **Dementia**: Mind, Meaning, and the Person. Oxford, UK: Oxford UP, 2006. (International Perspectives in Philosophy and Psychiatry). chap 14. p. 223-234.

POWELL, Jason L. Philosophy, welfare and aging. **Open Journal of Geriatrics**, v. 1. n. 2, p. 7-14, 2018. DOI: DOI: https://doi.org/10.22259/2639-359X.0102002. Disponível em https://sryahwapublications.com/article/abstract/2639-359X.0102002. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

PROCEDURAL. *In:* **Cambridge Dictionary**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, [s.d.]. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/procedural. Acesso em 30 de setembro de 2025.

PROCESS. *In:* **Cambridge Dictionary**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, [s.d.]. Disponível em https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/process. Acesso em 30 de setembro de 2025.

QUADERI, André. A psicanálise sob o risco da demência. Tradução de Bianca Novaes. **Psicologia Clínica**, v. 20, n .2, p. 185-198, 2008. Título original: Psychoanalysis under the risk of dementia. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200014. Disponível em https://www.scielo.br/j/pc/a/YM6YR7pjy3kfcqwpXrFwhjB/?lang=pt. Acesso em 05 de Dezembro de 2025.

QUINET, Antonio. Atualidade da depressão e a dor de existir. *In*: QUINET, Antonio (Org.). **Extravios do desejo**: depressão e melancolia. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos, 2002. (Coleção Bacamarte: Psicanálise e Psiquiatria). Ano original de publicação: 1999. 320 p. cap. 5., p. 89-96.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. 3ª edição. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004. Ano original da edição: 1999. Ano original da publicação: 1762.

REALE, Miguel. A filosofia como auto-consciência de um povo. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)**, v. 56, n. 2, p. 104-125, 1961.

REIS, Clayton Washington dos. **A atividade principal e a velhice**: contribuições da psicologia histórico-cultural. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maringá-PR, 2011. Orientadora: Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci. Disponível em http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3010. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

REIS, Clayton Washington dos; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, n. 6, p. 99-116, 2015. Disponível em https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

RICHARDS, Robert J. Darwin and the biologizing of Moral Behavior. *In:* Woodward, William R.; ASH, Mitchell G. (Eds.). **The problematic Science**: Psychology *in* Nineteenth-Century thought. New York: Praeger, 1982.

ROGOFF, Barbara. **The cultural nature of Human Development**. New York, NY: Oxford University Press, 2003. 449 p.

SANCHEZ, Maria Angélica dos Santos. A dependência e suas implicações para a perda de autonomia: estudo das representações para idosos de uma unidade ambulatorial geriátrica. *In:* UNATI/UERJ. **Textos sobre envelhecimento**. Volume 3. Nº 3. Rio de Janeiro, RJ: UNATI/UERJ, 2000. 58 p. cap. 3. p. 35-54.

SANTOS, Gilberto Lima dos. Os idosos e a vivência do tempo: implicações nos processos de desenvolvimento. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 11, n. 2, p. 382-400, 2018. DOI: https://doi.org/10.36298/gerais2019110213. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2023.

SANTOS, Sandra Maria dos. **[...] Meu sonho era vestir essa blusa [...]**: A assistência estudantil e a inclusão da pessoa idosa. 2023. 58 p. Produto Educacional: Guia de informação sobre a pessoa idosa. (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – instituto Federal de Pernambuco (IFPE-PE), Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Recife-PE, 2023. Orientador: Prof. Dr. Kleber Fernando Rodrigues. Disponível em https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/CWCOENIQEYRB.pdf. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro; FARIA, Lina; PATIÑO, Rafael Andrés. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n. 2, e0040, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0040. Disponível em https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1083. Acesso em 07 de Dezembro de 2025.

SEIBT, Johanna. Process Philosophy. *In:* ZALTA, Edward Nouri; NODELMAN, Uri (Eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Summer 2025. Disponível em: https://plato.stanford.edu/archives/sum2025/entries/process-Philosophy/. Acesso em: 21 jul. 2025.

SCHMID, Armando H. Dementia, related disorders and old age: Psychodynamic factors in diagnosis and treatment. A**merican Journal of Psychoanalysis**, v. 50, p. 253–262, 1990. DOI: 10.1007/BF01252122. PMID: 2240287. Disponível em https://link.springer.com/article/10.1007/BF01252122. Acesso em 02 de Dezembro de 2025.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Edificar-se para a morte**: Das cartas morais a Lucílio. Seleção, introdução, tradução e notas de Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016. Título original: Ad Lucilium Epistulae Morales. Ano original de publicação: 65. [edição digital]. 143 p.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 2ª ed. Tradução, Prefácio e Notas de José António Segurado e Campos. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. Título original: L. Annaei Senecae Ad Lucilium Epistulae Morales Selectae. Ano original de publicação: 65. 432 p.

SHUTE, Rosalyn H.; SLEE, Phillip Thomas. **Child Development**: theories and critical perspectives. 2nd edition. New York, NY: Routledge, 2015. [International texts *in* Developmental Psychology]. Original edition: 2003. 310 p.

SIFUENTES, Thirza Reis; DESSEN, Maria Auxiliadora; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 23, n. 3, p. 379-386, Dezembro-2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/ptp/a/QCtKJsmxWhK8KF8xt3HVpVd/?lang=pt. Acesso em 10 de Setembro de 2025. p. 379.

SILVA, Margaret da Conceição. CHARIGLIONE, Isabelle Patriciá Freitas Soares. Envelhecimento e pessoas com deficiência nas perspectivas Vigotskiana e life-span. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 151-162, 2024. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240017. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862024000100151&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 de Novembro de 2025.

SINASON, Valerie. The man who was losing his brain. *In*: SINASON, Valerie. **Mental handicap and the human condition**: new approaches from the Tavistock. Revised edition. London, UK: Free Association Books, 1992. 326 p. chap. 4. p. 87–100

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira. **Contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotski para pensar o envelhecimento**. 2009. 241 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis-SP, 2019. Orientador: Prof. Dr. João Batista Martins. Disponível em https://repositorio.unesp.br/entities/publication/501ffa1e-3f85-4d3f-ac24-b133145fb7dc. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

SIQUEIRA, Cinthia Lucia de Oliveira; MARTINS, João Batista. Contributions of Vygotsky's cultural historical theory to thinking about aging. **International Journal of Human Sciences**, v. 3, n. 13, p. 1-13, 2023. DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.5583132319042. Disponível em https://atenaeditora.com.br/catalogo/artigo-revista/contribuicoes-da-teoria-historico-cultural-de-vygotski-para-pensar-o-envelhecimento. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p.

SLATER, Alan; JOHNSON, Scott P.; MUIR, Darwin. The scope and methods of Developmental Psychology. *In:* SLATER, Alan; BREMMER, Gavin. (Eds.). **An Introduction to Developmental Psychology**. 3rd Ed. London, UK & Hoboken, Nova Jersey: British Psychological Society and John Wiley & Sons Ltd, 2017. Original edition: 2003. 848 p. cap. 1. p. 3-40.

SLIFE, Brent Donald; WILLIAMS, R. N. **What's behind the research?** Discovering hidden assumptions *in* the Behavioral Sciences. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995. 264 p.

SOARES, Flavia Maria de Paula. O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, n. 1, p. 86-95, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-47142005001009. Disponível em https://www.scielo.br/j/rlpf/a/JD44wVcCBXXvwbxTG8jQc5k. Acesso em 22 de Novembro de 2025.

SOARES, Flavia Maria de Paula. **A conquista da "capacidade de morrer": o amadurecimento pessoal na velhice a partir da psicanálise winnicottiana**. 2021. 150 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Curitiba-PR, 2021. Orientador: Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca. Coorientador: Prof. Dr. Zeljko Loparic. Disponível em https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/357007/referencia. Acesso em 15 de Novembro de 2025.

SOLMS, Mark. Is the brain more real than the mind? **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 9, n. 2, p. 107–120, 1995. DOI: https://doi.org/10.1080/02668739500700121. Disponível em https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02668739500700121. Acesso em 04 de Dezembro de 2025.

STUART-HAMILTON, Ian. **A Psicologia do Envelhecimento**: uma introdução. 3ª Ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Consultoria, supervisão e revisão técnica da 3ª Ed. de Maria Lucia Tiellet Nunes. Porto Alegre, RS: Armed, 2002. Título original: The Psychology of Ageing: an Introduction. Ano original de publicação: 2000. 194 p.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. Educação do campo e memória de velhos: navegando entre o passado e o presente. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 11, n. 1, p. 14-23, 2011. Disponível em https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/2261. Acesso em 17 de Dezembro de 2025.

THE HUMAN DEVELOPMENT TEACHING & LEARNING GROUP. **Human Development**. Portland, Oregon: Portland State University Library, 2020. 431 p. Disponível em http://files.znu.edu.ua/files/Bibliobooks/inshi72/0052718.pdf. Acesso em 21 de Setembro de 2025.

THORNTON, Stephanie. **Understanding human development**: biological, social and psychological processes from conception to adult life. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008. 692 p.

TOLEDO, Lívia Cristina Navarrete de; SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira. A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. *In:* DAMIÃO, Domingos Bombo; FADEL, Cristina Berger; ZAGO, Maria Cristina (Orgs.) **Psicologia**: abordagens teóricas e empíricas. Vol. 2. Guarujá-SP: Editora Científica, 2022. DOI: 10.37885/220207689. 98. Disponível em https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/220207689. p. cap. 4. pp. 55-69.

TOULMIN, Stephen; GOODFIELD, June. **The discovery of time**. Chicago: University of Chicago Press, 1965.

TOWNSEND, Peter. Structured dependency of the elderly. **Ageing & Society**, v. 1, p. 5–28, 1981. DOI: https://doi.org/10.1017/S0144686X81000020. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/structured-dependency-of-the-elderly-a-creation-of-social-policy-in-the-twentieth-century/52F8E7E344E908386E878F53DB25CF6C. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

UCHÔA, Elizabeth; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo; LIMA-COSTA, Maria Fernanda Furtado. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. *In:* MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 205 p. Disponível em https://books.scielo.org/id/d2frp. Acesso em 29 de Outubro de 2025. Cap. 1. p. 25-36.

URBAN, Hugh Bayard. The concept of Development from a systems perspective. *In:* BALTES, Paul B. (Ed.). **Life-Span Development and Behavior**. Volume 1. New York, NY: Academic Press, 1978. 376 p. chapter 2, p. 46-85.

VALENÇA, Tatiane Dias Casimiro; REIS, Luciana Araújo dos. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 18, n. 2, p. 256-281, 2015. DOI: https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i2p265-281. Disponível em https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27001. Acesso em 17 de Dezembro de 2025.

VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 720 p.

VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph. Introduction. The nature of Development: the continuing dialogue of processes and outcomes. *In:* VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 720 p. Introduction. p. ix-xviii.

Van GEERT, Paul. Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. *In:* VALSINER, Jaan; CONNOLLY, Kevin Joseph (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London, UK: Sage Publications, 2003. 720 p. chapter 28. p. 640-672.

VERESOV, Nikolai. The concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: content and contexts. In: FLEER, Marilyn; REY, Fernando González; VERESOV, Nikolai. (Eds.). **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**: Advancing Vygotsk"s legacy. Gateway East, Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltd., 2017. cap. 3., p. 47-70. (Perspectives in Cultural-Historical Research Book 1).

VIDAL, Fernando; BUSCAGLIA, Marino; VONÈCHE, J. Jacques. Darwinism and Developmental Psychology. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 19, n. 1, p. 81-94, 1983. DOI: https://doi.org/10.1002/1520-6696(198301)19:1<81::AID-JHBS2300190109>3.0.CO;2-G. Disponível em https://onlinelibrary.wiley.com/toc/15206696/1983/19/1. Acesso em 03 de agosto de 2025.

VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Historia del dessarolo de las funciones psíquicas superiores. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas III** (Incluye Problemas d d desarrollo de la psique). 2ª ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de Amelia Alvarez y Pablo del Rio. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2000. (Volumen CXV de La Colección Aprendizaje. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). Año original de la 1ª Edición: 1995. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original de la obra compilada: Sóbrame Socbinenii Tot Trerti. Problcmi Razvitia Psijiki. Título original del capítulo: История развития высших психических функций. Título original del capítulo transliterado: Istoriya razvitiya vysshikh psikhicheskikh funktsiy. Año de publicación original del capítulo: 1931. 383 p.

VYGOTSKI, Lev Semiónovich. El problema de la edad. *In*: VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras escogidas IV**: Psicología infantil (Incluye: 'Paidologia infantil'. 'Problemas de la psicologia infantil'). 2ª Ed. Supervisión general de la edición en lengua castellana de José Luis Linaza. Traducción de Lydia Kuper. Revisión y adaptación de Napoleon Jesus Vidarte Vargas e Irina Filanova. Madrid, ES: Visor Distribuciones, 2006. (Volume CXXII de la Colección Aprendizage. Colección dirigida por Juan Ignacio Pozo). cap. 6. p. 251-273. Año original de la 1ª Edición: 1996. Nombre original del autor: Лев Семёнович Выготский. Nombre transliterado del autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original da obra compilada: Sobrante Sochinenii Tom Cherviortii. Detskaya Psijologuia. Año de publicación del capítulo: 1932-1934. 423 p.

VYGOTSKI, Lev Seminovitch. **A construção do pensamento e linguagem**. Texto integral, traduzido do russo Pensamento e linguagem. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original: Myshlenie i rech. Ano original de publicação: 1934. 521 p.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, **Psicologia USP**, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Ano original da publicação: 1935. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003. Disponível em https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt. Acesso em 14 de Dezembro de 2025.

VYGOTSKI, Lev Seminovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. Organizadores: Michael Cole, Vera John-Steiner, Sylvia Scribner, Ellen Souberman. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. Coordenação da Tradução do Grupo de Desenvolvimento e Ritmo Biológicos - Departamento de Ciências Biomédicas USP. Revisão da tradução de Monica Stahel Monteiro da Silva. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991. Nome original do autor: Лев Семёнович Выготский. Nome transliterado do autor: Lev Semyonovich Vygotskij. Título original: Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes. Ano original de publicação: 1978. 90 p.

VITALLI, Juliana dos Santos. **Reflexões sobre a clínica psicanalítica com idosos**. 2024. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Curso de Graduação em Psicologia, Uberlândia-MG, 2024. Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes. Disponível em https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41688. Acesso em 26 de Outubro de 2025.

WALKER, Alan. Towards a political economy of old age. **Ageing & Society**, v. 1, p. 73-94, 1981. DOI: https://doi.org/10.1017/S0144686X81000056. Disponível em https://www.cambridge.org/core/journals/ageing-and-society/article/towards-a-political-economy-of-old-age/4FC23A5DCB7CA1A3EF319AC98103C22E. Acesso em 29 de Novembro de 2025.

WALKER, Alan. Pensions and the production of policy in old age. *In*: PHIILIPSON, Chris; WALKER, Alan (Eds.). **Aging and social policy**: A critical assessment. Aldershot, Hampshire, UK: Gower, 1986. 334 p. p. 86-99.

WEIL, Simone. **L'enracinemen**t. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain. Paris, FR: Les Éditions Gallimard, 1949. 381 p. (Collection idées). [edição digital].

WHITE, Sheldon Harold. The learning-maturation controversy: Hall to Hull. Merrill-Paimer Quarterly, v. 14, n. 3, p. 187-196, 1968. Disponível em https://www.jstor.org/stable/23082427. Acesso em 03 de agosto de 2025.

WHITBOURNE, Susan Krauss; WHITBOURNE, Stacey Beth. **Adult development and aging**: biopsychosocial perspectives. 7th Ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2020. Revised edition of the authors' Adult development & aging 2017. Original edition: 2005. 400 p.

WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e suas raízes. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Agression and its roots. Ano original de publicação: 1939. 344 p.

WINNICOTT, Donald Woods. Aspectos clínicos e metapsicológico da regressão no contexto analítico. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Metapsychological and Clinical Aspects of Regression Within the Psycho-Analytical Set-Up. Ano original de publicação: 1954. 544 p. cap. 21. p. 447-471.

WINNICOTT, Donald Woods. Formas clínicas da transferência. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Clinical varieties of transference. Ano original de publicação: 1955-1956. 544 p. cap. 22. p. 472-480.

WINNICOTT, Donald Woods. A capacidade de ficar sozinho. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: The Capacity to be Alone. Ano original de publicação: 1958. 368 p. cap. 2. p. 30-40.

WINNICOTT, Donald Woods. Ansiedade associada à insegurança. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Tradução de Davy Bogomoletz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2021. Título original: Anxiety associated with insecurity. Ano original de publicação: 1959. 544 p. cap. 8. p. 196-202.

WINNICOTT, Donald Woods. O medo do colapso. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Fear of breakdown. Ano original de publicação: 1963. 460 p. cap. 18. p. 70-76.

WINNICOTT, Donald Woods. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In*: **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: From Dependence to Independence in the Development of the Individual. Ano original de publicação: 1963. 368 p. cap. 7. p. 104-118.

WINNICOTT, Donald Woods. Os doentes mentais nos casos clínicos dos assistentes sociais. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo, SP: Ubu Editora e WMF Martins Fontes, 2022. Título original: The Mentally Ill in Your Caseload. Ano original de publicação: 1963. 368 p. cap. 20. p. 290-307.

WINNICOTT, Donald Woods. Este feminismo. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: This feminism. Ano original de publicação: 1964. 191 p. cap. 16. p. 114-121.

WINNICOTT, Donald Woods. A mãe dedicada comum. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 2ª edição. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Revisão Técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Ano da 1ª edição brasileira: 1988. Título original: The ordinary devoted mother. Ano original de publicação: 1966. 72 p. [edição digital]. p. 5-13.

WINNICOTT, Donald Woods. *Sum*: Eu sou. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo Sandler. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. Título original: *Sum*, I am. Ano original de publicação: 1968. 191 p. cap. 3. p. 32-38.

WINNICOTT, Donald Woods. Assistência residencial como terapia. *In:* WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015. 5ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Título original: Residential care as therapy. Ano original de publicação/apresentação: 1970 (as an address to the Association of Workers for Maladjusted Children). 344 p. cap. 26. p. 249-258.

WINNICOTT, Donald Woods. Sobre as bases para o *self* no corpo. In: WINNICOTT, Donald Woods. **Explorações psicanalíticas**. 2ª reimpressão. Organização de Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução de José Ottoni Outeiral, Roberto Barberena Gana, Adriane Kiperman e Berenice Pontes Netto. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005. Ano da 1ª edição brasileira: 1994. Nome original da editora: Artes médicas Sul. Título original: Basis for self in body. Ano original de publicação: 1972. 460 p. cap. 37. p. 203-218.

WINNICOTT, Donald Woods. A dependência nos cuidados infantis. *In*: WINNICOTT, Donald Woods. **Os bebês e suas mães**. 2ª edição. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Revisão Técnica de Maria Helena Souza Patto. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. Ano da 1ª edição brasileira: 1988. Título original: Dependence in child care Ano original de publicação: 1971. 72 p. [edição digital]. p. 54-58.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990. (Coleção Analytica. Direção de Jayme Salomão). Título original: Human Nature. Ano original de publicação: 1988 (though based on notes from the 1960s). [edição digital]. 84 p.

WOHLWILL, Joachim Friedrich. **The study of Behavioral Development**. New York: Academic Press, 1973. 413 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **Resumo do Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra, Suíça: World Health Organization - WHO, 2015. Título original: World report on Ageing and Health. 30 p. Disponível em https://d1xe7tfg0uwul9.cloudfront.net/sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf. Acesso em 28 de Outubro de 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WH. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Título original: Active ageing: a policy framework. Ano original de publicação: 2002. 60 p. Disponível em https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em 27 de Outubro de 2025.

Anexo I: Texto de Apresentação de Defesa Pública de Tese para Promoção à Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior Federal

Autor: Leonardo Ferreira Almada
Data de apresentação: 20 de março de 2026, sexta-feira, 14 horas
Local: Defesa remota via Microsoft Teams
Endereço: https://teams.microsoft.com/meet/25250149519148?p=9nC9NMLuv0ReasYhNT.

Senhor Presidente dessa Comissão Especial Julgadora, **Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres**; Prezadíssimos Membros da Comissão Especial, nomeadamente, **Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira**, **Prof. Dra. Mariana Claudia Broens**, **Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr.** e **Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido**; prezada comunidade acadêmica, queridos familiares, estimados amigos e colegas presentes,

Boa tarde a todas e a todos. Sejam bem-vindas e bem-vindos.

Quero, em primeiro lugar, registrar minhas mais elevadas saudações e o meu mais profundo, sincero e reverente agradecimento a cada um dos membros desta Comissão Especial Julgadora. Além dos membros titulares aqui presentes, saúdo, com igual consideração, os meus muito estimados membros suplentes: Profa. Dra. Maria Eunice Quilici Gonzales e Prof. Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares.

Prezados professores, sou profundamente grato por vossa presença nesse momento tão ímpar de minha vida pessoal, profissional e acadêmica; sou igualmente agradecido pela generosa disponibilidade com que cada um dos senhores e senhoras atendeu a meu convite. Para além de minha gratidão, sinto-me sobremaneira honrado: as senhoras e os senhores são, para mim, mestras e mestres cujas trajetórias tomo como referência desde que os conheço; ainda hoje, quando então estou na iminência de acessar o mais alto cargo na carreira docente da Universidade Federal, os senhores e as senhoras continuam a orientar o modo como conduzo minha carreira. Por tudo isso, não é exagero afirmar que vossas presenças nessa tarde de uma sexta-feira conferem a este rito de passagem uma significação e uma envergadura que transcendem os limites do que eu seria capaz de expressar por intermédio da linguagem ordinária; ainda que pudesse exaurir todos os recursos linguísticos de que disponho, jamais seria bem-sucedido na indústria de traduzir em sua plenitude a grandeza e inefável gratidão que vos consagro.

Alguns dos meus agradecimentos, posto que formalmente consignados no corpo da Tese, reclamam solene expressão pública. Prosseguindo em minha liturgia de gratidão, direciono meu olhar e minhas palavras aos alicerces afetivos e institucionais que concorreram para viabilizar a integridade do que submeto ao vosso crivo.

Com efeito, embora eu vos tenha apresentado uma Tese, o que eu – assim como todos os aspirantes ao cargo de Professor Titular – mais efetivamente submetemos à apreciação de uma Comissão Especial Julgadora em uma data com essa é a nossa própria carreira; no meu caso, apresento uma carreira cujas origens decerto se estendem para além do dia 22 de Abril de 2010, data em que ingressei como Docente efetivo no Magistério Superior Federal. Para que eu não incorra em um regresso à minha vida intrauterina ou mesmo ao meu ingresso no sistema formal de ensino, registro o início do meu percurso no mês de Abril de 1999, quando então teve início meu primeiro período como aluno do curso de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não me deterei, nesse momento, no inventário das tantas dificuldades pelas quais passei e tenho passado desde que, em meu primeiro semestre como discente no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, precisei empenhar esforços muito além do que supunha ser capaz e do que estava preparado para acompanhar as disciplinas, marcadas quase sempre, e desde o primeiro período, por discussões teóricas de extrema aridez, e ministradas, em sua maioria, por professores de estilo hermético e comportamentos idiossincráticos. Já naquele momento, a evasão discente era notável: acredito que menos de ¼ dos ingressantes chegaram ao final do curso. Desses, poucos foram os colegas que concluíram uma pós-graduação *stricto sensu* e, dentre os que chegaram a finalizar o mestrado, poucos foram os que concluíram o doutorado. Sem incorrer em risco de pieguice, posso afirmar que, no interior de um cenário que pelo menos para mim foi hostil, logrei êxito: o menino assustado e inexperiente, que há 27 anos não havia completado 18 anos ao ingressar no curso de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro é, hoje – posso afirmar sem falsa modéstia – um docente com vasta produção acadêmica e expressiva atuação institucional. Ao longo desse percurso, percorri, sempre sem intercorrências, sem reprovações, e com avaliações muito favoráveis, 1 graduação em filosofia, 1 mestrado em filosofia e 1 doutorado em filosofia; além da formação em filosofia, estou atualmente nos 4 últimos meses de 1 graduação em psicologia; há menos de um mês, defendi o Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres, tendo recebido nota 100. Desde 2009 – quando defendi meu doutorado e dei início ao meu primeiro pós-doutorado, sob a supervisão do Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr. –, completei 3 períodos de pós-doutoramento, tendo um quarto agendado

para o início do ano que vem; no primeiro desses – o qual transcorreu sob a diligente supervisão do Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr. –, fui laureado com uma bolsa FAPESP e agraciado com pareceres muito elogiosos, dirigidos tanto ao projeto quanto ao relatório final. Ao longo desse percurso, e agora considerando minha produção bibliográfica, tenho conduzido muitos projetos de pesquisa e extensão, atualmente completos e/ou em andamentos; publiquei 62 artigos em periódicos; organizei alguns dossiês, um dos quais dedicados a discutir o trabalho do Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr., e o qual se beneficiou da ilustre participação de António e Hannah Damásio; tenho 1 livro organizado e 8 capítulos de livro publicados; também disponho de diversos textos em *magazines* e em anais de congressos; proferi quase 70 palestras ou apresentações; redigi dezenas de pareceres editorias para revistas, e não me lembro de alguma vez ter recusado oferecer um parecer ou demorar mais de uma semana para entregá-los aos editores; participei reiteradas vezes de bancas de concursos públicos para docentes, bem como em muitas bancas de doutorado, mestrado, trabalhos de conclusão de curso e em processos seletivos para professores substitutos e de discentes aspirantes aos cursos de mestrado e doutorado em filosofia; há alguns meses, 'defendi' o meu primeiro doutor em Filosofia, tendo outros 3 doutorandos em formação; formei 10 mestres em Filosofia e estou recebendo mais 1; supervisionei 4 pesquisas de pós-doutorado e estou iniciando a quinta; orientei 30 trabalhos de conclusão de curso e quase dez pesquisas de iniciação científica. Junto à Universidade Federal de Uberlândia, fui um dos fundadores da Comissão de Ética e participo ou participei de inúmeras comissões internas e externas ao Instituto de Filosofia.

Sem embargo de tudo pelo que precisei passar para chegar a este momento – em que apresento e defendo minha Tese para a Promoção à Classe de Professor Titular na Carreira do Magistério Superior – trago comigo o coração e a mente repletos de gratidão. Dentre as raríssimas certezas que tenho, a principal é a de que nunca estive só.

Dirijo-me, em primeiro lugar, e de maneira absolutamente especial, à minha esposa, Solange: ela é a luz que me alumia nos tantos momentos em que a existência se faz noite; é, ademais, o espelho no qual minha alma se reconhece. E é como luz e como espelho que cura minhas dores e me impulsiona a viver mesmo quando o sofrimento perpetrado pelo sentimento de ausência de sentido do mundo se faz notar em todo seu ímpeto.

Agradeço também, e com igual veemência, a meus amados pais – Antônio José e Maria Cristina – matrizes da minha história, os primeiros e maiores responsáveis por eu ter chegado a esse momento, os autênticos pilares da minha primeira e indestrutível rede de apoio; agradeço a meus irmãos, Gabriel e Ana Cristina, pedaços de mim e testemunhas horizontais da minha história; sou grato por ter vivenciado e vivenciar a experiência da paternidade e, nesse sentido, agradeço a meus filhos, João Guilherme e Kaike, e a meu enteado, Marcus Paulo, sobretudo pela silenciosa e involuntária capacidade que têm de me lembrarem de que devo ser um exemplo. Pelo amor que por eles nutro, agradeço por mobilizarem em mim comportamentos e afetos de autopreservação. Estendo esses agradecimentos iniciais àqueles que, apesar de meu temperamento antissocial e de minha tendência a uma reclusão quase monástica, persistem em ser meus amigos.

De maneira muito especial, registro meu agradecimento às instituições que me formaram: às escolas pelas quais passei ao longo da educação infantil, fundamental e média; ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ); ao Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista 'Júlio Mesquita Filho' (UNESP-Botucatu); ao Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista 'Júlio Mesquita Filho' (UNESP-Marília); e, por fim, ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, a instituição que me acolheu no momento em que, dando início à segunda metade de minha existência, pude iniciar um novo nível de busca interior por meu *eu* integral e pelo significado que transcende as superficialidades da juventude, quanto então nos tornamos aptos a experimentar a diminuição do domínio do ego e a simultânea emergência de uma nova força, o 'verdadeiro eu'. Agradeço de maneira muito especial – e imbuído de uma emoção impossível de expressar em palavras – à minha casa, ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

A todas essas pessoas e instituições devo, fundamentalmente, tudo o que sou e o que tenho. Por cada uma dessas pessoas, por cada uma dessas instituições, e por ter sempre estado no lugar e no momento corretos, agradeço a Deus ou à sorte.

***

Ao longo da última semana, mantive-me em estado de particular concentração para essa Sessão Pública de Defesa de Tese para Professor Titular. Talvez por esse motivo, e certamente influenciado pelo fato de também estar lendo **Em busca do tempo perdido**, de Marcel Proust, estive mais propenso a devaneios pretéritos regidos pelos caprichos da temporalidade, cujas leis – sabemos – não são ditadas pelo ciclo do sol ou por quaisquer outros paradigmas cronométricos e externos. Afetado pela leitura desse monumento, tenho estado mais sensível e suscetível aos movimentos da memória involuntária – sob cuja atuação o passado irrompe no presente de modo súbito, prescindo de qualquer assentimento ou aviso prévio.

Foi o que me ocorreu de forma vívida na última sexta-feira, dia 13 de março: ao sair de casa, e tão logo acionei o botão do elevador, bati com as mãos nos bolsos da calça para conferir se não havia me esquecido do telefone celular e da carteira. Um gesto automático, mecânico, destituído de qualquer significação pública. Ocorre que, imediatamente após realizar esse movimento tão trivial, fui transportado – ou transportei-me –às paragens da minha infância. Emergiu, em minhas lembranças a imagem do meu pai, em um corpo que se confunde com o meu atual; para ser mais preciso, que se fundia ao meu: com efeito, meu pai repetia esse exato ritual antes de cruzar a porta. Refiro-me a um gesto ou hábito tão banal que não me surpreenderia se minha mãe – que com ele convive há mais de 50 anos – nunca o tenha notado conscientemente. No que diz respeito a mim naquele momento, a força do ineditismo dessa experiência – similar ao episódio em que as reminiscências de Marcel são despertadas após comer um pedaço de *madeleine* molhado em chá – fez com que a pergunta sobre a frequência com que executo tal gesto, ou mesmo se o executei anteriormente, perdesse inteiramente o sentido. Não importava se era a primeira vez ou a milésima; importava apenas que, naquele instante, o passado havia ressurgido não como lembrança, mas como presença. Meu pai estava ali, corporificado em mim, no meu gesto mais banal. E essa reminiscência foi 'mais verdadeira' do que qualquer precisão que minha memória voluntária pudesse alcançar.

A lembrança do hábito de bater nos bolsos da calça, gesto herdado e, naquele momento, incorporado em meu próprio corpo, incitou-me a refletir – imbuído de um misto de espanto, ternura e autocompaixão – sobre o homem velho que serei; ou, mais precisamente, sobre o homem velho que em mim já habita e que trago comigo, tal como o meu pai – hoje em sua senescência, prestes a completar 80 anos – trazia consigo, já em sua quarta e quinta décadas de vida, a velhice que inexoravelmente haveria de se anunciar.

Tomado de assalto por essa reflexão, quero dedicar esta apresentação – este coroamento institucional da minha carreira acadêmica – a três homens velhos que habitam minha vida e que me impelem a meditar a respeito do meu próprio envelhecimento. O primeiro é aquele a quem acabo de aludir: meu pai, Antonio José de Almada. O segundo é o Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira, eminente membro desta Comissão Especial e meu mestre, a quem tive a honra de dedicar tanto a minha dissertação de mestrado, em 2005, quanto minha tese de doutorado, em 2009. O terceiro é o Prof. Dr. Alfredo Pereira Jr., amigo e mestre, e a quem devo o início de minha trajetória em Filosofia da Mente e das Neurociências e tanto aprendizado e parceria.

***

Antes de dar início a uma apresentação geral sobre a arquitetura da Tese, sinto-me no dever – a um só tempo ético e intelectual – de proceder a um esclarecimento pontual acerca do texto que os senhores e a senhora têm em mãos, mais especificamente sobre a segunda parte do prefácio. Essas páginas foram redigidas na fase derradeira de um trabalho exaustivo, em um momento em que – não apenas em razão da Tese – eu já me encontrava física e emocionalmente no limite das minhas forças. A este processo de esgotamento fui conduzido por uma confluência de estímulos potencialmente ansiógenos, cada qual repleto de suas próprias valências emocionais: à força que dispensei às minhas tarefas com pesquisa, docência, orientação e extensão se associaram infindáveis preocupações familiares, uma graduação em Psicologia e, como não poderia deixar de ser, a difícil e transformadora experiência que é a de ser um Estagiário em Psicologia em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. A fadiga a que cheguei no final do processo por força dessa constelação de estímulos emocionais significativos talvez tenha dificultado minha capacidade de expressar com a clareza desejada as tantas mudanças pelas quais passei no curto espaço de tempo que separa a redação da primeira parte do prefácio da segunda.

Meu intuito era o de deixar claro que não abandonarei e tampouco negligenciarei meu passado. Sei, hoje, que, na verdade, percorri um caminho de ida e volta. Alimento o propósito firme, claro e atual de conciliar as pesquisas que venho desenvolvendo intensamente no âmbito da Psicologia – em especial, sobre a velhice, o silêncio e a demência – com a retomada da minha investigação original em Filosofia da Mente, em sua proposta de sustentar uma posição emergentista e corporificada para o problema das relações mente-corpo.

Houve um momento em que me vi tomado pela compreensão de que a Filosofia da Mente e das Neurociências, sobretudo a que prima por um verniz fisicalista, carece das ferramentas necessárias para contemplar a nossa dinâmica intrapsíquica em sua complexidade. Esse é ainda o meu diagnóstico. Não obstante essa ciência, creio hodiernamente que o caminho a seguir não é o do divórcio em relação à minha história, mas a ampliação de perspectivas, o reconhecimento das limitações inerentes às ciências naturais, e a articulação entre posições capazes de iluminar as diferentes faces do fenômeno da mente consciente e do inconsciente. Nessa equação, está açambarcado todo o trabalho que – sob a prestimosa orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto Cerqueira – desenvolvi ao longo de quase 10 anos, entre minha graduação e o doutorado.

Esse movimento de ampliação interdisciplinar se coaduna com o parecer que conferi quanto à lacuna epistemológica significativa que constatei na área de investigação da Tese; deveras, os termos 'Filosofia da Velhice' e 'Filosofia do Envelhecimento' são praticamente inexistentes na literatura acadêmica brasileira. Destarte, resta ainda tudo por fazer. Assumir a pretensão de ser pelo menos um dos fundadores e responsáveis pelos alicerces desse campo no Brasil implica – é escusado afirmar – o risco de abraçar um objeto vasto demais e oferecer uma visão muito panorâmica. Minha convicção, no entanto, é a de que a urgência ética e epistemológica dessa empreita justifica plenamente o esforço e o risco. Considerando o fato de que estamos diante de um campo inexplorado, a primeira tarefa não poderia ser a de proceder a um trabalho marcado pelo superespecialismo; antes, o ofício que me cabia enfrentar era o de estabelecer definições essenciais de base. Ora, as ciências que lidam com o envelhecimento se sustentam sobre definições filosóficas implícitas e frequentemente estereotipadas, de sorte que minha intenção não poderia ser a de esgotar o tema, mas a de oferecer os alicerces de uma tese fundacional. O aprofundamento seguramente virá nas pesquisas subsequentes, a exemplo da minha proposta de pós-doutorado sobre a eloquência das lacunas linguísticas e a narratologia; em outras palavras, sobre o silêncio de velhos. Diante do exposto, minha crença concerne à necessidade a qual se me impôs de 'limpar o terreno' conceitual para garantir que não continuássemos tratando o envelhecimento a partir de uma cosmovisão reducionistas e, *ipso facto*, infértil.

***

Transpostos esses preâmbulos, direciono meu olhar para a Tese que submeti à apreciação dessa Comissão Especial, e à qual intitulei 'Velhice como fase da vida: contribuições da Psicologia do Desenvolvimento à constituição de uma Filosofia e Psicologia da Velhice e do Envelhecimento'.

A finalidade – ou, mais precisamente, o objetivo central desta tese – emerge de uma inquietação ética com a qual me deparei ante um cenário potencialmente paradoxal, a saber: em que pese nossa crescente capacidade biomédica e tecnológica de prolongar a vida biológica, é possível que, ao mesmo tempo, não estejamos devidamente preparados para que a experiência de envelhecer não seja esvaziada de sentido. Diante desse diagnóstico, assumo a aspiração de defender que, em nenhuma hipótese, a velhice deva ser compreendida como (i) um resíduo ou esgotamento da vida adulta, (ii) um tempo de espera pela morte ou, ainda, (iii) como uma fase de mero declínio biológico. Sustento, ao contrário, que a velhice é uma das legítimas fases da vida; nesse sentido, uma fase da vida (i) possivelmente plena, dotada (ii) de tarefas psíquicas específicas, (iii) de potencialidades contínuas de desenvolvimento e, outrossim, (iv) de uma dignidade ontológica inerente.

A hipótese que subsidia todo o meu percurso é a de que a constituição de uma Filosofia e Psicologia da velhice não está sob a ingerência de definições exclusivamente cronológicas ou biomédicas. Na velhice, (i) o desenvolvimento humano persiste e (ii) as formações psicológicas continuam a se reconfigurar dialeticamente. É preciso ressaltar, no entanto, que a preservação do sujeito em sua velhice implica que lhe seja conferido, de forma plena, (i) o direito à memória, (ii) à construção narrativa de si e (iii) à sustentação ambiental, do seu *unwelt*, seu mundo circundante.

Visando a dar conta desse mister, adotei uma metodologia qualitativa, de abordagem majoritariamente teórica e conceitual. Lancei mão de uma análise textual pretensamente minuciosa e do esforço de articular conceitos para construir e avaliar argumentos, apoiando-me, para tanto, na pesquisa fenomenológica e na teoria fundamentada. Em sua primeira parte, tratou-se, a Tese, de um trabalho de 'escavação' e 'limpeza do terreno', graças ao qual me senti subsequentemente autorizado a dar ensejo uma discussão transdisciplinar, coordenando, em função do problema, ferramentas tomadas de empréstimo da Filosofia, da Psicologia do Desenvolvimento (em especial, da abordagem *life-span*, de Paul Baltes), da Psicanálise (sobretudo a winnicottiana) e da Psicologia histórico-cultural.

Estruturei o trabalho em quatro capítulos, buscando, com isso, delinear um percurso cujo início remonta a uma crítica conceitual mais abstrata, e o qual culmina no labor inerente à realidade da clínica e da práxis institucional.

No Capítulo 1, dedico-me a estabelecer as bases conceituais do trabalho. Historicamente, a confusão semântica em torno do envelhecimento contribuiu para a patologização do idoso e para o que Simone de Beauvoir denunciou como a 'conspiração do silêncio'. Proponho, nesse primeiro momento, uma ruptura com o modelo exclusivamente biomédico. Apoiando-me na perspectiva *life-span* (desenvolvimento ao longo da vida) e nos teóricos da Gerontologia, estipulo uma distinção que considero vital, a saber: diferencio (i) o envelhecimento – compreendendo-o como um processo contínuo, vitalício, multidimensional e multidirecional, e o qual envolve perdas e ganhos desde a concepção – , (ii) a velhice – designando-a como uma categoria social e culturalmente demarcada, uma fase da vida – e (iii) o velho – o sujeito singular, histórico e desejante que habita esse estado. Para recorrer à metáfora que, em minha opinião, melhor define o trabalho do filósofo, pelo menos em sua parte inicial, essa 'limpeza de terreno' me permite afirmar que o desenvolvimento não cessa na maturidade; antes, ele apenas adquire novas configurações.

Com o terreno preparado para o Capítulo 2, passo a escrutínio das profundezas da subjetividade e do sentimento de finitude. Nessa esteira, enfrento o ceticismo freudiano clássico, com base no qual a velhice foi frequentemente associada à rigidez egóica e à ineducabilidade, inviabilizando, por conseguinte, e segundo o parecer de Freud e seus discípulos mais ortodoxos, a análise de pessoas idosas. Opondo-me à posição de Freud, proponho uma inflexão paradigmática em direção à obra de Donald Winnicott. Argumento que a velhice impõe a tarefa de amadurecimento pessoal mais complexa de todas: a conquista da 'capacidade de morrer'. É daí que advém minha consideração consoante a qual a saúde na velhice não é a manutenção maníaca da juventude, mas a capacidade do *self* de realizar um movimento paradoxal: o de 'integrar a de-integração'. A de-integração não se confunde com a desintegração patológica do medo do colapso; trata-se, antes, da aceitação madura da dependência, do relaxamento das fronteiras do *eu*, graças ao qual o sujeito se permite um retorno ao estado de não-integração inicial, agora com a sabedoria do vivido. Contudo – e este é o ponto crucial –, esse 'crescer para menor' não ocorre no vácuo ou seguindo a metodologia do *laissez faire*. Trata-se de um ofício cuja consecução depende que nós, membros da sociedade ou profissionais de saúde, sejamos capazes de fornecer o que Donald Winnicott chama de um ambiente facilitador, uma verdadeira 'clínica do *holding'* (sustentação) e do *handling* (manejo),

cuja característica é o esforço e a subsequente capacidade de amparar, ainda que minimamente, o sujeito contra a angústia de aniquilação até o seu suspiro final.

No Capítulo 3, realizo um movimento de expansão dialética: parto da dinâmica intrapsíquica em direção à constituição social e histórica do sujeito, recorrendo, então, ao suporte fornecido pela psicologia soviética marxista. Apoio-me, para tanto, na premissa de que o velho não é uma mônada, pelo menos enquanto categoria social – na medida em que, existencial ou psicologicamente, todos somos. Amparado na Psicologia histórico-cultural de Vygotski e na Psicologia Social de Ecléa Bosi e Halbwachs, refuto a concepção da memória como um mero arquivo neurobiológico sujeito a falhas. Com Ecléa Bosi, sustento a diferença entre a 'memória-sonho' e a 'memória-trabalho'. Na velhice, o ato de lembrar constitui um trabalho psíquico árduo, uma reconstrução do passado à luz do presente e a qual visa, em última instância, a conferir sentido a uma existência fragmentada pelo tempo. A narrativa autobiográfica emerge, assim, não como nostalgia ou devaneio senil, mas como um ato político de resistência contra a 'morte social' imposta pela nossa sociedade de consumo, que oprime e afasta o improdutivo. Pelo ofício da narrativa, o velho torna-se o guardião da memória coletiva, unindo o começo e o fim. No entanto, cumpre assinalar, a memória é dialógica: ela exige um ouvinte, um 'ego auxiliar' que testemunhe e valide essa existência.

Por fim, chego ao Capítulo 4. Nesse momento, a abstração teórica cede lugar à concretude da experiência e confronta-se com a aspereza da realidade institucional. Este capítulo constitui, na verdade, a transcrição de uma palestra na qual apresento os dados do meu Estágio Profissionalizante em Psicologia Clínica em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Demonstro, entrementes, como os conceitos abstratos de *holding*, *perezhivanie* (vivência) e narrativa se convertem em ferramentas clínicas urgentes e indispensáveis no cuidado com idosos asilados, muitos deles atravessados por processos demenciais e pela perda da palavra. Proponho apresentar que, mesmo no silêncio absoluto — o que descobri não ser um vazio, mas uma 'eloquência das lacunas' —, ou ainda na fala repetitiva, há um sujeito que clama por sustentação. A prática atesta, destarte, que a intervenção na velhice não visa a 'curar' o envelhecimento, mas garantir um espaço relacional e ético no qual o sujeito possa continuar sendo, com dignidade, até deixar de ser.

Eis o que busco idealizar: a velhice não é o ocaso do desenvolvimento, mas sua mais complexa expressão – porquanto se trata do momento em que o sujeito é convocado a integrar a finitude sem renunciar ao sentido. Longe, nesse sentido, de ser apenas o momento em que o corpo e o psiquismo naufragam. Minha Tese quer apresentar a velhice como a etapa final de uma construção subjetiva, a expressão última da existência como obra. Constituir uma Filosofia e uma Psicologia da Velhice e do Envelhecimento é, portanto, um ato de resistência contra a desumanização do tempo vivido. Trata-se de abandonar as lentes que nos impedem de enxergam para além das falhas para que, ato contínuo, possamos acolher uma ética do cuidado que reconhece no velho um sujeito inalienável de desejo e de história.

Chego onde talvez deveria ter começado: na escuta da voz que dá sentido a toda esta construção teórica. Evoco, para isso, a mestra que mais diretamente alicerçou esta Tese e meu percurso em Filosofia e Psicologia da velhice e do envelhecimento: Ecléa Bosi. Com Bosi, aprendemos que a velhice não é o ocaso, mas o tempo axial em que a memória se transfigura em uma das mais altas funções da existência, o instante em que as reflexões se dobram sobre a quintessência do vivido. Ao rememorar, o ancião não sonha nem devaneia; as lembranças de velhos constituem um ofício quase religioso, qual seja, o de unir o começo ao fim, o de tranquilizar as águas revoltas do presente por meio da capacidade que tem de alargar suas margens. A memória evocativa do idoso é semelhante a uma obra de arte; para quem sabe ouvi-la, tem o supremo poder de operar um milagre silencioso, o de nos desalienar e o de nos devolver, a todos nós, a humanidade que o tempo cronométrico insiste em roubar.

Caminhando para o desfecho desta apresentação, sinto a urgência de pontuar que a Psicologia não pode e não deve ser cindida por polarizações estéreis; não pode e não deve se perder em meio a um maniqueísmo de trincheiras rivais, a um Fla x Flu. Quanto mais estudo a Psicologia da velhice e do envelhecimento, mais reverencio os esforços daqueles que se dedicam à saúde mental dos mais jovens. O velho hoje destruído pela inexorável debilidade do corpo e pelas lancinantes dores da solidão e da depressão é, não raras vezes, o que restou de um feto, de uma criança, de um adolescente ou de um adulto espancado. Espancado por quem? Pelos pais, pelos responsáveis, pelos avós, pelos vizinhos, pela escola, pela igreja, pelas instituições, pela moralidade escrupulosa, pela pobreza, pela desnutrição, pelas ideologias e preconceitos, por nossas frustrações, por nosso perverso sistema socioeconômico e por toda e qualquer forma de desamparo. Antes de tudo, e de forma mais dilacerante, pela falta de sentido da vida.

Uma das marcas mais definidoras da vida é, indiscutivelmente, o sofrimento. Meus filhos sofrem, assim como eu sofri e assim como padece toda humanidade. De fato, raras são as características tão universalmente distribuídas quanto a dor. Um velho é, via de regra, um sujeito espancado, o desaguadouro de uma tragédia contínua. A poucos meses de me tornar um psicólogo, considero-me um psicólogo do desenvolvimento em formação e, não por acaso, minha Tese principia com uma perquirição rigorosa sobre o próprio conceito de desenvolvimento. A esse respeito, sustento a posição de que o desenvolvimento se desdobra estritamente nos planos físico e psicológico, e jamais no terreno moral. O amadurecimento constitui um processo psicológico que nos capacita a lidar com os estímulos aversivos da maneira mais adaptativa e funcional possível, instrumentalizando-nos progressivamente a emitir respostas operantes e comportamentos de esquiva que assegurem a nossa sobrevivência integral diante das contingências invariavelmente hostis. Dito de outra maneira, amadurecer é aprender é a modular o próprio comportamento com o fito de maximizar as recompensas e minimizar ou mitigar as punições.

Em oposição à onipresença do sofrimento, a conquista do amadurecimento – essa engenharia adaptativa – não goza da mesma distribuição equitativa entre os homens. Definitivamente, o processo de envelhecimento não é a causa um processo de amadurecimento, ainda que esses processos possam ocorrer em paralelo, e ainda que não seja possível amadurecer sem reunir experiências e vivências, isto é, ainda que estes fenômenos estejam em correlação. A razão para esse descompasso é cristalina. A existência não obedece a um plano teleológico de elevação moral ou espiritual, tampouco a uma finalidade previamente traçada. No crepúsculo da vida, o desamparo lancinante e a ruína da carne podem se instaurar sem que a pessoa idosa detenha as ferramentas emocionais mínimas para tolerar a gravidade da própria dor. É diante desse abismo incontornável, no exato instante em que o padecimento transborda e o amadurecimento sucumbe, que a máxima de Albert Camus presente em **O Mito de Sísifo** ganha contornos de terror. Ao postular que o suicídio constitui o único problema filosófico sério, e que avaliar se a vida vale ou não o esforço de ser vivida constitui a resposta à questão primeva da filosofia, Camus expõe a fratura aberta de uma velhice lançada ao relento. Se a existência é um deserto de dor e não há um desígnio superior a nos resgatar, que força nos impede de simplesmente capitular?

Minha fala chega enfim ao seu termo. A resposta para a provocação de Camus não reside em uma grande teoria reconfortante, mas na singeleza do encontro humano e na ética da escuta. Agradeço imensamente a atenção de cada um de vocês. É neste exato momento, ao encontrar ouvidos que se disponham a me acolher e a testemunhar minha travessia, que eu acredito que a vida guarda ainda um teimoso fiapo de sentido.

Se a nossa sociedade desarma os velhos e apaga os seus rastros, que a nossa capacidade de escuta atue como a trincheira final de resistência, devolvendo a eles a condição inalienável de sujeitos de desejo e de história até o último suspiro. Que possamos, pois, transpor essa mesma presença para a nossa prática e para o nosso convívio, garantindo que a velhice deixe de ser um naufrágio solitário para se tornar a consumação de uma biografia e uma verdadeira obra de arte da existência.

Muito obrigado.

Leonardo Ferreira Almada, em 20 de Março de 2026 (Uberlândia-MG, Brasil)

Anexo II: Perguntas e respostas sobre a Tese

Docente: Leonardo Ferreira Almada

Data: 20 de março de 2026, sexta-feira, 14 horas

Local: Defesa remota via Microsoft Teams, Uberlândia-MG, Brasil

Prefácio

Pergunta 1: A ruptura com a Filosofia da Mente de verniz fisicalista

Em seu prefácio você relata um distanciamento irrevogável da tradição da Filosofia da Mente e das Neurociências, criticando seu verniz fisicalista. Você afirma que esse campo não possui as ferramentas mínimas para contemplar nossa dinâmica intrapsíquica e nossa vida subjetiva profunda. Ao declarar esse divórcio, você não estaria descartando toda a sua bagagem de mais de 15 anos de pesquisa, orientações e publicações internacionais? Como conciliar essa ruptura com a maturidade exigida de um Professor Titular?

Resposta:

Essa é uma questão interessante pela capacidade que tem de tocar em meu movimento intelectual. O termo divórcio reflete um momento em que me vi tomado pela compreensão de que a Filosofia da Mente e das Neurociências de verniz fisicalista carece das ferramentas necessárias para contemplar a nossa dinâmica intrapsíquica em sua complexidade. Esse é a inda meu diagnóstico. Contudo, como busquei esclarecer em minha apresentação, muitos processos internos foram suscitados em mim ao longo do ano, especialmente depois que iniciei meu Estágio Profissionalizante. Nutro a convicção de que não abandonarei e tampouco negligenciarei meu passado. Na verdade, percorri um caminho de ida e volta. Creio hoje que o caminho não é o divórcio, mas a ampliação de perspectivas, o reconhecimento das limitações inerentes às ciências naturais, e a articulação entre posições capazes de iluminar as diferentes faces do fenômeno da mente consciente e do inconsciente. Portanto, não há um descarte da minha bagagem, mas o propósito firme, claro e atual de conciliar as pesquisas que venho desenvolvendo intensamente no âmbito da Psicologia, em especial sobre a velhice, o silêncio e a demência, com a retomada da minha investigação original em Filosofia da Mente, em sua proposta de sustentar uma posição emergentista e corporificada para o problema das relações mente-corpo.

Pergunta 2: A epifania e o rigor da escolha do tema

Você descreve no prefácio que a escolha do seu objeto de pesquisa se consolidou após um breve e descompromissado comentário de sua esposa ao acordar, o que o fez responder a si mesmo: 'O silêncio dos velhos, o mundo dos velhos, dedicar-me ao cuidado e ao estudo de velhos'. Do ponto de vista acadêmico, não haveria o risco de essa fundamentação parecer excessivamente baseada em uma epifania pessoal ou em um solilóquio, carecendo da sistematicidade que fundamenta a escolha de um objeto de pesquisa?

Resposta:

Esta preocupação é absolutamente pertinente. No entanto, faço questão de pontuar no texto que esse solilóquio não configura a formatação final de uma resposta, mas uma 'virada de chave'. E esse instante de epifania só foi possível porque encontrou um terreno previamente preparado por anos de inquietações. Coincidiu, mais precisamente, com meu afastamento progressivo da Psicologia Cognitiva e do meu encontro com autoras como Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi. A 'epifania' foi o momento em que minhas angústias filosóficas e minha formação em Psicologia finalmente convergiram. Ademais, as questões que estão mais radicalmente entranhadas em nosso psiquismo são justamente as que possuem maior propensão para impulsionar o rigor da pesquisa e transformar o esforço investigativo em propósito de vida.

Pergunta 3: O ineditismo de uma filosofia da velhice no Brasil

Você relata ter constatado uma lacuna epistemológica significativa: os termos 'Filosofia da Velhice' e 'Filosofia do Envelhecimento' são inexistentes na literatura acadêmica brasileira. Ao tentar inaugurar ou alicerçar esse campo no Brasil com esta tese, você não corre o risco de tentar abraçar um mundo vasto demais, oferecendo uma visão muito panorâmica e perdendo o aprofundamento filosófico específico?

Resposta:

O risco da vastidão existe, mas a urgência ética e epistemológica o justifica. Justamente por estarmos diante de um campo inexplorado no Brasil, a primeira tarefa não poderia ser o superespecialismo, mas a de estabelecer definições de base essenciais. As ciências que lidam com o envelhecimento, como a Gerontologia e a Psicologia do Desenvolvimento, sustentam-se sobre definições filosóficas implícitas e, muitas vezes, estereotipadas. Minha intenção com esta Tese não é esgotar a Filosofia da Velhice, mas oferecer alicerces. É, destarte, uma tese fundacional. O aprofundamento virá nas pesquisas subsequentes – como a minha proposta de Pós-Doutorado sobre a 'eloquência das lacunas' e a narratologia –, mas antes era imperativo 'limpar o terreno' conceitual para garantir que não continuássemos tratando o envelhecimento com as mesmas lentes reducionistas.

Pergunta 4: A exaustão, o estágio e a perda da assepsia teórica

Na segunda parte do prefácio, redigida em dezembro de 2025, você relata um grau extremo de exaustão física e emocional, mencionando que a vivência na ILPI despiu a teoria de sua 'assepsia', confrontando-o com o esvaziamento da demência e o falecimento de uma residente. Tendo em vista o peso emocional deste relato, pergunto: essa contaminação afetiva e esse esgotamento confessos não ameaçam a objetividade e a isenção necessárias para a formulação de uma tese acadêmica?

Resposta:

Pelo contrário, é essa contaminação afetiva que legitima a validade da minha pesquisa. A Filosofia e a Psicologia que me propus investigar não poderiam, sob o risco de hipocrisia, manter a sua 'assepsia' teórica quando confrontadas com o Real da clínica. O estágio na Instituição de Longa Permanência não foi apenas um laboratório; foi, antes, a 'prova de fogo' das minhas abstrações. O cansaço relatado não é uma fragilidade acadêmica, mas o testemunho de que a minha Tese não é um exercício de gabinete. A objetividade cega diante da velhice e da morte é justamente o que a tradição biomédica faz, objetificando o idoso. A exaustão que descrevo é a prova metodológica de que a escuta qualificada e a ética do cuidado são, em sua essência, atos filosóficos encarnados, e não apenas discursos distantes.

Introdução

Pergunta 1: O paradoxo da longevidade e a responsabilidade da Gerontologia

Na sua Introdução, você abre o texto apontando para um cenário paradoxal: a nossa era da 'revolução da longevidade' duplicou a expectativa de vida, mas, ao mesmo tempo, esvaziou de sentido a experiência do envelhecer. Você afirma que a Gerontologia e as ciências da saúde falham ao não compreender o idoso como um sujeito de desejo. Não seria injusto cobrar da Gerontologia e da Medicina a responsabilidade por dar 'sentido' à vida? O sentido não seria uma questão puramente individual e subjetiva, enquanto o papel da Medicina é justamente garantir o prolongamento biológico que você mesmo reconhece como um avanço?

Resposta:

De fato, a busca por sentido possui uma dimensão inegavelmente individual, mas não ocorre no vácuo. O que defendo na Introdução não é que a Gerontologia prescreva um 'sentido' pronto, mas que operar sob a hegemonia do 'modelo biomédico' e da 'razão cronométrica' ativamente obscurece a dimensão existencial do viver no tempo. Quando as ciências da saúde objetificam o velho apenas como um corpo em decadência ou o reduzem a um processo de déficit progressivo, falham em reconhecer ali um sujeito de desejo e de história. Portanto, a crítica epistemológica que faço é a de que carecemos de uma linguagem ética e simbólica nas ciências do envelhecimento. O sentido da vida prolongada só pode ser construído pelo próprio sujeito se a ciência e a sociedade deixarem de tratá-lo como um mero objeto de gestão de doenças crônicas e passarem a reconhecer a velhice como uma fase legítima e com dignidade inalienável.

Pergunta 2: A crítica ao 'envelhecimento bem-sucedido'

Ainda na Introdução, você critica não apenas o modelo biomédico de decadência, mas também o discurso do chamado 'envelhecimento bem-sucedido'. Uma provocação: você aponta que o discurso do envelhecimento bem-sucedido impõe uma normatividade de produtividade e jovialidade que recusa a própria velhice. No entanto, incentivar que o idoso seja ativo e saudável não é algo positivo? Ao criticar esse modelo, você não corre o risco de endossar a passividade na velhice?

Resposta:

Essa é uma ponderação muito importante, pois toca em uma armadilha comum na forma como a sociedade lida com a velhice. A minha crítica ao discurso do 'envelhecimento bem-sucedido' não é uma apologia à doença ou à passividade. O problema desse discurso é que ele se constitui como uma normatividade mercadológica que, no limite, recusa e apaga a própria velhice. Ele exige que o velho aja como jovem, mantendo níveis de produtividade e jovialidade ditados pela sociedade de consumo, para que só então seja considerado 'bem-sucedido'. Como aponto no texto, isso é uma forma de objetificação. O verdadeiro desenvolvimento na velhice, que defendo através da Psicanálise winnicottiana, não é a luta maníaca para não envelhecer, mas o trabalho psíquico de integrar o declínio e a dependência como partes de uma trajetória com sentido. Reconhecer a dignidade da velhice significa aceitá-la com suas tarefas próprias, e não a travestir de juventude.

Pergunta 3: A 'conspiração do silêncio' e o escopo político da pesquisa

Você evoca Simone de Beauvoir logo nas primeiras páginas para denunciar a 'conspiração do silêncio', argumentando que a sociedade capitalista foca na produção e no consumo, tratando os velhos como 'párias' e tornando a velhice um 'segredo vergonhoso'. Ao trazer o peso da 'sociedade capitalista' e o lugar do idoso como 'pária', sua tese não estaria ultrapassando os limites de uma investigação em Psicologia do Desenvolvimento e Filosofia da Mente, transformando-se num manifesto sociológico ou político? Como você delimita o seu objeto de estudo intrapsíquico diante de tamanha ênfase na exclusão social?

Resposta:

Compreendo a observação, mas a premissa da qual parto, e que sustenta a própria arquitetura do trabalho, é a de que o estudo velhice exige uma abordagem transdisciplinar. Como afirmo no texto, o sujeito que envelhece não é uma mônada isolada. Eu não posso investigar a subjetividade e as tarefas psíquicas do velho sem reconhecer que esse sujeito é construído histórica e socialmente. A denúncia de Beauvoir sobre a 'conspiração do silêncio' não é um desvio sociológico, mas a constatação da realidade ambiental na qual esse psiquismo tenta sobreviver. A exclusão social atinge diretamente a capacidade de o sujeito manter a sua integridade narrativa e a sua memória-trabalho. Por isso, minha Tese busca ser também um manifesto em defesa de uma velhice habitada por sujeitos, pois a restituição da condição de sujeito ao velho, seja na clínica ou na filosofia, é, intrinsecamente, um ato ético e político.

Método

Pergunta 1: O uso da fenomenologia e da teoria fundamentada em uma pesquisa teórica

Em sua seção de Método, você afirma utilizar os desenhos de pesquisa da fenomenologia e da teoria fundamentada. Como a fenomenologia e a teoria fundamentada, que tradicionalmente pressupõem coleta de dados empíricos diretos com os sujeitos, podem ser aplicadas de modo metodologicamente rigoroso em uma Tese que você mesmo define como de abordagem qualitativa, majoritariamente teórica, conceitual e baseada em análise textual?

Resposta:

Essa é uma excelente observação metodológica. De fato, os autores nos quais me apoio compartilham de um viés fundamentalmente empírico de pesquisa qualitativa. No entanto, adaptei esses desenhos para atender às especificidades de uma investigação filosófica. A fenomenologia atua aqui como uma abertura metodológica e atitude intelectual que me capacita a pensar o envelhecimento e a velhice como experiências vividas, e não como meros dados biológicos. Já a teoria fundamentada me fornece um método sistemático para o desenvolvimento de uma teoria abstrata sobre o fenômeno, permitindo a redefinição conceitual de termos como velhice e desenvolvimento. Não as utilizo para guiar entrevistas, mas para integrar as categorias identificadas na análise fenomenológica e oferecer uma análise completa e multidimensional do envelhecimento.

Pergunta 2: A reflexividade e o rigor da pesquisa qualitativa

Você deixa muito claro que o pesquisador atua como o próprio instrumento da pesquisa e que as suas intervenções pessoais, sua história acadêmica e suas experiências modulam os significados atribuídos aos dados. Ao assumir abertamente essa reflexividade e a interferência da sua trajetória afetiva e acadêmica, você não estaria abrindo mão da objetividade e da isenção analítica necessárias para a consolidação de uma Tese de Titularidade?

Resposta:

De maneira alguma. Na pesquisa qualitativa, a reflexividade permite que a pesquisa se autodetermine por aspectos que costumam ser encobertos na pesquisa quantitativa, como a história, a bagagem cultural e as experiências do pesquisador. Tentar negar que o histórico geral do pesquisador molda a pesquisa implicaria negar a própria subjetividade, o que resulta em absurdo. Quando explicito a minha trajetória e meus vieses, permito que se identifique a força desses aspectos em modelar as interpretações realizadas durante o estudo. A explicitação dessas intervenções não prescinde da atividade crítica, permitindo rastrear onde residem as discussões sobre as experiências pessoais e onde se inicia a importância do conteúdo e o rigor do método.

Pergunta 3: O construcionismo social frente ao declínio biológico

Ao fundamentar sua abordagem qualitativa, você elege o construcionismo social como sua perspectiva filosófica de base. Ao ancorar seu método no construcionismo social para criticar o modelo biomédico, seu trabalho não corre o perigo de ignorar a materialidade biológica inegável do corpo idoso, reduzindo o envelhecimento a uma mera construção discursiva?

Resposta:

O risco existiria se o construcionismo adotado operasse uma negação da materialidade, o que absolutamente não é o meu caso. O construcionismo social que adoto sustenta que os indivíduos desenvolvem significados subjetivos para suas experiências, os quais são variados, múltiplos e negociados socialmente. Compreender que os indivíduos interpretam o mundo a partir de suas experiências culturais e históricas não apaga a materialidade do corpo que declina. A metodologia qualitativa me permite focar em um quadro holístico, identificando os muitos fatores envolvidos em uma situação no mundo real. O método não ignora a dor física, mas foca nos processos de interação e no modo como as normas históricas e culturais operam nas vidas dos indivíduos.

Pergunta 4: A estética da escrita e a recusa da economia de informação

Na segunda parte do método, você relata que, por não haver orientador ou normas impostas de formatação, optou deliberadamente por um estilo que desafia a economia da informação, privilegiando a repetição, notas de rodapé integrais e muitas citações. Essa recusa aos padrões convencionais de síntese acadêmica não prejudica a fluidez e a objetividade esperadas em um trabalho desse porte?

Resposta:

Essa escolha estilística e metodológica não é fortuita, encontrando justificação filosófica na crítica de Byung-Chul Han à sociedade do desempenho e à perda da capacidade de demorar-se. Vivemos em uma época que não tem mais paciência para a espera e exige textos enxutos e acelerados, valorizando apenas o êxito rápido e de curto prazo. Se o meu tema é a velhice, uma fase da vida que exige desaceleração e ressignificação do tempo, o método de escrita deve ser, ele próprio, um convite ao silêncio, à pausa e à contemplação. A forma da tese é indissociável de seu conteúdo. A recusa à síntese apressada é um ato de resistência e um demorar-se contemplativo, provando que é o silenciar-se que dá profundidade à fala.

Capítulo 1

Pergunta 1: A redefinição de desenvolvimento e a perspectiva *life-span*

No primeiro capítulo, você argumenta que os manuais tradicionais falham ao não conceituar adequadamente o desenvolvimento, e adota a perspectiva *life-span* de Paul Baltes para afirmar que o desenvolvimento não cessa na vida adulta. Ao expandir o conceito de desenvolvimento para abranger toda a vida, incluindo a velhice e seus inevitáveis declínios orgânicos, você não corre o risco de diluir o conceito a ponto de chamar qualquer mudança fisiológica, mesmo a patológica, de desenvolvimento?

Resposta:

Agradeço a questão, pois ela me permite esclarecer a essência do paradigma *life-span*. A expansão do conceito de desenvolvimento não significa uma diluição, mas o reconhecimento de sua complexidade. A perspectiva tradicional peca por associar o desenvolvimento apenas a ganhos biológicos e crescimento físico direcional. A abordagem *life-span*, que adoto como alicerce, postula que o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional, envolvendo invariavelmente uma dialética entre ganhos e perdas desde a concepção até a morte. O declínio biológico é inegável na velhice, mas o desenvolvimento persiste porque o sujeito continua a mobilizar recursos, adaptar-se e criar configurações para o seu ciclo de vida. Considerar a velhice como fase de desenvolvimento não é negar a falha do corpo, mas afirmar que a capacidade de adaptação e a plasticidade permanecem presentes até o fim da vida.

Pergunta 2: A distinção conceitual e o risco de preciosismo semântico

Você dedica uma parte significativa do capítulo para separar três categorias bem definidas: o envelhecimento como processo, a velhice como estado e o velho como sujeito. No cotidiano clínico e social, esses termos são usados indistintamente como sinônimos. Essa separação rigorosa não seria apenas um preciosismo semântico sem impacto prático real na Psicologia da Velhice?

Resposta:

De forma alguma considero essa separação um preciosismo. A confusão semântica tem consequências práticas profundas e muitas vezes nefastas para a pessoa idosa, contribuindo diretamente para a sua patologização. Quando usamos envelhecimento e velhice como sinônimos absolutos, endossamos a ilusão social de que apenas os velhos envelhecem, criando um distanciamento em que a sociedade repudia a velhice como algo restrito ao outro. Além disso, distinguir a velhice, que é uma categoria social e culturalmente demarcada, do velho, que é o sujeito singular e histórico, é o único caminho epistemológico possível para resgatar o indivíduo escondido sob a frieza demográfica. Sem essa limpeza de terreno conceitual, a Psicologia e a sociedade continuarão tratando o idoso como um objeto generalizado em declínio, e não como um sujeito dotado de desejo e história singular.

Pergunta 3: A crítica à idade cronológica e o rigor objetivo

Ainda no primeiro capítulo, apoiando-se em Simone de Beauvoir e nos teóricos da Gerontologia, você afirma que a idade cronológica é uma medida arbitrária, insatisfatória e que guarda pouca associação consistente com as reais mudanças físicas e mentais do envelhecer. Embora a idade cronológica seja limitante do ponto de vista existencial, ela não é o critério objetivo fundamental que garante balizas para a ciência? Ao desconstruir a validade da idade cronológica, você não enfraquece as bases metodológicas do seu próprio campo de estudo?

Resposta:

Compreendo a preocupação metodológica, mas a minha crítica situa-se no plano puramente filosófico e fenomenológico. O argumento que sustento é o de que a idade cronológica é uma convenção social insatisfatória porque não pode ser tomada como régua exata para medir a subjetividade ou a verdadeira idade biológica de uma pessoa. O processo de envelhecimento é radicalmente não-linear e não-uniforme, podendo se manifestar em graus e momentos diversos. A própria Simone de Beauvoir já alertava para a discrepância evidente entre a idade cronológica e a degradação biológica ou existencial de cada indivíduo. Pessoas com a mesma idade cronológica apresentam velhices completamente distintas, o que torna a diversidade a marca principal dessa etapa da vida. A recusa em aceitar a cronologia como definidora absoluta da velhice visa impedir que a ciência engesse a pessoa idosa em estereótipos baseados unicamente no tempo de calendário, permitindo que a clínica abrace a heterogeneidade real da senescência.

Capítulo 2

Pergunta 1: A crítica a Freud e a adoção do paradigma winnicottiano

No segundo capítulo, você se afasta do pessimismo freudiano clássico, que apontava para a rigidez egóica e a falta de plasticidade psíquica dos idosos, para adotar o paradigma winnicottiano. Ao rejeitar a cautela de Freud sobre a entropia psíquica e o excesso de material acumulado na velhice, você não estaria ignorando uma realidade clínica inegável? Como a teoria de Winnicott resolve esse impasse sem cair em um otimismo ilusório sobre o envelhecer?

Resposta:

O meu afastamento de Freud não significa uma negação do declínio biológico ou das dificuldades cognitivas reais da velhice, mas uma recusa em aceitar que o desenvolvimento emocional se encerra na maturidade adulta. Freud estava, em certa medida, atrelado ao modelo biomédico e organicista de sua época, que condenava o idoso a uma entropia psíquica irreversível. Ao recorrer a Winnicott, busco uma inversão epistemológica. Winnicott nos ensina que o amadurecimento é um processo contínuo do nascimento à morte. A teoria winnicottiana não é ingenuamente otimista; ela reconhece a tensão da finitude e a falência do corpo, mas propõe que a psique pode amadurecer ao realizar um trabalho dificílimo, que é a integração dessa mesma finitude. O que proponho não é negar a entropia de que falava Freud, mas mostrar que, com um ambiente facilitador, as perdas podem ser vividas não como adoecimento intransponível, mas como a etapa final e mais sofisticada do desenvolvimento emocional.

Pergunta 2: A sutil diferença entre de-integração e desintegração

O núcleo da sua tese neste capítulo é a ideia de que a grande tarefa psíquica da velhice é a integração da de-integração, o que permitiria o crescer para menor e a conquista da capacidade de morrer. Na prática clínica com idosos, a linha entre essa de-integração saudável e a desintegração patológica, típica das demências e do medo do colapso, parece muito tênue. Como você diferencia clinicamente o relaxamento maduro das fronteiras do ego de um mero desfazimento caótico do *self*?

Resposta:

Essa distinção ontológica e clínica é a espinha dorsal do meu argumento no segundo capítulo. A desintegração, como Winnicott adverte, é uma defesa organizada contra a dor de ansiedades impensáveis, é o medo do colapso, o cair para sempre, um estado caótico e patológico que paralisa o desenvolvimento emocional. Já a de-integração é uma conquista do indivíduo maduro. Trata-se da capacidade de, amparado em um ambiente confiável, abrir mão da rigidez e da onipotência, aceitando o retorno circular a um estado de dependência. Não é um fracasso ou um desfazimento reativo, mas uma adaptação ativa do ego diante do tempo. O diferencial clínico reside justamente na sustentação ambiental: é a presença de uma clínica do *holding* que garante que o idoso possa relaxar suas fronteiras com segurança, transformando o que seria uma aniquilação traumática em um fechamento natural do ciclo vital, amparado pela sabedoria da experiência acumulada.

Pergunta 3: A clínica do holding e a realidade do cuidado asilar

Você introduz a noção de uma clínica do *holding*, afirmando que, na velhice, o eixo da intervenção deve passar da lógica da cura para a lógica do cuidado, ou seja, para a sustentação do ser. Considerando que a sociedade capitalista exclui o improdutivo e que as instituições asilares frequentemente reduzem o cuidado a ações mecânicas e biomédicas, como higienizar e medicar, essa clínica do *holding* não seria uma utopia inalcançável? Como viabilizar essa mutualidade terna em ambientes de extremo abandono?

Resposta:

Compreendo a provocação, pois ela toca na dimensão ética e política mais urgente do meu trabalho. De fato, o modelo biomédico prescritivo que impera na maioria das instituições não gera o *holding* nem o *handling* necessários para a sustentação psíquica. Se o manejo for apenas técnico e impessoal, o idoso corre o grave risco de despersonalização, perdendo o vínculo com o próprio corpo. No entanto, propor a clínica do *holding* não é propor uma utopia, mas estabelecer um imperativo ético de resistência para a Psicologia. O *holding* não exige recursos tecnológicos complexos; ele exige a presença humana, a disposição do terapeuta ou cuidador de suportar o silêncio, o declínio e as agonias primitivas do idoso sem fugir. O profissional suficientemente bom atua como o ambiente que permite ao idoso viver sua solidão essencial sem cair no isolamento absoluto. A clínica do *holding* é, portanto, a forma concreta de restituir ao velho a sua dignidade em meio à aspereza institucional.

Pergunta 4: Envelhescência e o luto pela própria vida

No final do capítulo, você articula o conceito de envelhescência, cunhado por Manoel Tosta Berlink, com a necessidade de um luto antecipatório pela própria vida, formulado por Delia Goldfarb. Como é possível conciliar a envelhescência, que você define como uma recriação do eu e um enriquecimento do mundo interno, com a dor paralisante de um luto em que o objeto perdido e condenado é a própria existência do sujeito? Não há uma contradição insuperável entre recriar o eu e preparar-se para o seu fim?

Resposta:

Não há contradição, mas sim a expressão do profundo paradoxo existencial que define o trabalho psíquico da velhice. A envelhescência é exatamente o esforço do pensamento que permite ao sujeito distinguir sua velhice do preconceito social estigmatizante, recriando o eu diante das exigências de um corpo que se aproxima da morte. Contudo, esse processo de recriação criativa só acontece através da elaboração do luto. O luto pelas perdas dolorosas é o que, fundamentalmente, capacita o idoso a discriminar o que ainda é possível viver, permitindo-lhe demarcar sua nova posição e reinvestir no mundo. O *eu* exige continuidade, e a morte representa a ruptura radical. Sendo assim, a capacidade de morrer não é um dado biológico passivo, mas uma conquista emocional gigantesca de quem pôde constituir um self suficientemente real para aceitar a sua própria dissolução. O luto antecipatório é, paradoxalmente, a matéria-prima através da qual a recriação da envelhescência se realiza.

Capítulo 3

Pergunta 1: A transição para a Psicologia histórico-cultural e o conceito de *perezhivanie*

No Capítulo 3 você realiza um movimento dialético, saindo da psicanálise winnicottiana para a Psicologia histórico-cultural de Vigotski. A teoria histórico-cultural é tradicionalmente reconhecida por seus estudos sobre o desenvolvimento infantil e a aprendizagem. Como você justifica a aplicação dessa matriz teórica para explicar o envelhecimento, uma fase marcada por perdas biológicas evidentes, e como o conceito de *perezhivanie* atua nessa transição?

Resposta:

A escolha da Psicologia histórico-cultural se justifica precisamente porque ela recusa a ideia de que o desenvolvimento humano se encerra na maturidade biológica. Para Vigotski, Luria e Leontiev, as funções psicológicas superiores não são dons inatos, mas relações sociais internalizadas. Na velhice, o declínio biológico é inegável, mas o cérebro humano mantém sua plasticidade e sua capacidade de criar sistemas compensatórios mediados pela cultura e por instrumentos simbólicos. O conceito de *perezhivanie*, ou vivência, é a chave para entender essa dinâmica. Ele não descreve apenas o que acontece no ambiente, mas representa a unidade indivisível na qual o sujeito experimenta e refrata a realidade externa através de sua própria história e de seus afetos. Na velhice, as rupturas como a aposentadoria ou o luto geram um drama, uma colisão social que atua como verdadeira força motriz para o desenvolvimento. É a partir dessa vivência tencionada que o idoso pode alcançar novos motivos e ressignificar sua existência, provando que o desenvolvimento psíquico continua em movimento até o fim da vida.

Pergunta 2: A memória coletiva e o declínio neurobiológico

Apoiando se em Halbwachs e Ecléa Bosi, você afirma que a memória não é um mero arquivo neurofisiológico, mas uma construção social e um trabalho ativo. Ao enfatizar os quadros sociais da memória e a memória-trabalho, você não estaria negligenciando o fato clínico de que o envelhecimento traz consigo uma deterioração neural real das funções mnêmicas, como ocorre nas demências?

Resposta:

A minha abordagem não nega a materialidade da deterioração neuronal, mas propõe que o esquecimento na velhice não deve ser lido exclusivamente sob a lente da patologia biológica e do déficit. Com Halbwachs, compreendemos que nunca lembramos sozinhos, pois nossas lembranças dependem intrinsecamente de quadros sociais, como os amigos, o trabalho e a comunidade. Quando o idoso se aposenta, sofre com a dispersão da família ou perde seus contemporâneos, esses suportes externos que permitiam a ele lembrar se simplesmente desmoronam. Portanto, muito do que o modelo médico chama de declínio cognitivo é também o sintoma do isolamento e da perda de pertencimento. Além disso, com Ecléa Bosi, defendo a distinção entre a memória-sonho, que é passiva, e a memória-trabalho. Para o idoso, lembrar não é evocar o passado com precisão de arquivo, mas reconstruí-lo ativamente com as ideias do presente para dar sentido a uma existência fragmentada. A memória atua como uma ferramenta identitária vital, e a sua falha é acelerada de forma cruel quando a sociedade destrói os laços e os cenários que a sustentam.

Pergunta 3: A morte social e a necessidade de novos motivos

Você utiliza a teoria da atividade de Leontiev para explicar que a aposentadoria e o afastamento do mundo produtivo geram uma crise ontológica no idoso, frequentemente vivenciada como uma morte social. Se a raiz do problema está na estrutura econômica do capitalismo que descarta o improdutivo, a solução não seria estritamente política? Qual é, afinal, a saída psicológica que a sua tese propõe para essa alienação?

Resposta:

A exclusão imposta pela sociedade de consumo é inegavelmente um problema político e estrutural, mas suas consequências são profundamente psicológicas, pois afetam de forma direta a constituição da consciência e a integridade do eu. Leontiev nos ensina que a consciência se forma através da atividade principal do sujeito, que na vida adulta é predominantemente o trabalho. Quando a sociedade retira o idoso desse lugar sem oferecer alternativas de valorização, ocorre uma alienação que culmina na morte social. A saída psicológica que proponho baseia se na necessidade vital de que novos motivos assumam a hierarquia da atividade do sujeito idoso. A velhice pode ser um momento de revolução interna se a pessoa idosa encontrar espaços reais para objetivar sua subjetividade, seja através do cuidado, da arte, da política ou, de maneira muito especial, da transmissão de sua memória narrativa. É dever da

Psicologia e da Filosofia não naturalizar a falta de produtividade imposta pelo mercado, mas auxiliar a pessoa idosa a encontrar atividades socialmente significativas que o reintegrem ativamente à cultura e preservem a sua saúde mental.

Pergunta 4: A narrativa como resistência e a figura do ego auxiliar

Na parte final do capítulo, você evoca Walter Benjamin e a figura do narrador para sustentar que a narrativa autobiográfica é um ato político de resistência, exigindo a presença de um ouvinte que atue como ego auxiliar. Em uma sociedade contemporânea caracterizada pela aceleração e pela perda do dom da escuta, exigir que o profissional ou o familiar atue como esse ego auxiliar não seria impor um fardo irrealizável na prática clínica e institucional?

Resposta:

Compreendo perfeitamente que a sociedade contemporânea, pautada pela velocidade e pela lógica do lucro, repele a lentidão e a contemplação exigidas pela escuta atenta do idoso. No entanto, atuar como ego auxiliar não é um fardo irrealizável, mas sim o imperativo ético e clínico mais urgente da prática psicológica voltada ao envelhecimento. Benjamin lamentava o fim da arte de narrar justamente porque a experiência transmissível, a sabedoria tecida na vida, estava sendo substituída pela informação efêmera e utilitária. Quando o psicólogo, o cuidador ou o pesquisador empresta seu aparelho psíquico para ouvir a pessoa idosa e validar sua narrativa, ele está rompendo ativamente com a conspiração do silêncio. O idoso que narra reconstrói sua identidade narrativa e cumpre sua mais alta função social, que é a de unir o começo e o fim da história da sua comunidade. Portanto, a oferta de uma escuta qualificada é a ferramenta mais poderosa que temos para validar a existência do sujeito envelhecido, resgatando sua dignidade e garantindo seu indispensável enraizamento no mundo.

Capítulo 4

Pergunta 1: A transição da teoria para a clínica nômade e a manutenção do rigor psicanalítico

No Capítulo 4, você relata que sua atuação no estágio não ocorreu em um *setting* analítico tradicional e asséptico, mas nos corredores, à sombra de uma mangueira ou na beira da cama, configurando o que você chama de clínica nômade. Como é possível sustentar o rigor dos conceitos psicanalíticos e filosóficos, como a clínica do *holding* de Winnicott, em um ambiente atravessado pela urgência do cuidado físico e pela aspereza asilar?

Resposta:

A transposição da teoria para a instituição de longa permanência não significa a perda do rigor, mas sua prova de fogo e a sua encarnação. O *holding* de Winnicott não exige um divã ou quatro paredes, pois ele exige a presença física e a coragem do terapeuta em suportar a angústia do outro sem fugir. Na instituição, a rotina é marcada pela objetificação e por um processo agudo de mortificação do eu, conforme o conceito de Goffman que utilizo. Quando me sento ao lado de uma pessoa idosa em silêncio, segurando suas mãos e suportando o vazio sem tentar preenchê-lo com um otimismo artificial, estou exercendo o *holding* na sua forma mais pura e ética. A clínica nômade atesta que a intervenção psicanalítica ganha sua verdadeira força justamente onde o ambiente humano tradicional falhou em fornecer amparo.

Pergunta 2: O silêncio na demência e a crítica ao reducionismo biomédico

Você dedica parte significativa do capítulo ao silêncio, redefinindo-o não como vazio, mas como uma eloquência das lacunas. Contudo, ao lidar com pacientes com demência avançada, a psiquiatria tradicional aponta que o silêncio é fruto direto da deterioração neural. Ao apostar na presença de um sujeito no silêncio da demência, você não estaria negando a realidade orgânica e devastadora da degeneração cerebral?

Resposta:

Não há qualquer negação da materialidade orgânica da doença neurológica. O que eu critico é o reducionismo biomédico que afirma que o cérebro é mais real do que a mente, perdendo de vista a complexidade da experiência humana. A demência traz perdas inegáveis, mas nem tudo o que acontece a uma pessoa com demência é determinado apenas organicamente. A minha atuação baseia-se em uma aposta pascaliana na presença de uma vida psíquica no idoso demenciado, existência essa que a maioria dos trabalhos ignora. O silêncio do velho carrega agonias impensáveis, como o medo de desintegração e de cair para sempre. Reduzir esse silêncio a um mero sintoma neurológico é perder a oportunidade de intervenção clínica e ética. Escutar essas lacunas é garantir um espaço relacional para que o sujeito continue sendo com dignidade, até deixar de ser.

Pergunta 3: O choque de temporalidades e a exaustão afetiva do pesquisador

No seu relato, você descreve o choque entre a temporalidade acelerada do tempo do mundo e o tempo denso, dilatado e silencioso dos velhos. Além disso, você confessa o alto preço afetivo do estágio, culminando no seu luto pessoal pela morte da residente Sra. L.2. Assumir esse nível de afetação, exaustão e sofrimento pessoal não compromete o distanciamento e a objetividade necessários para a pesquisa e para a intervenção terapêutica?

Resposta:

A afetação afetiva não é uma falha metodológica, mas a prova cabal de que o vínculo terapêutico se estabeleceu. Se eu me mantivesse imune à morte da Sra. L.2, estaria reproduzindo a mesma objetificação imposta pela instituição asilar. O choque de temporalidades revela que a intervenção na velhice exige que o psicólogo atue exatamente na fresta entre a pressa das tarefas de cuidado da sociedade e o presente longo e destituído de futuro da pessoa idosa. Compreendi com essa perda que o objetivo do acompanhamento terapêutico não é a cura do envelhecimento, mas a garantia inegociável de que aquela vida seja testemunhada e reconhecida em sua dignidade até o derradeiro suspiro. A exaustão e o luto que descrevo são a contraface humana de uma prática ética, evidenciando que a filosofia e a psicologia da velhice devem suportar o olhar sobre a fragilidade humana e não se esconder em abstrações.

Pergunta 4: O ego auxiliar e a narrativa como resistência à morte social

Ao relatar o atendimento à Sra. E.1, uma mulher lúcida, mas curatelada pelas filhas e institucionalizada, você define seu papel como o de um ego auxiliar que empresta o aparelho psíquico para que ela organize sua narrativa. Como esse conceito de ego auxiliar se articula politicamente contra o que você chama de morte social dentro das instituições asilares?

Resposta:

A Sra. E.1 é o retrato trágico de uma violência simbólica lancinante, na qual a idosa se percebe tratada, mas não cuidada. A institucionalização e a sociedade de consumo impõem às pessoas idosas a morte social, silenciando-os e retirando sua agência de decisões. Quando atuo como ego auxiliar, não estou ali para corrigir sua fala ou aplicar intervenções verbais que gerariam impaciência, mas para ser a testemunha que o meio social muitas vezes se recusa a ser. Ao emprestar minha escuta e meu aparelho psíquico, permito que ela exerça sua memória-trabalho e sustente sua condição de sujeito desejante. Nesse sentido, a escuta qualificada transcende a clínica individual e se torna um ato político de resistência, devolvendo à pessoa idosa o seu papel de guardiã da história e garantindo que suas vozes não despenquem no vazio.

Considerações Finais

Pergunta 1: A restituição ontológica e os limites do rigor acadêmico

Nas suas considerações finais, você afirma que o material entregue ultrapassa o nível de investigação acadêmica, estendendo se a um esforço muito particular de restituição ontológica da pessoa idosa como sujeito de desejo e de história. Ao assumir esse tom que flerta com a militância ética, você não corre o risco de comprometer a neutralidade e o rigor analítico esperados de uma tese de titularidade em Filosofia?

Resposta:

A restituição ontológica não é uma militância cega que se opõe ao rigor acadêmico, mas o seu próprio desdobramento ético e lógico. Ao longo de todo o texto, demonstrei que a suposta neutralidade das ciências da saúde e do modelo biomédico serviu, historicamente, para encobrir a objetificação e a patologização do velho. A dívida histórica da Filosofia e da Psicologia exige que o rigor conceitual seja colocado a serviço da emancipação do sujeito. O rigor da minha pesquisa está justamente na limpeza de terreno feita no primeiro capítulo e na articulação precisa de conceitos estruturais, o que me autoriza a concluir que reconhecer a pessoa idosa como sujeito de desejo e história não é um mero apelo emocional, mas uma exigência epistemológica inadiável.

Pergunta 2: A aceitação da fragilidade como condição humana

Nas últimas páginas do seu trabalho, você conclui que a dignidade da velhice reside na aceitação da fragilidade como condição humana, e não como falha. Ao naturalizar a fragilidade e focar tanto na falha da nossa civilização em lidar com a velhice, você não estaria retirando do próprio idoso a responsabilidade pelo seu envelhecimento e pelo seu trabalho psíquico interno?

Resposta:

De forma alguma. A afirmação de que a fragilidade é uma condição humana caminha lado a lado com a exigência do trabalho psíquico individual, o qual explorei exaustivamente no capítulo sobre Winnicott. O velho que emerge desta tese não é um sujeito passivo ou um decrépito doente, mas alguém que continua a realizar o trabalho árduo de ser, de lembrar e de se relacionar diante da finitude. O que destaco na conclusão, apoiando me em Simone de Beauvoir, é que a sociedade fracassa fatalmente ao não oferecer o ambiente facilitador

necessário para que o idoso realize esse trabalho. A responsabilidade individual pelo amadurecimento permanece, mas ela depende inegavelmente de um suporte cultural e social que a viabilize e a testemunhe.

Pergunta 3: A transdisciplinaridade e a práxis asilar como prova de fogo

Ao resumir sua trajetória teórica na conclusão, você recapitula a passagem pela perspectiva *life span*, pela psicanálise winnicottiana e pela psicologia histórico-cultural, culminando na realidade institucional da ILPI. Após aplicar esse denso arcabouço teórico na realidade crua de uma Instituição de Longa Permanência, qual foi, em última análise, a transformação prática que a filosofia sofreu ao descer para o campo da clínica asilar?

Resposta:

A transformação prática foi a confirmação inequívoca de que os conceitos filosóficos e psicológicos não são abstrações de gabinete, mas ferramentas de intervenção urgentes e indispensáveis. Em uma ILPI, a teoria foi testada pelo confronto direto com o sofrimento, com a perda da memória e com o silêncio que beira o apagamento. A filosofia desceu à terra para se tornar um anteparo concreto contra a desumanização do cuidado. A práxis me provou que a escuta qualificada e o *holding* não apenas aliviam a dor orgânica temporária, mas devolvem concretamente a dignidade a sujeitos que a sociedade já havia silenciado e descartado. A filosofia e a psicologia da velhice se revelaram, portanto, como atos políticos e afetivos de enraizamento.

Pergunta 4: A velhice como obra de arte da existência

Para finalizar sua tese, você expressa a esperança de que a velhice deixe de ser um destino passivo para se tornar, finalmente, uma obra de arte da existência, provando que a vida insiste em fazer sentido até o último suspiro. A banca pode questionar: Leonardo, essa visão de obra de arte não seria o retorno a uma romantização da velhice, algo que você mesmo criticou veementemente no início do seu trabalho ao combater o discurso do envelhecimento bem-sucedido e a razão cronométrica?

Resposta:

A noção de obra de arte da existência não guarda qualquer relação com a romantização mercadológica do envelhecimento bem-sucedido. O discurso mercadológico exige que o velho aja como jovem, mascarando seu declínio com produtividade e jovialidade artificial para ser validado. A obra de arte a que me refiro é justamente o oposto: é o resultado do laborioso esforço de olhar para a própria finitude, de integrar a de integração e de reconstruir a identidade através da memória trabalho, suportando as falhas do corpo. Tornar a vida uma obra de arte na velhice é aceitar as perdas irremediáveis e, ainda assim, lutar para encontrar sentido e continuar existindo como sujeito dotado de história. Não há romantismo paliativo nisso, mas o mais puro e complexo trabalho de amadurecimento humano diante da morte.

Estrutura da tese

Pergunta 1: A progressão dialética e o risco de fragmentação temática

A estrutura da sua tese segue um percurso bastante peculiar. Você parte da limpeza conceitual no Capítulo 1, passa pela dimensão intrapsíquica no Capítulo 2, avança para a dimensão sociocultural no Capítulo 3 e culmina em um relato de palestra e estágio no Capítulo 4. Essa transição drástica entre campos tão distintos, indo da filosofia abstrata à prática asilar, não compromete a unidade metodológica do trabalho, tornando a tese um aglomerado de ensaios isolados em vez de um sistema coeso?

Resposta:

A estrutura da tese foi concebida de maneira intrinsecamente dialética e transdisciplinar para refletir a própria complexidade do objeto de estudo. O envelhecimento não pode ser compreendido por uma única lente disciplinar sem sofrer reducionismos. O Capítulo 1 realiza a escavação conceitual necessária para que os próximos passos sejam dados sem os vícios do modelo biomédico. O Capítulo 2 aborda o sujeito em sua intimidade psíquica, enquanto o Capítulo 3 reconhece que esse sujeito não envelhece no vazio, mas na cultura, exigindo a análise da memória. Por fim, o Capítulo 4 não é um apêndice desconexo, mas a prova de fogo do arcabouço teórico, o momento em que a abstração desce ao terreno rugoso da realidade asilar. A unidade metodológica de toda a tese é garantida pela finalidade central do trabalho, que é a restituição ontológica do idoso como sujeito de desejo e de história.

Pergunta 2: A inclusão de uma palestra e relato de estágio no coroamento da carreira

O quarto capítulo da sua tese foge completamente à estrutura acadêmica convencional, consistindo na transcrição de uma palestra baseada em suas vivências nômades de estágio clínico em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Incluir uma palestra de tom assumidamente pessoal, clínico e permeado por exaustão afetiva como o capítulo final de uma Tese de Titularidade em Filosofia não reduz o rigor acadêmico exigido para a sua promoção funcional?

Resposta:

A inclusão deste formato no último capítulo é uma decisão metodológica e ética absolutamente deliberada. Ao longo da tese, critico a assepsia teórica do modelo biomédico e a objetificação do idoso. Manter o final da tese restrito ao distanciamento do gabinete filosófico seria reproduzir essa mesma objetificação e atestar o fracasso ético do meu próprio argumento. O Capítulo 4 tem a função estrutural de demonstrar como conceitos teóricos densos, como a clínica do holding e a vivência da perezhivanie, funcionam como ferramentas de intervenção clínica humanizadoras e urgentes. A forma narrativa da palestra permite dar voz à dimensão afetiva e ao choque de temporalidades que experimentei na prática do asilo, provando que o rigor da filosofia atinge o seu grau máximo quando é capaz de se encarnar e suportar o sofrimento e o silêncio da vida real.

Pergunta 3: A arquitetura transdisciplinar e o perigo do ecletismo

A arquitetura teórica da sua tese apoia se em matrizes epistemológicas que muitos consideram díspares. Você constrói o Capítulo 2 sobre a Psicanálise de Winnicott e o Capítulo 3 sobre a Psicologia histórico-cultural de Vigotski e a Psicologia Social da Memória. Como a estrutura da sua pesquisa evita o ecletismo superficial ao unir uma teoria focada no amadurecimento intrapsíquico com teorias fundamentadas na constituição social e cultural do psiquismo?

Resposta:

A integração dessas teorias na estrutura da tese responde à natureza irredutivelmente complexa da velhice. Não busco fundir essas matrizes em uma única teoria indistinta, mas utilizá-las como chaves hermenêuticas complementares para dimensões diferentes do mesmo fenômeno. A psicanálise winnicottiana me fornece o vocabulário indispensável para compreender a dinâmica do mundo interno, o trabalho psíquico de aceitar a dependência e a angústia de aniquilação. Contudo, para que o sujeito consiga realizar a integração de sua de-integração, ele depende visceralmente do ambiente social. É exatamente aí que Vigotski e a psicologia social de Ecléa Bosi entram de forma estrutural, explicando como a identidade do velho é sustentada culturalmente através da memória-trabalho e da narrativa validada por um ouvinte. O intrapsíquico e o sociocultural são, na arquitetura metodológica desta tese, faces interdependentes da mesma realidade ontológica.

Pergunta 4: O estilo de escrita e o ritmo da tese como ferramentas de método

Nas considerações metodológicas iniciais, você afirma que a forma do texto é indissociável do seu conteúdo e que optou deliberadamente por um estilo que desafia a economia da informação, adotando repetições e um longo desenvolvimento textual. Essa escolha estrutural pela extensão literária e pela recusa da síntese não dificulta a objetividade do seu argumento central, indo na contramão da fluidez exigida pelas bancas e pela comunidade científica?

Resposta:

A fluidez exigida pela comunidade científica contemporânea muitas vezes se confunde com a pressa mercadológica e com a superficialidade típicas da sociedade do desempenho e dos regimes cronométricos que faço questão de denunciar no meu trabalho. O envelhecimento é uma fase que exige imperativamente a ressignificação do tempo e a desaceleração. Sendo assim, a estrutura do meu texto visa mimetizar a própria experiência de temporalidade da velhice. A recusa à síntese apressada, o uso estratégico de repetições conceituais e a manutenção integral das vozes dos autores em longas citações formam um convite estético e metodológico para o leitor exercitar a contemplação. O rigor da tese não se dilui na sua extensão. Muito pelo contrário, o texto adquire a densidade exata para demonstrar, na forma e no conteúdo, que o demorar se é a condição indispensável para o verdadeiro cuidado ético.

Referências bibliográficas e estilo de citação

Pergunta 1: A recusa da economia de informação e o excesso nas notas de rodapé

Ao analisarmos o seu trabalho, notamos uma escolha metodológica e estética bastante incomum para os padrões acadêmicos atuais. Você optou deliberadamente por não utilizar o sistema autor data e por repetir as referências bibliográficas na íntegra nas notas de rodapé, recusando expressões de síntese como *op cit* ou *ibid*. Essa prolixidade intencional nas citações e referências não vai na contramão da clareza, da fluidez e das normas de padronização exigidas na comunicação científica contemporânea, tornando o texto desnecessariamente denso?

Resposta:

Essa escolha estilística, de fato, desafia as normas de padronização contemporâneas, mas ela possui uma justificação filosófica central para a minha tese. Apoio me na crítica de Byung Chul Han à sociedade do desempenho e à perda da capacidade de demorar se. A exigência acadêmica por textos enxutos, acelerados e dominados pela economia de informação é um reflexo da mesma razão cronométrica e produtivista que oprime o idoso. Se o meu objeto de estudo é a velhice, uma fase que exige a ressignificação do tempo e a contemplação, a forma do meu texto precisa espelhar esse conteúdo. Repetir as referências na íntegra e dar voz completa aos autores nas notas de rodapé é um convite metodológico à pausa. É um ato de resistência contra a pressa mercadológica, provando que o rigor da pesquisa não se mede pela velocidade da leitura, mas pela profundidade do tempo que dedicamos a ela.

Pergunta 2: O peso das obras clássicas frente à literatura científica recente

Observando as suas referências bibliográficas, percebe se um peso estrutural gigantesco conferido a obras das décadas de 1960 e 1970, com destaque absoluto para Simone de Beauvoir, publicada em 1970, e Ecléa Bosi, publicada em 1973, além dos textos de Winnicott. Em uma tese de titularidade defendida em 2026, a centralidade dada a textos com mais de cinquenta anos não indicaria uma defasagem bibliográfica ou uma negligência em relação aos dados empíricos mais recentes da gerontologia contemporânea?

Resposta:

Compreendo a preocupação, mas a centralidade dessas obras não reflete defasagem, e sim uma escolha fundacional. A gerontologia contemporânea, embora riquíssima em dados empíricos e biomédicos recentes, frequentemente carece de uma base ontológica e política sólida para pensar o idoso como sujeito. Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi não são apenas referências datadas; elas são as fundadoras de uma visão crítica que desmascarou a conspiração do silêncio e a morte social impostas ao velho. A minha tese tem um caráter filosófico de limpeza de terreno. Para desconstruir o modelo biomédico atual, que muitas vezes ainda objetifica o idoso, foi estritamente necessário retornar aos clássicos que estabeleceram a velhice como um fato cultural e existencial, e à psicanálise de Winnicott, que formulou as bases do amadurecimento intrapsíquico. Os clássicos aqui não são peças de museu, mas ferramentas epistemológicas vivas e insubstituíveis.

Pergunta 3: A justaposição de tradições epistemológicas distintas na bibliografia

A sua lista de referências agrupa tradições epistemológicas que, historicamente, trilharam caminhos muito diferentes. Vemos lado a lado a psicanálise de Winnicott e Freud, a psicologia histórico-cultural de Vygotski, Leontiev e Luria, e a fenomenologia. Ao reunir em sua bibliografia teóricos do amadurecimento intrapsíquico e teóricos do materialismo histórico-dialético, você não estaria forçando um ecletismo bibliográfico que compromete a coerência epistemológica da sua Filosofia da Velhice?

Resposta:

A presença dessas diferentes tradições na bibliografia não é fruto de um ecletismo superficial, mas a exigência direta da complexidade do fenômeno do envelhecimento. Como pontuo no trabalho, o envelhecimento é multidimensional. Utilizar apenas uma matriz teórica resultaria em um reducionismo. A psicanálise winnicottiana está nas referências porque fornece o vocabulário exato para lidar com a angústia da finitude, o medo do colapso e a necessidade de sustentação do corpo que declina. Já a psicologia histórico-cultural de Vygotski e Leontiev é convocada porque o sujeito não envelhece no vácuo, mas precisa de ferramentas culturais, como a memória trabalho e a narrativa, para manter sua identidade. A coerência epistemológica da tese reside justamente no esforço filosófico de mostrar que essas bibliografias são complementares: o amadurecimento interno descrito por Winnicott só se materializa na sociedade através dos suportes culturais e históricos descritos por Vygotski e Bosi.

Pergunta 4: O silêncio bibliográfico sobre a Filosofia da Mente tradicional

Considerando a sua expressiva produção acadêmica anterior, é notável a ausência, em suas referências, dos grandes teóricos fisicalistas e naturalistas da Filosofia da Mente e das Neurociências com os quais você dialogou durante os últimos quinze anos. Esse silêncio bibliográfico sobre a sua área de origem significa que a sua pesquisa atual invalida ou descarta completamente o conhecimento neurocientífico sobre o envelhecimento cerebral e as demências?

Resposta:

O silêncio bibliográfico sobre os teóricos fisicalistas não é uma invalidação das neurociências, mas um redirecionamento metodológico necessário para a construção do meu objeto atual. Como esclareço no prefácio, o modelo fisicalista é fundamental para a compreensão da mecânica cerebral, mas ele carece das ferramentas necessárias para contemplar a nossa dinâmica intrapsíquica diante da finitude e da dor. Ao investigar a velhice, meu foco não é a rota metabólica do declínio celular, mas o sujeito que sofre e elabora esse declínio. A ausência dessas referências tradicionais na tese demarca a minha transição para um modelo biopsicossocial, em que o rigor analítico que herdei da Filosofia da Mente é agora aplicado à psicanálise e à psicologia social. Além disso, essa bagagem voltará a ser acionada no meu estágio de pós-doutorado, quando investigarei o silêncio dos velhos sob a ótica da narratologia cognitiva, integrando novamente essas perspectivas.